

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF
THE DEAD ROMANTICS AND THE SEVEN YEAR SLIP

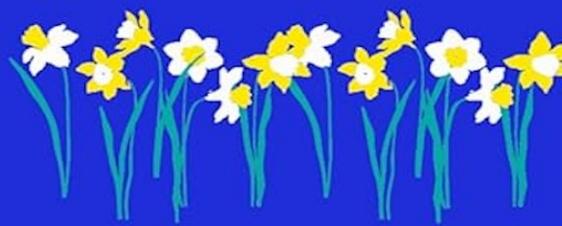
Ashley Poston

A Novel Love Story



"Whimsical,
romantic, and packed
with charm."

—SOPHIE COUSENS



Elogios a Ashley Poston

‘EU ADOREI este livro. Uma história linda e comovente, cheia de personagens lindos e comoventes... The Dead Romantics é como um quebra-cabeça lindamente elaborado: no final, todas as peças se encaixam perfeitamente e a imagem que elas formam é ao mesmo tempo comovente, engraçada, de tirar o fôlego, esperançosa. e sonhador’

Ali Hazelwood

‘Um livro para fazer você rir e chorar’

New York Times

‘The Seven Year Slip é uma linda história de amor de um dos melhores escritores de romance que existe. Eu ri, chorei, não queria que isso acabasse. Considere-me o maior admirador de Ashley Poston!’

Carley Fortuna

‘Uma história de amor terna e cheia de nuances que os fãs de Emily Henry vão adorar’

Vermelho

‘The Dead Romantics foi um deleite absoluto e inesperado. Voz, peculiar e divertido; as páginas provavelmente brilharão (mas com glitter preto)’

Cristina Lauren

‘Inteligente, rápido e absolutamente transbordando de amor pelo gênero de romance em si’

Emma Straub

‘Inteligente, peculiar e engraçado. Eu adorei esse’
Sarah Morgan

‘Todos nós poderíamos usar uma boa história de fantasmas de verão, e você
não pode ficar muito melhor do que Ashley Poston’
Entretenimento semanal

‘The Dead Romantics pega tantas coisas que eu amo... e dá a todas elas um
toque novo, divertido e totalmente moderno. Esta é realmente uma comédia
romântica pela qual morrer’
Raquel Hawkins

‘O diálogo brilhante de Poston faz os personagens ganharem vida – até
mesmo os mortos’
Editores semanais

‘Charmoso e deliciosamente romântico, The Seven Year Slip oferece uma
reviravolta especulativa na ideia de que podemos encontrar a pessoa certa
na hora errada’
Catriona Silvey

‘Este livro me fez apaixonar... Ashley Poston é o verdadeiro negócio’
Gwenda Bond



ASHLEY POSTON é autora dos best-sellers do New York Times *The Dead Romantics* e *The Seven Year Slip*. Natural da Carolina do Sul, ela mora em uma pequena casa cinza com seu gato atrevido e muitos livros. Você pode encontrá-la em algum lugar na internet, assistindo vídeos de gatos e lendo fanfics.

Conecte-se on-line

AshPoston.com

 OláAshPoston
 OláAshPoston
 AshPoston

Também por Ashley Poston

Os românticos mortos
O deslizamento de sete anos



**A
Novel
Love
Story**



ASHLEY POSTON



ONE PLACE. MANY STORIES

direito autoral



QG

Uma marca da HarperCollinsPublishers Ltd
1 Rua da Ponte de Londres
Londres SE1 9GF

www.harpercollins.co.uk

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha pela HQ
Uma marca da HarperCollinsPublishers Ltd 2024

Direitos autorais © Ashley Poston 2024

Design e ilustração da capa por Vi-An Nguyen

Ashley Poston afirma o direito moral de ser identificada como autora desta obra.

Um registro de catálogo deste livro está disponível na Biblioteca Britânica.

Este romance é inteiramente uma obra de ficção. Os nomes, personagens e incidentes nele retratados são obra da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida, de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão prévia dos editores.

Fonte ISBN: 9780008644314

Edição de ebook © JUNHO 2024 ISBN: 9780008644321

Versão 2024-05-06

Para o autor do meu livro favorito,
Eu gostaria de ter conhecido você,
mas espero que meus livros encontrem seus livros nas prateleiras,
e espero que eles sejam amigos

Nota aos leitores

Este e-book contém os seguintes recursos de acessibilidade que, se suportados pelo seu dispositivo, podem ser acessados através do seu ereader/configurações de acessibilidade:

- Alteração do tamanho da fonte e altura da linha
- Mudança de fundo e cores de fonte
- Mudança de fonte
- Alterar justificativa
- Texto para fala
- Números de página retirados da seguinte edição impressa: ISBN 9780008644314

Conteúdo

Cobrir

Louvar

Sobre o autor

Também por Ashley Poston

Folha de rosto

direito autoral

Dedicação

Nota aos leitores

Um final

1. Estradas secundárias

2. Conheça-Fofo

3. Assinaturas

4. Realização Star(t)ling

5. Início de um clube do livro

6. Querido, querido

7. Como um rio corre

8. Doce como um todo

9. Bom o suficiente

10. Reviravolta na trama

11. Temporada de monções

12. Assombrado

13. Tudo na minha prateleira

14. Coluna (menos)

15. O Cemitério das Coisas Excluídas

16. Heroico
 17. Nublado com possibilidade de beijos
 18. Consequências não intencionais
 19. Aflição não correspondida
 20. Quatro Sombras do Relógio
 21. Guloso
 22. Gestos Românticos
 23. O Curso do Amor Verdadeiro
 24. Subparcelas
 25. Algo perverso vem por aqui
 26. Abacaxi
 27. Bons ossos
 28. Não vá atrás de cachoeiras
 29. Sorte de prumo
 30. Lyssa Greene não está bem
 31. Estátuas e Limitações
 32. O Último Manuscrito
 33. Todas as estradas
 34. Raquel Flores
 35. A única saída
 36. Amor verdadeiro
 37. A montagem no final
 38. O Grande Romântico
 39. Fim do livro
- Um começo

Agradecimentos

Os livros e seus leitores

Questões de discussão

Uma lista de leitura recomendada para livros sobre livros

Sobre a editora



Também por Rachel Flowers...

Devaneios de Narciso
Canção de amor não correspondido
Mel e o desgosto
Devolver ao remetente
[Livro Inacabado 5]

Um final

ERA UMA VEZ UMA CIDADE.

Era uma pequena cidade pitoresca, num vale tranquilo, onde a vida se movia ao ritmo dos caracóis e a única estrada de entrada era também a única saída. Havia uma loja de doces que vendia o caramelo de mel mais doce que você já provou e uma loja de jardinagem que cultivava flores lindas e exóticas o ano todo. O café local recebeu o nome de um gambá que atormentou seu dono durante anos, e o chef de lá fazia a melhor torrada francesa com mel do Nordeste. Havia um bar onde o barman sempre sabia seu nome e sempre servia seus hambúrgueres levemente queimados, embora o molho picante local sempre disfarçasse o sabor. Se você quisesse passar o fim de semana, poderia fazer check-in no novo bed and breakfast da cidade - assim que as reformas terminassem, e bastaria uma caminhada agradável pela Honeybee Trail para encontrar uma cachoeira onde, segundo rumores, se você fizesse um desejo por baixo dele, o desejo se tornaria realidade. Havia uma drogaria, uma mercearia, uma joalheria que só funcionava quando Mercúrio estava retrógrado...

E, ah, havia uma livraria.

Ficava num canto desprezioso de um velho prédio de tijolos, equipado com um labirinto labiríntico de estantes repletas de centenas de livros. No canto de trás havia um espaço de leitura com lareira e cadeiras tão aconchegantes que você poderia afundar nelas por horas enquanto lê. As vigas estavam cheias de sinos de vidro que, quando a luz do sol entrava pelas janelas superiores, espalhavam manchas de cores pelas pilhas de livros, pintando-as em arco-íris. Uma família de estorninhos empoleirava-se nos beirais e cantava canções diferentes todas as manhãs, acompanhando o toque da torre do relógio.

A cidade estava quieta daquele jeito aconchegante e sonolento que, se você fechasse os olhos, quase podia ouvir o vale respirar enquanto o vento soprava por ele, entre os prédios, e era suspirado novamente.

Era uma vez uma cidade, e eu tinha tanta certeza de que me sentiria em casa se algum dia chegasse lá.

Era uma vez uma cidade e ela não existia.



Estradas secundárias

EU ESTAVA PERDIDO.

Não metaforicamente – pelo menos, pensei que não – mas fisicamente perdido, a centenas de quilômetros de casa, no meio do nada.

Sem serviço de celular. Um mapa desatualizado. Um tanque de gasolina vazio.

Ah, e eu estava sozinho.

Quando comecei esta viagem ontem, antes de oito horas na interestadual e uma parada em um hotel com temática de dinossauros, e mais oito horas hoje, não pensei que me perderia na última etapa da viagem. Eu estava tão perto - a cabana onde ficaria durante a próxima semana estava ao meu alcance - mas o Google Maps continuava apresentando falhas enquanto eu dirigia pela região de Rip Van Winkle, até que a tela do meu telefone não era nada mais do que uma terra bege e meu pequeno ponto azul vagava, sem estrada, no meio do nada.

Eu fiz a mesma viagem com meu melhor amigo nos últimos dois anos para a mesma cabana em Rhinebeck, Nova York, para conhecer as mesmas pessoas em nosso Super Smutty Book Club. Eu não deveria ter me perdido.

Mas este foi um ano de estreias.

No alto, nuvens de aparência raivosa ribombavam com trovões, roxo-escuro com a noite que se aproximava e pesado com a chuva. Torci para que o tempo aguentasse até encontrar a cabana, desenterrar uma garrafa de vinho do banco de trás e me sentar em uma das cadeiras de balanço na varanda da frente com um livro de romance nas mãos.

A promessa de uma semana de vinho e felizes para sempre me manteve são durante todo o ano, através de aulas chatas de inglês 101 com alunos meio adormecidos e artigos gerados por IA sobre Chaucer e colegas que juravam que Guerra e Paz era uma leitura fascinante. O departamento de inglês estava repleto de pessoas que adorariam conversar com você durante horas sobre Beowulf, sobre a teoria literária moderna ou sobre a interseccionalidade dos textos pós-modernos. Mas durante uma semana do ano, eu ansiava por tirar minhas vestes de professor e desaparecer nas estradas sinuosas que abraçavam as colinas suaves de Catskills, e ler sobre encontros fofos impossíveis e grandes gestos românticos, e ninguém julgaria eu por isso.

E quando todos os outros desistiram porque a vida atrapalhou, seríamos apenas minha melhor amiga, Pru, e eu - e isso também foi perfeito. Eu precisava disso. Pru não entendia o quanto. Ninguém fez isso. Então, quando ela me disse na semana passada que também não poderia ir, fiquei surpreso. Não, essa era a palavra errada – me decepcionou – mas eu não queria que isso transparecesse. Sentei-me no sofá em frente a ela, com o *The Great British Baking Show* ao fundo, enfiando os dedos no edredom que coloquei sobre as pernas porque ela sempre mantinha o apartamento dela e de Jasper congelando.

“Sinto muito”, ela disse, torcendo os anéis nos dedos nervosamente. Seu cabelo loiro sujo estava preso em um rabo de cavalo desleixado, e ela já estava de pijama e chinelos felpudos. Ela era pequena e sempre queimada de sol no verão, com grandes olhos castanhos e uma cicatriz no queixo, onde meus dentes cravaram seu rosto quando tínhamos doze anos e tentávamos dar cambalhotas em um trampolim. Pela fresta da porta aberta do quarto, pude ver sua mala já meio cheia, com suéteres quentes e lindos gorros de tricô. Definitivamente não é roupa de verão. “Jasper me surpreendeu com uma viagem para a Islândia, e esta é a única vez que podemos ir por causa, você sabe, do trabalho dele,” ela disse rapidamente, como se dizer mais rápido faria doer menos - arrancando um proverbial

Band-Aid. uma perna muito peluda. “Eu sei que não é o ideal, mas ele acabou de me dizer. Acabamos de descobrir. E... todos nós podemos voltar para a cabana no ano que vem? A pergunta aumentou, esperançosa.

Não, eu queria contar a ela, mas não consegui pronunciar a palavra. Não, não podemos. Eu precisava disso. Eu ainda preciso disso.

Mas se eu dissesse isso, então o que aconteceria? Nada bom. Ela ainda iria para a Islândia e eu ficaria preso exatamente onde estava. Além disso, ambos sabíamos o que a Islândia queria dizer: uma proposta. Finalmente.

Era algo que ela esperava há anos.

Então, o que importava se ela não pudesse ir à cabana este ano? Na verdade, não era nada diante do que ela esperava. Então sorri e disse: “Obviamente. No próximo ano voltaremos ao normal.”

“Com certeza”, ela prometeu, e não suspeitou de nada. “Ah, e talvez este ano possamos todos fazer uma videochamada juntos?”

“Vamos, Pru. Você sabe que se Jasper estiver levando você para a Islândia, você não terá tempo para fazer videochamadas com ninguém. Então levantei minha mão e mexi meu dedo anelar de casamento. “Você sabe o que ele vai fazer.”

Minha melhor amiga se contorceu ansiosamente. “Ele pode não, e eu sei o quanto esta viagem significa para você...”

“Vá, divirta-se, não pense duas vezes”, insisti, esvaziando minha taça de vinho enquanto me levantava para sair, porque não queria que ela visse o quão chateado eu realmente estava. Jasper era um advogado de baixo nível em seu escritório de advocacia, então ele só tinha alguns dias de folga uma vez na lua azul, e esta foi uma viagem de última hora que ele conseguiu reservar para eles. Eu seria um monstro se ficasse bravo com isso.

Prudence poderia ter sido capaz de sacrificar esta viagem, mas eu certamente não poderia. Eu estava desesperado por isso – precisava me embriagar com vinho barato e chorar por felizes para sempre, mesmo que fosse o único na cabana este ano.

Então, no verão do meu trigésimo segundo ano, sem dinheiro e sem perspectivas e com muitos trabalhos gerados por IA esperando que eu notasse para minha aula de inglês 101 da faculdade, embarquei sozinho em uma viagem de dezesseis horas.

Eu precisava me perder em um livro.

Mais do que eu precisava de qualquer outra coisa.

Além disso, era o aniversário de dez anos da publicação de *Daffodil Daydreams*, de Rachel Flowers, e isso era algo que eu queria comemorar. A autora faleceu há alguns anos e seus livros uniram o clube do livro.

E, eu acho, no fundo eu só queria fugir – não importa o que acontecesse.

Na viagem de dezesseis horas, ouvi *Daffodil Daydreams*. O narrador do audiolivro estava no meio da minha cena favorita. Peguei uma batata frita estragada na sacola de fast-food no assento ao meu lado e aumentei o volume.

“Junie atravessou a ponte frágil até a cachoeira, procurando na vegetação luxuriante qualquer sinal de Will, mas sentiu seu coração começar a quebrar um pouco a cada batida. Ele não estava aqui.

“Apenas espere,” eu disse a ela. “O amor não chega tarde nem cedo, você sabe.” Então fiz uma careta para minha batata frita pela metade e coloquei-a de volta no saco. Eu estava farto de fast food e banheiros de postos de gasolina. Quase vinte e quatro horas disso poderiam fazer isso com uma pessoa.

Meu hatchback verde-vômito, carinhosamente apelidado de Sweetpea, começou a fazer esse tipo de barulho estridente em algum lugar de DC, mas decidi ignorá-lo. Afinal, Sweetpea era um Ford Pinto 1979, do tipo que tinha uma tendência para explodir tanques de gasolina. Então, eu estava apostando que ele iria querer sair com estilo, e não por causa de uma junta defeituosa ou vazamento de óleo.

Eu provavelmente deveria ter me virado, porque não conseguia imaginar nada pior do que ficar preso em uma cidade sem nome, mas eu era uma professora de inglês em meio período que pagava seus próprios impostos e sabia como trocar os próprios pneus, droga. .

Nada me impediria. Bem. Quase nada.

Uma gota grossa de chuva caiu no meu para-brisa. Depois outro, quando, no audiolivro, Junie criou coragem para deixar a cachoeira, sucumbindo ao terrível pesadelo que ela temia o tempo todo - que Will não a amasse. Não do jeito que ela fez com ele.

Eu conhecia essas palavras como as Sagradas Escrituras. Eu poderia recitá-los, já os li tantas vezes.

Em apenas alguns parágrafos, Will subia correndo a trilha até a cachoeira, sem fôlego e exausto. Ele a puxaria para seus braços e proporia

que eles construíssem juntos o Daffodil Inn – fizessem dele seu lar. Seu final feliz.

Eu sabia o que ela diria, mas meu coração acelerou ansiosamente de qualquer maneira.

Eu sabia que a voz dela seria suave, e isso seria certo quando ela o pegasse pelas mãos e as apertasse com força, sob os respingos brilhantes da cachoeira. E haveria magia ali, naquele momento. A magia de apertar o coração, de prender a língua, de tirar o fôlego e de tirar o fôlego de Quixotic Falls. Do amor verdadeiro.

Qual foi a sensação de amar tanto alguém que você doeu?

Pensei que já soubesse.

Se a vida fosse como um livro de histórias, eu seria um estudioso de primeira linha no assunto. Na maior parte do ano, dava aulas de inglês na universidade local. Tornei-me poético sobre os maiores românticos da história. Ensinei longamente sobre a devoção de Mary Shelley ao marido e a... promiscuidade de Lord Byron. Distribuí as cartas que Keats escreveu e desafiei os alunos a ver o mundo através de óculos cor de rosa.

Corrigi trabalhos sobre O Vampiro e Lord Byron e ensinei que Mary Shelley guardava o coração calcificado de Percy na gaveta da escrivaninha porque era o mais próximo que a vida real poderia ter de romance.

Eu não precisava de amor. Eu não precisava cair nisso. Eu não precisava encontrar nada. De novo não. Nunca mais.

Porque bastavam histórias de amor. Eles estavam seguros. Eles nunca me falhariam.

A chuva caiu com mais força e minhas mãos ficaram úmidas de nervosismo. Eu odiava dirigir na chuva. Pru sempre dirigia sempre que íamos a algum lugar. Esfreguei as mãos no short jeans, murmurando para mim mesma que deveria ter planejado outro dia e reservado um hotel para passar a noite. Talvez ainda pudesse, porque não sabia onde diabos estava.

Merda.

Desisti de tentar consertar o Google Maps e voltei os olhos para a estrada.

De alguma forma, a tempestade pareceu piorar comicamente, até que me vi dirigindo em meio a um completo colapso. Acho que passei por uma placa de cidade, mas não consegui entender o que dizia. A chuva no teto do meu carro estava tão forte que não consegui mais ouvir o audiolivro.

“Será pressionado... beijado... sussurrado... 'Parece... eis... sonho... para sempre?’”

“Droga, essa é a minha parte favorita,” murmurei, aumentando o volume, mas já estava tão alto quanto poderia.

Então... a estrada pareceu desviar-se. Graças a Deus, talvez eu pudesse encontrar alguma civilização e esperar a tempestade passar.

Colocando meu pisca-pisca, virei para a saída. À frente havia uma velha ponte coberta, semelhante a um celeiro, que atravessava um pequeno rio que transbordava e espumava com água branca. Eu diminuí a velocidade para passar por cima dele. Eu tinha certeza de que à luz do sol esse passeio era lindo, mas agora eu sentia que poderia fazer um aquaplanagem para o deserto a qualquer momento e nunca mais voltar. A estrada além da ponte contornava um barranco íngreme de pinheiros e serpenteava entre mais abetos altos, exuberantes e verdejantes com o verão. Achei que tinha cometido um erro, porque a estrada não parecia ter fim, até que, através da neblina da chuva cinzenta, apareceu uma alta torre de relógio, e com ela surgiram as linhas suaves de edifícios, postes de luz e carros – uma pequena cidade .

A noite estava chegando rápido. Bati no meu telefone uma última vez para ver se conseguia atualizar o mapa - tinha que haver serviço de celular na cidade, certo? - mas devo ter batido com muita força, porque meu telefone se soltou do suporte magnético e caiu no chão, arrancando junto com ele o conversor de cassetes.

Quase imediatamente, as reflexões tranquilas de Junie sobre jardins murados e o amor verdadeiro se transformaram em uma música pop estridente, tão alta que me assustou na cadeira.

“Vamos, Eileen”, cantava a música dos anos oitenta.

Um borrão de algo capturado pelos faróis. Eu vi com o canto do olho um momento antes de olhar para a estrada novamente...

Um homem. Havia um homem parado no...

"Merda!" Cortei o volante para a esquerda. Os pneus do Sweetpea cantaram. Meu carro parou em uma vaga de estacionamento, os pneus batendo contra o meio-fio. Meu carro fez um barulho (um barulho desastroso, na verdade) e parou abruptamente e finalmente. A música pop morreu com isso.



Conheça-fofo

MEU CORAÇÃO MARTELOU NO PEITO. Oh meu Deus, oh meu Deus, eu bati nele? Eu o matei? Oh Deus, eu ainda tinha empréstimos estudantis para pagar. Eu não poderia ir para a cadeia ainda.

Tirando meu cinto de segurança, respirei fundo e observei o que estava ao meu redor. Não havia sangue no para-brisa, então não bati nele, certo? Onde ele estava? Eu parei em frente a um bar. As luzes vermelhas da placa piscaram enquanto a chuva caía com mais força.

Abri a porta e me forcei a ficar de pé. "Olá?" — gritei, voltando para a estrada, a chuva me encharcando quase instantaneamente. Passei meus dedos pelo meu cabelo acobreado emaranhado. "Olá?"

O homem estava sentado no chão, os óculos ovais tortos e embaçados. Ele lentamente se virou para mim, atordoado.

Oh não.

Ah, não, não, não n—

"Oh, senhor... senhor, você está bem?" Eu perguntei, correndo para ajudá-lo a se levantar.

Ele era alto e magro, encharcado até os ossos, a camisa branca grudada no torso musculoso, parecendo o fantasma taciturno e loiro de Darcy, com ângulos afiados e sólidos. Um zumbido eletrificado percorreu minha

espinha. Na luz cinza-rosada da chuva da noite, ele era muito bonito... e me encarava como se eu tivesse tentado matá-lo.

O que, para ser justo, eu não tinha. De propósito.

"Você está bem? Quantos dedos você vê? Levantei quatro dedos, mas na verdade três porque inclinei o quarto para baixo..."

Ele agarrou minha mão e a abaixou. "Três, pergunta capciosa – você quase me atropelou", ele acusou, suas palavras entrecortadas. As luzes quentes da rua faziam seus olhos brilharem como peridot.

Eu puxei minha mão. "Bem, por que você estava no meio da estrada?"

Sua boca se torceu em uma carranca. "Eu estava atravessando."

"Não, você estava parado aí."

"Você quase me bateu."

"Você estava parado no meio da estrada!"

Ele se abaixou para pegar as chaves no asfalto. "Não mais." Então ele se virou e atravessou a rua.

Eu o observei ir, estupefato. "Que diabos?" Murmurei, tirando minha franja molhada do rosto e olhando em volta.

Agora era eu quem estava parado no meio da estrada.

Pelo menos estacionei em frente a um bar. A maioria das letras de néon estavam apagadas, exceto por dois Os no meio que, toda vez que trovejava, piscavam de modo que parecia que eles estavam gritando OOOO em luzes vermelhas furiosas. Não é nada ameaçador. No mínimo, eu poderia jantar lá e obter instruções para o hotel mais próximo. De qualquer forma, meu coração batia rápido demais para dirigir. Então peguei minha carteira e meu celular no carro e dei um último tapinha amoroso no volante antes de sair para o bar.

Enviei uma mensagem para o clube do livro - CHEGOU A UMA CIDADE.

Quem sabia qual cidade. Então, para garantir, coloquei uma carinha sorridente no final, o que era muito mais otimista do que eu estava sentindo. Um momento depois, meu telefone apitou com uma notificação: a mensagem não foi enviada.

Perfeito.

"Bem", disse a mim mesmo, "é certamente assim que todos os filmes de terror começam".

Sozinho. Em uma tempestade. Em uma cidade sem nome no meio da floresta. Sem recepção de celular. Se Freddy Krueger ou o cara do Saw saíssem de trás de um prédio, eu puxaria Sweetpea de volta para a estrada e dirigiria até chegar à Nova Escócia.

Isso iria valer a pena - eu continuava dizendo isso a mim mesmo. A alternativa era... que tudo isso foi em vão, e eu desperdicei gás, sanidade e meu tempo nesta aventura mal concebida. Tal como Bilbo Bolseiro ao deixar o Condado, eu começava a perguntar-me se tinha cometido um erro terrível.

Um relâmpago cruzou o céu, seguido rapidamente por um trovão, e eu estava correndo para o bar.

A porta se fechou atrás de mim com uma batida, e todos os sete clientes do bar se viraram para olhar para mim. Pinguei água da chuva no piso de madeira desgastado. Bem, isso certamente foi estranho. Sentei-me silenciosamente na banquetta mais próxima da porta e, ao fazê-lo, os clientes voltaram para suas bebidas.

Esta noite realmente não poderia ficar pior.

Pelo menos eu não estava mais na chuva.

"O que eu posso fazer por você?" — perguntou o barman, deslizando sobre uma toalha seca. Peguei-o com gratidão e comecei a espremer as gotas do meu cabelo. A garçonete era uma mulher mais velha, de pele morena escura, cabelos curtos com mechas grisalhas e unhas laranjas brilhantes, vestindo jeans puídos e uma camiseta com o logotipo de um galo flamejante. Ela tinha um tipo de abertura que me disse que ela frequentemente fazia o papel de terapeuta para a maioria de seus clientes. Ainda bem que eu estava só de passagem, duvido que ela tivesse tempo para guardar toda a minha bagagem. "Cerveja? Vinho? Uma bebida frutada com guarda-chuva? Acabamos de comprar rosas com flores.

"Hum, qualquer que seja o vermelho da sua casa, está bom, e você tem um cardápio de comida?" — perguntei, esperançoso, e ela apresentou um cardápio surrado. O plástico estava descascando nos cantos e havia uma mancha estranha perto da seção de vinhos.

"Coisa certa. Dê uma olhada no cardápio e vou buscar sua bebida", respondeu ela, pegando um copo da prateleira e saindo.

A banquetta era de couro, e minhas coxas molhadas grudaram nela enquanto eu tentava ficar confortável. O bar estava frio e estremei ao

verificar o cardápio. Ou tentei. As palavras estavam borradas, então esfreguei os olhos, mas isso não pareceu corrigi-los. O lugar provavelmente tinha comida normal de bar, de qualquer maneira. Eu comi o suficiente deles em minha vida para saber que havia pelo menos um hambúrguer no cardápio, algumas batatas fritas com queijo e uma opção de frango tenro.

Eu ainda estava tão irritado por causa do encontro com aquele homem estranho que não estava com fome, mas pude ouvir a voz da minha mãe me repreendendo e me dizendo que se eu não comesse agora, ficaria mal-humorado. mais tarde com uma enxaqueca. Ela não estava errada, mas era irritante. Mesmo a milhares de quilômetros de distância, em sua aventura Comer, Rezar, Amar, ela estava me importunando sem sequer saber.

O bar era pequeno, iluminado com letreiros de néon prometendo PARADISE BY THE DASH(BUD) LITE e SMOOTH RUMMING. O cheiro de cigarro era inconfundível, apesar da grande placa de PROIBIDO FUMAR atrás do balcão. A fumaça havia permeado as banquetas de couro desgastadas anos atrás, e nenhuma limpeza profunda poderia eliminar esse odor agora. Eu não me importei, no entanto. Cheirava muito a esses mergulhos para os quais Pru me arrastou na faculdade. Ela sempre encontrava uma banda cover dos Beatles e gritava para eles tocarem “Dear Prudence” só para ouvir um estranho cantar seu nome.

Quando você recebeu o nome de uma música, você tinha que tirar o melhor proveito dela de alguma forma.

Não havia muitas pessoas no bar, apenas alguns moradores locais nos fundos, assistindo a algum jogo de esporte na tela plana. Futebol, eu acho.

Quando o barman voltou com meu vinho, pedi um hambúrguer e devolvi o cardápio. Ela anotou em seu bloco, balançando a cabeça. “Boa escolha, boa escolha. Vai acontecer em um instante. Se precisar de mais alguma coisa, estarei do outro lado assistindo o resto da partida”, disse ela, apontando para as TVs nos fundos. Então ela se aproximou e sussurrou — como se estivesse em segredo: “Acertei cinquenta em Wimbledon”.

“Eu gostaria de saber o que é isso”, respondi.

Ela deu de ombros. “Não sei, mas não posso deixar passar uma aposta. Ooh, acho que alguém marcou! ela acrescentou, e fugiu para o outro lado do bar.

O tinto da casa não era tão ruim - um merlot doce e frutado de amora. O hambúrguer saiu alguns minutos depois, acompanhado de batatas fritas

encharcadas. A essa altura, meu cabelo não estava mais pingando, então prendi-o em um coque e experimentei uma mordida. Quase imediatamente me arrependi de não ter comprado os dedos de frango. O hambúrguer estava mais próximo do carvão do que da carne bovina e duro como uma rocha. Pensei em devolver o hambúrguer, mas o barman estava envolvido no jogo e eu não queria distraí-la dos cinquenta dólares.

Está tudo bem, disse a mim mesmo, pegando uma garrafa de ketchup da prateleira de condimentos. O rótulo havia sido retirado, provavelmente para disfarçar a marca. As pessoas estranhavam o ketchup. Era mais aguado que a maioria dos ketchups, mas contanto que disfarçasse o sabor, não me importei.

E quando dei outra mordida, descobri que não era ketchup.

Era molho picante.

O molho estava tão picante que, depois de apenas uma mordida, não consegui mais sentir meu rosto.

“Tudo bem por aqui?” perguntou o barman, retornando como se pudesse sentir minha angústia.

Engoli minha dor. “Sim, estou bem”, engasguei e depois bebi a maior parte do meu vinho. De alguma forma, isso piorou a queimação. O que quer que estivesse naquela garrafa de vingança de Satanás transformou meus lábios em geleia.

“O molho picante pegou você”, ela inferiu, e tirou algo da geladeira abaixo do bar. Uma pequena caixa de leite – provavelmente usada para cafés noturnos. Ela me serviu um copo e eu bebi com gratidão. “Vai se acalmar em um segundo. O calor está sempre na frente, mas depois deixa um sabor agradável e doce. É muito bom, considerando — ela disse enquanto eu terminava o copo de leite. “Gail, a propósito.”

“Eileen”, eu disse, pegando um guardanapo e enxugando o nariz com ele. “E me desculpe, não sabia que estaria vazando tanto. O que há nesse molho picante?”

“É um segredo, diz Frank. Mas você entende o doce agora, certo? ela acrescentou, sorrindo.

Eu fiz, na verdade. “Quase... tem gosto de mel?”

“Não conte a Frank que você disse isso”, ela avisou.

"Observado."

Eu não sabia quem era esse Frank, mas de repente ele se tornou meu inimigo jurado. No fundo da minha cabeça, pude ouvir Pru rindo da minha sorte. Ela diria que devo ter ganhado um centavo no rabo ou cruzado um gato preto; É melhor jogar sal por cima do ombro e girar três vezes no sentido anti-horário. Ela nunca parecia uma idiota em qualquer lugar que ia – ela sabia o que pedir nos bares e podia escolher o melhor aperitivo de qualquer cardápio. Ela era o tipo de pessoa para quem o mundo simplesmente se desenrolava, e eu sentia falta do brilho dela.

Eu esperava que ela estivesse gostando do voo para a Islândia. Eu esperava que ela estivesse sentada ao lado de um bebê chorando. Eu esperava que ela visse muitas geleiras chatas e comesse muitas renas tenras e... e se divertisse.

Eu era muito ruim em ficar bravo. E eu ainda estava bravo.

O grupo de moradores da cidade no fundo do bar aplaudiu quando seu time de futebol marcou um gol e deu tapinhas nos ombros uns dos outros. Alguém tinha acabado de ganhar algum dinheiro – e talvez encerrasse uma amizade.

“Droga, lá se vão meus cinquenta”, Gail murmurou, balançando a cabeça.

Tomei outro gole do meu vinho. Uma mordida no hambúrguer foi o suficiente para mim, então comecei a beliscar as batatas fritas. Tinha que haver um que não estivesse encharcado...

Gail se virou para mim e perguntou: “Então, foi a chuva que trouxe você?”

“Sim, fui pego nisso, então decidi desistir e esperar.” Ah, e quase matei um cara.

“Você provavelmente vai esperar até de manhã, então”, ela respondeu, pegando alguns copos da pia e colocando-os no corredor.

Quase engasguei com uma batata frita encharcada. “Manhã?”

Ela deu de ombros. “É o que é.”

Fácil para ela dizer. Eu tinha uma cabana para ir e férias para começar. Sozinho. Não era como se alguém estivesse me esperando este ano. “Existe algum hotel que você recomenda?”

“Havia”, ela respondeu, “mas está em reforma. Má sorte você veio esta noite.

Esse parecia ser o tema desta viagem até agora, e não parecia que iria mudar tão cedo. Era o carro do hotel. Eu dormi em lugares piores. Principalmente o chão debaixo da minha mesa, na sala apertada e sem janelas que a universidade chamava de escritório. Além disso, supostamente eu dormi em um banco de parque no meio do gramado da faculdade no meu primeiro ano de graduação, mas não me lembrava disso, embora Pru jurasse que passou a noite toda me procurando.

A porta da frente se abriu e uma forte rajada de chuva e vento varreu o bar. Gail olhou para o recém-chegado e sua preocupação se transformou em uma revelação. “Sabe”, acrescentou ela, intrigante, “agente firme, acho que posso ter uma ideia”.

“Ah, você não precisa...”

“Me dê um segundo”, disse ela, erguendo um dedo enquanto alguém cruzava atrás de mim e se sentava a três banquetas de distância. Ele tirou a capa de chuva cor de sálvia, alta e angular, como uma estátua esculpida ganhando vida. Ele era o plano dela?

Olhei para ele e minha esperança caiu como uma pedra em minhas entranhas.

Ah, não, ele não.

“Anderson, querido,” Gail cumprimentou, pegando um copo e servindo-lhe água. “Você é exatamente a pessoa que precisamos.”

O homem que quase atropelai desviou o olhar de Gail para mim e depois voltou para Gail novamente. Seu cabelo ainda estava úmido, cor de mel, ficando louro-claro, e ele vestiu uma camiseta seca e jeans. Ele dobrou a capa de chuva ao meio e colocou-a cuidadosamente no banco ao lado dele, cauteloso, como se fosse um coelho preso na mira de um rifle. “Eu sou?”

Gail deu um sorriso. “Você certamente é. Você ainda tem aquele seu loft, não é?”

Ele hesitou. “Sim?”

“E está vazio, certo?”

“No momento.” Embora ele parecesse não querer admitir isso.

“Excelente! Esta jovem aqui precisa de um quarto para passar a noite” – ela apontou para mim com o polegar – “e eu estava pensando em você. Ela é nova na cidade. Acabei de chegar com a chuva.”

Ele finalmente deslizou seu olhar para mim. À luz do bar, seus olhos revelaram-se de um lindo verde brilhante – quase mentolado. Senti aquele arrepio de novo – começando no couro cabeludo e indo até os dedos dos pés. Havia barba fresca em suas bochechas e, quando ele franziu os lábios, fez com que a cicatriz que cortava o lado esquerdo deles se transformasse em um fino fio branco. “Ela fez isso agora,” ele disse ironicamente, me dando um longo olhar. Ele estreitou os olhos. “Que sorte.”

O constrangimento inundou minhas bochechas. Era você quem estava parado no meio da estrada, eu queria ressaltar. Não foi totalmente minha culpa.

Principalmente. Provavelmente.

Acho que prefiro comer meu próprio sapato do que receber sua hospitalidade. “Vou ficar bem, de verdade”, eu disse a Gail.

"Absurdo! Caso contrário, onde você dormirá?"

“Meu carro—”

“Você não vai dormir no seu carro!” ela disse, positivamente escandalizada com o pensamento. “Os ursos podem abrir portas de carros.”

“Vou trancá-los.” Embora, para ser sincero, não me enchesse de entusiasmo imaginar acordar ao lado do Urso Smokey. Só você pode prevenir incêndios florestais, nom-nom. Tenho certeza de que foi fantasia de alguém, mas não minha. "Ou alguma coisa."

— Anders, diga a ela que ela pode dormir no seu loft — continuou Gail, sem aceitar um não como resposta, enquanto lhe trazia um prato de comida que estava na janela desde que cheguei lá. Acho que ele vinha frequentemente ao bar para jantar. “Andie?”

Ele colocou um anel de cebola na boca. “Quero dizer, se ela preferir se arriscar no carro com um urso, quem sou eu para intervir?”

“Anderson!” Gail jogou o pano do bar nele.

Ele percebeu, abrindo um sorriso pela primeira vez. Então ele não era apenas um sujeito bonito e mal-humorado. Quem sabia. "Estou brincando! Estou brincando", disse ele, e então inclinou a cabeça em minha direção. “A menos que você prefira se arriscar com os ursos?”

Complicado, complicado, pensei, enquanto ele jogava a bola na minha quadra. Obviamente eu não queria dormir no meu carro, mas ficar no loft de alguém que quase atropelou...

Eu o odiava, percebi. Não com veemência, mas apenas com um leve ódio. Uma camada casual de ódio. Odeio o suficiente para que, se ele estivesse à beira de um penhasco, eu debateria seriamente em empurrá-lo. Eu não faria isso, mas a tentação estaria lá.

Cruzei os braços sobre o peito. “Vou ficar com o loft. Obrigado,” eu disse com força.

As bordas de seus lábios se contraíram – apenas levemente – como se ele estivesse lutando contra um sorriso malicioso. “Então você é bem-vindo durante a noite, desde que não se importe com os estorninhos nos beirais.”

Estorninhos. Como a tatuagem escondida atrás da minha orelha esquerda e da Prudence. Para nos lembrar que, assim como o canto de um estorninho, todas as histórias são diferentes, Pru disse enquanto segurava minha mão, a tatuagem parecendo um furador de gelo atravessando meu crânio. Além disso, eles são fofos pra caramba, certo?

Distraidamente, esfreguei a tatuagem. Estava desbotado agora, sempre coberto pela minha bagunça de cabelo acobreado.

Eu o estudei.

Ele parecia ter mais ou menos a minha idade – trinta e poucos anos – embora não tivesse nenhuma aliança de casamento no dedo. Seu cabelo louro-claro enrolava-se suavemente ao redor das orelhas, dando-lhe um charme infantil sob toda a bravata Darciana que ele exalava. Seu nariz era ligeiramente torto e as maçãs do rosto eram altas, os lábios carnudos e os cílios longos e claros.

Ele definitivamente não era meu tipo, mas eu também não conseguia tirar os olhos dele, como se meu cérebro estivesse tentando localizá-lo. Ele parecia familiar? Eu o tinha conhecido antes? Não, isso era impossível. Eu estava apenas cansado, faminto de qualquer tipo de interação humana nas últimas vinte e quatro horas, e de repente mais consciente do que nunca de que minha camiseta Fleetwood Mac estava muito puída, e meu sutiã esportivo rosa era muito brilhante, e meus tênis Estava muito molhado e... tenho certeza de que meu rosto ainda parecia corado e derretido por causa do molho apimentado, meu cabelo era um ninho de rato úmido e emaranhado que eu não lavava há... três dias? Foram três? Ou quatro? Eu gostaria de saber enquanto puxava a ponta do meu rabo de cavalo, tentando não afundar embaixo do balcão e desaparecer para sempre.

“Não me importo com estorninhos”, eu disse finalmente.

"Excelente!" Gail cantou. "Está acordado."

Ele se virou para ela e disse: "Como eu poderia dizer não para você, Gail? Eu morreria de fome sem você e seu irmão." Ele acenou para o cozinheiro pela pequena janela da cozinha, e o chef lá atrás — um cara maior, com pele morena escura, sobrancelhas grisalhas e espessas e um bigode ainda mais impressionante — acenou de volta silenciosamente.

Gail deu um tapinha na mão de Anders como uma avó amorosa. "Oh, acredite em mim, vocês dois vão se dar bem como ervilhas e cenouras, eu posso dizer."

Sim, bem, eu não tinha certeza de quanto tempo levava para as ervilhas olharem as cenouras nos olhos, mas certamente estava evitando isso como se fosse um esporte olímpico e eu estivesse em busca do ouro.

Gail, orgulhosa de si mesma, saiu para fechar a torcida de futebol no final do bar.

Esvaziei minha taça de vinho, meus lábios ainda dormentes por causa do molho picante, e me perguntei se talvez Smokey Bear teria sido a melhor opção, afinal.



Assinaturas

ANDERS MANTENHA A PORTA aberta para mim quando saímos do bar e ficamos sob o toldo. A chuva não tinha diminuído e, por mais seco que eu estivesse lá dentro, fiquei imediatamente muito úmido novamente no segundo em que saí. A noite estava tão úmida que o próprio ar parecia que eu estava nadando nele. Ele puxou o capuz da capa de chuva e eu me culpei por não ter guarda-chuva – até que ele tirou um do bolso e o abriu.

“Presumo que você tenha uma mala de viagem?” ele perguntou, e apontou para o meu carro.

“Sim, está no porta-malas.”

Ele segurou o guarda-chuva sobre mim enquanto eu dava a volta e abria o porta-malas. Quando estacionei o carro, quase tudo havia deslizado para o banco de trás, então tive que entrar para arrastar minha mochila de volta. Enquanto eu fazia isso, ele olhou para uma caixa de papelão presa entre meu pneu sobressalente e um kit de suéter e inspecionou um dos livros. O segundo romance de Quixotic Falls. Estava esfarrapado, a capa dobrada e encharcada, as páginas amassadas, a lombada quebrada.

Todos os livros foram assinados por Rachel Flowers, personalizados com uma caligrafia elegante e cheia de curvas.

Para Elsy

Eu a conheci uma vez, Rachel Flowers, um ano antes de ela morrer. Ela tinha a minha idade. Foi um acidente trágico, disseram os meios de comunicação, mas eu mal me lembrava do ano. Eu não queria me lembrar da maior parte, na verdade.

“Abreviação de Eleanor?” ele perguntou, adivinhando o nome. “Elvira?”

“Eu pareço uma Elvira?”

Ele respondeu: “Saberei à luz do dia”.

Eu bufei. Ele era um pouco engraçado, eu tinha que admitir, de um jeito estranho. Este homem foi feito com tweed e argila e costurado com uma vírgula Oxford. Eu debati se deveria mentir e dizer que o livro era de um amigo – ele não parecia ser do tipo que aprecia as melhores qualidades do romance – mas acabei simplesmente dizendo a verdade. De qualquer forma, eu não era muito bom em mentir. “Eileen.”

Ele devolveu o livro onde o encontrou na caixa. “Você tem a série inteira.”

"Eu gosto de ler." Puxei minha mochila por cima do ombro. "OK, vamos lá. A que distância fica esse seu loft?"

“Do outro lado da rua”, ele respondeu, apontando a cabeça na direção que ele havia seguido depois que eu quase o acertei com meu carro. Atravessamos a rua debaixo de chuva até um charmoso prédio antigo de tijolos. As janelas estavam todas embaçadas por causa da umidade, e a porta da frente tinha uma cor acinzentada e atarracada no escuro.

Ele destrancou e abriu.

Um sino tocou acima de nossas cabeças.

“Por aqui”, disse ele, e seguiu pelo corredor na extrema esquerda. Fiquei parado na porta por um momento, inspecionando as fileiras e mais fileiras de estantes – não, estantes de livros.

Era uma livraria.

Em algum lugar entre as pilhas, eu o ouvi pigarrear com impaciência, e puxei minha mochila por cima do ombro e o segui. Estantes de livros altas e sombrias assomavam no alto enquanto ele me conduzia por elas, como um guia no labirinto de um minotauro. A loja não era grande, mas era complexa e bem lotada. Ele teve que se inclinar um pouco para o lado para que seus ombros não roçassem as lombadas dos livros nas prateleiras. Deveria

parecer sufocante e pequeno, mas a loja parecia aconchegante – como estar preso sob um cobertor quente.

No canto esquerdo traseiro da loja, ao lado de uma aconchegante área de leitura com uma lareira de pedra e um sofá desgastado, havia uma escada em espiral que levava ao segundo andar. Eu o segui e o loft ficava à esquerda dos livros de receitas, atrás de uma estreita porta azul. Ele tirou as chaves do bolso e destrancou.

“Pode cheirar um pouco a mofo”, ele começou, abrindo a porta para mim, “mas é isolado e você tem seu próprio banheiro e chuveiro. Os lençóis também estão limpos.

Entrei na sala. Era surpreendentemente singular, com uma cama de casal sobre uma estrutura de latão, uma cômoda e um assento na janela que dava para a rua. Do outro lado da sala havia uma porta que dava para um banheiro com uma banheira com pés e um vaso sanitário.

“Oh, uau”, murmurei, porque esperava uma cama espremida no canto de um velho sótão empoeirado. Ele foi abrir uma janela e arejar o quarto. “Está perfeito. Quanto eu te devo?”

Suas sobrancelhas se ergueram um pouco quando ele olhou por cima do ombro para mim. “Nada.”

“De jeito nenhum, tem que haver um problema.”

“Sem pegadinhas, merda.” Ele deu outro puxão na janela, sem sucesso. Aproximei-me para ajudá-lo, agarrando a borda inferior da janela e, com outro puxão, finalmente conseguimos empurrá-la para cima. O silêncio da chuva invadiu, junto com o cheiro de grama molhada e céu limpo. Ele esfregou as mãos nas calças, balançando a cabeça. “Ervilhas não pagam cenouras, não se preocupe com isso.”

“Por que eu sou a ervilha?”

“Porque eu odeio ervilhas.”

“Oh. Bem então.” Revirei os olhos e me virei para sentar no banco da janela. Ele estava perto o suficiente para que eu sentisse uma nota de sua colônia – cedro e chá preto e, levemente, o aroma sutil de um livro de bolso muito apreciado. Familiar e saudoso. Foi misterioso. “Ainda bem que eu odeio cenouras, desculpe”, acrescentei quando meu ombro acidentalmente roçou o dele.

Ele não pareceu notar nada enquanto olhava para o beiral. “As cenouras são deliciosas.”

Eu torci meu nariz. “Eles são nojentos.”

“As ervilhas também.”

“Bem, pelo menos um de nós tem bom gosto”, brinquei, “e...”

“Certamente não é você”, ele interrompeu antes que eu pudesse dizer o mesmo. Dei um grito de indignação e, pela primeira vez, sua expressão estóica se transformou um pouco no que poderia ter sido um sorriso. Se ele não tivesse lutado. Pena. Acho que ele pode ter um sorriso bonito. Sua risada provavelmente também foi boa. Profundo e gutural, vindo direto do centro da barriga. Ele se afastou da janela. “Mas o que devo esperar da mulher que quase me atropelou?”

“Você não deveria estar parado no meio da estrada”, apontei. “Na chuva.”

“Você já fez isso?”

“Matou alguém? Não. Mas já pensei sobre isso”, eu disse, e... estávamos nos aproximando?

Ele balançou a cabeça sutilmente, sua boca se contraindo nas bordas novamente, lutando contra algum tipo de sorriso. Ele era como um gato batendo em um novelo de lã, e eu estava jogando de volta para ele. “Quero dizer, ser pego pela chuva.”

“Não se eu puder evitar.” Minha voz ficou baixa, quase baixa demais para ser ouvida acima da chuva lá fora. Havia algo magnético que me fez olhar para ele e não consegui entender por quê. Eu já conheci muitos homens bonitos, cujos cílios eram igualmente longos e que usavam cicatrizes como frases de efeito. Mas a cicatriz no lábio de Anders era tão irritantemente aparente que eu não conseguia parar de olhar para ela. Não porque estivesse na boca dele, certamente não. Não porque eu fosse um peso leve quando se tratava de beber. Não por causa do vinho da casa. “Eu realmente não gosto da chuva.”

Ele respirou fundo entre os dentes. “Que pena, então.”

Se isso fosse um romance, nós nos beijaríamos. Isso é o que sempre acontece: a heroína corajosa encontra seu par no primeiro capítulo. Um encontro fofo. Algo memorável. Notável. Nos velhos Harlequins, seríamos íntimos na página cem, e uma parte de mim queria saber como era desabotoar a camisa de um estranho. Deixar de lado essa trama e simplesmente cair de cabeça na de outra pessoa.

Minha história não foi tão interessante, de qualquer maneira. Uma leitura de três estrelas, na melhor das hipóteses. Eu poderia imaginar as análises comerciais – embora ela enfrente a mundanidade de sua vida com desenvoltura, nada acontece com Eileen Merriweather. História cheia de angústia contada em prosa profundamente lamentável. Uma leitura totalmente ignorável.

Sentei-me no assento da janela, pensando seriamente. Prudence o teria agarrado pelo rosto, teria esmagado a boca na dele, fazendo-o se apaixonar por ervilhas, de qualquer maneira. Mas eu não era Prudence, e foi por isso que estava aqui. Sozinho. Em uma cidade sem nome.

Mas eu não era Prudence e não precisava me apaixonar.

Ele se recostou, uma carranca puxando sua boca delicada, como se estivesse intrigado sobre por que isso não tinha acontecido. Ou talvez por que ele brincou com a ideia em primeiro lugar. Mas então ele afastou o pensamento e se levantou. “É melhor eu me despedir. Caso precise de alguma coisa, moro na casa atrás da loja. Se os estorninhos te acordarem de manhã, eu te avisei.”

Ele recuou para a porta, seus longos dedos enrolados em torno da maçaneta de latão. Meu coração batia forte, rápido como um coelho, e torci para que ele não percebesse. Que ele atribuiu meu rubor ao vinho.

A pergunta escapou da minha boca antes que eu pudesse impedi-la: “Por quê?”

Ele me lançou um olhar curioso. "Porque o que?"

"Por que você estava parado na chuva?"

Ele inclinou a cabeça pensativo. “Por que você pegou a estrada até aqui?”

“Você não pode responder a pergunta com outra pergunta, isso não é justo!” Eu respondi, frustrado. Levantei as mãos. "Porque estava chovendo! E eu estava perdido.”

“Então estava chovendo”, ele repetiu, “e eu estava perdido. Boa noite, Elsy”, disse ele, com a voz um estrondo baixo, e fechou a porta atrás de si.

Isso ainda não era uma resposta.

No andar de baixo, uma porta perto dos fundos da livraria se abriu e fechou novamente, e fiquei sozinho no silêncio. A chuva tamborilava na janela do quarto como dedinhos. Sentei-me na beira da cama e fechei os olhos, ouvindo a forma como a água escorria pelo parapeito.

Quando Pru e eu estávamos na escola, planejávamos nossos dias de leitura com base no clima. Ela marcava as chuvas de primavera em seu calendário, marcava as semanas em que os furacões aconteciam no outono e, quando as tempestades chegassem, tínhamos pelo menos uma dúzia de livros prontos – leituras da biblioteca e brochuras murchas da loja de segunda mão. . Nós nos enroscávamos no sofá por horas a fio, matando aula na escola.

Depois, na faculdade, construímos fortes como se tivéssemos doze anos de novo e fizemos escapadas de fim de semana para pitorescas cidades cor de rosa.

Na chuva, pude ouvir o movimento de uma página enquanto imaginávamos momentos, cenas e vidas nunca vividas, nos apaixonando pelas heroínas de felizes para sempre.

E juramos que quando chegasse a nossa vez de perseguir nossos finais felizes, faríamos isso juntos. Mas isso foi antes de todo o sofrimento, de todas as promessas quebradas, porque a vida nunca se desenrolou como um romance, por mais bem tramada e meticulosamente planejada que fosse.

Enquanto apagava as luzes do loft e ouvia o leve bater dos dedos nas janelas, me perguntei se havia um caminho de volta ao passado, quando o feliz para sempre parecia real.



Realização Star(t)ling

A luz da manhã entrava no sótão vinda da clarabóia. E houve um som. Uma voz? Sim. Talvez.

E estava zumbindo.

Pisquei lentamente sob uma poça de luz solar, esquecendo por um momento onde estava porque o colchão era confortável e o travesseiro cheirava a roupa lavada. Não conseguia me lembrar de quando fui dormir, embora tenha sido algum tempo depois de a chuva ter parado. Isso mesmo – a chuva. Com um sobressalto, lembrei-me: a tempestade, o bar, o mau humor, o loft acima da livraria.

Sentei-me rapidamente na cama, esfregando os olhos para tirar o sono. O loft parecia diferente à luz do dia. As almofadas contra o assento da janela eram de uma manga brilhante, as almofadas bordadas à mão costuradas com flores silvestres desabrochando da mesma cor. O artesão pintou desenhos florais na cômoda, no guarda-roupa e ao redor do espelho até o chão. Lá fora, a chuva deu lugar a folhagens verdejantes e fortes edifícios de tijolos vermelhos, intercalados com coloridas casas coloniais geminadas e casas vitorianas.

Ao longe, ouvi alguém lá embaixo, na área principal da livraria.

Anders? Verifiquei a hora no meu telefone, abafando um bocejo—

Merda.

Eram quase onze! Como eu dormi por quase dez horas seguidas? Eu tinha uma cabana para ir e férias para começar. Mesmo que não houvesse ninguém lá para me receber este ano, me servir vinho, sentar comigo em frente à lareira de pedra e perguntar se eu tinha lido a escolha do clube deste mês, eu precisava chegar lá.

Meu telefone ainda tinha zero barras. Sem Google Maps, sem satélite, fui amaldiçoado a vagar para sempre. Talvez houvesse Wi-Fi lá embaixo. Eu perguntaria, e depois que deixasse esta cidade sem nome e voltasse para a estrada, descobriria onde estava.

Provavelmente.

Aí está o zumbido de novo. Então não foi Anders.

Uma brisa suave e quente agitava as cortinas brancas penduradas na frente da janela aberta, um ninho de estorninhos cantava uma tempestade nos beirais acima. Sentei-me no banco da janela por um momento, ouvindo-os, observando-os voar e voltar novamente. O som veio dos pássaros. Eles poderiam imitar qualquer coisa. Pru estava obcecada com esse fato na série Quixotic Falls.

“De todos os pássaros, ela escolheu estorninhos”, dissera Pru. “Vai ser importante. Eu simplesmente sei disso.

Ao que eu respondi: “Só porque fanfic apareceu com isso não significa nada”.

“Mal posso esperar para você se enganar”, disse ela, e pegou um suéter no cabide. Estávamos fazendo compras em sua loja de segunda mão favorita, tentando encontrar peças vintage para alguma coisa. Já não me lembrava do quê. “Rachel Flowers nunca dá detalhes sem motivo. Estou lhe dizendo, isso será importante no final.”

Eu revirei os olhos e deixei Pru ter suas teorias. Afinal, eu tinha o meu. Havia alguns tópicos da trama que não haviam sido resolvidos no quarto livro, e havia rumores de que o quinto seria o último da série. Ainda estávamos esperando para ver se Junie e Will abririam sua pousada, ou se o gambá mal-humorado finalmente retornaria ao café, se o desejo de Maya Shah se tornaria realidade, ou se a magia das Cataratas Quixotescas finalmente seguiria seu curso, sem nenhuma surpresa. mais magia para dar.

Tudo estava chegando ao auge, como acontece com todos os bons épicos românticos. Eu mal podia esperar para descobrir como tudo estava

amarrado em um lindo laço. Parecia impossível. Um truque de mágica para uma série mágica. Eu nunca descobriria como Quixotic Falls terminou, infelizmente.

Alguns meses depois, Rachel Flowers morreu. Ela tinha trinta e dois anos. Minha idade agora.

Após sua morte, descobriu-se que ela não havia planejado o final e não contou suas idéias a ninguém. Todos ficaram desolados. Não só para ela, mas para um feliz para sempre que nunca aconteceria. Uma série que durou meia década e ficou sem um final adequado. Uma história simplesmente parou. Não, O FIM. Nenhum epílogo para garantir que tudo ficaria bem.

Nada.

Foi um ano que prefiro não lembrar. Mamãe disse que todo mundo os tinha, quando todo o seu mundo está de cabeça para baixo e você não consegue se equilibrar novamente. Exceto que nunca mais encontrei o equilíbrio e tenho tropeçado desde então.

Tomei um banho rápido, o que foi uma pena porque a banheira com pés em forma de garra era linda, e teria sido um banho maravilhoso, e tirei meu último par de shorts limpos e uma camiseta velha do Stone Cold Steve Austin que tinha de alguma forma, sobreviveu no meu armário desde o final dos anos noventa. Coloquei-o em meu short de cintura alta, calcei meus tênis ainda úmidos e certifiquei-me de ter guardado tudo em minha mochila antes de sair do loft.

Anders estava conversando com alguém na frente da loja quando saí do loft. Parei no topo da escada em espiral e mergulhei na vista.

À luz do dia, a livraria ganhou uma nova vida.

Partículas de poeira dançavam sob a luz do sol que entrava pelas janelas. Parecia muito mais aconchegante, já que os enfeites de vidro colorido das janelas lançavam arco-íris nas estantes de livros e faziam piruetas no chão de madeira como manchas de luz do sol na areia.

Estantes cheias até a borda chegavam até o teto, cheias de tantas cores e tipos de livros, curtos e grossos, longos e largos, que quase parecia um ataque aos sentidos. O centro da livraria estava aberto para o segundo andar, onde altas estantes de livros se erguiam tão alto que era preciso alcançá-las com escadas. Pesadas vigas de carvalho sustentavam o telhado. Planetários, sinos de vidro e outros enfeites pendurados nas vigas, refletindo a luz dourada da manhã e espalhando-a pela loja. As prateleiras eram feitas do

mesmo carvalho profundo das vigas do teto e do corrimão do segundo andar, placas penduradas nas prateleiras na altura dos olhos detalhando as diferentes seções da loja: MEMÓRIAS, FANTASIA, FICÇÃO CIENTÍFICA, ROMANCE, AUTO-AJUDA , NATUREZA, COMO FAZER...

Este lugar era lindo.

Perguntei-me, brevemente, como seria possuir um lugar como este. Foi mágico. Uma loja que vendia o impossível com tinta em papel branco e macio.

“Você pode tentar isso em vez disso?” Anders estava dizendo com uma voz que eu nunca o tinha ouvido usar antes. Era macio, um pouco doce.

Quando descii as escadas para ver com quem ele estava falando, pude adivinhar por quê.

Uma jovem – talvez oito anos, com pele morena quente e cabelos escuros e grossos presos em um rabo de cavalo com uma fita amarela – estava perto do balcão, com um livro esfarrapado nos braços. A capa estava faltando e as páginas estavam dobradas e enrugadas devido aos danos causados pela água. A garota torceu o nariz para o livro em questão e depois estendeu o dela. “Você não pode simplesmente pedir outro, tio Andie?”

Anders empurrou os óculos para cima do nariz. “Eu não sou um bruxo, infelizmente.”

"Mas ..."

“Tenho certeza que tenho fita adesiva...”

Ela engasgou alarmada e rapidamente devolveu o livro danificado à bolsa. "Deixa para lá! Eu vou lidar com isso. Vou apenas ler... com cuidado.

“Ou”, ele arriscou, “você poderia tentar um novo livro?”

Ela revirou os olhos. "Sim, ok. Claro."

“Ei, seu livro favorito pode ser aquele que você ainda não leu.”

“Ou pode ser aquele que você deseja colar com fita adesiva. Vou me arriscar em outro lugar, com alguém com mais tato”, ela brincou, e foi até o canto do balcão, onde um gato loiro e laranja cochilava em uma cama de gato muito querida, e a esfregava atrás das orelhas. . "Vejo você por aí, Sr. Caramelo."

"Não há adeus para mim?" Anders perguntou.

“Você não merece isso”, ela respondeu severamente, virou-se e saiu da livraria sem dizer mais uma palavra. A campainha acima da porta tocou quando ela saiu.

Mordi o interior da bochecha para não rir. Qualquer má vontade que tive em relação a Anders ontem foi embora com aquela garotinha. Eu não tinha visto alguém tão completamente aniquilado por uma criança desde que cometi o erro de substituir uma aula de artes do ensino médio antes de perceber que seria melhor lecionar na faculdade.

Anders suspirou, ainda não tendo me notado, e estudou o gato sob a luz do sol. O gato devolveu o olhar entediado e bocejou. Ele murmurou algo e cutucou-o na lateral. O gato se virou e mostrou a barriga e voltou a dormir.

“Você não poderia simplesmente pedir outro da Amazon ou algo assim?” — perguntei, aproximando-me do caixa.

Ele pulou, se assustou e depois olhou para mim. A luz do sol iluminou seus olhos mentolados, fazendo-os quase brilhar. “Sério, você sugere isso em uma livraria?”

“Frete em dois dias”, respondi encolhendo os ombros, tentando ignorar a estranha reviravolta em meu estômago. Não borboletas, certamente. Eu mal conhecia esse homem. “Você não pode vencer.”

“Espero que todo o seu bacon queime”, ele murmurou. “Quem machucou você?”

“Quanto tempo você tem?”

Ele me lançou um olhar persistente. “Não é suficiente perguntar. Você dormiu bem?”

“Como os mortos. Bem, com exceção dos estorninhos.”

“Eu te avisei.”

“Achei que eles iriam twittar. Não ...”

“Parece motosserras?”

Eu zombei. “Isso seria melhor. Eles cantaram uma música assustadora. Você já ouviu isso? Cantarolei alguns compassos.

“Não posso dizer que sim”, ele respondeu, e olhou para o gato laranja. “O caramelo é muito ruim para pegar pássaros. Em pegar qualquer coisa além de dormir, na verdade.”

“Ah, acho que o Sr. Caramelo está fazendo um ótimo trabalho”, eu disse, e fui acariciar o gato.

Anders deu um pulo. "Espere, ele não gosta..."

Tarde demais. Esfreguei caramelo atrás das orelhas e ele começou a ronronar. "Oh, quem é um bom gatinho? Você é um bom gatinho. Do que ele não gosta? Acrescentei enquanto o gato inclinava a cabeça para que eu pudesse coçar seu queixo.

Anders parecia ter acabado de ser traído. Se eu o conhecesse melhor, diria que ele quase fez beicinho. "Pessoas, geralmente."

"Ah, veja, aí está a diferença. Eu não sou gente. Meu nome é Elsy", aponte.

"De fato", ele respondeu, claramente não impressionado.

Aponte para a garota. "Então, o que aconteceu com o livro dela?"

"Lei tanto que desmoronou", disse ele, lançando um último olhar de traição ao gato, antes de ir até o velho Compaq para acordá-lo. O computador ganhou vida como um ser antigo saindo de sua cripta um século antes do previsto. "Eu sabia que isso aconteceria, eventualmente."

"Isso é de partir o coração. Lembro-me de quando meu livro favorito desmoronou."

"E o que você fez?"

Eu corria para a cozinha onde minha mãe estava fazendo chili, soluçando, a capa de Inkheart em uma mão, as páginas na outra, como se eu tivesse acabado de matar meu animal de estimação favorito por brincar demais com ele. Minha mãe tentou me consolar, mas eu estava absolutamente fora de mim e realmente não tínhamos dinheiro para um novo livro naquela época. Ela era boa em ver o lado bom de tudo — a luz do sol e o arco-íris, mesmo quando você estava no assento de um vulcão e ele estava se enchendo de lava derretida. Ela me sentou no balcão e me disse que poderíamos consertar isso. Afinal, ela era bibliotecária, então mesmo o livro ilustrado mais mutilado ela poderia cortar, colar e costurar novamente. Talvez não parecesse novo, mas muito querido, e esses sempre pareciam melhores, de qualquer maneira.

Eu me peguei sorrindo com a lembrança. "Bem, na verdade usamos um pouco de fita adesiva – não, espere, fita adesiva."

"E parecia...?"

"Perfeito", respondi. "Quero dizer, na verdade não, mas eu ainda poderia usá-lo. Um livro não precisa ser bonito para você lê-lo."

“Já vi algumas capas horríveis na minha época”, ele concordou. “Bem, Lily também não gosta de fita adesiva. Vou ter que pensar em outra coisa para ela. Ele mastigou o interior da bochecha e escreveu uma nota no outro lado da caixa registradora, em um bloco de notas amarelado que já tinha uma lista do dia. Ele examinou algumas contas no computador — uma biblioteca de títulos, ao que parecia. “Talvez eu possa encontrar algo aqui. Algo próximo o suficiente.

“Você se contentaria com algo menos do que seu livro favorito?” Eu balancei minha cabeça. “Não é o mesmo.”

“Hmm”, ele murmurou, e tive a sensação de que isso era o mais próximo possível de um acordo.

Ele e a livraria eram mais parecidos quanto mais eu olhava para eles. Ambos estavam arrumados daquele jeito desordenado – você não tinha certeza de onde procurar, mas em todos os lugares que ia, encontrava algo surpreendente. Não havia um livro fora do lugar e não havia um fio de cabelo fora do lugar. Sua camisa estava sem amassados, suas calças pregueadas como uma faca. As sardas nas bochechas também se espalhavam pelo resto da pele, incluindo a nuca, escondida logo abaixo do colarinho ordenado. “Há algo que você precisa?”

Inclinei-me sobre o balcão para olhar sua tela. “Acontece que você não teria internet, teria?”

Ele olhou para mim por cima dos óculos ovais. Eu nunca tinha visto olhos tão verdes ou brilhantes antes. De perto, pude perceber que o verde se misturava com um cinza claro, formando a estranha cor mentolada. Eles eram muito bonitos.

Eu me segurei antes de olhar por muito tempo.

Tirei meu telefone do bolso de trás. “Porque não tenho serviço de celular aqui. Você tem wifi? Preciso descobrir como sair daqui.

“A tempestade derrubou a internet ontem à noite”, disse ele, sacudindo uma partícula de sujeira invisível do balcão, sem olhar para mim.

Eu murchei. “Oh ...”

Devo ter parecido bastante desamparado, porque ele suspirou e pegou um mapa de um quiosque ao lado da caixa registradora. “Aqui. Isso deve ajudar. Obviamente você vai querer seguir por onde veio, atravessando a Charm Bridge...

“Havia apenas uma estrada para entrar e uma para sair de Eloraton, Nova York, e a maioria das pessoas nunca a pegava”, citei, pegando o mapa e desdobrei-o sobre o balcão.

Seus olhos se arregalaram. "Com licença?"

“É a primeira linha de um livro, Daffodil Daydreams...”

“Você memorizou a primeira linha?”

Eu hesitei. “Quero dizer, você também gosta de livros. Você não memoriza suas falas favoritas?”

Ele começou a responder e então franziu a testa, perplexo com a minha pergunta. "Não. Não posso dizer que sim. Mas tenho certeza de que me lembrarei do nosso pequeno encontro nos próximos anos. Boa viagem, Eileen. Foi... uma experiência conhecer você.

“Você também, Anderson”, respondi com um sorriso falso, resistindo à vontade de revirar os olhos com cada fibra do meu ser. Dei uma última coçadinha na cabeça do gato que estava na janela e deixei a livraria para trás.

O sol do fim da manhã estava tão forte que protegi os olhos e percebi – com um estremecimento – que havia esquecido o mapa no balcão. E eu certamente não voltaria para isso. Não poderia ser tão difícil encontrar a estrada principal novamente e apenas... refazer meus passos até encontrar algo familiar. Ou encontrei Poughkeepsie.

De preferência não Poughkeepsie.

Coloquei minha mochila no banco do passageiro, tirei a chave do bolso, enfiei-a na ignição e liguei.

O carro estalou, uivando como um animal moribundo.

Tentei novamente.

E de novo.

“Agora não, agora não”, orei. “Por favor, não agora. Deixe-me ir para a cabana primeiro. Deixe-me me perder em um livro.

Mas meu carro me traiu e o motor se recusou a ligar.

Nem tentaria. Achei que o barulho que começou a fazer em DC era ruim, afinal. Tudo estava desmoronando – tudo. Talvez eu não devesse ter feito esta viagem. Eu não deveria ter vindo sozinho. Isto foi um erro.

“Pare com isso”, eu disse a mim mesmo. “Está tudo bem, você está bem. Você pode consertar isso.

Então, soltei-me do assento e fui até a frente do carro, onde destravei o capô para olhar por baixo.

Eu... nem sabia o que estava olhando.

O Pinto ficou ali sentado como um dinossauro velho e decrepito, vazando óleo como se aquela fosse sua última missão na Terra, e eu sabia tanto sobre mecânica de automóveis quanto sobre cirurgia cerebral. Então parecia um motor, e não era como um dos meus carros da Barbie da minha infância, onde eu poderia simplesmente trocar as baterias e dar-lhe mais algumas horas de vida.

Pressionei minha testa contra meu antebraço enquanto segurava o capuz levantado.

“Ok, talvez você não consiga consertar isso, mas você está em uma cidade fofa! Alguém precisa saber alguma coisa sobre carros — eu disse, virando-me para examinar a cidade. “Ou tenha um número para AAA.”

Havia dois velhos passeando com seu schnauzer. Acenei para eles, mas eles viraram na rua seguinte rápido demais para me notar. O bar estava fechado, mas a loja de jardinagem ao lado acabara de virar a placa.

Perfeito.

Esperançosamente, o proprietário seria um pouco mais amigável do que Anders.

Fechei o capô e corri pela calçada até a loja de jardinagem.

O cheiro de flores silvestres e caules recém-cortados encheu meu nariz quando entrei. Enormes vasos de hera pendiam do teto, e flores recém-colhidas enfiadas em vasos de lata estavam penduradas nas paredes em várias cores: Susans de olhos pretos e rosas e lilases brilhantes e ásteres macios, centáureas e margaridas e miosótis. Uma mulher estava no balcão nos fundos, cantarolando um velho rádio empoleirado em uma prateleira atrás dela. Ela parecia ter mais ou menos a minha idade, com longos cabelos ruivos trançados em rabo de peixe nas costas, vestida com uma camiseta curta e jeans que já estavam sujos nos joelhos. Ela usava um avental desgastado com estampa de cacto, os dedos envoltos em vários band-aids, como se espetasse os dedos com frequência. Ela olhou para mim e sorriu; havia uma lacuna entre os dentes da frente.

Senti uma onda repentina de déjà vu — eu já a tinha visto antes.

Mas não consegui identificar onde.

“Bom dia,” ela cumprimentou alegremente. “Deve ser você quem ficou no antigo loft de Anders ontem à noite!”

“Acho que a notícia se espalha”, eu disse.

“É uma cidade pequena”, ela respondeu com uma risada, e então se inclinou um pouco para frente para acrescentar de forma conspiratória: “Você ficaria surpreso com a rapidez com que as notícias se espalham. Eu sou Lyssa.” Ela estendeu a mão envolta em band-aid.

“Eileen”, respondi, aceitando – e então franzi a testa. “Lyssa com um sim?”

Ela se animou. “Sim! Como você sabia?” Ela olhou para seu avental com estampa de cacto. “Eu nem coloquei meu crachá ainda! Gail está fofocando sobre mim? Rubi? Ah, provavelmente foi Ruby. O que quer que você tenha ouvido, definitivamente não é verdade.”

Eu não tinha ouvido nada, mas sabia que tudo era verdade. Porque percebi onde a tinha visto antes... bem, visto não era exatamente a palavra certa para isso. Minha boca abria e fechava como um peixinho dourado com falta de água. Porque certamente foi uma coincidência. Certamente foi. Uma mulher ruiva chamada Lyssa com um y, cuidando de uma loja de jardinagem em uma cidade pequena. Certamente ela não ameaçou enterrar um homem quando o pegou traindo sua irmã. Certamente foi um acaso.

A música no rádio terminou e o DJ apareceu com—

“Buzz buzz, Eloraton! Espero que você esteja arrasando seriamente nesta gloriosa manhã de sábado. Esse foi o single de sucesso de Dexys Midnight Runners, ‘Come On Eileen’...”

Olhei para o rádio. Ao lado estavam os certificados de BEST IN SHOW e TOP BLOOM da feira estadual e mostras de jardinagem locais.

Mas isso não...

Isso não fazia sentido.

“Eloraton? Gostou da série de livros? Acrescentei, porque ela parecia confusa. “Você sabe, a série Quixotic Falls de Rachel Flowers? Sonhos de narciso? Querida e o desgosto? Canção de amor não correspondida? Ela olhou para mim, nada lembrando. “Retornar ao remetente? Pequena cidade no Vale do Hudson, com uma cachoeira mágica?”

“Bem, não sei se a cachoeira é mágica”, respondeu ela, “mas somos uma pequena cidade no Vale do Hudson, é verdade”.

Essa foi uma piada muito elaborada, certo?

Tinha que ser.

Eloraton era uma cidade fictícia como Virgin River ou Stars Hollow ou inúmeros outros lugares inventados que se manifestavam através da imaginação de alguém.

Devo ter empalidecido um pouco, porque Lyssa perguntou: — Você está bem aí, amigo?

“Isso não é engraçado”, eu disse, balançando a cabeça. Ela até parecia como eu imaginava. Sardas pontilhavam suas bochechas, um rosto em formato de coração, um sorriso sem dentes.

“Não tenho certeza de qual é a piada?”

“Este é um parque temático, então? Uma... uma atração à beira da estrada?”

O sorriso dela vacilou. “Eu... não entendo.”

Se isso não fosse uma piada, então ela era Lyssa Greene, a botânica que abriu uma floricultura em vez de se juntar ao negócio da família, que cultivou as flores mais deslumbrantes com o polegar mais verde do estado, cuja risada soava como sinos de vento, que beijou Maya Shah debaixo da cachoeira—

Aquela Lyssa Greene.

E se esta fosse Lyssa, então...

Ela inclinou a cabeça. “Tem certeza de que está bem? Posso pegar um pouco de água para você?”

“Não, sim, tenho certeza que estou bem, sinto muito.” Saí da loja de jardinagem, quase derrubando um vaso cheio de flores silvestres. "Tchau!"

Ela levantou a mão para acenar, mas eu já tinha ido embora. Tropecei no meio da estrada, onde as pessoas começaram a olhar, mas eu não estava prestando atenção nelas. A princípio não.

Porque a primeira coisa que notei foi a placa acima do bar, que dizia THE ROOST. Ontem à noite tudo que consegui ver foi o OO. O mural ao lado foi pintado pela própria Junie Bray, de uma cidade transbordando de flores e abelhas, a bandeira pendurada de um lado a outro da pintura - BEM-VINDO A ELORATON! CASA DAS ABELHAS LUTARES. Depois, em letras menores: TRÊS CAMPEÕES DO SPELLING BEE. Eu me virei.

Sob o sol forte do meio-dia, eu podia ver tudo.

A única estrada curvava-se desde as colinas, através das árvores, e atravessava a via principal de Eloraton, direto para a praça da cidade, onde uma alta torre do relógio se erguia sobre o resto dos edifícios como uma sentinela, seu rosto sorrindo sob o bigode. mãos do tempo. Eu tinha visto muitas cidades idílicas em minhas viagens até aqui, antigas ruas principais e vilarejos pitorescos aninhados na floresta, mas este lugar era diferente. Na tempestade, eu não fui capaz de dizer, mas contrastando com o céu azul e o verde profundo da floresta – era difícil não perceber. Esta cidade parecia com todas as partes boas de todas as cidades encantadoras que eu já vi, todas montadas em uma só. A rua principal fervilhava de vida, prédios abrigando DOCES (anunciando mel na vitrine) e DROGAS (só drogas), e a mercearia da esquina, e todas as lojinhas ecléticas que vendiam artesanato em papel e ferragens, roupas para animais de estimação e sabonetes de banho. As luzes da rua estavam cobertas de hera rasteira, as fachadas de tijolos dos prédios rachadas daquele jeito antigo, mas adorado, dos prédios. Carros estacionavam na diagonal em frente a vários estabelecimentos comerciais, mas a maioria deles ficava em frente ao Grumpy Possum Café.

E quando olhei novamente para a livraria, notei o nome na vitrine também.

LIVROS INEFÁVEIS

Se isso era uma piada, era muito elaborado, até as pessoas realmente se parecerem com as pessoas sobre as quais eu tinha lido dezenas e dezenas de vezes, até que a lombada quebrou. Continuei tentando ver as falhas aqui, o homem por trás da cortina esmeralda, mas tudo que vi foram páginas – páginas e páginas – de palavras e cenas e momentos que fizeram Pru e eu rir. O beijo na chuva na esquina da Bluebell com a Main, a confissão no jardim da pousada, o rompimento no Grumpy Possum Café... estava tudo aqui.

Impossível.

Eu era ...

Isso foi...

Meu coração conhecia a palavra muito antes do meu cérebro. Meu coração dizia isso a cada batida enquanto eu caminhava pela única estrada que entrava e saía daquela cidade fictícia, passando por empresa após empresa, pessoa após pessoa. Estava tudo aqui—

Até mesmo a Pousada Daffodil, silenciosa e vazia no canto da praça.

Continuei andando até encontrar o pátio abaixo da torre do relógio, e lá me afundei no banco doado por um certo Frank Greene, do Frank's Hotties, o melhor molho picante de Eloraton. O molho apimentado sem rótulo na noite anterior — Gail dissera que era local. Era de Frank. Uma brisa suave agitava as árvores e o cheiro de flores silvestres e pinheiros pairava no ar.

Não foi um sonho.

Ou, se fosse, eu estava morto em algum lugar na beira da estrada e aquele era o paraíso.

Uma gota de chuva caiu no meu nariz. Depois outro na calçada na minha frente.

Chuva? Mas estava claro há pouco. Estendi minha mão e outra gota de chuva caiu na minha palma.

Houve um estalo e olhei para cima no momento em que o dono da livraria colocava um grande guarda-chuva sobre minha cabeça. A chuva tamborilava no tecido aberto, alta e forte. Havia perguntas – tantas perguntas – bem na ponta da minha língua.

E ele já conhecia todos eles.

“Todos os dias são quase iguais aqui”, disse Anders depois de um momento. “Uma tempestade chega por volta do meio-dia e depois outra no início da noite. A pousada está sempre em reforma, os hambúrgueres do bar da Gail estão sempre levemente queimados, o caramelo de mel é sempre doce e os estorninhos sempre fazem ninhos nos beirais.”

Eu olhei para ele, sem saber o que ele queria dizer.

“A torre do relógio está sempre três minutos atrasada”, ele continuou, “e o livro de Lily está sempre perdendo as páginas, e Lyssa sempre fica preocupada com Maya quando ela passa pela floricultura. Nada nunca muda. Nada jamais acontecerá.”

A chuva já havia começado a diminuir um pouco. Pedacos de luz solar romperam as nuvens.

“Se eu lhe fizer uma pergunta”, eu disse, me aproximando da beirada do banco para olhar para ele, para aqueles olhos cor de menta brilhantes,

“você promete me dizer a verdade? A verdade real?”

Sua expressão dura suavizou-se um pouco. Tentei localizá-lo — em algum lugar de todas as páginas que Pru e eu lemos. Cabelo loiro-claro e olhos verdes, um queixo forte e um nariz que parecia ter sido quebrado pelo menos uma vez, mas eu não conseguia lembrar de jeito nenhum. A última coisa que me lembrava era que a livraria estava à venda. À procura de um novo proprietário.

“Prometo te contar a verdade.” Ele me surpreendeu, porque parecia tão sincero quanto com a garota – Lily. Quem ela era para ele? Uma sobrinha? Um primo? Ela o chamava de tio, mas não me lembrava de Lily Shah ter um tio.

Anders, Andie, Anderson – não lembrava o nome em nenhum dos livros.

Ele era a única parte desta cidade, desta história, que não era familiar. Talvez ele estivesse escondido em algum lugar das páginas, algum homem de queixo forte tomando chá no Grumpy Possum Café, e eu tivesse acabado de dar uma olhada nele em busca do felizes para sempre.

“Isso é realmente...” Hesitei, porque não poderia ser, não poderia ser...

A torre do relógio atrás de mim começou a badalar meio-dia naquela canção brilhante e distinta que zumbia pelos prédios, tão alta que vibrei com ela. Fechei os olhos. Deixe o zumbido passar por cima de mim, através de mim, ao meu redor, até que ele desapareça novamente nos sons da cidade: o canto dos pássaros e os ruídos dos insetos e a tagarelice distinta da vida.

Ele inclinou a cabeça e inclinou o guarda-chuva para trás. A chuva havia parado e a maneira como a luz do sol da tarde dançava pela cidade me lembrou a luz no fundo de um aquário. No fim da rua, os donos de lojas abriam as portas e colocavam novamente os quadros-negros, acenando uns para os outros naquele jeito de cidade pequena, como se estivessem perfeitamente felizes por todos os dias serem exatamente iguais, uma hora sangrando na outra, em dias, semanas e meses, onde nada mudou, nunca se transformou, até a virada da página.

“Bem-vindo”, disse ele, fechando o guarda-chuva, “a Eloraton”.



Início de um clube do livro

ÀS VEZES, UM LIVRO PODE mudar sua vida.

É difícil explicar isso para alguém que não lê, ou que nunca sentiu seu coração se inclinar tão fortemente em direção a uma história que ela poderia simplesmente se partir em duas. Alguns livros são um conforto, alguns um adiamento, outros umas férias, uma lição, um desgosto. Conheci inúmeras histórias quando li um livro que mudou minha vida.

No começo não parecia nada de especial. Era um romance, que comprei na livraria independente local porque tinha uma capa divertida, e eu gostava de histórias de cidades pequenas, e estava no ano mais difícil da graduação. O mundo parecia cinzento, e apenas a visão de um livro fez meu estômago embrulhar com toda a ansiedade das redações noturnas, dos GPAs e do financiamento de bolsas de estudo. E o livro estava ali parado. Era o exemplar que estava na estante, enfiado entre Brontë e Gabaldon, numa única estante reservada para romances.

O livro tinha acabado de ser lançado, mas já estava com 50% de desconto, e imaginei que, com o troco, também poderia tomar uma xícara de café no Starbucks do outro lado da rua.

O momento foi tão despretenso, tão normal.

Às vezes, é assim que acontece. Às vezes, seu livro favorito atinge você do nada, como um raio.

Daffodil Daydreams era um original em brochura. O primeiro de uma série de cinco chamados Quixotic Falls Quintet. Foi escrito por uma mulher não muito mais velha que eu. Imaginei que poderíamos ter sido amigos no ensino médio, talvez colegas de faculdade. Eu ficava ao lado dela e casualmente dizia que ela escreveu um romance que mudou minha vida.

Ela me fez lembrar por que eu adorava ler.

Já tinha ouvido falar de livros que faziam isso, mas sempre achei que era metafórico, um sentimento agradável.

Nunca pensei que isso realmente tivesse acontecido.

E por causa disso, fui para a pós-graduação para estudar biblioteconomia e ciência da informação, e consegui um emprego adjunto na minha alma mater, e foi assim que acabei como professor de inglês, onde muitos de meus amigos mútuos questionaram meu gosto. Por outro lado, eles sempre mentiram quando diziam que seu livro favorito era Lolita ou Clube da Luta. (Havia um cara que disse que seu favorito era O Hobbit, e eu acreditei nele, pelo menos.)

Então, quando Pru veio ao meu escritório sem janelas, num dia de outono, quatro anos depois de eu ter lido Daffodil Daydreams pela primeira vez, trazendo consigo um café com leite de abóbora com especiarias e um biscoito quente que ela havia acabado de fazer em casa, e me contou sobre um clube de livros de romance, eu estava intrigado.

“E como você encontrou essas pessoas?” Eu perguntei, dando uma mordida no snickerdoodle. Pru sempre fazia os melhores biscoitos. Quente e pegajoso, derrete na boca. Se eu não tivesse um surto toda vez que comia açúcar, ficaria com a boca cheia de cáries por causa dela.

Ela se sentou na cadeira surrada do outro lado da minha mesa cheia de papéis. "A Internet."

“Absolutamente não,” eu disse instantaneamente.

Pru se inclinou para frente. “Vamos, Elsy, me escute por um segundo? Eu trouxe café para você”, ela acrescentou, e tomei outro gole do meu café com leite. Achei que devia ouvi-la, mesmo que a resposta fosse um enfático não, de qualquer maneira.

Suspirei. "Multar. Então você os conheceu na internet, mas como você conhece essas pessoas?"

Ela tentou esconder um sorriso, pensando que talvez ela fosse me conquistar, afinal. “Comecei a conversar com JakesNob42 sobre a editora adiar o Return to Sender algumas semanas, e simplesmente começamos... a conversar. Sobre um clube do livro. Eles conhecem algumas pessoas. Eu conheço você ..."

“Então você planejou um clube do livro online com alguém que escolheu voluntariamente seu nome de usuário como JakesNob42...”

"Oh meu Deus." Ela revirou os olhos. "Outro dia você estava reclamando de não poder falar com ninguém sobre os livros que leu, e agora venho até você com uma ótima ideia e você não consegue superar um nome de usuário. O que, devo acrescentar" – ela ergueu um dedo – "é um pouco irônico, se bem me lembro do seu nome de usuário do ensino médio."

Bebi meu café com leite em voz alta. "Eu não sei o que você quer dizer. Sparkle-LlamaCullen era um ótimo nome de usuário."

"Foi... o que dizem os jovens? Desgosto?"

"Os jovens não dizem mais 'se encolher'", respondi.

Suspirei dramaticamente e balancei a cabeça. "Abençoe seus pequenos corações..."

Ela resistiu à vontade de revirar os olhos novamente e pegou o telefone. "Só estou dizendo que estou entrando para esse clube do livro super obscuro, e você também deveria."

"Será que realmente vai ser super obscuro?"

Ao que ela respondeu: "Estamos começando com Rachel Flowers. Então, carícias no nível de Emily Henry, mas acho que faremos uma boa transição para o ômegaverso e os esporos sexuais."

Eu abri minha boca. Fechei novamente. Pensei muito e muito profundamente. Seria bom sentar e conversar sobre romances com pessoas que gostavam de folhear a seção de romances das livrarias. Ou, pelo menos, seria mais divertido do que conversar com Elmer Williams, pela terceira vez, sobre a mais nova tradução de Beowulf. Não que houvesse algo de errado com as discussões acadêmicas — eu era professor de inglês; Adorei ser poético sobre as nuances do relacionamento de Apolo e Dionísio nas Metamorfoses de Ovídio, ou na Byronificação de O Vampiro. Mas sentar-se principalmente com estranhos e apenas conversar sobre um encontro adorável e fofo? Um grande gesto romântico?

Oh, fique quieto, meu coração batendo e sangrento.

"Eu gosto de Rachel Flowers", finalmente admiti, e Pru balançou as sobrancelhas. Porque ela me teve. Ela sabia que me tinha.

"Não, você ama Rachel Flowers. E, por sorte, todos os outros membros do clube do livro também. Foi como eu os encontrei. Estamos começando com o primeiro livro e lendo os próximos dois em outubro e novembro, então quando o quarto livro for lançado em fevereiro..."

“Estaremos prontos”, terminei.

"Nós?"

Tomei outro gole do meu café com leite. "Tudo bem. Você me pegou.

Ela piscou. "Anzol, linha e chumbada. Eu sabia que você mudaria de ideia. Então ela se levantou e roubou uma bala de hortelã da tigela em minha mesa, reservada exclusivamente para os calouros da faculdade que, de alguma forma, não entendiam que higiene significava escovar os dentes antes da aula das 8h. “Vamos nos reunir por videochamada na quinta-feira. Logo após a aula de Inglês 101. Venha e podemos atender a ligação juntos?”

"Bem bem." Verifiquei meu relógio. Estava quase na hora das Comédias de Shakespeare, uma aula que eu não dava, mas o professor havia tirado licença após contrair mono (junto com, misteriosamente, outro professor da escola de enfermagem), então coube a mim ensinar sobre domesticando musaranhos. “Espero que não seja muito estranho.”

"Absurdo. Já passamos do ponto de ser estranho. Então ela colocou a hortelã na boca e saiu tão rapidamente quanto veio.



PRUDENCE NUNCA FEZ NADA PELA MEIO, ENQUANTO EU FIZ BEM se me lembrei de me dedicar às coisas, que foi exatamente o que aconteceu naquela quinta-feira da reunião inaugural do Super Smutty Book Club. Ela fez tudo, com um prato de queijo e uma bandeja de vegetais para pelo menos dez pessoas, e nossa garrafa favorita de Riesling.

“Já era hora de você chegar aqui”, ela disse enquanto eu entrava pela porta da frente de seu apartamento. Ela vestiu sua camiseta EU ME MOLHEI NAS QUEDAS QUIXÓTICAS, e eu tirei a minha da bolsa e me troquei rapidamente no banheiro do corredor. “Estamos prestes a começar!”

“Desculpe, desculpe”, gritei, tirando minha blusa manchada de salada Caesar e puxando minha camiseta. “Tive uma discussão bastante acalorada com um dos alunos sobre Romeu e Julieta.”

Ouvi Pru parar do outro lado da porta. “Achei que você estava substituindo as comédias de Shakespeare?”

“Ah, eu estou. O aluno argumentou que Romeu e Julieta é uma sátira, como a maioria das comédias de Willy Shake.” Prendi meu cabelo em um rabo de cavalo, verifiquei meu delineador e abri a porta para encontrá-la esperando do lado de fora. “Então eu deveria ensinar isso com as comédias.”

“Mas as duas crianças morrem”, respondeu Prudence com naturalidade.

“Sim, mas - e esta é a parte realmente interessante - a aluna colocou isso porque Rosaline negou os avanços de Romeu no início - que é o que qualquer garota normal faria, certo? - a história é na verdade uma sátira sobre o problema real em século XVI, de casar com meninas muito jovens. Afinal, Julieta tem treze anos na peça. Romeu tem dezesseis anos. E, para respaldar a afirmação do estudante, eles apontaram que os Montéquios e os Capuletos tiveram origem na Divina Comédia por...

“Dante, não é?”

“Exatamente. Foi muito, muito fascinante.”

Prudence balançou a cabeça. “Nerd”, ela disse amorosamente.

Eu sorri para ela. “É preciso conhecer outro. Então, onde encontraremos esses estranhos que descobrirão nossos segredos mais profundos e obscuros?”

Ela riu. “Vamos, não é tão ruim assim. Não é como se estivéssemos dando a eles nossos nomes de usuário de fanfic.”

Na sala, ela já estava com o laptop montado na mesinha de centro, com a já citada tábua de queijos e bandeja de legumes. Sentamo-nos e esperamos que alguém chamado Janelle (também conhecido como JakesNob42) nos enviasse por e-mail o link para a videochamada. Chegou três minutos atrasado e, quando finalmente pudemos entrar na sala, eu sabia que havíamos encontrado nosso pessoal. Havia outras cinco pessoas na ligação. A mais nova – Aditi, usando um gorro que dizia SPACE QUEEN puxado bem sobre seus cabelos escuros – estava filmando do seu dormitório debaixo das cobertas, enquanto Janelle, uma mulher esbelta na casa dos trinta, bebia algo de uma caneca de Twihard, já de pijama. com um envoltório sobre as tranças da caixa. Havia Matt, um homem branco, corpulento, de meia-idade, com cabelo loiro desgrenhado e óculos de armação preta, e Olivia, que parecia ter a minha idade e a de Pru, com cabelo tingido de rosa e um gato branco mexendo no teclado. Depois houve

um dos homens mais bonitos que eu já vi. Cabelo escuro, rosto longo e pálido com nariz majestoso, onde óculos finos ficavam na ponta, pintas pontilhando seu rosto como uma constelação. Ele estava lendo algo fora da tela até que entramos e então saiu rapidamente. Este era Benji.

Pru acenou para todos com um “Boa noite, pessoal! Eu sou Pru e esta é Elsy.”

Dei um breve aceno. "Olá."

A mulher de cabelo rosa jogou o gato para fora do teclado pela terceira vez. "Finalmente! Pru nos contou muito sobre você!"

Eu dei ao meu melhor amigo um olhar cauteloso. "Ela tem?"

"Nada mal!" Pru acrescentou rapidamente. "Eu prometo."

“Mas você precisa responder a uma pergunta”, disse Matt. “Para resolver uma discussão que estamos tendo.”

Aditi revirou os olhos sob as cobertas. “Não é uma discussão. Há uma resposta clara.”

Eu balancei a cabeça. OK.

Janelle comeu um chip fuego Taaki e perguntou: “Interesse amoroso favorito em Quixotic Falls, vá. Equipe Will ou Equipe Jake?”

Benji murmurou, tendo voltado a ler algo fora da tela: "Não há amor por Thomas, pelo que vejo."

“Ou Maya!” – acrescentou Olívia.

Ao que Benji respondeu: “Maya não é um interesse amoroso”.

“Ainda”, Olivia corrigiu. "Eu posso sonhar. Ah, ou Ruby. Ela deu um suspiro agradável. “Ela tem uma energia de bi esposa.”

E foi um dos melhores personagens, na minha opinião. Os livros foram divididos em casais e todos eram companheiros um do outro. O primeiro foi Junie e Will, o segundo Ruby e Jake, o terceiro Gemma e Thomas. A quarta era Bea, mas seu interesse amoroso era um mistério. Afinal, o livro demoraria alguns meses para ser lançado.

Eu dei uma risada. Acho que deveria estar nervoso, mas realmente não havia uma resposta errada. Houve apenas respostas divertidas. “Will, obviamente.”

Pru deu um suspiro. "Sério, não é Jake?"

Olívia suspirou. “E ainda assim, não há amor por Maya...”

Matt disse: “E quanto a Frank? Ele foi o verdadeiro MVP do terceiro livro...”

Duas horas depois, depois que todos nos despedimos, minhas bochechas doíam de tanto sorrir. Não conversamos nada sobre o primeiro livro, porque já os tínhamos lido, e as conversas encheram tanto meu coração que pensei que fosse explodir.

Pru comeu o último pedaço de queijo cheddar da tábua de queijos e perguntou: “E daí? O que você acha?”

Tentei parar de sorrir, mas não consegui. Por muito tempo, éramos apenas Pru e eu conversando sobre livros que lemos juntos, então não pensei como seria diferente fazer parte de um grupo que era tão assumidamente entusiasmado. Eu não sabia disso na época, mas saciaria uma parte da minha alma que estava sedenta de conexão – de comunidade – por tanto tempo que esqueci de regá-la. Eu tinha esquecido que nele a alegria poderia florescer.

“Eu acho”, eu disse, sentindo como se ainda estivesse sonhando, “que estou apaixonado”.



O SUPER SMUTTY BOOK CLUB SÓ SE REUNIU PESSOALMENTE dois anos depois, durante o Ano que Eu Queria Esquecer. Pru teve que me arrastar para fora do meu apartamento porque eu não queria — eu só iria estragar o clima. Eu ainda estava juntando os pedaços do meu coração partido. Eu não estava em condições de ser uma pessoa. Mas ela me arrastou de qualquer maneira. O clube do livro escolheu uma cabana no meio do condado de Dutchess, em Nova York, um passeio agradável e arejado de Rhinebeck e da sede do Vale do Hudson, e todos nós nos encontramos lá. Aditi veio de alguma parte remota do Canadá e Olivia veio de Seattle. Matt veio do Texas e Janelle veio do Maine. Benji fez a viagem mais curta, já que morava em Nova York, então era responsável por todos os grandes alimentos. Pru decidiu fazer uma viagem, arrumou nossas malas e duas caixas de vinho em meu Pinto e fomos de carro.

Eu me contorci no banco do motorista enquanto o Google Maps nos aproximava cada vez mais do nosso destino. O que eram trinta minutos se

transformou em quinze, e Olivia estava ligando para nossos telefones perguntando sobre nosso HEC. O Google Maps nos levou até uma das colinas sinuosas de Catskills até uma cabana pequena e isolada. Havia alguns outros carros estacionados no terreno de terra em frente, e parei ao lado deles e desliguei o motor.

Éramos os últimos em casa. Era uma cabana isolada com seis camas e dois sofás-cama, uma jacuzzi onde Benji mais tarde acabou desmaiando depois de muitos copos de Riesling e cadeiras de balanço na varanda dos fundos, onde Janelle tirava uma soneca todas as tardes. . Decidimos ler todos juntos uma série enquanto ficávamos em casa por uma semana, nada além de romances de bolso, caixa de vinho e boas conversas.

Ou pelo menos era isso que eu esperava que acontecesse.

"E se der errado?" — perguntei, olhando pelo para-brisa para a cabine em forma de A. "Ficaremos presos aqui por uma semana com eles. E se eles se cansarem de mim, e se eu começar a chorar, e se..."

Pru agarrou minha mão e apertou com força. "Ei, ei, olhe para mim."

Eu fiz.

"Estes são nossos amigos. Eles não são Liam. OK?"

Liam. Foi a primeira vez que pronunciamos o nome dele em voz alta em... meses. O nome fez meu estômago revirar, mas apertei sua mão de volta e reuni coragem. Isso não era típico de mim. Eu tive que superar isso. "Tudo bem", eu disse.

Pru disse: "Repita comigo: vamos nos divertir muito".

"Mas-"

"Repita", disse ela.

Engoli a pedra na minha garganta. "Bons tempos. Nós vamos nos divertir muito.

Pru sorriu. "Há um vislumbre da Elsy que conheço. Agora vamos! Ela largou minha mão e saiu do lado do passageiro. Respirei fundo, soltei o cinto de segurança e segui.

A floresta estava silenciosa, o som dos pássaros era alegre e gorjeio nas tardes de verão.

Respire, eu disse a mim mesmo. Ficaré tudo bem-

A porta da frente se abriu e um homem parecido com um urso saiu. Cabelo loiro, óculos de armação preta. Demorou um pouco para reconhecê-lo, porque ele parecia muito menor no vídeo. Matt sorriu e abriu os braços.

“Que comece a devassidão!” ele explodiu.

Meu estômago caiu. Oh não. Isso seria horrível. Isso seria ruim. Isso ia ser—

“E por 'devassidão'”, acrescentou Olivia, que tingiu o cabelo de verde-azulado para combinar com a capa do mais novo romance de Quixotic Falls, “queremos dizer: calce seus chinelos de coelho e traga aquele vinho, porque se a polícia não encontrar nós em uma semana meio mortos sob uma montanha de Romancelândia, então fizemos errado.”

Incrível. Isso seria incrível.

Não consegui descarregar o Sweetpea rápido o suficiente. Enquanto Pru e eu retirávamos nossas coisas do hatchback, ela piscou para mim como se dissesse: Viu? Confie em mim.

Porque para Prudence as coisas sempre deram certo. Ela era a personagem principal, e eu estava feliz por estar junto nesse passeio. Era seguro assim. Fácil. Seu coração nunca a levou a mal – nem uma vez.

Eu gostaria de poder dizer o mesmo sobre o meu.



Querido querido

ESTÁ COM FOME?" — perguntou ANDERS, sacudindo a chuva do guarda-chuva. A luz do sol atravessava as nuvens e lentamente se espalhava em manchas douradas pela cidade.

Olhei para ele, apertando os olhos. Ele estava bem no sol, então não consegui ler sua expressão. "Eu estou morto?"

Ele bufou. "Não. Você não está."

"Oh", eu disse, olhando novamente para a rua principal, "então estou ficando sem ideias sobre como isso é real. Porque não é... eu sei que não é.

"Não, não é."

"Então estou morto."

"Não", ele repetiu. "Você está aqui."

"Em uma cidade que não existe", respondi.

Ele girou o guarda-chuva na mão. "Coisas mais estranhas aconteceram, Elsy. Agora vamos", disse ele, estendendo a mão para me ajudar a levantar do banco.

Eu peguei sem realmente pensar. Seu aperto era forte, seus dedos macios e gentis, enquanto ele me levantava. Se eu estivesse morto ou sonhando, ele certamente parecia real. Sua pele era quente e ele era sólido, e eu me agarrei à sua presença como uma âncora. Pru o julgava pelas calças

muito curtas, pela maneira como a bainha mal chegava aos tornozelos, e bagunçava seu cabelo perfeito e perguntava se ele estava tentando ser um herói romântico com aquele corte. Parecia encaracolado o suficiente para que meus dedos ficassem presos se eu os passasse por ele - e esse pensamento por si só me assustou.

O que eu estava pensando? Eu não conhecia esse cara. Ele era um personagem de uma série de livros. Ele não era real.

“O café começa a servir almoço ao meio-dia”, continuou ele, consultando o relógio, “e veja só, já são quinze”.

“Por café, você quer dizer...”

“O único na cidade”, ele confirmou e eu o segui pela rua, de volta à via principal.

Já era e meia quando chegamos ao café. Na caminhada, tive vislumbres de pessoas que senti como se tivesse conhecido em um sonho. Foi o tipo mais estranho de déjà vu, e cada vez que acontecia, causava um arrepio mais forte na minha espinha.

Ele estendeu a mão para a maçaneta da porta, fez uma pausa e se virou para mim. “Não aja de forma estranha. Finja que você é um estranho. Você não sabe de nada. Você não conhece ninguém.

Eu semicerrei os olhos. “Quem é você?”

Ele revirou os olhos exausto e abriu a porta. O café era charmoso, exatamente como eu imaginava, as cabines eram de vinil preto gasto, os azulejos xadrez. O logotipo do restaurante, Grumpy Possum Café, estava na vitrine, um gambá de desenho animado segurando uma panqueca e um waffle, parecendo pronto para arrancar a cabeça de uma pessoa com uma mordida. Entrei em uma das cabines e ele pegou o outro lado e me entregou um cardápio. Pisquei, pensando que meus olhos estavam me pregando peças, e então apertei um pouco mais. A maior parte do menu era normal, mas havia alguns itens que estavam apenas... parcialmente impressos. Esfreguei os olhos e olhei novamente. As palavras não mudaram.

“Eles não foram imaginados”, disse ele simplesmente, folheando o cardápio e folheando o verso. “As panquecas são boas. Os waffles também. E o sanduíche.

Mal prestei atenção nele enquanto olhava para as outras pessoas no café, me perguntando se também me lembrava delas dos livros. Pru iria — ela certamente poderia — citar todos eles. Meu cérebro estava finalmente

começando a se livrar do choque. A curiosidade, vertiginosa e insaciável, cresceu dentro de mim, tornando-se cada vez maior como uma bola de neve rolando colina abaixo.

Eloraton.

Esta era Eloraton.

Larguei meu cardápio, inclinei-me sobre a mesa na direção de Anders e sussurrei: “Como isso é possível? A cidade? As pessoas? Rachel Flowers baseou tudo em uma cidade real? Não, isso não pode estar certo. Mesmo no Google a cidade não aparece e há uma placa na beira da estrada...”

“Ela baseou Eloraton em todos os romances pelos quais se apaixonou quando era adolescente”, disse ele, estabelecendo o cardápio. “Não posso responder como isso é real ou como você o descobriu, mas você descobriu. E eu não disse para você não agir de forma estranha?”

Eu dei um sobressalto. “De que outra forma você espera que eu aja?”

"Normal."

“Estou sendo muito normal, obrigado - oh meu Deus, posso pegar a Honey Surprise”, eu disse com entusiasmo. "O especial. Eu posso conseguir o especial!”

Ele suspirou e parecia que sua alma havia deixado seu corpo. "Sim. Você pode. Então você voltará para o seu carro e irá embora.

Ah, eu percebi. Ele não sabe que meu carro está morto.

Pensei em corrigi-lo, mas isso poderia atrapalhar esse lindo almoço, e eu realmente queria aquela Honey Surprise. “Sim, claro,” eu disse levemente, inspecionando o cardápio, esperando que ele não percebesse minha mentira. “Eu irei... eventualmente.”

Ele estreitou ainda mais os olhos. “Você não tem pessoas que vão começar a sentir sua falta em breve?”

“Quero dizer, não imediatamente...” Comecei a raciocinar quando uma garçonete animada correu até nós, com um bloco de notas e uma caneta na mão. Anders já sabia o que queria: chá preto puro.

“Você é tão chato, Andie”, ela suspirou.

“Gosto do jeito que gosto”, ele respondeu simplesmente.

“E é por isso que amamos você. E vindo com uma garota? ela acrescentou, pressionando a mão sobre o coração com um suspiro fingido. “Andie com um amigo, nunca pensei que veria esse dia! Qual é o seu nome, amigo? Está de olho no que você gostaria?”

Ambos olharam para mim com expectativa. Eu ainda estava olhando para a garçonete, boquiaberta.

Anders pigarreou.

Isso foi... a garçonete estava...

Anders pressionou o salto do sapato no meu dedão e eu gritei. “Ai! Ah, quero dizer... uh... Voltei minha atenção para o cardápio. “Hum...”

Minha mente ficou completamente em branco. O que eu queria?

“Esta é Elsy”, apresentou Anders. “Ela ficou no loft ontem à noite. Ela se perdeu um pouco na chuva.

A garçonete estalou os dedos. "Oh! Gail disse algo sobre isso esta manhã. Bem, bem-vindo à nossa pequena cidade. Não é muito, mas é o lar.” Ela tinha um sotaque forte do Tennessee, exatamente como eu imaginava. Seu cabelo era longo, brilhante e loiro, seus olhos castanhos, sua pele branca tingida com uma forte queimadura de sol de verão. Ela tinha um rosto gentil em formato de coração e uma tatuagem no pulso em forma de bússola, para lembrá-la de que ela era a capitã de sua própria vida e para navegar bem nela. O crachá em seu avental dizia BECKA, mas o nome dela era...

"Rubi!" alguém gritou lá de trás. Frenético. Seguido por um monte de coisinhas caindo no chão. “A máquina de fazer gelo!”

Ruby, para combinar com seu batom vermelho brilhante.

“Oh merda,” ela amaldiçoou, anotando meu pedido de bebida antes de enfiar o bloco e a caneta no avental. Ela disse se desculpando: “Já volto!”

Então ela se foi, e de repente eu estava de volta ao último semestre da pós-graduação, comendo estresse durante toda a primavera, enquanto Pru estava deitada no chão e lia Canção de amor não correspondido. Ela havia decidido pular toda a pós-graduação e ir trabalhar na gráfica dos pais, então geralmente vinha às minhas sessões de estudo em busca de apoio moral. A chuva batia contra a janela e nos chamou para um sofá aconchegante para terminar o livro – mas alguns de nós tinham teoria crítica para passar.

“Oh meu Deus, eu já a amo”, Pru continuou dizendo, virando as páginas o mais rápido que conseguia ler.

Olhei para ela da merda da mesa da cozinha do nosso apartamento de merda. Ficava a apenas alguns quarteirões do campus, então era fácil caminhar até a aula, mas o banheiro funcionava quase todas as noites, e Pru

podia jurar que havia algo morando nas paredes. “Você pode parar de me torturar com esse livro?”

“Você é quem estuda quando chove”, ela respondeu, depois lambeu os dedos e virou a página. “Você conhece as regras.”

“Vou ser reprovado nesta aula”, murmurei, voltando às minhas anotações. “Quando diabos falamos sobre Heart of Darkness?”

“Venha se juntar a mim,” ela implorou, dando tapinhas no tapete ao lado dela. “Eileeeen.”

Eu cuidadosamente a ignorei. “Roland Barthes... ‘Morte do Autor’. Talvez a minha morte também.”

“Que pena”, disse Pru, “estou lendo sobre uma pequena morte bem aqui.”

"Você é o pior."

"Você me ama."

Destaquei uma passagem em minhas notas sobre a teoria dos gêneros.

E do chão, ela começou a cantarolar a única música que eu odiava mais do que qualquer outra coisa na vida — e isso incluía meu ódio visceral pelo cheiro de borracha que vem com o Halloween e pelos homens que colhem poeira nos encontros.

Ela começou a cantarolar “Come On Eileen” e balançou os ombros. Quanto mais eu resistia, mais alto ela falava, até cantar as palavras a plenos pulmões e imitar uma corda para me amarrar até ela, e o que mais eu poderia fazer senão cair da cadeira e me juntar a ela no chão? andar e ler sobre Ruby Rivers e suas canções de amor de segunda chance?

Passei no exame, mas principalmente me lembrei da sensação no final do livro de Ruby, quando ela trocou seu sonho de holofotes, brilho e turnês de música mundial por um pequeno café no meio do nada, e odiei que ela tivesse que escolher .



Como um rio corre

RUBY RIVERS VOLTOU alguns minutos depois.

“Já descobriu o que você gostaria, amigo?” Ruby perguntou, entregando nossas bebidas e tirando seu bloco de rascunho.

Eu sabia falar – realmente sabia – mas a única coisa que saiu da minha boca foi... nada. Minha mente estava em branco. Este era Ruby – o Ruby. A mulher que deu um soco na cara do ex-namorado, que ficou com Jake na chuva, que cantou canções de ninar suaves para o gambá do café quando chegou a sua vez de fechar a noite. Eu a conhecia. Eu a conhecia tão intimamente que era como se fôssemos amigos há anos.

Anders pigarreou. “Ela gostaria que o clube s-”

Eu me recompus. “A surpresa do mel.”

“Ótima escolha,” Ruby respondeu com uma piscadela. Meu coração parecia que poderia explodir. “Bacon à parte? Grãos?”

“Não, obrigado, apenas mal-humorado”, eu disse, grato por minha boca parecer estar funcionando novamente. Mal-humorado era a palavra-código para uma pitada de uma mistura especial de açúcar de confeitiro e canela – eu não poderia deixar de pedir que ficasse mal-humorado.

O rosto de Ruby se iluminou. “Alguém veio preparado! Anders lhe contou sobre nós?”

“Acabei de ler sobre este lugar mil vezes.”

“No Buzz local”, Anders acrescentou rapidamente, lançando-me um olhar de advertência.

“Isso é fantástico”, disse ela, rabiscando meu pedido. “Terei que dizer a Jake que temos um fã.”

"O maior. Você vende camisetas? Com o logotipo? Ou, hum, chapéus, ou, ooh! Um avental?" Continuei, porque agora que minha boca funcionava, ela não conseguia parar. "Enfeites de Natal? Canetas especiais?"

Se olhares pudessem matar, Anders já teria me assassinado dez vezes.

Ruby riu e prendeu o lápis no rabo de cavalo. “Quer saber, deveríamos, mas não o fazemos, infelizmente. Vou te dizer uma coisa...” E ela tirou o crachá do avental, apagou o nome BECKA e me entregou. Tinha o nome e o logotipo na parte superior. "Ai está. Uma lembrança."

“Você é muito legal,” Anders brincou enquanto eu o prendi na minha camisa com entusiasmo.

“Melhor do que chato”, Ruby respondeu.

Ele entregou a ela nossos cardápios. “Eu prefiro a rotina.”

"Então, um sanduíche, espere as verduras?" ela adivinhou.

"Como sempre."

Ela revirou os olhos, anotando o pedido dele, enquanto alguém a chamava. Ela parecia esticada em quatro direções diferentes ao mesmo tempo. Um cliente querendo-a em um lugar, outro querendo-a no balcão, sua cozinheira querendo-a na janela – parecia um pouco esmagador.

Quando ela se foi, Anders sibilou. "Eu disse para agir normalmente."

Eu zombei. “Ainda não estou citando os livros, estou? Isto é normal.” Mas não consegui esconder minha empolgação, olhando para o crachá. Minhas entranhas pareciam vermes se contorcendo e vertiginosos. Ruby me deu seu crachá. Ela realmente me deu seu crachá! “Totalmente, totalmente normal – está torto?”

Ele olhou carrancudo.

Inclinei o crachá para a esquerda. "Pronto, bom o suficiente."

Ele tomou um gole de chá preto. Que aborrecido.

Quando fiquei satisfeito com a etiqueta, percebi que não tinha parado de sorrir. “Não acredito que foi Ruby! Jake também está aqui? Olhei ao redor em busca do dono do café, mas as únicas pessoas trabalhando eram Ruby, e a cozinheira e a lavadora de pratos nos fundos.

Anders disse: “Jake provavelmente ainda está dormindo. Ou fazendo as contas lá atrás. Ele trabalha no turno da noite.

"E ela tem a manhã?"

Ele assentiu. "Diariamente."

Minha excitação diminuiu um pouco. “Deve ser difícil para eles se verem.”

Ele encolheu os ombros com um ombro só. “Eu não pergunto.”

“Ela parece sobrecarregada de trabalho, e ele provavelmente também”, continuei, lembrando-me do final do livro. *Unrequited Love Song* causou divisão entre os leitores. Alguns disseram que era um feliz por enquanto, como a história de Bea no quarto livro, mas outros disseram que Ruby encontrou seu final feliz. Que isso — o café forte, o café da manhã o dia todo, o piso de cerâmica xadrez — era a sua felicidade. Não acreditei nisso nem por um segundo, mas também não achei que isso fosse o seu feliz por enquanto. “Eu me pergunto se Rachel quis dizer isso. Eu me pergunto se Ruby está feliz.”

Se ele me ouviu, decidiu não responder. Pelo menos, não a princípio. Não até que ele dissesse baixinho: “A pior coisa que pode acontecer aqui é um hambúrguer queimado e uma tarde chuvosa. Como ela pode não estar?”

Verdadeiro. Algumas pessoas até chamariam este lugar de perfeito.

Eu estava pensando demais nas coisas. Tentando encontrar alguma falha neste país das maravilhas – e eu precisava parar. Me curtir. Relaxar.

Minha atenção vagou pela janela, para todas as pessoas e lojas. Descendo a rua, pensei ter visto um brilho de cabelo rosa e meu coração pulou na garganta. Havia apenas uma pessoa com cabelo rosa em Eloraton. Cheguei mais perto da janela para ver. Ao fazer isso, meu relógio ficou preso na alça do pote de calda e joguei-o no colo. “Merda”, xinguei, endireitando rapidamente a calda e peguei um punhado de guardanapos. Ainda bem que a calda demorou, porque só me pegou um pouquinho. Saí da cabine, murmurando sobre ir me limpar no banheiro. Anders apontou na direção certa, mas eu já estava a caminho.

O banheiro ficava do outro lado do café. A porta estava rangendo e a única cabine funcional não tinha uma fechadura muito boa. Na parte de trás da porta havia nomes gravados, mensagens secretas, rostos sorridentes e assinaturas, todas reais, gravadas sob meus dedos.

O sabonete cheirava a limão e a água da pia estava fria, e eu não conseguia afastar a sensação de que Ruby era muito boa em fingir um sorriso. Porque eu também estava.

Ainda me lembrava de estar deitado no chão da sala, com o carpete áspero e as estantes de livros incrivelmente altas, depois de terminar a história de Ruby. Ficamos olhando para o teto salpicado por um longo tempo, ouvindo a criança no apartamento de cima correr de um lado para o outro, parecendo um elefante em miniatura.

“Bem”, eu disse depois de um tempo, enquanto Pru se levantava para preparar um chá para nós na cozinha. “Acho que foi um final feliz.”

“Claro que foi”, respondeu Pru, voltando para a sala com duas xícaras de chá, e me ofereceu uma quando me sentei. “Ruby pegou o cara dela. E aquele beijo na chuva? Delicioso. Deus, pensei que ela iria despi-lo na cena da cachoeira e fazê-lo lá.

Eu enruguei meu nariz. “Debaixo da cachoeira? Isso não pode ser confortável.”

“Viva um pouco, Elsy”, ela repreendeu, enrolando-se no sofá. “O que você não gostou nisso?”

Bebi meu chá. O mel tinha gosto de lavanda. “E os próprios sonhos dela?”

“Ela encontrou novos. Quero dizer, não é muito realista sair e se tornar uma estrela pop.”

“Acho que é isso que me incomoda”, respondi, juntando-me a ela no sofá. “Porque um romance não deveria ser realista. Se fosse, todas as histórias terminariam com todos morrendo sozinhos em um asilo de idosos.”

“Uau, Elsy. Diga-me como você realmente se sente.

Dei um suspiro frustrado. “Tudo o que estou dizendo é por que ela não poderia ter os dois? Os sonhos dela e Jake?”

Pru inclinou a cabeça pensativa. “E os sonhos de Jake?”

“Exatamente, por que ele não conseguiu se contentar?”

Ela revirou os olhos. “Elsy, eu te amo, mas acho que você pensa demais sobre tudo isso. Foi uma brincadeira divertida! Eles ficam em Eloraton com seus amigos e se divertem! Não é tão profundo.”

Talvez não, mas eu tinha certeza de que se algum dia me fosse apresentado esse tipo de escolha – entre minha carreira e o amor verdadeiro,

eu sabia o que escolheria.

Pru também.

E estávamos em lados opostos.

Então reprimi meus sentimentos e disse: “Você está certo. Quero dizer, aquele beijo na chuva? Para morrer.”

“Certo?” Pru suspirou. “Eu quero ser beijada na chuva.”

Inclinei-me para mais perto dela e balancei as sobrancelhas. “Por Jasper?”

Ela parecia escandalizada com o pensamento. “Eileen!”

Eu fingi inocência. “O que? Achei que ele era gostoso...”

“Ele é, mas ele é... ele é nosso vizinho.”

“Uma história tão antiga quanto o tempo”, apontei, e ela ficou com as orelhas rosadas.

“Você é o pior.”

“Obrigado.” Bati meu ombro contra o dela. Ela acabou namorando Jasper. Eles se apaixonaram. E agora eles estavam se aventurando pela Islândia e eu estava... aqui. Crescemos ouvindo os mesmos romances, lemos as mesmas histórias, então como depois de tudo isso ela acertou e eu entendi tudo tão, muito errado?

No banheiro, me joguei água fria e sequei o rosto. Pare com isso, pensei. Jogando a toalha de papel na lata de lixo, abri a porta do banheiro para voltar para a mesa.

“... Docinho, não posso cobrir seu turno hoje à noite”, ouvi Ruby dizer. Ela estava encostada na ponta do balcão, em um telefone fixo vermelho, girando o fio no dedo. “Não posso, prometi a Junie que a ajudaria com o papel de parede.” Depois uma pausa, um suspiro frustrado. Voltei para o banheiro, fingindo que não estava escutando. O resto de suas palavras foram murmuradas e então... “Sim. Tudo bem, vou falar com ela. Também te amo, tchau.

Ela devia estar conversando com Jake. Estava tudo bem, certo? O pior que poderia acontecer aqui era um hambúrguer queimado e uma tarde chuvosa – foi o que Anders disse.

Eu estava lendo muito sobre isso.

Contei até três e saí do banheiro.

Ruby estava parada do outro lado do balcão, orientando o pobre lavador de pratos a varrer o gelo da máquina de fazer gelo. Então ela me

notou e sorriu. “Oh, amigo de Andie! Você está gostando da cidade?”

“É... muito quixotesco”, eu disse, um pouco irônico.

“Está definitivamente quieto. Nada acontece aqui. É lento pra caralho”, acrescentou ela com uma risada forçada.

“Você acha que algum dia irá embora?”

Rubi encolheu os ombros. “Eu costumava, mas se fizesse isso não conheceria todos os amigos divertidos de Andie, não é? Você é o primeiro, mas tenho certeza que ele tem mais.”

“Ah, não, eu não estou...”

A cozinheira da cozinha chamou o nome dela e enfiou três pratos pela janela. “Peça, Rubes!”

“Ah, desculpe, com licença.” Depois, com um sorriso de desculpas, pegou nos pratos e virou-se para o outro lado do café. “Foi bom conhecê-lo!”

“Você também”, respondi, e quando ela saiu, lutei para manter a boca fechada. Lembrei-me da minha conversa com Pru, sobre Ruby fazer um acordo em vez de Jake, e sabia que ela achava que estava certa. Afinal, ela tinha um namorado amoroso, um relacionamento perfeito e provavelmente o que estava prestes a ser uma proposta fantástica, e eu só queria... eu queria estar certo sobre uma coisa. Que talvez Pru estivesse errada. Então eu disse: “Ruby, você pode ir atrás dos seus sonhos, você sabe”.

Ela lançou um olhar curioso por cima do ombro. “O que?”

“Isso não pode ser o que você quer, não é?”

Ela se virou para mim e os ovos na bandeja balançaram com o movimento. “Desculpe?”

Olhei nervosamente para o café. Anders estava tomando chá e olhando pela janela com um olhar distante. Como se ele estivesse a cem milhas de distância. Isso me encorajou a prosseguir. “Você simplesmente... você não precisa se contentar.”

A mulher piscou. Ela não tinha certeza do que dizer e eu esperava não ter ultrapassado meus limites, mas ela precisava saber. Ela só precisava de um empurrãozinho, um empurrãozinho. Isso foi tudo o que foi preciso, certo? Ela era uma personagem fictícia. Quão difícil poderia ser? Acho que consegui alcançá-la, porque sua respiração engatou. Seus olhos se arregalaram.

E então, para minha total consternação, as coisas pioraram.

Muito, muito rapidamente.

“Você não me conhece”, ela disse, suas palavras tão afiadas que me fizeram estremecer. “E mesmo se você fizesse? Foda-se.

Então ela saiu para a mesa destinada aos ovos e panquecas confusos, e senti um rubor subir pelo meu pescoço quando o desgrehado lavador de pratos olhou para mim.

Voltei para Anders e sentei-me nervosamente, olhando para Ruby. Anders, por sua vez, nem me reconheceu a princípio, ainda olhando pela janela. Segui seu olhar até Gail, a bartender, caminhando ao lado de um homem alto e corpulento que eu só podia imaginar ser Frank, da Frank’s Auto Shop (e dono da Frank’s Hotties), embora não conseguisse ver seu rosto. Gail estava rindo de algo que ele havia dito, e então eles viraram na rua e foram embora.

Eu perguntei: “Um centavo pelos seus pensamentos?”

Seus olhos mentolados se concentraram, retornando, e ele empurrou os óculos até a ponta do nariz reflexivamente. “Oh não. Meus pensamentos são um pouco mais caros do que isso.”

“Ah, tive que ajustar a inflação?”

“A escalada sempre deprimente do capitalismo em estágio avançado.” Ele se mexeu na cadeira e finalmente saiu de seus pensamentos. Ele me perguntou timidamente: “Além disso, um centavo? O que você pode comprar com um centavo hoje em dia?”

“Achei que poderia acreditar em seus pensamentos, mas parece que me enganei. Eu deveria aumentar meus preços também, eu acho.” Olhei nervosamente novamente para a cozinha.

Ele percebeu desta vez. “Está tudo bem?”

“O que? Ah, sim, está tudo bem. Muito entusiasmado.

Ele franziu os lábios. “Certo.” Porque agora, é claro, ele estava desconfiado, e a culpa por não ter contado a ele mexeu com minha consciência, então tomei um gole de refrigerante e estava começando a contar a ele - realmente, eu estava - quando Ruby voltou com nossos pedidos.

Ela bateu a comida na nossa frente. My Honey Surprise vazou pela mesa, pegajosa e dourada. Ela perguntou a Anders: “Molho picante?”

“Não, estou g-”

“Porque aqui no Grumpy Possum Café, não vendemos apenas o mel Gemma’s Honey-Honey, mas damos igual atenção ao outro produto infame da nossa cidade – Frank’s Hotties”, ela continuou com uma voz que já tinha feito esse discurso muitas vezes. , e tirou uma pequena garrafa de molho picante do bolso do avental. Reconheci o formato da garrafa da noite passada, embora pelo menos esta ainda tivesse o rótulo. “Frank’s Hotties é de origem local e...”

Anders ergueu a mão. “Eu prometo que estou g-”

“...cultivado aqui mesmo na grande cidade de Eloraton, Nova York. Quando você pensa em molho picante, pense em Frank.” Ela pegou a garrafa de molho picante e apertou-a com força em cima do sanduíche dele, fixando-me com um olhar furioso. Anders observou enquanto a montanha de fogo líquido afogava seu porrete antes de também lançar um olhar penetrante para mim. Quando a garrafa ficou vazia, Ruby bateu a nota na mesa e saiu sem dizer mais nada.

Quando ela saiu, Anders me lançou um olhar cansado.

Tentei fingir inocência, desdobrando meu guardanapo. Havia uma mancha de molho picante em sua camisa. “É tão estranho que ela tenha feito isso.”

"O que você disse a ela?"

Estendi a mão e tirei o molho picante de sua camisa, mas tudo que consegui fazer foi borrar a mancha. “Eu não—”

Ele soltou um suspiro que soou um pouco como um rosnado.

Fechei minha boca. Honestamente, se ele não estivesse olhando para mim como se quisesse me expulsar da Charm Bridge, o som teria sido um pouco sexy. Do jeito que estava, eu tinha acabado de estragar uma de suas camisas e provavelmente sua experiência gastronômica neste café no futuro próximo.

Recolhendo-me para o meu lado da cabine, dei de ombros. "Eu acabei de ..."

"Prossiga."

Finalmente admiti: “Eu ouvi ela e Jake conversando, então dei alguns conselhos a ela, certo? Quer dizer, você também conhece a história dela! Ela não queria isso, trabalhar até os ossos, e Jake também não.

Ele recostou-se na cabine e massageou a ponta do nariz com cansaço. “Olha”, ele suspirou, pegando um guardanapo para limpar o máximo de

molho picante que pôde do sanduíche, “ninguém aqui sabe que está em um livro”.

"Ninguém?"

"Não."

“Economizar para você?”

“Sou uma exceção”, respondeu ele, e me perguntei que tipo de personagem ele seria para ser uma exceção. O narrador, talvez? Não, sua personalidade era seca demais para isso. Ele também não explicou. “Como você se sentiria se algum estranho irritantemente animado...”

“Eu não sou chato.”

Ele continuou, imperturbável: “... veio até você e disse que você não estava vivendo feliz para sempre, certo. Como seria isso?”

Eu fiz uma careta. “Um... um pouco irritado.”

"Exatamente." Depois comeu uma batata frita e outra. “Pelo menos ela não colocou molho picante em tudo.”

As panquecas e torradas francesas foram cobertas com mel Honey-Honey de origem local, feito na hora com açúcar de confeitiro e canela, com um morango perfeitamente cortado em estrela por cima. Peguei meu telefone para tirar uma foto, quando ele pigarreou e eu murchei.

"Uma foto?"

“Não vai aparecer.”

"Seriamente?"

“Experimente e veja.”

Então eu fiz. O aplicativo da câmera foi encerrado imediatamente. Tentei novamente. Mesma coisa. "Huh. E eu acho que seu Wi-Fi está permanentemente desligado? E nunca há serviço de celular?”

“Ah, não, todo mundo tem serviço de celular aqui e o Wi-Fi está perfeitamente bom. Para todos, exceto você, eu suspeito, já que você não pertence aqui.

"Então você mentiu para mim."

Ele encolheu os ombros. "Você teria acreditado em mim de outra forma?"

“Não”, admiti, desenrolei os utensílios do guardanapo e olhei para o café da manhã do almoço. Pru e eu tentamos fazer a Surpresa de Mel uma centena de vezes em casa, até aperfeiçoarmos a arte da torrada francesa e da

panqueca dourada perfeita, mas nada me preparou para a fofura, a doçura amanteigada, a crocância crocante do pão. minha primeira mordida.

Foi tão bom que eu gemi.

Anders engasgou-se com uma batata frita e seguiu-a com o resto do chá. Pelas rugas de desgosto em seu rosto, a combinação tinha um gosto terrível. "Você não pode?" ele sussurrou para mim, tossindo.

"Você já provou isso? É delicioso. Você deveria ter o que eu estou tendo.

"Eu não como coisas doces."

"Você está perdendo. O que eles colocam nessas coisas? É tão bom."

"Manteiga, farinha e amor, ou pelo menos é o que diz a placa", respondeu ele, apontando para o slogan pintado na parede dos fundos do restaurante.

Revirei os olhos. "Obrigado."

"De nada. E depois que terminarmos, vou acompanhá-lo até seu carro e você seguirá seu caminho. Você estará a caminho.

"Oh", eu disse distraidamente, enfiando outro pedaço de panqueca coberta de mel na boca, "com certeza."



Doce como um todo

PARA SER ABSOLUTAMENTE JUSTO, eu estava planejando contar a ele sobre meu carro depois do almoço. Provavelmente. Mas então passamos por Sweeties e eu não pude deixar de parar e comprar um saco de caramelo de mel. De origem local a partir das abelhas de Gemma Shah. Pensei em ver Gemma no balcão, mas ela devia ter saído para almoçar. Maya Shah, sua irmã mais nova, estava lá. Bob escuro e elegante, piercing na língua, unhas pintadas de preto para combinar com a sombra, contrastando com sua pele morena quente. A personagem favorita de Olivia e apaixonada por Lyssa Greene. Ela poderia atirar em uma mosca de uma árvore com um arco composto a quinze metros de distância.

“Andie!” Maya cumprimentou, levantando as mãos. “Bem, isso não é uma surpresa. Achei que você fosse alérgico a mim, você nunca passa por aqui.

“Não gosto de doces”, respondeu ele, cansado, como se já tivesse repetido esse fato mil vezes.

“Bem, todos nós temos nossas falhas”, disse Maya, e se virou para mim. “Espero que você tenha um gosto melhor?”

“Muito melhor”, concordei, e experimentei cada pedaço de doce do local. Anders meditava sobre os pirulitos, parecendo cada vez mais que

planejava me amarrar e me carregar até o carro, enquanto eu conversava com Maya sobre sabores e abelhas. Ela era borbulhante e afiada, como um chiclete com lâminas de barbear dentro.

"Pronto para ir?" Anders perguntou enquanto eu me despedia de Maya.

"Ah, vamos, Anders", eu disse, e abri o saco de caramelo que havia comprado. "Tudo está aqui. Tudo! Eu não posso deixar de ver.

Em resposta, ele suspirou.

"Maltar. Você pode ir embora, você sabe, se eu estiver entediando você.

"Eu não diria chato. Até mais, Maya — ele acrescentou e segurou a porta aberta para mim. Revirei os olhos enquanto saía para o sol e ele me seguiu.

Desembrulhei um caramelo e coloquei-o na boca. A doçura me deixou de joelhos. "Oh meu Deus", eu disse enquanto tentava mastigar o doce com sabor de mel, "está realmente grudando nos meus dentes! Como nos livros! Eu não posso acreditar! Uma risada brotou de algum lugar tão profundo em mim que não achei que pudesse soar tão brilhante.

Meu peito estava cheio de uma sensação confusa de Pop Rocks. Eu não sentia isso há muito tempo, tinha esquecido como era.

A compreensão me atingiu como um trem.

Eu estava feliz.

Tudo... tudo era real. Sweeties, o Roost, o Grumpy Possum Café, o Daffodil Inn, a livraria. Não é à toa que dormi tão bem ontem à noite. Porque mesmo que eu não soubesse onde estava, meu corpo sabia.

Eu senti como se estivesse em casa.

Meu rosto doía de tanto sorrir, mas não pude evitar. O caramelo estava doce, a tarde estava quente e as nuvens começavam a aparecer à distância, com trovões retumbando entre as árvores. Um banho à tarde, como ontem.

Anders me estudou depois que passamos pela galeria de arte. "Você parece uma criança em uma loja de doces."

"Acabamos de vir de uma loja de doces", apontei, e lhe ofereci um caramelo.

Ele balançou sua cabeça.

"Ah, certo, você não gosta de doces."

Desembrulhei outro e este pedaço era tão doce e pegajoso quanto o primeiro. "Ok, então, tenho uma pergunta para você."

“Diferente das centenas de perguntas que você já fez?”

“Espertinho,” eu murmurei.

Eu pisei na frente dele, fazendo-o parar repentinamente. “Quem é você?”

“O dono de uma livraria de uma pequena cidade que quer desesperadamente colocar você no caminho certo.”

“Sim, eu sei, mas não me lembro de você – e me lembro de tudo desses livros.”

“Ah” – e ele colocou as mãos nos bolsos da calça com pregas bem feitas – “tudo?”

Eu fiz uma careta, estudando-o.

Desde pequeno, era excelente em lembrar o que lia. Eu poderia pegar um livro de dez anos atrás e recitar o enredo, quase capítulo por capítulo, embora isso possa ter acontecido porque eu era um leitor lento e, como leitor lento, simplesmente absorvia conhecimentos inúteis como uma esponja. Mas em todos os romances de Quixotic Falls, não me lembrei desse homem. A última vez que li, o dono da Inefable Books o vendeu, mas a quem o autor nunca disse, e então isso levantou mais questões – onde estávamos na história? Que livro? Foi depois do quarto, porque todos os casais estavam juntos e nem Beatrice Everly nem Garnet Rivers foram encontrados em lugar nenhum. Então, Eloraton estava à deriva, sem amarras, nas possibilidades que Rachel Flowers deixou quando faleceu.

“Bem”, finalmente admiti, “pensei que conhecia a série. É claro que não, já que não me lembro de você. E por que você sabe que está em uma série de livros, mas todo mundo não. Você é parente da Lily? Irmão de Tomás? Talvez um primo de Frank...?”

Ele inclinou o queixo. “Vou deixar você continuar adivinhando.”

“Você vai me dizer se eu acertar?”

“Sim”, ele respondeu.

Eu não tinha certeza se acreditava nele, pois dobrei meu plástico caramelo em um quadrado perfeito e coloquei-o no bolso de trás. Respirei fundo, fechando os olhos. “Não acredito que estou aqui. O caramelo, o café, a pousada, a livraria...”

Estava tudo aqui. Tudo que eu amei.

“Tenho que ver o resto”, decidi. “A pousada, a torre do relógio, aquela pequena joalheria que só abre quando Mercúrio está retrógrado e...” Minha

respiração engatou quando percebi. A parte mais importante da cidade. O lugar onde tudo começou, onde tudo termina. Eu me virei para ele. "A cachoeira! Eu tenho que ir ver o..."

"Não", ele disse decididamente.

"Por que?"

"Não é mágico, é meio dia, está calor, há uma tempestade chegando e você precisa ir embora", disse ele, roendo as unhas, como se fosse algo corriqueiro.

"Como você sabe que não é mágico?" Eu desafiei.

Ele deslizou seu olhar para mim. Foi afiado. Irritável. "Como você sabe que é?"

"Eu não! É por isso que quero ir.

"Para ver se a magia é real."

"Talvez eu só queira ver."

Ele zombou. "Eu duvido. Além disso, de que adiantaria a magia para você? ele perguntou. "Mesmo que seja real, não funcionará fora de Eloraton. Seria um desperdício com você. Além disso, e você não tem ninguém com quem apoiar isso, de qualquer maneira.

De repente, o caramelo não tinha mais um gosto tão doce. "Você não sabe disso."

Ele me olhou, seus olhos mentolados brilhando à luz do sol. Pareciam gotas de Mentos derretido, e havia uma cautela por trás deles, e... pena? "Isso não vai te dar o que você quer, Elsy."

Senti todo o meu corpo enrijecer, como um gato assustado. "Eu não quero nada—"

"Você está obcecado por uma série de livros de ficção. Você está sozinho e não quer ir embora", disse ele, inclinando-se para perto de mim. "Você está desesperado, querido."

Uma brasa de raiva acendeu em meu estômago. "Não estou desesperado", respondi. "E você é mau."

"Tenho certeza de que alguém partiu seu coração, deixou seus textos para ler, tanto faz, e acredite em mim quando digo que uma cachoeira não os fará voltar..."

Eu nunca tinha dado um tapa em ninguém na minha vida, e minha mão doeu quando percebi o que tinha feito. Uma marca vermelha floresceu em sua bochecha. Fiquei mortificado por ter dado um tapa nele - e mortificado

por tê-lo deixado chegar até mim. Eu rapidamente me afastei, piscando para conter as lágrimas que vieram aos meus olhos.

"Desculpe." Minha voz tremeu. Eu não tinha certeza se era raiva ou pedido de desculpas. "Desculpe."

Então girei nos calcanhares e fugi em direção ao meu carro inútil, contendo as lágrimas, mas elas continuaram vindo e não consegui contê-las. Porque, embora tenha sido horrível comigo, Anders estava certo. Eu estava sozinho, e nada – absolutamente nada – poderia fazer Liam voltar para mim.



Bom o bastante

Eu tinha vinte e seis anos quando me apaixonei — me apaixonei de verdade — pela primeira vez.

Quando a noite começou, não pensei que acabaria beijando um estranho à meia-noite. Eu passei as duas últimas vésperas de Ano Novo com namorados que acabaram encontrando os amores de suas vidas enquanto namoravam comigo, então passar outra com um homem que se apaixonaria pela pessoa atrás dele na fila do café foi algo que eu fiz. não quero passar de novo.

Eu já tinha lido histórias suficientes em que uma heroína é arrastada para uma festa de Ano Novo, apenas para se apaixonar pelo homem mais inatingível da noite, mas sempre achei que esse tipo de momento estava reservado para Prudence.

Afinal, ela encontrou Jasper, nosso vizinho, no supermercado, três semanas depois de lermos *Unrequited Love Song*. No corredor da sopa. Ambos pegando a última lata de macarrão de frango.

Qual é o melhor encontro fofo?

Então, quando Prudence me implorou para ir à festa de Ano Novo do escritório de advocacia de Jasper, porque ela estava nervosa para ir sozinha, eu não pude dizer não, embora tivesse planos de ficar sentado em casa e

assistir Quando Harry Conheceu Sally e me afogar em chocolates. . Então coloquei um vestido prateado brilhante que ainda servia da faculdade e que me fazia parecer uma bola de discoteca ambulante, e segui Prudence para a batalha.

Para surpresa de ninguém, acabei no canto do quarto durante a maior parte da noite, enquanto ela e Jasper dançavam sob as luzes cintilantes e se beijavam em corredores vazios. Acontece que eu não era necessário, esquecido em uma grande poltrona ao lado do bar aberto, e estava perfeitamente satisfeito apenas com as pessoas observando. Inventando histórias de todos os encontros fofos, dos toques suaves das mãos, da maneira como as pessoas se curvavam, sussurrando e rindo. Eu me perguntei se havia uma série de romances ambientados em um escritório de advocacia, dois advogados concorrentes disputando a mesma parceria. Fiz uma anotação no meu telefone para verificar isso quando finalmente chegasse em casa. Se eu chegasse em casa. Pelo que parece, talvez eu precise ligar para um Uber.

Às onze e meia, decidi que talvez o Uber fosse minha melhor aposta e, se eu fosse embora, poderia chegar em casa antes do rush depois da meia-noite. Encontrei Pru na entrada da casa histórica que o escritório de advocacia havia alugado para passar a noite e contei-lhe meu plano. Ela ficou horrorizada.

“Ah, vamos lá”, disse ela, com as bochechas rosadas por causa do champanhe, “pelo menos fique para o lançamento da bola!”

“Estou cansado”, respondi e, além disso, não tinha ninguém para beijar e, quanto mais se aproximava da meia-noite, mais aparente isso parecia.

“Você acordou ao meio-dia! Você não pode estar cansado. São os cavalinhos... as prostitutas... Ela franziu a testa, franzindo as sobrancelhas, e disse em vez disso: - Os salgadinhos? Seus sapatos estão muito apertados? É a música? Eles tocaram... E ela olhou em volta conspiratoriamente antes de sussurrar: — A música ruim?

Oh, minha doce e adorável Prudence. Eu a abracei. "Eu vou ficar bem."

"Tem certeza que?"

“Com certeza, agora vá se divertir com Jasper,” eu disse, porque ele estava sendo um cavalheiro e estava a poucos metros de distância, tentando

não escutar. “Falando em música, acho que sua música favorita está tocando.”

Prudence animou-se com a música. “Oh, meu nome vem dessa música! Jasper, Jasper, essa é a música!” ela gritou, girando e pegando-o pelo braço. "Dance Comigo?"

Ele olhou para mim, para ter certeza de que eu estava bem. Murmurei “Feliz Ano Novo” para ele e esperei até que eles voltassem para a festa antes de sair pela porta da frente e sentar na escada para esperar meu Uber. A noite estava fria e eu não tinha pensado em trazer casaco, então tremi com meu vestido de bola de discoteca – até que alguém deixou cair a jaqueta em meus ombros.

“Não está gostando da festa?” perguntou uma voz suave.

Olhei para cima e lá estava o barman com quem fiquei sentado a noite toda, observando-o distribuir bebidas e encantar garotas bonitas. Ele tinha uma aparência robusta, seu cabelo castanho cortado curto e seus olhos azuis afiados, seu bronzado finalmente desaparecendo de um longo verão ao sol. Ele se sentou ao meu lado, dando uma longa tragada em uma caneta vaporizadora. Cheirava a morangos, misturado com o cheiro persistente de vodca em seus dedos. Ele parecia surpreendentemente elegante em uma camisa branca e colete carvão para combinar com as calças e mocassins engraxados.

“É uma festa linda”, respondi. "Eu acabei de ..."

“É o beijo, não é?” ele adivinhou.

Minha boca se abriu. "O que?"

Ele deu outra tragada em sua caneta vaporizadora e apagou. “Você sabe, o clichê?”

Olhei para meu aplicativo. Por que meu motorista do Uber ainda estava sentado exatamente onde estava cinco minutos atrás? “E se for?”

“Eu diria que é uma pena, então.”

“Que estou indo embora?”

Ele se inclinou mais perto. "Que você não tem ninguém para beijar." Seu olhar desceu até minha boca.

Meu coração começou a acelerar. Ele estava... flertando? Engoli o nó que subiu na minha garganta. "Você?"

Um sorriso surgiu em sua boca. “Claro, se ela quiser.”

Então, um de seus colegas de trabalho o chamou de volta da pausa para fumar e eu devolvi-lhe sua jaqueta. Ele pareceu surpreso com o que eu fiz, mas eu não estava acostumada a ficar com o que queria. Ele vestiu a jaqueta enquanto subia os degraus do prédio e me deixou sozinha esperando meu Uber, que ainda não havia se movido.

Estremeci novamente. E o tempo subiu e subiu em direção à meia-noite.

E então-

Saúde.

Chamados de “Feliz Ano Novo!”

“Auld Lang Syne” tocava nos alto-falantes internos, acompanhada por uma cantoria bêbada de metade da empresa.

Em Daffodil Daydreams, Junie beijou Will pela primeira vez no Ano Novo, no telhado do Roost, sob uma chuva de meteoros. Não houve chuva de meteoros esta noite. E não havia neve. E eu não tinha ninguém para beijar, mas...

Eu me levantei. Subiu os degraus para dentro de casa. O grande relógio da sala principal bateu três, quatro, cinco...

A sala estava cheia de pessoas se beijando e rindo, compartilhando espaço e tempo umas com as outras, e eu queria isso. Eu queria tanto isso que meu corpo estava se movendo antes que meu cérebro me alcançasse.

Foi como aquele momento de uma canção de amor, quando a ponte muda de tom. Ele ergueu os olhos de uma bebida preparada e olhou para mim, e a multidão se separou quando eu atravessei a sala.

O relógio bateu oito, nove, dez...

Peguei seu rosto em minhas mãos e puxei-o para mim.

Onze doze-

Esmaguei meus lábios contra os dele. Ele nem ficou surpreso, pois passou os braços em volta da minha cintura e me puxou para mais perto. Ele beijava como falava – de forma afiada e ousada, com um leve sabor de nicotina de morango. “Auld Lang Syne” cantava alto em nossos ouvidos, sobre velhos conhecidos sendo esquecidos, embora eu nunca esqueceria a maneira como ele olhou para mim quando finalmente nos separamos, como se quisesse me devorar – de corpo e alma.

“A propósito, meu nome é Liam”, disse ele, sem fôlego, traçando meus lábios com o polegar.

“Eileen”, respondi, e caí.

Um beijo se transformou em dois, se transformou em uma noite juntos, e depois em um brunch, e então ele estava me levando para casa e me perguntando quais eram meus planos para o jantar - e foi isso. Não pensei que olharia nos olhos dele e cairia tão forte e tão de repente que, quando acordasse quatro anos depois, tudo pareceria um sonho.

Mas eu fiz.

Liam Henry Black se tornou minha vida inteira, como um papel de parede ousado que toma conta de uma sala e tudo que você quer fazer é encontrar peças para complementá-lo. Acontece que ele era arquiteto entre empregos, e foi por isso que aceitou o cargo na festa de Ano Novo. Seu pai era dono de uma empresa do outro lado da cidade, mas ele queria seguir seu próprio caminho, e no segundo em que colocou aqueles lindos olhos azuis em mim, ele me fez sentir como se eu fosse aquela garota legal e empreendedora que Eu o beijei no Ano Novo.

Em todos os livros que li, em todos os romances que devorei, de Jane Austen a Nora Roberts, dos contos de fadas à literatura erótica sombria, nenhum deles me preparou para o quão forte eu caí.

Houve algumas histórias de amor que pareciam perfeitas.

Isto era meu, pensei.

Depois da primeira semana, Prudence percebeu que eu tinha caído de ponta-cabeça. Ela me encontrou naquela noite de sexta-feira, voltando do jantar com Liam. Deveríamos ter uma noite de garotas e eu tinha esquecido, mas ela não ficou nem um pouco brava quando me arrastou para o sofá e exigiu a história.

“Esse é o cara da festa?” ela perguntou, seus olhos brilhando.

Mordi meu lábio inferior. "Sim ..."

“E este foi o primeiro encontro ou...?”

“Quarto”, respondi, e ela gritou.

"Oh meu Deus! Oh meu Deus, está acontecendo. Está acontecendo. Eu sabia que você encontraria alguém naquela festa! Honestamente, pensei que seria um dos colegas de trabalho de Jasper, mas o barman também é bom.

Eu ri e disse a ela que ele era arquiteto entre empregos e que gostava dele. “Tipo, realmente gosto dele”, acrescentei, mais baixo, como se fosse um segredo. Talvez fosse, e eu estava com medo de que se eu contasse ao

universo que estava me apaixonando por um cara tão fora do meu alcance, isso seria correto e Liam perceberia que ele poderia fazer melhor.

Ela se aproximou um pouco mais. "Conte-me tudo."

Tudo - como eu adorei a maneira como ele falou sobre as escaladas que fez e as que queria fazer. Half Dome na Califórnia. Torre do Diabo em Wyoming. Uma dúzia de outros. Ou como ele colocou a carteira no bolso traseiro esquerdo, ou como seu cabelo castanho caía tão perfeitamente sobre suas orelhas, ou como ele me beijou como se eu fosse para ser saboreado, ou como ele tinha a altura certa para eu inclinar meu corpo. cabeça apoiada em seu ombro em uma sala de cinema.

Teria levado a noite toda para contar tudo a ela.

Então eu apenas contei a ela as coisas fáceis: como adorávamos alguns dos mesmos filmes dos anos 90 (Tremores e Twister), e como ele comia seus hambúrgueres (tão malpassados que sangravam), e como ele foi criado por seu tio em Montana, até que ele decidiu vir para a Geórgia para fazer faculdade. Contei a ela sobre o ano em que ele se ofereceu como voluntário para a AmeriCorps, construindo casas, e como ele saltou de paraquedas mais de trinta vezes e não queria nada além de escalar o Everest, o Kilimanjaro e o Fuji, e todas as rochas impossíveis daqui até a Califórnia.

Ele era tão diferente de mim. Ele raramente lia, mas me ouvia recontar cada livro com paciência, e nossas coleções de música teriam travado uma guerra uma contra a outra, mas nada disso importava.

"Ele me faz sentir como se não fosse Elsy Merriweather. Ele me faz sentir que posso ser alguém novo - deveria ser alguém novo. Eu o quero", eu disse a ela. "Eu o quero tanto."

Ela cantarolou, fechando os olhos e mexeu os dedos na frente do meu rosto. "Então você o terá."

E eu queria acreditar nela.

"Só... não se perca nisso tudo, ok?" ela acrescentou, um pouco mais quieta. "Eu gosto de você do jeito que você é."

"Claro que não vou", respondi, e se isso fosse um romance, teria sido um prenúncio.

Durante anos, enquanto tínhamos encontros duplos com Jasper e Pru, e férias, e noites de boliche, e caminhadas ao longo da Trilha dos Apalaches, e shows de rock indie, eu estava tão feliz com Liam que poderia explodir. Eu me afoguei em tudo o que ele amava, mergulhei nos raios de sua alegria

e o seguiu. Compartilhamos pratos, compartilhamos memórias e compartilhamos camas. Compartilhamos uma vida confortável e boa, e eu era alguém que ele amava.

E quando ele me pediu em casamento no topo de uma caminhada bastante difícil, a cerca de oitocentos metros de uma cachoeira que eu queria ver, não parei para considerar a questão. Era conhecido. Claro que eu diria que sim. Eu sabia que esse seria o meu para sempre – por mais brega que isso parecesse. Quando eu fechava os olhos à noite, ainda conseguia vê-lo de joelhos no topo da trilha, a placa para Looking Glass Falls atrás dele naquele dia fresco de outono, seu cabelo escuro curto e seus olhos combinando com a cor do céu. Tudo era laranja e vermelho através dos óculos rosa.

Não havia dúvidas de que eu o amava, então é claro que disse sim.

Ele me abraçou e nos beijamos, e todos adoraram as fotos que Pru tirou quando as postou no Facebook.

Achei que era o começo do melhor ano da minha vida. Era suposto ser. Ele propôs e começamos a planejar nosso casamento. Seria um caso pequeno – ideia dele – apenas para nossos amigos mais próximos e familiares. Eu realmente não me importava com casamentos; Eu teria ficado feliz com um tipo de acordo judicial. Talvez tenha sido porque o casamento da minha mãe foi grande e turbulento e terminou em divórcio quando eu tinha quatro anos. Meu pai encontrou uma nova família e deixou minha mãe e eu para juntar os pedaços da vida que ele destruiu.

Mas Liam perguntou, então fiz o que o deixaria feliz (porque isso não era amor?), e tive que admitir que estava ansioso por isso – pelo menos um pouco.

O local seria um celeiro reformado, com luzes cintilantes nas vigas e um lustre de chifre, e comeríamos um bolo de veludo vermelho de três camadas e brindaríamos com taças de prosecco espumante e dançaríamos “Modern Love” de David Bowie. Uma semana antes do casamento, visitamos o local para verificar se estava tudo em ordem. A organizadora do casamento saiu para atender um telefonema – ou pelo menos pensei, talvez Liam tivesse dito a ela para ir – e ficamos sozinhos no celeiro vermelho. Eu me senti em alfinetes e agulhas. Todo o meu corpo estava eletrizado, porque em uma semana eu me casaria com a pessoa que amava mais do que qualquer outra pessoa.

“Eileen,” Liam disse, vindo ao meu lado. Ele era lindo do jeito que os homens que gostam de atividades ao ar livre eram, sua pele bronzeada e seu cabelo castanho com mechas loiras do sol, e eu me senti tão, tão sortuda por estar com ele.

“Liam”, respondi com a mesma voz estóica, porque achei engraçado, e me aproximei dele, dando um beijo em seu queixo forte. "Você estava certo."

Ele hesitou, entrelaçando os dedos nos meus. "Sobre?"

"Um casamento. Este casamento. Apertei sua mão. “Você tem bom gosto. No começo eu estava cético em relação ao celeiro, mas... — E sorri para ele. “Acho que o charme rústico está crescendo em mim e nos chifres.”

“Sim”, ele disse distraidamente, olhando para o lustre. Ele tirou a mão da minha e esfregou-a na calça jeans como se estivesse úmida. “Tenho uma coisa para lhe perguntar”, disse ele, e sua voz era suave e terna. Meu coração pulou uma batida-

Eu não sabia por quê. Ele já propôs. Nós íamos nos casar. O que quer que ele perguntasse, eu diria que sim. (Dentro do razoável. E experimentação.)

Então ele disse: “Você realmente quer fazer isso?”

Eu ri. “O lustre de chifre é um pouco demais.”

Ele olhou para mim, franziu as sobrancelhas e desviou o olhar novamente. “Não, quero dizer, você sabe o que quero dizer.”

Eu olhei para ele. Por que ele parecia nervoso? “O local? Achei que você gostasse do visual rústico...

“Por que você sempre faz isso?” ele murmurou.

Eu não entendi. "Eu... o que estou fazendo?"

Ele começou a responder, mas então fechou a boca e franziu a testa. Depois de um momento, ele disse: “Acho que não quero fazer isso”.

Ah, pensei, arregalando os olhos.

“Não estou pronto”, ele continuou, lançando-me um olhar suplicante. “Eu pensei que estava, mas... não estou. Eu não acho que deveríamos.”

“Acho que não estou entendendo”, eu disse, fingindo ingenuidade, porque ele não poderia estar me dizendo o que era. Eu estava entendendo mal. Eu tinha que estar. “É o local? Posso perguntar sobre um diferente?”

“Você não queria um casamento”, ele interrompeu.

“Eu queria o que você queria.”

“E você odeia este celeiro.”

“Eu não odeio isso”, murmurei.

Ele se virou para mim, agarrando minhas mãos com força. “Ele”, ele disse, e foi a única pessoa que me chamou de Elle. “Onde você está neste casamento? Continuo olhando em volta e não vejo você. O que você está ansioso aqui?”

Minhas sobrancelhas franziram. "Estar com você."

Seus lábios se franziram em uma linha fina. E – para meu total horror – ele soltou minhas mãos. “Tem que haver mais do que isso. Pense, há alguma coisa?”

“Eu...” Olhei em volta. “Quer dizer, eu... gostei do meu vestido? E - e o bolo de veludo vermelho vai ficar ótimo. E... por que você está me perguntando tudo isso? O que deu em você?” Meu coração estava na garganta. Eu senti vontade de vomitar. “Foi algo que eu fiz? Algo que eu disse?”

“Não”, ele respondeu rapidamente, balançando a cabeça. “Não, eu só...” Ele passou as mãos pelos cabelos grossos e escuros. “Acho que quero uma pausa.”

Fiquei parado, entorpecido, naquele celeiro rústico sob o lustre de chifre enquanto ele pairava sobre nós como uma espécie de testemunha. “A-o quê?”

“Acho que deveríamos ver outras pessoas”, esclareceu ele.

“Vamos nos casar”, eu disse, e minha voz soou a centenas de quilômetros de distância. “Em uma semana, estaremos casados.” Então meu cérebro começou a trabalhar horas extras. Começou a contabilizar todas as diferentes facetas deste casamento que ele queria, mas na verdade não queria ser o responsável. “Já pagamos por este local. Temos familiares vindos de todo o país – eles provavelmente não conseguirão o reembolso de seus voos! O que eu digo a eles? O que devo dizer aos fornecedores? O DJ? O que fazemos com as pequenas cestas de presentes que recebemos para todos?” Então, olhando-o nos olhos, perguntei: “E eu?”

Ele passou as mãos pelos cabelos novamente. “Eu não sei, Eileen. Não sei. Eu só... eu não posso fazer isso. Eu só... eu percebi... — Ele voltou seu penetrante olhar azul para mim. "Que eu realmente não conheço você."

Isso parecia bobo. "Claro que você faz. Estamos juntos há... quanto, quatro anos?"

"Sim! Quatro anos inteiros, e eu só conheço você quando você está comigo."

"Porque estou com você", tentei argumentar, mas ele se virou e começou a se afastar de mim. "Você conhece minha cor favorita! Meu aniversário! Você sabe tudo-"

"Não sei o que você quer, Eileen!" Ele se virou para mim e controlou a voz. "Eu não sei o que você quer."

Eu olhei para ele, boquiaberta. "Eu... eu quero..."

Sempre que eu pensava naquela conversa, havia centenas de coisas que eu poderia ter contado a ele. Eu queria um casamento no tribunal. Eu queria aquele bolo de veludo vermelho. Eu queria dançar com ele a nossa música favorita, e queria esquecer tudo e entrar em um táxi com ele, com destino a alguma praia distante para fugir, porque mais do que qualquer outra coisa, eu só o queria.

Então, foi isso que eu disse.

"Eu quero que você seja feliz."

E em uma história perfeita, isso seria suficiente.

Mas as palavras o fizeram recuar. Balance a cabeça dele. "Eu conheci outra pessoa", disse ele, incapaz de encontrar meu olhar.

Oh.

Oh.

"Mas... e o casamento? As pessoas estão vindo? O... o... — Eu me senti como um disco quebrado. "O tudo?"

Sua voz falhou quando ele disse: "Você vai descobrir".

Você vai descobrir. Nós não. Não nós.

Nunca mais existiria um nós.

"Sozinho?" Perguntei.

Ele deu uma risada nervosa. "Quero dizer, o que posso fazer?"

Porque eu tinha feito tudo, de qualquer maneira. Eu planejei o casamento, convidei os convidados, escolhi o bolo, a música e...

O tudo.

Não me lembrava muito do resto daquela tarde depois que ele voltou para o nosso apartamento – a última vez que seria realmente nosso – e ele cumpriu sua palavra. Ele estava acabado. Mudou-se naquela noite. Tive que ligar para todo mundo. Tive que cancelar o casamento. Eu tive que recuperar o máximo de dinheiro possível dos fornecedores e do catering.

Ele fez uma caminhada pela Trilha dos Apalaches com um amigo de trabalho para clarear a cabeça, e essa foi a última vez que tive notícias dele.

Seis meses depois, ele ficou noivo da “amiga do trabalho” que levou na trilha. Uma pessoa que ele conheceu enquanto ainda namorávamos. Uma pessoa com quem ele flertou, encantou, cortejou, o tempo todo noivo de mim. Pru ameaçou castrá-lo, arrastar as chaves para baixo de seu lindo Tesla, dizer “Adeus Earl” para ele em algum lugar em uma área remota do Norte da Geórgia, mas eu não tinha energia para ficar com raiva.

Aparentemente, ele queria se casar. Ele simplesmente não queria se casar comigo.

Eu me senti um idiota. Mesmo enquanto eu lia nossas mensagens de texto, ouvia as mensagens de voz que ele deixou, tentando encontrar qualquer falha em nosso relacionamento, qualquer sinal que eu tivesse perdido. Claro, não nos levávamos mais ao aeroporto quando tínhamos que viajar para o trabalho ou nos despedimos com um beijo todas as manhãs, mas estávamos bem. Tínhamos uma rotina e uma história linda: um beijo perfeito no Ano Novo. O resto deveria ter sido perfeito também.

Então, quem poderia me culpar por mergulhar nos livros, onde eu sabia que as pessoas não eram reais, mas também nunca me decepcionaram? Eu sabia que tudo daria certo no final. Eu sabia que finais felizes estavam destinados, para sempre, e não importava quais provações e tribulações e, bem, surpresas que acontecessem, as coisas acabariam bem.

Eu só precisava de uma história – ou talvez de algumas centenas de histórias de felizes para sempre – para escapar da minha.

Então Rachel Flowers morreu naquele ano, e o final feliz que eu esperava caiu por entre meus dedos como areia.

O que começou como o melhor ano da minha vida tornou-se o pior. O único ponto positivo foi o clube do livro, quando finalmente nos conhecemos pessoalmente, e eu chorei muito enquanto dividia uma caixa de Riesling com cinco dos meus amigos mais próximos, e isso me curou um pouco.

Durante dois anos inteiros, foi uma felicidade.

Então, este ano, a vida atrapalhou.

Primeiro, Janelle não pôde vir porque não havia ninguém para cobrir seus turnos no hospital. Então Aditi foi reprovada em um curso de graduação em matemática e teve que retomá-lo durante o verão. Olivia

quebrou o pé. Matt teve que ir para Wisconsin para cuidar de sua mãe. Benji saiu do retiro este ano para planejar seu próprio casamento.

Depois Prudência.

Eu estava pensando em não ir, em inventar alguma desculpa de vida, mas então, enquanto procurava no Airbnb, não tinha dinheiro para lugares para os quais não tinha dinheiro para voar, verifiquei as redes sociais e vi as fotos.

Os do casamento de Liam.

Ele usava o mesmo smoking que eu havia escolhido com ele há três anos, embora o lenço no bolso agora combinasse com o das damas de honra da nova noiva – um lindo lilás. O casamento foi num velho celeiro vermelho no meio de uma fazenda, com fardos de feno empilhados até o teto. Não havia um lustre de chifre, mas havia um DJ, e havia dança, e o bolo era de veludo vermelho, e Liam olhou para sua agora esposa como costumava olhar para mim e...

Eu simplesmente não queria mais estar aqui. Eu queria me perder. Eu queria me enterrar em algum lugar na floresta com meus livros favoritos e uma garrafa de vinho, e nunca mais ver ninguém. Nunca tenha a oportunidade de conhecer alguém novo. Nunca dê ao meu coração a chance de cair novamente.

Porque se doeu tanto deixar ir?

Eu nunca quis me apaixonar novamente.

Não contei a Pru sobre as fotos do casamento. Ela estava nas nuvens e eu não precisava bagunçar isso com minhas terríveis escolhas de vida, então tomei a decisão de fazer as malas Sweetpea e viajar sozinho para a cabana, porque não poderia ficar no meu minúsculo apartamento. , cercado por livros e trabalho e tudo o que me dizia que eu colocaria minha vida em pausa porque era melhor do que arriscar um coração partido novamente.

Eu não poderia fazer isso de novo.

Na minha cabeça, eu estaria em uma história diferente, compartilhando vinho de merda e bons livros, acendendo velas de vigília e cantando Fleetwood Mac na lua cheia em homenagem a Rachel Flowers com meus melhores amigos.

Foi um sonho bom.

Pena que Pru me pegou no dia em que empacotei Sweetpea para ir embora. Ela viu a mochila e a caixa de vinho no carro, balançou a cabeça e

disse: “Você não está pensando seriamente em ir sozinho, está?”

"Claro, por que não? Vai ser divertido — respondi, abrindo um sorriso que esperava não parecer muito falso. Eu já estava com medo da viagem de dezesseis horas até o Nordeste sozinho. “Seu voo é amanhã, certo? Lembre-se de tomar Dramamine antes...”

“Pare de desviar”, ela interrompeu, e fechou os punhos. “Você está seriamente indo sozinho? Ninguém vai estar lá, Elsy.”

"Eu estarei lá." Carreguei minha caixa de livros e coloquei-os no portamalas, provavelmente com mais força do que o necessário. “Além disso, prefiro estar lá do que aqui.”

A compreensão surgiu. “Isso é por causa do casamento daquele idiota, não é? Você está apenas fugindo.

Eu estremeci. Então ela tinha visto as fotos. “Estou tirando minhas férias.”

Ela revirou os olhos. “Claro que está, Elsy.”

"Realmente! Não é porque..." Porque eles tiveram o casamento que eu teria feito. Porque eles pareciam tão felizes. Eu fechei minhas mãos em punhos. "Não é."

Mas Prudence podia ver através de mim. “Você não namorou desde que ele a deixou, há três anos! É como se você simplesmente se colocasse no gelo e nem quisesse mais tentar.”

Voltei-me para ela. “Isso não é mais uma semana de cabana, não é?”

"Não! Não é! É sobre tudo! Você acha que não consigo saber quando meu melhor amigo está sofrendo? Estava esperando que você... não sei... apenas confiasse em mim! Desde que Liam foi embora! Eu apenas pensei que você precisava de tempo. Mas em vez disso você simplesmente... parou. E senti falta do meu melhor amigo.

Levantei as mãos. “O que você quer que eu diga, Pru?”

“Basta dizer às pessoas o que você quer!”

De qualquer forma, não importava o que eu queria, então simplesmente marchei até o banco do motorista, liguei meu Pinto antigo e saí.

O que eu queria era que fizéssemos essas coisas juntos. Todas as coisas. Compromissos. Casamentos. Crianças – bem, talvez não crianças.

Eu queria que crescêssemos juntos.

E agora eu estava com muito medo de tentar.

Mas eu não poderia dizer isso, porque isso seria admitir que talvez uma pequena parte de mim ainda estivesse presa a Liam, que claramente nem pensava mais em mim. Talvez eu ainda entrasse no Facebook dele e de sua nova esposa às vezes, me perguntando por que não poderia ser eu, mas esses segredos estavam entre mim e minha história na internet.

Pru simplesmente não entendeu.

Eu sabia o que queria. Eu sabia o que não sabia.

Eu sabia que nunca quis me sentir como no dia em que descobri que Liam estava noivo, nem mesmo um ano depois de nos separarmos. Eu ainda tinha meu vestido de noiva no armário. A lista de convidados ainda estava salva no meu telefone. Nunca quis adormecer chorando no sofá, me perguntando por que ele não queria aquela vida comigo. O que havia de tão errado comigo?

Eu sabia que nunca mais queria me sentir tão tola, tão... tão envergonhada.

Então, eu estava fora do meu bairro antes que aquelas lágrimas de raiva pudessem sair dos meus olhos e escorrer pelo meu rosto, e só parei de chorar quando saí do trânsito de Atlanta, a caminho do norte, determinado a passar uma semana em um mundo onde só havia finais felizes.

Onde ninguém nunca esteve sozinho.

Então, quem poderia me culpar por querer ficar em Eloraton mais um pouco? Eu queria aproveitar o sol da tarde e encher meus pulmões com a brisa do verão.

Eu queria me perder – e ficar lá.



Reviravolta na história

ENTÃO LÁ ESTAVA EU, de volta ao meu carro que não pegava, me perguntando o que fazer. Tamborilei os dedos no capô. Ele estava aberto e eu estava tentando ver se conseguia adivinhar qual grande peça de metal era o motor. Mexi uma das mangueiras, chutei o para-lama e voltei ao banco do motorista para testar o motor novamente.

Sweetpea estalou.

Descansei minha testa contra o volante.

E daí se eu quisesse ir até a cachoeira e beijar algum estranho embaixo dela?

Você não percebe o quanto a vida é construída para relacionamentos até que, recém-solteiro, você se vê com um tornozelo quebrado, enfiado no sofá do seu apartamento de um quarto e precisa ir ao banheiro. O problema é que você derrubou as muletas e a dor o impede de se mover muito. Você passa na sua cabeça o Rolodex de quem você pode ligar, e cada um deles tem alguém mais importante do que você na vida para cuidar. Você tem que avaliar o quanto você será incômodo e o quanto você pode confiar neles. (Obviamente você pode confiar em seus amigos. Obviamente não estou dizendo que você não pode, mas sempre há um limite de quanto antes de você se tornar um fardo.)

E no final você simplesmente... senta no sofá e chora.

Pelo menos, sozinho, não há ninguém para assistir.

E daí se uma parte secreta e suave de mim esperasse que uma cachoeira mágica pudesse me curar desse tipo de solidão?

Saí do carro novamente e fechei o capô. Fingir que sabia como consertar meu carro claramente não estava funcionando e eu não tinha certeza do que mais fazer. Anders desapareceu depois que eu lhe dei um tapa, provavelmente voltando para sua livraria do outro lado da rua. Fiquei mortificado ao lembrar do tapa - não sabia o que aconteceu comigo - e duvidava que ir até lá e pedir desculpas me rendesse algum favor.

Pense, Elsy. Coloquei as mãos nos quadris, olhando para o céu azul salpicado de nuvens. Tinha que haver alguém em um dos livros que—

Eu me endireitei. A ideia me atingiu como um raio.

Frank.

Verifiquei meu relógio. Nos livros, ele fechava sua oficina por volta das quatro horas dos sábados. Faltavam dez horas, então talvez eu ainda pudesse alcançá-lo. Agarrando minha bolsa transversal, pendurei-a sobre a cabeça enquanto saía em uma caminhada muito rápida em direção ao centro da cidade, e então, na Mulberry, virei à esquerda e lá estava ela. Assim como eu havia imaginado.

A Oficina de Automóveis de Frank ficava em um grande prédio de tijolos que, em determinado momento, provavelmente tinha sido uma espécie de fábrica. Murais pintados da cachoeira e dos bosques ao redor decoravam as paredes de tijolos, intercalados com vaga-lumes brilhantes e insetos juninos zumbindo, que sangravam direto em um grande anúncio que dizia HOTTIES DE FRANK VENDIDOS AQUI! E, embaixo dele, o guaxinim lançador de chamas que servia de logotipo dizia em um balão de diálogo: O MELHOR CONDIMENTO DE ELORATON!

O que foi uma sombra lançada sobre Honey-Honey.

O mural foi obra de Junie. A escavação definitivamente é de Frank.

As luzes da oficina estavam apagadas e havia uma placa na janela que dizia FOI PESCAR. Merda.

“Não, não, não, não, por favor”, murmurei, correndo até a porta azul enferrujada. Bati e esperei. Quando ninguém respondeu. Bati novamente. "Olá? Sr. Frank?"

Se ele já tivesse partido, só voltaria na segunda-feira. Eu não me importava se estava quebrando todas as regras que Anders havia estabelecido para mim. Eu não poderia ficar preso aqui o fim de semana inteiro.

Mas porque não? — perguntou uma vizinha, brincando com a ideia como um gato com um novelo de lã.

Porque.

Porque ...

Bati na porta com mais força. "Senhor. Franco? Olá?"

Nada ainda.

Sentei-me no meio-fio. Sem serviço de celular, sem carro, sem lugar para ficar, e o sol parecia ter uma vingança pessoal contra mim. Tirei minha franja suada do rosto. Ok, pense.

Pensar.

Apertei meus olhos bem fechados. Se eu estivesse morto, e isso fosse alguma ilusão do meu cérebro moribundo, eu não queria imaginar em que estado meu corpo poderia estar, se algum dia me encontrassem. Um pensamento mórbido, mas honestamente a mais realista das duas opções.

A) Eu tinha aquaplanado para fora da estrada e estava morrendo em alguma vala em lugar nenhum de Nova York.

Ou ...

B) Eu estava na cidade imaginária da minha série de romance favorita.

E se isso fosse real, e eu estivesse preso aqui...

Enquanto tentava não entrar em pânico, uma voz tímida me tirou dos meus pensamentos.

“Lissa?” a voz perguntou.

Abri um olho.

Na calçada, uma jovem sardenta estava parada, segurando com força a alça fina da bolsa, vestindo uma camiseta manchada de tinta e shorts jeans largos. Seu cabelo rosa pastel estava preso em um coque bagunçado, seus olhos castanhos mais azuis do que verdes hoje, seus lábios rosados com brilho. Suas sobrancelhas grossas e expressivas franziram quando ela percebeu que eu não era Lyssa.

Junie Bray.

A Junie Bray.

Personagem principal de Daffodil Daydreams. Caiu de um cavalo aos seis anos e cortou a testa, deixando uma cicatriz. Tricotava quando ela estava ansiosa. Assei os melhores brownies. Cheirava a baunilha e tintas acrílicas. Usava o mesmo par de Converse rosa desde o último ano da faculdade. Ela era brilhante e corajosa, e tudo o que eu desejava ser, mas nunca consegui, lindo e selvagem como uma pintura de Monet ganhou vida.

E ela me salvou. Mais de uma vez. Quando eu estava no meu ponto mais baixo, ela estava lá para estender a mão e me tirar daquele buraco horrível...

Seus olhos se arregalaram. “Ah, ah, merda, me desculpe, pensei que você estivesse... desculpe. Uau, isso é constrangedor.

Engoli o nó na garganta. Tentei ser legal. “É o cabelo, certo?”

Ela torceu o nariz e enrugou a pele entre as sobrancelhas. “À distância, e não há muitas ruivas por aí.”

“Bem, sou totalmente natural. Majoritariamente. Se você não contar a cor dos cabelos grisalhos — acrescentei, e ela riu.

“Por que você acha que eu pinto o meu de rosa? Eu ficaria toda branca com a forma como este ano está indo”, disse ela. “Suponho que você é o novato que deu um tapa em Anders?”

Meus olhos se arregalaram. “Ah, porra. As pessoas viram isso?”

“Apenas, tipo, três pessoas”, ela respondeu, e quando eu estava prestes a suspirar de alívio, ela acrescentou, “e isso significa que em breve toda a cidade saberá”.

Enterrei meu rosto em minhas mãos. “Claro.”

“Só para constar, eu não vi, mas Maya com certeza viu”, disse ela, apontando de volta para a loja de doces. “Ela disse que nunca viu Andie irritar alguém tanto antes. Quero dizer, ele ataca Will com frequência, mas,

uau, ele realmente disse algo para você. Ela saiu do meio-fio, mais perto. "Você está bem?"

"Eu..." Minha voz ficou presa na garganta. Fechei minha boca. Franziu a testa. Essa era a última pergunta que eu esperava que alguém fizesse. "Sim", eu disse, embora não parecesse convincente. Limpei a garganta e tentei novamente, porque o que quer que estivesse acontecendo na minha cabeça era problema meu. Eu não precisei arrastar mais ninguém para minha festa solo de piedade. "Melhor que meu carro, pelo menos."

Ela olhou de volta para a oficina, somando dois mais dois. "Ah. A coisa verde na frente da Gail é sua?"

"Heeey, aquela coisa verde é Sweetpea, e ela nunca me decepcionou antes."

"É um péssimo momento." Ela consultou o relógio e balançou a cabeça. "Ele provavelmente acabou de sair."

"Claro que senti falta dele."

Junie estremeceu. "Sim ..."

"E não há chance dele vir amanhã?"

"Em um domingo? Claro, quando o inferno congelar."

Valeu a pena. Puxei meu cabelo por cima do ombro e dei um puxão, quebrando a cabeça em busca de alguém que pudesse consertar meu carro. "Existe outro mecânico na cidade?"

— Garnet foi embora com Bea, e Lyssa não entende muito de carros, então... Junie franziu a testa e sentou-se na calçada ao meu lado. "Na verdade. Já mencionei... a propósito, meu nome é Junie."

"Elsy", respondi e respirei fundo. Ok, então Frank estava fora de questão – pelo menos até segunda-feira. "Eu acho que poderia ser pior."

— Certo — concordou Junie. "Você poderia ficar preso em Poughkeepsie." E ela estremeceu dramaticamente.

Eu bufei uma risada. Era uma das piadas correntes em Quixotic Falls — todo mundo odiava Poughkeepsie. Todos os Bad Boyfriends vieram de lá.

Por um momento, pensei em ficar até segunda-feira. Eu poderia tentar sair de Eloraton, subir a estrada e atravessar a Charm Bridge, mas será que conseguiria antes que a tempestade voltasse? Provavelmente não hoje. E mesmo que eu chegasse à estrada principal, quem sabia a distância até outra cidade? "Acho que ficar até segunda-feira não será tão ruim. Porém, você

tem alguma sugestão de lugares para ficar? Eu meio que dei um tapa na minha única opção.”

Ela sorriu, brilhante e animada, e isso fez seus olhos castanhos brilharem. “Bem, você conheceu a pessoa certa, então. Você está olhando para o coproprietário da única pousada da cidade.

Eu estava confuso. “Achei que as reformas ainda não tivessem sido concluídas?”

“Quero dizer, está quase pronto”, ela ressaltou. “A maior parte do feito é apenas um pouco não feito.”

“Ah...”

Ela acenou para longe da minha confusão. “Não pense muito nisso. Vamos”, acrescentou ela, levantando-se e estendendo a mão para me ajudar a levantar.

A luz do sol refletia na meia dúzia de anéis em seus dedos e brilhava em suas pulseiras de prata e ouro. Olhei para a mão estendida dela e depois para uma mulher sobre quem eu tinha lido inúmeras vezes — destaquei passagens sobre como o coração dela batia mais forte sempre que Will Carmichael entrava na sala — enquanto tentava encontrar esses sentimentos na vida real. Sua mão estendida não era uma armadilha, mas parecia uma, independentemente disso.

Se eu aceitasse, ficaria aqui até segunda-feira.

Qual foi a pior coisa que poderia acontecer?

Então peguei a mão dela e ela me colocou de pé.



Temporada de monções

JUNIE CONVERSOU SOBRE O drama local enquanto caminhávamos de volta para o meu carro. A maioria das coisas que eu já sabia dos romances - como como Gemma e Frank estavam brigando para ver quem ficaria com o condimento em Eloraton, e como o Grumpy Possum Café recebeu o nome do gambá que vivia no teto e que sempre os evitava. os proprietários tentaram capturá-lo.

“Embora o gambá não seja visto há anos. Todos esperamos que ele tenha saído para fazer bebês ou algo assim”, disse Junie. “Eu sinto que ele está escondido em algum lugar, esperando para ser encontrado. Não conte a ninguém, mas Jake está desolado com isso.

O Grumpy Possum Café sem o gambá? Tenho certeza de que ele estava apenas se escondendo.

Havia uma pequena mercearia e a farmácia ao lado tinha um balcão de refrigerantes de verdade e funcionando. Havia pequenas boutiques, um armazém geral e lojas de roupas que vendiam roupas que estavam na moda, bem, na moda provavelmente há meia década, e a maioria das lojas que não eram importantes para os livros eram esquecíveis, da mesma forma que o cardápio tinha estava inacabado no café – meio pensado e embaçado.

Pegamos minha mochila no carro e olhei para a caixa de livros no banco de trás. Devo levá-los comigo também? Não, eles deveriam estar bem onde estavam. Afinal, quem iria roubar um monte de livros de bolso? Fechei o hatchback.

Uma forte gota de chuva caiu no meu nariz. Depois outro na minha testa. Olhei para cima e o céu estava escuro. As nuvens mudaram em questão de minutos.

Junie estendeu a mão e observou algumas gotas de chuva em sua palma. “De novo com a chuva,” ela murmurou. As nuvens pareciam prontas para dar. A tempestade parecia mais violenta do que a anterior, como a da noite passada. “Não acho que vamos vencer a chuva. Quer ir jantar cedo na casa de Gail?”

"Soa como um plano. Ah! Está começando!"

Corremos para o Roost, mas quando entramos no bar fresco, estávamos ambos quase encharcados. Gail nos trouxe toalhas enquanto nos sentávamos perto do meio do bar. Nós nos secamos enquanto pedíamos vinho da casa e hambúrgueres queimados.

“Você realmente precisa parar de ser pego pela chuva, querido”, Gail me disse, e eu abaixei a cabeça, envergonhado.

“Não sei, Gail, ser pega pela chuva é tão romântico. Basta perguntar a Ruby”, disse Junie.

“Não foi”, assegurei rapidamente, porque quase matei um homem e realmente não queria pensar em Anders naquele momento. Quando Gail saiu para fazer nosso pedido de comida ao cozinheiro encostado na janela da cozinha, Junie se virou e me perguntou: Não quero ser assustador, mas notei que sua placa é da Geórgia. O que traz você até aqui?

“Um clube do livro, na verdade. Um clube de livros românticos.

“Ah.” Ela mexeu a sobrancelha. “Do tipo picante?”

“Pareço alguém que lê mais alguma coisa?”

Ela sorriu. “Espero que não.” Gail trouxe nossos vinhos e uma cesta de amendoins torrados. Junie tomou um gole tímido, pensou por um momento e então decidiu que gostou. “Ok, então você veio aqui para o clube do livro?”

Balancei a cabeça, quebrando uma casca de amendoim entre os dedos. “Começamos a nos encontrar nesta cabana no Vale do Hudson no ano em que Rachel... alguns anos atrás”, corrigi. Conhecer o clube do livro foi o

único ponto positivo durante o pior ano da minha vida. “Então decidimos continuar todos os anos depois disso.”

Ela deu um pulo. “Oh, merda, então as pessoas estão esperando por você?”

Eu estremei. “Bem não. Ninguém poderia vir este ano.”

“Exceto você”, ela inferiu.

“Eu sei que é bobagem...”

Ela balançou a cabeça. “Eu acho que é corajoso. Quero dizer, ficar sozinho em uma cabana por uma semana parece assustador.”

Eu soltei uma risada.

“Por que o Vale do Hudson?”

“Nossa série de livros favorita se passa aqui”, respondi, esperando que ela não perguntasse mais nada, “e é muito fácil de acessar para quase todo mundo. É estranho, não pensei que alguns dos meus melhores amigos seriam estranhos na internet, mas aqui estamos. Minha mãe não entende muito bem, mas ela entende o suficiente. Ela disse que uma vez que você encontra os bons, você os mantém por perto, não importa o que aconteça. Eu fiz uma careta, pensando em Liam, a quem eu tentei manter por perto, não importa o que acontecesse, e ele simplesmente me deixou de qualquer maneira. “Embora eles nem sempre fiquem.”

“Então eles não eram os bons”, Junie respondeu com naturalidade.

“Minha mãe diria o mesmo”, eu disse, comendo um amendoim. “Ela está em um cruzeiro pelo Rio Nilo agora. Meus pais se divorciaram quando eu tinha quatro anos e ela nunca olhou para trás. Ela conheceu uma mulher há alguns anos que tinha um passaporte cheio de carimbos de todo o mundo. Mamãe percebeu, enquanto conversava com ela, que ela havia passado tanto tempo lendo sobre lugares distantes que finalmente quis vê-los com seus próprios olhos. Ela imaginou que se aquela mulher pudesse viajar pelo mundo sozinha, por que não poderia? Então, ela foi embora.

“Eu não conseguia imaginar. Isso deve ser tão assustador”, disse Junie, apoiando a cabeça na mão. “Viajando sozinho.”

“Ela concordaria com você, mas ela faz isso de qualquer maneira. Você faz as coisas que mais tem medo.”

“É por isso que você veio aqui sozinho?”

Pensei em casa, na postagem no Facebook detalhando o casamento de Liam e sua noiva, nas fotos do local, no anel e nos arranjos de flores e em

como tudo parecia insuportável. “Sim,” eu menti.

Gail voltou com nossos hambúrgueres e batatas fritas e se inclinou sobre o balcão de forma conspiratória. “Tenho uma pergunta para fazer a você.”

“Sem molho picante desta vez”, eu disse.

Ela puxou um frasco de ketchup de trás do balcão. “Não, não, não é isso. É verdade?”

Pisquei, confuso, enquanto pegava o condimento. “Uh... o que é verdade?”

Gail zombou de eu ter perguntado. “Que você e Anders brigaram!”

“Um punho... Ah, não. Não, não, não, não fizemos”, respondi rapidamente. Junie riu. Eu dei um tapa nele uma vez e agora foi uma briga? Eu queria rastejar para debaixo de uma pedra e morrer. “Eu nem queria bater nele!”

Junie acrescentou: “Mas se tivesse, ela venceria”.

“Você acha?” Eu perguntei e então pensei sobre isso. “Ele pode ser mais briguento do que parece...”

“Ah, que fofo!” Um homem com cabelos empoeirados, pele queimada de sol e um sorriso torto deslizou até o bar ao lado de Junie e encostou-se nele. Sua camiseta branca estava manchada de tinta, assim como seus dedos. Se eu não o conhecesse melhor, pensaria que ele era pintor ou algum tipo de trabalhador da construção civil. Mas não: ele estava pior. Meu coração deu um pulso quando reconheci seu rosto. Nariz quebrado, cicatriz no lábio superior, olhos azul-celeste sonhadores, como nos livros. “Você é a garota que esfaqueou Andie na coxa, certo?”

Eu neguei, confuso. “Eu... eu não...”

“Parece que ela esfaqueia as pessoas na coxa?” Junie perguntou, revirando os olhos. “Honestamente, querido.”

O homem respondeu, inclinando-se atrás dela e apoiando o queixo em seu ombro: “Mas, Junebug, tento não colocar as pessoas em caixas”.

Minha boca estava seca. Era ele — era mesmo ele. Era-

Junie beijou-o brevemente nos lábios. “Elsy, conheça Will.”

Eu sei.

Tentei não olhar, mas foi difícil. Como ver Aragorn saindo das páginas ou descobrir que você está sentado ao lado do próprio Edward Cullen, com a pele brilhante de um assassino.

“É verdade que você tentou arrancar os olhos dele?” Will perguntou, e Junie deu um soco no braço dele.

“Sério, Will?”

“Ai! O que? Ouvi dizer que ela tinha!”

Ela revirou os olhos. “Por favor, ignore-o. Ele bufou muita tinta hoje. Estamos terminando a cozinha da pousada. Querido, ela vai ficar lá esta noite, está tudo bem?”

Ele deu um suspiro. “O quê, temos colegas de quarto? Incrível. Será um prazer ter você.”

“Estou muito feliz por não ter que dormir no meu carro”, eu disse.

“Nós nunca deixaríamos você fazer isso”, ele respondeu, e sentou-se na banquetta ao lado de Junie e roubou uma batata frita do prato dela. “Coração do meu coração, amor da minha vida, narciso dos meus olhos, como foi o seu dia?”

"Amável. Seu?"

“Ainda procurando um novo encanador.”

Com isso, Gail veio trazer uma cerveja para Will. “Novo encanador? O que aconteceu com o que você tinha?”

“Caiu”, respondeu June. “Ele está deitado de costas há seis semanas e não sabemos quando ele poderá trabalhar novamente, então acho que precisamos apenas encontrar um novo.” Ela suspirou melancolicamente. “Ele estava tão perto também. Tudo o que nos restou foi o banheiro mal-assombrado. Às vezes funciona, e às vezes simplesmente... inunda sem motivo e a água acaba em todos os lugares.”

Will roubou outra batata frita, até que Junie deu um tapa na mão dele com um olhar furioso. “Não temos certeza se é realmente mal-assombrado ou se são apenas os canos com vazamento.”

“Shhh, podemos comercializá-lo se for mal-assombrado – pode ser mal-assombrado.” Ela acrescentou para mim: “Você estará longe disso, eu prometo”.

“Junebug, quem viria a uma cidade de duzentas pessoas só para ver um banheiro mal-assombrado?” Will perguntou, não de maneira cruel. Havia adoração em seu apelido, em cada sílaba. Eu me perguntei como seria ter alguém te chamando por um nome assim.

Junie inclinou a cabeça e respondeu com toda certeza: “Você ficaria surpreso, William”.

E eu levantei minha mão para provar seu ponto de vista.

Uma história de fantasmas no meio das Cataratas Quixotescas? Eu senti que esta era uma história escrita só para mim. Não havia nenhuma parte disso que eu não estivesse disposto a aproveitar completamente.

Depois que Gail anotou o pedido de Will para que ele parasse de fugir com as batatas fritas da noiva, perguntei a Junie: “Se for só aquela coisinha... você não pode abrir sem ela?”

"Infelizmente não. É a origem de todos os nossos... problemas de resíduos... para começar", admitiu Junie. "É a maior solução, e não há outro encanador na cidade, então..."

“É um jogo de espera”, Will terminou por ela.

Ela concordou. "Um longo."

Will mexeu as sobrancelhas. "Isso é o que ela disse."

Junie deu um suspiro tão cansado que parecia que sua alma estava deixando seu corpo. Ela colocou a mão na bochecha dele e disse, com toda a seriedade: “Você é horrível. Eu te amo."

“Eu sei”, ele respondeu.

Enquanto eles brincavam, uma figura familiar sentou-se no canto do bar, exatamente o mesmo lugar que ele havia frequentado na noite anterior — e antes disso, e antes disso, e antes disso, eu tinha certeza — e Gail trouxe seu jantar. sem sequer um olhar. Como um relógio. Ele deve vir aqui todas as noites e pedir a mesma coisa. Ele abriu um livro, com as orelhas dobradas como o pagão que era, e mastigou um anel de cebola enquanto lia, sem ter dado uma única olhada a ninguém no bar.

Eu cutuquei minhas cutículas, me perguntando como me aproximar dele para pedir desculpas. Eu estava arrependido, não estava? De qualquer forma, eu precisava ser um adulto em relação a isso.

Levantando-me da banquetta, pedi licença da conversa de Will e Junie sobre reformas na pousada e fui até ele.

Ele nem sequer tirou os olhos do livro quando virou a página e disse: “Gail me contou que seu carro quebrou?”

Meus ombros se endireitaram. Eu já sabia que isso era uma má ideia. “Deve ter quebrado quando eu me esquivei de você na chuva.”

“Ah, acredite em mim”, disse ele. “Estou arrependido de ter ficado na chuva tanto quanto você provavelmente se arrepende de ter sentido minha falta.”

“Bobagem, eu não queria amassar meu carro.”

Ele bufou.

Eu estremei. Por que cada interação com ele parecia que eu estava trocando farpas? Só de estar perto dele fazia meu corpo sentir como se tivesse sido sacudido por eletricidade, e eu gostaria de poder dizer que não era viciante. Eu odiava que se ele não fosse sempre tão mal-humorado, ele poderia ter sido bonito. Bem, acho que ele era bonito, de qualquer maneira, mas inatingível, como um bloco de gelo no freezer que você nunca consegue descongelar. E eu odiei que isso me fez querer conhecê-lo mais. Como um quebra-cabeça que não consegui resolver, mas fui teimoso. Seu cabelo louro-claro estava suavemente cacheado sob a umidade da noite, seus olhos mentolados afiados e brilhantes, quando ele finalmente os lançou para meu rosto e o estudou.

"Você está aqui para me esfaquear na coxa?" ele perguntou maliciosamente. "Ir para a garganta? Esculpir meu coração com uma colher cega? Acabe o trabalho?"

“Nós dois sabemos que você não tem coração.” Eu fiz uma careta.

Suas sobrancelhas se ergueram, mas ele não discutiu. Seu olhar desviou atrás de mim para Junie e Will. “Lembre-se de que você saiu na segunda-feira”, disse ele, voltando ao livro. “Quaisquer que sejam as ondas que você faça, você não fica por perto para ver o que elas levam embora. Portanto, não estrague suas vidas.”

"Como você acha que eu arruinei o meu?"

“Eu não disse isso.”

Meus dedos se fecharam em punhos. "Você é horrível."

"Sim eu sou." Então ele lambeu o polegar e virou a página, efetivamente me dispensando.

A marca vermelha ainda estava em sua bochecha e uma gota de vergonha floresceu em meu peito. Como eu poderia odiar alguém tanto e ainda querer me desculpar por ter sido horrível? Engoli esse sentimento, porque ele não merecia minhas desculpas esta noite. Ele estava errado — sobre mim, sobre o que eu queria da cachoeira, sobre minha vida.

Voltei para o meu lugar e nem Junie nem Will questionaram minha interação. Eles provavelmente perceberam que não era bom, então comi meu hambúrguer queimado e ouvi Junie e Will falarem sobre a reforma da

pousada, e tentei esquecer a briga de antes, ou por que suas palavras ainda doíam.

Você está sozinho.

Eu não estava, mas ele certamente estava.



Assombrada

WILL TERMINOU SEU HAMBÚRGUER e saiu do bar para voltar mais cedo para a pousada. Ele queria tomar um banho e limpar sua bagunça antes de eu chegar. Garanti a ele que não me importaria se houvesse bagunça — eles estavam me dando um lugar para ficar, e isso era mais do que suficiente — mas ele não quis ouvir uma palavra sobre isso. Então isso deixou Junie e eu terminando nossos hambúrgueres e fazendo a caminhada lenta de volta ao Daffodil Inn. Enquanto caminhávamos, amontoados sob o pequeno guarda-chuva que Gail nos emprestou, Junie e eu conversávamos como se nos conhecêssemos há décadas. Foi como encontrar uma parte do meu coração que se partiu anos atrás e lembrar exatamente como ele batia.

Muitas vezes, durante os intervalos para almoço na faculdade onde lecionava, eu entrava na teoria pós-moderna e crítica com alguns dos outros professores, e conversávamos sobre as relações parassociais dos leitores com os autores, sobre fanfiction e propriedade. Sempre houve opiniões divergentes — alguns professores acreditavam que a história pertencia ao autor e estávamos apenas espiando por uma janela. Outros professores achavam que todas as histórias deveriam fazer parte do coletivo global, livres para usar e transformar como quiséssemos.

Argumentei, muitas vezes, que uma vez feito um livro, uma vez escrito, publicado e enviado ao mundo, ele não seria mais seu. Tornou-se nosso - juntos. Você, contando a história, e nós, interpretando-a.

Então, eu sabia que esse Junie não era o meu Junie – não aquele que eu tinha imaginado na minha cabeça. Havia pedaços dela que não eram familiares. A marca de nascença em seu pescoço não era exatamente como eu imaginava, e ela andava com os ombros um pouco curvados para a frente, como se estivesse sempre avançando. Fiquei aliviado, honestamente, porque se ela não tivesse surgido da minha imaginação, então provavelmente eu não estaria morrendo na beira da estrada em algum lugar.

Então, novamente, isso significava que ou ela fazia parte da imaginação de outra pessoa ou era real. Que isso era real.

O que também foi muito difícil de entender.

Quando chegamos à praça da cidade, eu estava contando a ela sobre uma vez que Prudence e eu fizemos um curso de cerâmica na faculdade e acabamos fazendo vasos em formato fálico. A professora não achou graça. “Mas eles funcionavam muito bem como bongos”, acrescentei, e Junie uivou de tanto rir.

“Oh meu Deus, eu amo essa garota Pru. Onde ela está agora? ela perguntou, enxugando uma lágrima do olho.

Eu hesitei. Acima de nós, o relógio bateu sete horas. Os sinos soaram alto e brilhante, o zumbido reverberante ricocheteando pelos edifícios como um zumbido.

Junie percebeu que ela havia dito algo que me chateou. “Porra, me desculpe, isso foi rude. Você não precisa me contar.

“Tudo bem.” Dei de ombros. Paramos na esquina da rua. Do outro lado, a calçada dava lugar a um parque verde na base da torre do relógio e a uma família correndo atrás de um pequeno corgi chamado Augustus. Não que eu não quisesse contar para Junie, mas tinha medo de que parecesse bobo. Que eu pareceria bobo. “Ela está na Islândia com o namorado. Acho que ele vai propor.”

“Ooh, isso é tão chique.”

Eu concordei. “Ele está querendo fazer isso há anos. Estou feliz por eles. Genuinamente.”

Sob o leve barulho da chuva, ela estudou meu rosto. “Mas ...”

“É tão óbvio?”

“Não, mas eu me sentiria um pouco decepcionado se estivesse no seu lugar.”

“Não se trata realmente da semana da cabana. Quer dizer, é, mas não é. Nós... deveríamos fazer tudo juntos”, eu disse finalmente, e parecia que finalmente tinha tirado um peso do peito. Eu poderia respirar. “Fizemos tudo juntos, na verdade. Furamos nossas orelhas juntos quando tínhamos doze anos, e voamos de avião pela primeira vez quando tínhamos dezesseis, e nós dois demos nosso primeiro beijo no baile de formatura — caramba, nossas menstruações começaram com uma semana de diferença. Fomos para a faculdade juntos, nos formamos juntos, nos apaixonamos juntos e saímos de férias e comemoramos marcos importantes e... e... não consigo me livrar deste... deste lugar em que caí. Ela vai se casar e ter filhos e eu só estou... parado.” Apertei os olhos. “E estou com medo.”

Ela parou e pegou minha mão com a mão livre. A chuva escorria pelas bordas do guarda-chuva, formando uma cortina ao nosso redor. “Ei, está tudo bem.”

Mas não foi.

Eu deveria ter visto os sinais, mas durante anos fiquei simplesmente... contente... seguindo Liam pelas trilhas de caminhada, e enrolando meus dedos nas costas de sua camisa como uma criança enquanto nadávamos pelos shows, e deixando que ele nos levasse aonde quisesse. ir. Eu deveria ter percebido que ele nunca olhou para trás para ver se eu ainda estava lá. Seu olhar estava sempre voltado para o futuro, e era isso que eu adorava nele, mas no final descobri que eu simplesmente não era importante o suficiente para ele olhar para trás.

Nem mesmo uma vez.

Junie apertou minha mão novamente. “Não há problema em ter medo. Algumas coisas são difíceis e às vezes você não consegue fazer isso sozinho. Você conversou com Pru sobre algum desses sentimentos?”

Deixei escapar uma risada. “E dizer o quê? Que tenho medo que ela me deixe para trás? Que ficarei sozinho? Que sinto muito por estar quebrado e ela...”

“Você não está quebrado.”

— Estou, Junie. Eu realmente sou." Tirei minhas mãos das dela e enxuguei o canto dos olhos, feliz por não ter começado a chorar. Eu nunca mais choraria por causa de Liam – eu havia prometido isso a mim mesma

anos atrás e iria cumpri-lo. “E de qualquer forma, é para isso que serve o bongo em forma de vaso.”

Ela revirou os olhos. “Você e Ruby têm exatamente o mesmo humor.”

“Isso é um elogio?”

“Não”, ela respondeu, e eu engasguei, pressionando a mão sobre o coração.

“Vou dizer isso a ela na próxima vez que a vir!”

“É melhor não!” Ela me empurrou no ombro e eu sorri, tropeçando para longe dela na calçada. Quando voltei para o lado dela, ela colocou a cabeça no meu ombro. “É estranho, mas acabei de conhecer você e sinto que somos amigos há anos.”

“Sim”, concordei, lembrando-me de quando me enrolei no sofá, folheando uma página com orelhas, como o pagão que eu era, e lendo minhas partes favoritas, e como elas me transportaram por tantas noites sem dormir. Se ela soubesse. “Eu também.”

E então paramos em frente a uma grande casa vitoriana amarela que ficava, tão imponente, entre dois prédios de tijolos, como uma peça de Lego fora de lugar, coberta de hera, campânulas e trepadeiras de madressilva.

O Daffodil Inn era exatamente como eu imaginava.

A pousada era fresca e iluminada, os dentes todos pintados nas bordas do telhado, os cachorros substituídos, os tímpanos serrados e torneados, todos recebendo a devida atenção. A janela saliente era decorada com um narciso de vitral, o mesmo que incrustava a janela da porta da frente. Ao redor da estalagem, encerrando-a como uma linda gaiola, havia uma cerca de ferro forjado coberta de hera e madressilvas que sangravam até o jardim de rosas que cercava a casa.

Uma pequena placa de madeira pendurada na frente do portão dizia 102 MERRY LANE.

Parecia exatamente com a descrição do primeiro livro, quando Junie chegou cambaleando à cidade e pediu um quarto ao jovem de aparência entediada no balcão, que mais tarde descobriu-se ser Will. Eles se conheceram lá, o primeiro beijo deles foi perto do bebedouro com uma estátua de duas sereias entrelaçadas, ele a pediu em casamento bem no hall de entrada...

E tudo isso, tão docemente, parecia um lar.

Junie abriu o portão da cerca branca e eu a segui pela delicada passarela de pedra até a varanda da frente.

“Bem-vindo ao lar”, disse ela, abrindo a porta, e meu coração pulou no peito quando entrei no hall de entrada e dei uma volta lenta. Foi como chegar a um lugar onde já estive centenas de vezes. O ar estava cheio de lembranças. A casa pertencia a um casal que se mudou para cá para fugir da cidade. Eles deram festas luxuosas e encheram a piscina dos fundos com champanhe, e comemoraram o Ano Novo por duas semanas seguidas. Então o marido teve um ataque cardíaco e a mulher morreu de coração partido – ou foi assim que a história foi.

Então Junie chegou à cidade e se apaixonou pelo desenho de madeira de um narciso no chão do hall de entrada, pelas janelas de mosaico de vidro que lançavam cores no piso de madeira e pelas delicadas molduras ao longo das paredes. E, o mais importante, ela se apaixonou pelo homem da recepção, o neto da mulher que morreu de coração partido.

Fiz um giro lento e deliberado. “Uau,” eu sussurrei.

Eu gostaria que o clube do livro pudesse ver isso. Desejei que Pru estivesse aqui.

Deus, eles teriam um dia de campo.

“Desculpe, a pousada está um pouco bagunçada. Ainda estamos tentando terminar”, disse ela, acenando levemente com a mão em direção à porta do porão e ao banheiro mal-assombrado em questão.

“É lindo, no entanto. Os motivos de narciso. As cores brilhantes... parece quente. Caseiro.

Sua expressão se suavizou e ela deu um tapinha na maçaneta do corrimão na parte inferior da escada. “Ela é uma boa menina. Você deverá ver o papel de parede do terceiro quarto de hóspedes no andar de cima. Quer um tour? ela acrescentou, seus olhos brilhando.

Como eu poderia dizer não?

Ela me conduziu pelas salas e pela cozinha, e fiquei maravilhado com a bela moldura do teto, os corrimãos de madeira até o segundo andar, o lustre de cristal na sala de jantar. A mobília era de bom gosto e esparsa, de plástico sobre os sofás, as mesas de centro e as poltronas que desmaiavam, para que, enquanto permanecessem em êxtase, não acumulassem poeira.

O segundo andar era igualmente lindo, todos os quartos temáticos com flores diferentes. A sala de narcisos amarelos era minha favorita. A parede

com cabeceira tinha um mural inteiro de enormes narcisos florescendo. Obra de Junie, eu tinha certeza. Assim como o mural na lateral da Oficina de Automóveis de Frank, o logotipo do Grumpy Possum e até a cena do bar de Gail. Ela me mostrou todos os quartos diferentes, cada um com um tema floral diferente e uma cor focal diferente – lavanda, coral e sálvia. Eles até cheiravam às cores dos quartos. O rosa — rosas — combinava com o cabelo pastel de Junie. Depois de me mostrar o último cômodo – girassóis – ela me disse: “E é isso. Esse é o narciso. Você sabe, mesmo com todos os problemas que enfrentamos, com a infestação de baratas, as tábuas do piso gotejantes, os beirais apodrecidos, as cartas de amor centenárias escondidas no sótão, eu ainda amo este lugar.

As cartas de amor faziam parte do enredo do quarto livro, onde Beatrice fez uma viagem com o neto do destinatário (um homem que ela supostamente odiava e que era, no fim das contas, o irmão mais novo de Ruby) para devolver as cartas ao amor perdido de seu avô. há quarenta anos. Foi de longe o livro mais triste de Rachel, mais triste ainda com a tragédia do falecimento da autora, porque no final Beatrice deixou Eloraton. Bea foi a única das heroínas que o fez. Muitas heroínas vieram encontrar um lar em Eloraton. Junie apareceu em busca de um porto seguro. Ruby encontrou abrigo em Jake. Gemma encontrou aceitação em uma pequena loja de mel de propriedade da excêntrica autoproclamada bruxa da cidade. Mas Beatriz? Foi o azul selvagem que a encheu de admiração.

Junie passou os dedos pelo corrimão do segundo andar, parecendo tão apaixonada pela vida que havia encontrado.

E um sentimento tão visceral me atingiu naquele momento - eu queria isso.

Eu queria encontrar isso.

A sensação era tão estranha e tão pesada que parecia um anzol amarrado aos meus dedos dos pés, puxando para cima. Era um anseio tão profundo que atingiu partes de mim que eu ainda não tinha descoberto. Senti isso quando Junie me arrastou até a cozinha para fazer brownies, porque o vinho tinha lhe dado uma vontade doce e Will adorava seus brownies mesmo quando ela os queimava, e senti isso enquanto bebíamos limonada na varanda da frente e nos balançamos no cadeiras de balanço, e ela me contou sobre coisas que eu já sabia — sobre como ela e Will se conheceram, e sua vida antes de Eloraton, sentindo-se desvinculada de seu

trabalho e de suas paixões. Ela falou sobre tudo isso com o distanciamento de alguém que descobriu onde lançar âncora e construir uma vida. E muito cedo, era meia-noite e ela estava me mostrando como abrir as janelas do meu quarto e onde ficavam os cobertores extras caso eu ficasse com frio em meados de junho, mas minha mente estava a oitocentos quilômetros de distância, pensando na minha solidão. apartamento e meu escritório bagunçado no departamento de inglês e o plano de estudos que ainda precisava apresentar para o próximo semestre, e a sensação de aperto no estômago.

“Elsy?” ela perguntou, e eu percebi que ela estava falando comigo.

Afastei o sentimento. "Desculpa, o que?"

“Eu perguntei se você precisava de alguma coisa. Will e eu estamos no quarto principal, lá embaixo, mais perto do banheiro mal-assombrado, não se preocupe. O banheiro em frente ao corredor principal é o único funcionando no momento... você sabe, a questão do encanamento. Então, todos nós compartilhamos isso. E se você quiser tomar banho de manhã, pode tomar um no quarto principal, se estiver tudo bem? E eu acho que é isso?”

“Isso é perfeito”, respondi, largando minha mochila no pé da cama.

“Mesmo com o encanamento estranho?”

“É melhor do que dormir com ursos.”

Suas sobrancelhas franzidas. "Eu espero que sim?"

“Obrigado, de verdade. Se houver algo que eu possa fazer para retribuir...”

Ela acenou com a mão. “Por favor, não mencione isso.” Então ela agarrou a maçaneta e parou antes de fechá-la, um pensamento lhe ocorreu. “Além disso... se você ouvir algo no meio da noite, não mencione isso também.”

Eu treinei meu rosto para não parecer muito astuto. Pelo menos, ao contrário de Ruby e Jake, Junie e Will pareciam estar se dando — e se dando — perfeitamente bem. “Mencionar o quê?”

"Exatamente! Pois bem, boa noite. Ah, geralmente acordamos por volta das oito, mas fique à vontade para ficar na cama o tempo que quiser — acrescentou ela, e com um último aceno estranho, fechou a porta atrás de si. As tábuas do piso rangeram quando ela recuou para as escadas e depois desceu para o primeiro andar. Esperei até ouvir a porta do quarto principal

se fechar e então caí na cama barulhenta do quarto amarelo e sorri para mim mesmo.

Isto era muito melhor do que qualquer loft velho e abafado.



Coloquei meu pijama e apaguei as luzes, prestes a abrir as janelas e me deitar na cama (não havia ar-condicionado central na maioria das casas mais antigas de Nova York), quando um movimento no jardim atrás do Daffodil Inn chamou minha atenção. A princípio pensei que fosse um truque da chuva, mas depois a luz da rua atingiu os raios de um guarda-chuva. Havia alguém entrando pelo portão e indo em direção à pérgula nos fundos do jardim. Não consegui ver um rosto, mas suas calças com pregas finas e seus sapatos engraxados o denunciaram.

Anders.

O que ele estava fazendo se esgueirando?

Ele não me notou na janela quando mergulhou sob a pérgula e desapareceu pelo estreito beco coberto de trepadeiras. Para onde ele estava indo? Tentei pensar se havia algum lugar ligado ao jardim do Daffodil Inn, mas nada me veio à mente.

Curioso.

Se eu tivesse tempo amanhã, veria o que era tão importante que ele iria visitá-lo na chuva. Então, novamente, eu quase o acertei naquela mesma chuva, então talvez vagar em meio a tempestades não fosse uma coisa tão estranha para ele.

Fui para a cama. O colchão era confortável, embora um pouco velho, e os lençóis cheiravam a roupa limpa e limões. O som da chuva sussurrou entre as cortinas transparentes da cor do sol, e suspirei de volta nos travesseiros de penas. Era isso. Paraíso. Eu não entendia o que impedia Junie e Will de abrir a pousada — tudo parecia perfeitamente copacético. Certamente o encanamento não poderia ser assim...

Então eu ouvi.

No começo, pensei que fosse apenas um barulho da casa se acomodando. Então rolei na cama e admiti para mim mesmo que talvez sentisse falta dos estorninhos nos beirais...

Mas então ouvi de novo.

Eu me sentei.

Foi isso... não. Não poderia ser.

Rachel Flowers não escreveria uma história de fantasmas em seus livros. Deve ter sido Junie ou Will se levantando para fazer barulho pela cozinha.

O som não... parecia um farfalhar, no entanto.

Calçando meus tênis ainda úmidos, peguei meu telefone e liguei a lanterna, saí do quarto e desci as escadas. Eu não era muito sorrateiro, como descobri. Se meus sapatos não estavam rangendo, então as tábuas do piso estavam.

Mas o som persistiu quando cheguei ao fim da escada e acendi a luz no corredor.

O gorgolejo demoníaco ímpio vinha da porta abaixo da escada. A porta para o porão.

O banheiro assombrado.

Para minha total consternação, a porta do porão estava destrancada, então é claro que desci até as entranhas do Narciso. Passei a mão pela lateral da parede até encontrar o interruptor de luz no final da escada. Se fosse um fantasma, quem seria? Rachel Flowers traria de volta um personagem que ela matou? Não, as únicas pessoas que ela matou foram aquelas que ninguém queria de volta. Ex de Gemma e madrasta de Bea, e uma série de pais anônimos porque Rachel Flowers não era nada senão uma otária para o tropo órfão.

Outro gorgolejo baixo e terrível ressoou. Realmente não era um porão terrível, considerando todas as coisas. Se o banheiro não fosse mal-assombrado, acho que Junie e Will o teriam transformado em uma sala de recreação. Havia uma mesa de sinuca, sofás extras cobertos de plástico e uma porta nos fundos que dava para o jardim privado com a fonte da sereia.

Se esse — esse fantasma — era o motivo pelo qual Junie e Will ainda não tiveram seu final feliz, então talvez eu apenas... conversasse um pouco.

Segui o som até o perpetrador no canto mais distante e abri a porta. O banheiro em questão parecia com qualquer outro banheiro do porão, embora

tivesse um preocupante anel de ferrugem ao redor da base que parecia, um pouco enigmático, como sangue. Tentei dar descarga, mas ele simplesmente borbulhava e arrotava – como se houvesse algo entupindo.

Huh.

Tentei de novo, mas nada desta vez.

Então, o que é ainda pior, ouvi outro barulho estranho – como um grito estridente nas paredes, e eu pulei para fora do banheiro e fechei a porta.

Ok... talvez não fosse tão fácil. Eu sabia o suficiente sobre vasos sanitários para desentupi-los, mas isso? Isso estava acima do meu nível salarial.

Os canos acima de mim tremeram, e qualquer fantasma que Rachel Flowers tivesse escrito nesta história poderia permanecer morto.

Eu já estava de pé e fora do porão quando o barulho parou, subindo as escadas até o segundo andar, de dois em dois. Mal tirei os tênis antes de mergulhar na cama novamente e puxar as cobertas para cima.

Junie estava errada. Eu não fui nada corajoso.



Tudo na minha prateleira

JUNIE NÃO FICOU SURPREENDIDA ao me encontrar acordada e vestida na manhã seguinte, quando entrou na cozinha. Na verdade, ela parecia um pouco envergonhada. Porque ela sabia o que eu tinha suportado na noite passada. Ah, ela definitivamente sabia. Eu não conseguia me lembrar da última vez que acordei num domingo antes do meio-dia. Tomando meu café, observei-a se arrastar sonolenta até a cafeteira e se servir de uma xícara, antes de se juntar a mim à mesa. Larguei minha xícara e olhei nos olhos dela.

“Quando você disse ‘barulho’ ontem à noite, você não quis dizer...” E fiz um movimento com as duas mãos.

Ela abaixou a cabeça, envergonhada, e seu emaranhado cabelo rosa caiu em seu rosto como uma cortina. "Ah, então você ouviu."

“Não sou especialista, mas vou dizer isso com todo o amor do coração: não procure encanador.” Encostei-me na mesa, mais perto dela. “Encontre um exorcista.”

"Eu sinto muito. Ontem à noite foi pior do que a maioria... você conseguiu dormir?"

Eu acenei para ela. "Dormir é para os fracos. E sorte. O que eu quero perguntar é como você e Will dormem com isso? O seu quarto não fica logo

acima do porão?

“Tampões para os ouvidos”, ela respondeu simplesmente, e depois tomou um gole de café. “Ah, isso é tão bom. Este é o nosso café de merda?”

“Você aprende a fazer um bom café quando vive dele durante todo o seu programa de graduação.” Recostei-me novamente na cadeira e lancei um olhar desconfiado para a porta do porão. “Honestamente, parece que há algo vivo em seus canos.”

“Certo? Eu não sei o que poderia ser. Tentamos de tudo e, se você olhar agora, posso apostar que há água por todo o chão.”

“Um fantasma que gosta de se molhar um pouco, quem diria?”

Ela quase vomitou o café. “Elsy!”

Eu ri. “Não pude evitar.”

“Não pude evitar o quê?” Will perguntou, entrando na cozinha espreguiçado, sua camisa amarrotada levantando para mostrar sua barriga bronzeada. Ele bocejou e cheirou o ar. “Isso é café?”

“Elsy fez isso”, disse Junie, e ele rapidamente pegou uma xícara e se juntou a nós à mesa.

Ele cantarolou enquanto tomava um gole. “Junebug, pegue a receita dela.”

“Meu cara, é só café. Não há receita”, respondeu ela, parecendo ofendida, “e meu café é ótimo”.

Mordi o interior da bochecha, porque não ia dizer que ela também tinha acabado de me elogiar pelo sabor. Realmente não havia nada nisso - eu apenas o deixei tão forte que você poderia colocar uma colher nele e esperava que você gostasse de melão.

“Seu café é ótimo”, ele concordou, balançando a cabeça, “mas o da Elsy é melhor”.

Ela estreitou os olhos para ele. “Você vai dormir no porão esta noite.”

Ele empalideceu. “Querida!”

“Não se preocupe, querido, é muito cedo. Ah, a propósito, dê a ela um par extra de protetores de ouvido esta noite.”

Ele tomou outro gole e me olhou. “Então, você ouviu também? A ruína da nossa existência?”

Hesitei, olhando entre os dois. “Não foi tão ruim”, finalmente emendei. Além disso, eu não queria que eles sentissem que sua hospitalidade tinha sido pior do que dormir no meu carro, prontos para a

visita do Urso Smokey. Eu consegui dormir no Daffodil Inn e, não importa o que acontecesse, nenhum banheiro mal-assombrado havia estragado tudo. Ainda foi memorável. Só talvez não da maneira que imaginei. “Foi bom, realmente. E eu consegui dormir. Finalmente. Às quatro da manhã. Durante trinta minutos. "Então, estou bem.”

Junie não parecia muito convencida, mas Will estava. “Cara, então você tem que me contar o seu segredo, porque às vezes consigo ouvir aquele idiota enquanto durmo.”

Dei de ombros com indiferença. “Acho que só tenho o sono pesado.”

O que era mentira. Eu era bom em fingir que estava acordado para todas aquelas aulas das 8h que meu reitor sempre me agendava. Fiquei convencido de que ela queria isso comigo desde que lhe contei que Nora Roberts teve um impacto tão grande – se não maior – no cenário editorial moderno quanto gigantes literários como Franzen ou Tartt. Ela estava me agendando para as aulas de madrugada desde então.

Tomei outro longo gole de café. Will não precisava saber disso. Nem Junie.

Eu cuidaria do banheiro mal-assombrado pelas próximas noites – afinal, este era um lugar para dormir e eles já eram muito gentis. Eu não estava disposto a reclamar mais do que já havia feito.

“O que vocês têm em pauta hoje?” — perguntei, direcionando a conversa para outro lugar, e eles me contaram sobre a moldura que ainda precisavam pintar e alguns trabalhos estéticos na varanda ao redor, mas fora isso era apenas um jogo de espera até que encontrassem um encanador diferente.

Ou um exorcista.

Nenhum dos quais Rachel Flowers escreveu em abundância. Pena que ela não tenha escrito um romance sacerdotal quente. Isso poderia realmente ter sido útil aqui. Não, em vez disso ela escreveu para um homem bonito e mal-humorado em uma livraria. Que desperdício abismal.

Will preparou o café da manhã e depois eu decidi sair de perto deles por um tempo e ir explorar Eloraton. Faça todas as grandes paradas – a torre do relógio, a joalheria que só abriu quando Mercúrio estava retrógrado, Sweeties (de novo), a galeria de arte, o antigo cinema, a cachoeira...

O olhar penetrante de Anders passou pela minha mente, assim como o som do tapa, e estremei.

Ou talvez não a cachoeira...

Foi tão frustrante – por que ele se importaria se eu fosse lá ou não? Ou seu defeito de caráter era o mesquinho que não acreditava no amor verdadeiro? O pior que poderia acontecer, se eu fosse, era... o quê? eu me molharia? Eu ficaria sozinho embaixo da cachoeira e gostaria de ter alguém para beijar, só para ver se a magia funcionava em pessoas fora da ficção?

Mas mesmo que acontecesse, eu não tinha ninguém para beijar.

A magia seria desperdiçada comigo.

Falando em Anders, o que ele estava fazendo, se esgueirando na chuva? Desci os degraus de volta ao jardim, levando comigo uma xícara de café para viagem. Junie e Will tinham ido se vestir e começar a pintar o dia, então eu tinha certeza de que não seria seguido.

A pérgula ficava despreziosa nos fundos da propriedade, quase escondida entre as roseiras crescidas.

Eu tinha começado a percorrer o jardim quando algo chamou minha atenção pelo canto do olho. Do outro lado da rua, em frente ao açougue, Lily se abaixou para pegar novamente as páginas de seu livro. Alguns deles voaram para o meio da estrada. Olhei de volta para a pérgula. Isso poderia esperar, pensei, e pulei a cerca lateral do jardim e atravessei a rua até ela. Peguei as páginas na rua. Estavam nebulosos, a ilustração borrada, como o cardápio do café. Outra coisa meio imaginada.

Eu os entreguei a ela.

Lily me agradeceu e os colocou de volta em seu devido lugar. “Eu continuo perdendo eles”, ela disse com um bufo frustrado, e então semicerrou os olhos para mim. “Você é amigo do tio Andie, não é? A garota estranha que quase o atropelou?”

“Acho que sim”, respondi secamente, nem um pouco surpreso por Anders ter caluniado meu nome até mesmo para uma criança de oito anos. “Esse livro parece muito amado.”

"Eu acho que você poderia dizer isso."

"O que você está fazendo aqui?"

Ela encolheu os ombros. “Mamãe teve que cuidar das abelhas novamente, então tive que chamar Maya para abrir a loja. Aparentemente, as abelhas querem assassinar a rainha.”

“Tenho certeza que sua mãe vai impedi-los.”

“Ou as abelhas criarão uma nova rainha em segredo e, quando ela tiver idade suficiente, a colméia se levantará e matará a velha rainha.” Ela pensou nisso. “Eu me sinto mal pela nova rainha. Bem, o antigo também, mas especialmente o novo. E se o novo também fizer mal? Então a colméia criará outra e a nova rainha será morta pelas mesmas abelhas que a criaram. Eles são implacáveis.

“Quando você fala assim...” murmurei, pensando que talvez esse garoto precisasse ler um pouco mais sobre unicórnios e princesas. Ou talvez tardígrados.

“As abelhas podem formar uma colméia em três meses e começar a produzir mel em quarenta e cinco dias”, ela continuou com naturalidade, e olhou para o livro, mantendo-o tão bem fechado que seus dedos estavam ficando pálidos. “E não consigo nem consertar meu livro.”

“Para ser justo, os livros são difíceis de consertar.”

Lily franziu a testa, olhando para mim sob o sol da manhã. "Como você sabe?"

“Porque eu fiz isso.”

"Você tem?" Ela parecia cética.

Eu não poderia culpá-la.

"Claro." Dei de ombros. “Já fiz isso muitas vezes.”

Lily me olhou com desconfiança. “Se o tio Andie não conseguiu, como você pode?”

“Porque posso ser melhor que Anders.” Tentei não parecer muito presunçoso.

Ela estreitou os olhos. Esse garoto realmente era difícil de vender.

Estendi minha mão. “Aqui, posso ver?”

Ela entregou o livro. Peguei-o com cuidado e virei-o em minhas mãos. Realmente estava em péssimo estado. A capa estava faltando, assim como a página de título, e a lombada estava quebrada, então pelo menos metade das páginas coladas já estavam caindo, ou já haviam caído. Como o livro tinha encadernação perfeita e não costura copta, era ao mesmo tempo mais fácil e mais difícil de consertar. A capa em si estava torrada – precisaria de uma nova. Mas no geral... eu tinha feito pior com meus próprios livros, e mamãe os havia consertado.

Lily esperou impacientemente. "Bem?"

“Sim, acho que posso fazer isso. Não tenho minhas ferramentas em casa, então pode ser um pouco difícil...”

“A livraria tem uma seção de artesanato”, ela ressaltou, mordendo nervosamente o cabelo escuro. “Talvez você possa encontrar algumas coisas lá?”

A livraria era o último lugar que eu realmente queria ir, mas parecia bobo dizer a ela que não iria só porque queria evitar Anders a todo custo. E aqui pensei que poderia passar um dia sem ver o rosto dele. Bem, eu ainda poderia tentar.

“Tudo bem”, cedi, “mas teremos que ser um pouco sorrateiros. Anders... realmente não gosta de mim agora.

Ela assentiu com conhecimento de causa. "Porque você o agrediu?"

Eu estremeci. “É... mais complicado que isso.”

Ela revirou os olhos. “Os adultos são estranhos.”

“Você não está errado”, admiti. “Então... para a livraria?”

“A livraria”, disse Lily, e desceu a rua em direção à Inefable Books. Corri atrás dela, com o livro quebrado a reboque.



Coluna (menos)

ANDERS, felizmente, não estava em lugar nenhum. Nem seu gato, Butterscotch.

Coloquei o livro no balcão da frente. Quanto mais tempo eu pudesse me esgueirar pelo dono da livraria mal-humorado, melhor. Pedir desculpas era a coisa adulta a fazer, mas eu ainda não sabia exatamente o que dizer, ou como dizer. Me desculpe por ter dado um tapa em você, mas você foi um idiota? Isso parecia contrário. Não, é melhor evitá-lo o máximo possível.

Sussurrei para Lily, contando nos dedos: — Ok, vou precisar de um pouco de cola Elmer, um pouco de fita adesiva, uma caixa de papelão, uma tesoura e uma régua... ah, e uma fita também, se você tiver...

"O que vocês dois estão fazendo?" veio a voz fria e articulada de Anders.

Eu me virei com um suspiro. "Ah! Você está aqui."

Anders ficou parado, sem graça, entre Não-ficção e Memórias, e deu uma mordida em seu bagel com... algo que cheirava a schmeiar de cebola e cebolinha. "E, infelizmente, você também."

Hoje, ele usava uma camiseta cinza larga e jeans azul escuro, o que definitivamente o deixava horrível. neles. De jeito nenhum.

Eu estreitei meus olhos. Ele devolveu o olhar furioso. “Você não precisa se aproximar furtivamente das pessoas”, eu disse.

"É divertido." Ele mudou seu olhar entre mim e Lily, e depois de volta para mim. “Deixe-me perguntar novamente: o que vocês dois estão fazendo? Nada de bom, com vocês dois juntos.

Lily ergueu seu livro. “Ela vai consertar isso para mim! Ops — acrescentou ela, enquanto um punhado de páginas caía e caía no chão.

Anders enfiou o resto do bagel na boca, limpou os dedos na calça jeans e se abaixou para ajudá-la a pegá-los. Depois de juntá-los, ele entregou as páginas para ela, agachando-se para olhar para ela. "Ela está agora?" Mais uma vez, outro daqueles piercings olha para mim. Estremeci, querendo derreter no chão, e desviei meu olhar para meus sapatos. “E ela sabe como consertar isso?”

"Sim," eu interrompi, e Lily assentiu animadamente.

Ele não disse nada por um longo momento enquanto me estudava, levantando-se novamente. A maneira como ele se comportava, frio e sereno, fazia com que parecesse um gigante. Isso me fez ficar mais ereto também, então não precisei olhar até o nariz dele. Então sua atenção voltou para Lily, e ele disse a ela, seus ombros derretendo um pouco em uma postura mais amigável: “Bem, não vamos ter uma surpresa, então? Em que posso ajudar?”

Comecei a dizer: “Ah, você não precisa...”

Mas Lily ergueu as mãos e contou nos dedos: “Cola, fita adesiva, caixa de papelão, tesoura, régua e... hum... qual foi a última coisa?” ela me perguntou.

"Uma fita."

“Certo, isso. Você acertou?”

Lily e eu olhamos para Anders com expectativa, e ele encolheu os ombros com um ombro só. “Acho que temos a maior parte disso nas costas.” Ele foi buscar os suprimentos. “Mas não a fita. Butterscotch assumiu como missão de sua vida destruir todos eles. Você terá que encontrar isso em outro lugar.

Lily olhou em volta. “Onde está seu gato?”

“Provavelmente escondido em algum lugar”, respondeu ele, embora houvesse uma nota de incerteza em sua voz enquanto olhava ao redor da

livraria. “Provavelmente rastejou até uma alcova e adormeceu. Ele sairá eventualmente. Você precisa encontrar uma fita.

"Hum." Lily pensou nisso antes que uma ideia lhe ocorresse. “Ooh, eu sei onde está uma fita! Já volto”, acrescentou ela, e antes que eu pudesse perguntar para onde estava indo, ela saiu correndo pela porta da frente e desceu a calçada.

Eu podia sentir o olhar crítico de Anders sobre mim.

“Eu sei o que estou fazendo”, eu disse, respondendo à sua pergunta tácita. Então eu disse: “Trégua? Para Lillian?”

Ele revirou o pensamento. “Depende.”

Eu não queria que ele me odiasse. Eu não queria que ninguém fizesse isso, na verdade. Foi uma falha minha. Eu respirei fundo. Agora ou nunca, eu imaginei. “Olha, sobre ontem—”

“Tenho algumas caixas lá atrás”, ele interrompeu e saiu.

Fechei minha boca. Oh céus. Ele deve realmente me odiar.

Alguns momentos depois, ele voltou com uma caixa de papelão, um estilete e alguns outros suprimentos que Lily havia listado.

Eu vasculhei eles. “Isso deve funcionar, obrigado. Quer dizer, eu gostaria de ter meus suprimentos: uma pasta de osso, cola PVA, minha agulha de costura, mas isso vai servir. O que?” Eu perguntei, quando o encontrei olhando.

Ele saiu de todos os pensamentos que tinha em sua cabeça e rapidamente recuou para a seção infantil, murmurando algo sobre encontrar seu maldito gato.

“Estranho”, murmurei e comecei a trabalhar.

Comecemos pelo princípio: tive que arrancar o restante da capa e reforçar a lombada, o que fiz com a cola de Elmer. Quando terminei, Lily voltou com uma linda fita que – claramente – ela usou no cabelo.

"Isso vai funcionar?" ela perguntou, sem fôlego.

Peguei-o e passei a fita de dois centímetros de espessura entre os dedos, comparando-a com o livro. Era da cor do leite e do mel. “É lindo. Tem certeza de que não vai perder?”

“Não. Não gosto mais de fitas no cabelo.”

“Então eu adoraria usá-lo.”

Ela puxou um banquinho e sentou-se do outro lado do balcão enquanto me observava trabalhar, balançando os pés para frente e para trás debaixo

da cadeira. Colei a fita na lombada de papelão na parte superior, dando a ela um marcador embutido. Lily assistiu, maravilhada.

“Então, como você aprendeu tudo isso?” ela perguntou enquanto eu media seu livro e depois colocava as páginas coladas para secar sob cinco volumes pesados que tirei da estante mais próxima (História). O peso dos livros comprimia as páginas e elas acabavam coladas. A partir das medidas, desenhei caixas no papelão. “Uma escola especial?”

“Não. Minha mãe era bibliotecária, então aprendi com ela”, respondi, verificando novamente as medidas, e então comecei a cortar com o estilete. “Não tínhamos muito quando eu tinha a sua idade e eu lia tanto que meus livros também começavam a desmoronar. Ela estava acostumada a enfaixar livros para a biblioteca em que trabalhava (nosso distrito não tinha grandes recursos financeiros), então ela me ensinou como consertá-los. Amarre os espinhos. Cole as páginas. Tape as capas. Ela sabe como consertar tudo.

“Você também é bibliotecário?” Lillian perguntou.

“Não. Eu ensino inglês na faculdade local.”

“Isso parece chato.”

Eu ri, terminando de recortar o papelão que serviria de capa. “Às vezes é, mas posso falar sobre minhas histórias favoritas. Então faz valer a pena.”

Ela observou enquanto eu pegava um pedaço de cartolina e o colocava sob a lombada de papelão, colando as duas capas de cada lado. “Qual é o seu favorito?” Então ela torceu o nariz. “Eles estão beijando livros, como aqueles que o tio Andie gosta?”

Assustado, perguntei: “O quê?”

“Você sabe, romances.”

“Quero dizer... eu... sim. Eu gosto muito deles.”

Ela assentiu sabiamente. “Você deveria falar com o tio Andie, então. Ele não é casado, mas quase foi. Acho que é por isso que ele gosta de lê-los.”

Isso me surpreendeu. Anders já teve uma noiva? “Eu me pergunto o que aconteceu,” murmurei.

Lily encolheu os ombros. “Acho que não foi MTB.”

“BTT?”

“Destinado a ser.”

Anos atrás, quando conheci Liam, eu também acreditava em coisas assim. Estrelas se cruzando, companheiros predestinados e casais que

deveriam existir. Histórias mais adequadas para livros, onde os enredos eram previsíveis e os finais sempre felizes.

Tentei imaginar Anders noivo, como ele a propôs, como seria o anel. Quem era sua ex-noiva? Como eles terminaram? Ele não foi muito aberto com qualquer tipo de informação, então duvidei que pudesse perguntar a ele diretamente. Pensei em tudo o que já havia descoberto: ele ainda era solteiro e não tinha nenhuma perspectiva, isolava suas emoções, tinha um gato, veio para a cidade e abriu a livraria... mas todo o resto foi um problema. borrão. Preencha o espaço em branco. Ele era um Darcy loiro procurando por sua Elizabeth.

Isso pelo menos o fez parecer interessante. Bruto.

Eu cutuquei a cola seca em meus dedos. Uma ex-noiva, né? No fundo da livraria, ouvi-o estalar a língua, afastar os livros, procurando o gato.

Deve ter sido horrível, mas eles terminaram o noivado.

Anders e eu éramos mais parecidos do que eu pensava.

“Quer me ajudar com a próxima parte?” Pedi a Lily para me distrair dessa ideia. “Vamos escolher algumas guardas. Há uma arte nisso.” Entreguei a ela o livro de cartolina e terminamos de montar o invólucro.

Eu disse a Anders que pagaria pelos suprimentos que usei quando o vi espiando pela seção de Romance, mas ele apenas acenou com um tom de vergonha nas bochechas e desapareceu novamente, dizendo que pensou ter ouvido um miado.

Lily escolheu suas cores favoritas da cartolina - rosa e amarelo - então embrulhamos o papelão nelas (ela disse que elas a faziam se sentir como se estivesse em seu lugar feliz) e depois escolhemos um roxo brilhante para as guardas e definimos para colar tudo junto. Não foi meu melhor trabalho, mas a tarde com Lily foi legal. Pacífica, até. Isso me lembrou de todas as vezes que mamãe e eu consertávamos livros esfarrapados da biblioteca em seu escritório.

Eu estava feliz então. Muito, muito feliz.

Não que eu não estivesse feliz agora, ministrando cursos de inglês de nível universitário. Eu era. Keats, Byron e Shelley. Era um sonho poder ler o quanto eu quisesse e discutir as maiores frases do bardo com novos olhos. Mas também havia algo... um pouco divorciado dessas conversas também. Algo faltando.

“Pronto”, eu disse, abrindo o livro com cuidado e depois fechando-o. As páginas estalaram um pouco, ainda delicadas por causa da cola. “Não é o melhor, mas...”

Ela ofegou, pegou-o e estendeu-o à sua frente, a fita que ela escolheu tinha o tamanho perfeito para caber entre as páginas. "Eu amo isso!"

"Tem certeza que?"

“Sim, e agora não preciso mais incomodar o tio Andie!”

Soltei uma risada e então me assustei quando Anders se materializou nas entranhas da livraria, com as mãos nos bolsos. Ainda sem seu gato. Ele disse: “Você nunca poderia me incomodar”.

Lily fez uma careta. “Você é um péssimo mentiroso.”

“Eu não sou tão ruim assim”, ele murmurou. Lily mostrou-lhe o livro e a surpresa brilhou em seu rosto. “Oh, isso é muito... brilhante.”

"Eu amo isso! Eu amo isso!"

Ele cedeu quase instantaneamente e concordou. “Parece encantador, Lily. Você agradeceu a ela?”

Lily se virou para mim e mergulhou na minha barriga para um abraço. Ela enterrou o rosto no meu torso e me apertou com força. "Obrigado! Obrigado, obrigado, obrigado!" ela disse, e então me deixou ir. “Eu costumava querer ser biólogo marinho, mas agora quero ser outra coisa.”

Anders colocou a mão no topo da cabeça dela. “E o que é isso, Lils?”

Ela empurrou a mão dele. “Um editor de livros que também salva as baleias, dã.”

“Ah.” E ele revirou os olhos daquele jeito carinhoso que os adultos só podiam fazer com crianças que sabiam que estavam certas e que ninguém poderia dizer o contrário. "Eu sou bobo por perguntar."

Ela mostrou a língua e ele mostrou a dele em retaliação. “Vou mostrar à mamãe as colmeias de mel!” ela anunciou, e me agradeceu mais uma vez antes de sair da livraria em um turbilhão de tranças.

Eu a observei ir, incapaz de evitar um sorriso. Que criança doce. Eu me perguntei se, quando Pru e Jasper tivessem filhos, eu seria uma boa tia excêntrica. Aquela esquisita que vinha nos fins de semana e trazia presentes ainda mais esquisitos, que sabia consertar livros, usava meias de cores diferentes e tinha uma história para cada ocasião. Nunca me imaginei com crianças. Nunca pareceu comigo.

Mas isso? Eu poderia fazer algo assim.

Então, é claro, Anders teve que estragar tudo.

“Vejo que você está fazendo amigos”, ele comentou secamente, colocando as mãos nos bolsos da calça jeans e arqueando uma sobrancelha. Ele parecia tão legal, tão composto, tão bonito, que era irritante.

Peguei minha bolsa transversal do balcão e pendurei-a no ombro. “Sim, bem, prefiro andar com pessoas que gostam de mim.”

“Eu não disse que odiava você.”

Não, mas ele também não gostava de mim. Eu ainda precisava me desculpar com ele, mas será que ele interromperia como da última vez, sem querer ouvir? “Você tem uma ótima seleção de romances”, eu disse, apontando para a prateleira de livros de bolso.

E então eu fui embora.



O Cemitério das Coisas Excluídas

ALMOÇO TARDE no café. Jake tinha acabado de aparecer, entrando como se tivesse saído da cama dois segundos atrás, com barba por fazer e cabelo escuro desgrenhado. Ele cumprimentou o adolescente atrás da caixa registradora, como se quisesse marcá-lo, e deslizou por cima do balcão para ficar atrás do bar. Ele colocou o crachá, amarrou o avental na cintura e começou a trabalhar. Presumi que Ruby já tivesse ido embora, mas queria tentar me desculpar por... bem... ter dito a ela que ela havia se conformado, porque Jake realmente estava fazendo o melhor que podia, e ele nunca tinha tempo suficiente na página fazendo esse trabalho... trabalho com o qual Ruby havia resolvido. E para ser honesto, ele era ótimo nisso. Ele conversava com os clientes como fazia desde que nasceu. Ele conhecia seus pedidos, sabia seus nomes, sabia como sorrir e quando rir, e era muito bom em fazer com que as pessoas comprassem um pouco mais do que inicialmente pediam. Ah, só um café? Tem certeza de que não consegue abrir espaço para um queijo dinamarquês? Eles são novos e melhores do que o Starbucks jamais poderia ser.

Foi realmente um espetáculo para ser visto.

Quando terminei o resto do meu refrigerante, Ruby saiu correndo do escritório como uma tempestade. Ela deu um beijo na bochecha de Jake,

cumprimentou o cliente que ele estava atendendo e rapidamente se dirigiu para a porta. O turno dela devia ter acabado.

“Ruby,” eu chamei, colocando uma nota de dez para o meu almoço e saindo da mesa. Eu provavelmente poderia simplesmente tê-la deixado ir, mas não queria que ela pensasse que eu estava... bem, eu não queria que Ruby Rivers me odiasse porque fui imprudente.

Ela fez uma pausa em seu nome, procurando a fonte, mas quando seu olhar pousou em mim, ela franziu a testa. “Ah, amigo de Anders.”

“Não é bem amigo”, respondi com uma careta.

“Certo, certo, você deu um tapa nele. Coitado”, acrescentou ela, colocando a mão no quadril. “O que você quer?”

Contudente e direto ao ponto. Eu não poderia culpá-la. “Podemos falar?” Eu perguntei, torcendo meus dedos. Olhei para Jake, que estava encostado no balcão, conversando com um cliente. “Por favor?”

Havia uma expressão desafiadora em seus lábios, mas então ela suspirou e fez sinal para sair pela porta. “Podemos caminhar também? Eu realmente quero ir para casa e dormir um pouco.”

O alívio cresceu em meu peito. “Claro.”

Então coloquei uma nota de dez na mesa pela minha comida e a segui para fora do Grumpy Possum e pela calçada em direção ao centro da cidade. Ruby e Jake dividiam um apartamento acima do antigo cinema – o lugar estava vazio há anos, até que ela e Jake decidiram consertá-lo e morar juntos. O teatro – O GRANDE, como dizia a placa iluminada – ficava do outro lado da praça da pousada, tão antigo que ainda tinha uma marquise na frente e lâmpadas grandes que precisavam ser substituídas constantemente.

O início da tarde estava quente e as nuvens de chuva já haviam recuado para as bordas do vale, deixando para trás poças nas calçadas das ruas e vidros abafados.

“Então,” Ruby perguntou, procurando uma bala em sua bolsa e me oferecendo uma, mas eu recusei. “O que você quer?”

“Quero me desculpar”, respondi, “por dizer essas coisas para você. Eu passei dos limites e mal conheço você, então... sinto muito. Anders acabou de me contar sobre como você e Jake se conheceram e... eu acho... eu só... eu já tinha visto isso antes. Mas sei que minhas experiências não são as suas e estava errado. Sinto muito”, repeti, e se pudesse repetir isso mais mil vezes, eu o faria.

“Você está certo”, ela respondeu, rolando a hortelã na língua, “minhas experiências são diferentes, e eu não sou você, e foi mais do que um pouco desnecessário”.

"Sim ..."

Caminhamos juntos por um momento em silêncio. Foi isso? Devo sair agora ou—

Ela suspirou. “Mas você me lembra outro benfeitor.”

"Oh?"

“Junho. Você vai ficar com ela. Dois na mesma cidade é uma coisa, mas na mesma casa?” Ela estremeceu. “Provavelmente são arco-íris e borboletas brilhantes.”

Eu ri conscientemente. “Acho que sou muito egoísta. Tipo, eu só queria que você ouvisse o que eu pensava, não importa se você queria ou não ouvir. O que, pensando bem, é claro que você não fez isso.

“Não”, ela concordou, e inclinou a cabeça, “mas... isso me fez pensar. Quando foi a última vez que tivemos um dia para estar um com o outro? Estou lá para mim ou para ele?”

“Quando você está apaixonado”, eu disse, lembrando de todos os anos com Liam, “os limites ficam meio confusos”.

Paramos na esquina, diante de nós a praça e a torre do relógio que se erguiam alto no céu, e o ponteiro dos minutos mudou para doze.

O sino no topo emitiu um gemido quando tombou para o lado e tocou. O som reverberou pela cidade uma vez, depois duas vezes, dissipando-se no zumbido de mil abelhas.

Ruby se virou para mim e disse: “Você está perdoado. Desta vez. Mas só porque você parece bem interessante e eu gosto de coisas brilhantes. Vejo você por aí, Elsy.

Então ela parou na esquina da calçada, atravessou a rua e foi em direção ao cinema. Eu a observei ir embora por um momento, meu coração inchando porque ela se lembrou do meu nome.

Ela se lembrou disso! Eu só contei isso a ela uma vez e ela ainda sabia.

Eu estava sorrindo para mim mesmo antes de perceber e me virei...

E dei de cara com Maya Shah.

“Desculpe, desculpe”, ela disse, tropeçando para fora do meu caminho, colocando os fones de ouvido em volta do pescoço. Um heavy metal escuro

murmurou nos fones de ouvido. Ela se assustou ao me reconhecer. “Oh, você é a nova garota! Com o carro quebrado!

“Eileen, mas todo mundo me chama de Elsy desde antes que eu me lembre”, apresentei, meu cérebro ainda zumbindo por causa da conversa com Ruby, e ela estendeu a mão.

“Maya, e todo mundo me chama de Maya”, acrescentou ela, irônica. Ela apontou para a rua. “Você veio ao Sweeties ontem, certo? Tenho meio quilo daquele caramelo de mel.

Eu ri conscientemente. “Eu fiz. Ainda não me arrependi.”

“Eh, vai precisar de pelo menos um quilo para apodrecer seus dentes”, ela disse brincando, e olhou para trás. “Você e Ruby estavam apenas conversando? Isso é assustador. Geralmente, quando ela ouve que o irmão está voltando para a cidade, ela fica mal-humorada. Não quer falar com ninguém. Garnet faz isso com as pessoas. Mas você ainda está de pé”, acrescentou ela, me inspecionando de cima a baixo, “então milagres podem acontecer”.

“Apenas em Quixotic Falls”, respondi. “Não é o boato de que a cidade é mágica?”

“Só nas cataratas, e só se você acreditar nesse tipo de coisa”, acrescentou ela revirando os olhos. “Se você vir Garnet Rivers, não deixe que ele o engane para que vá até as cataratas. É sempre o seu modus operandi, e duvido que sua viagem pela Great American Road o tenha mudado tanto”, acrescentou ela, um pouco azeda. No último livro, Garnet deixou Eloraton com Beatrice Everly. Ele estava voltando sem ela? Eu queria perguntar, mas Maya disse: “Embora não pareça que você tenha problemas com homens difíceis. Você simplesmente dá um tapa neles.

Eu dei um suspiro. “Todo mundo na cidade sabe?”

“Bem, Gail viu, e se Gail viu então... sim”, ela confirmou. “Provavelmente todos.”

"Ótimo."

"Poderia ser pior."

Suspirei. "Certo. Eu poderia ficar preso aqui sem carro. Oh espere."

“Não consigo pensar em um destino pior.”

"Realmente?" Perguntei. “Eloraton não pode ser tão ruim.” E também nunca soube que Maya odiava a cidade.

“Bem, não, não é ruim, é só...” Ela pegou o telefone e finalmente pausou a música.

"Apenas o quê?" Eu cutuquei, e ela mordeu o lábio inferior, debatendo.

A Maya dos livros não teria hesitado um momento em dizer o que pensava. A maia que conseguia atirar uma maçã de uma árvore a cinquenta passos, e pintava as unhas para combinar com o equinócio no verão, e adorava o primeiro dia da primavera e o rio que corria por Charm Woods, e todos os dias ela via Lyssa Greene.

Ela teria gritado sobre sua vida, sua adorável vida, do alto dos telhados, mas essa Maya parecia diferente daquela que eu conheci na série.

Algo aconteceu com ela.

No final do livro quatro, Lyssa e Maya ficaram trocando olhares secretos e saindo e sentando na cabine de projeção do antigo cinema, comendo pipoca e assistindo terríveis filmes de monstros dos anos noventa.

Esta mulher não era ela.

“É só que”, Maya finalmente cedeu, “às vezes, quando penso muito sobre isso, parece que sou apenas... uma espécie de nota secundária em minha própria vida, sabe? Como se eu não tivesse um aqui em Eloraton.

“Tipo...” eu hesitei. “Um personagem secundário?”

"Sim!" ela cantou. “Eu simplesmente sinto que estou preso. E a única pessoa que entendeu foi... Ah. Ela congelou, olhando para a mulher na calçada. “Lyssa,” ela disse, sua voz quase um sussurro.

A ruiva estava na nossa frente, a cerca de três metros de distância, carregando duas sacolas de papel cheias de compras, o chapéu de aba larga sombreando seu rosto. Ao som de seu nome, ela se ergueu em toda a sua altura, com os ombros retos. “Maya”, ela respondeu.

Pude ver como, ontem, Junie nos confundiu. Nós dois tínhamos longos cabelos ruivos e um rosto em formato de coração, mas era aí que nossas semelhanças terminavam. Ela usava o dela com tranças, vestia um macacão verde e tinha uma manga com tatuagens de flores que ela continuava acrescentando, embora já estivesse cheia.

Eu esperava que Maya e Lyssa corassem uma para a outra, conversassem sobre flertes, como fizeram em Honey and the Heartbreak, mas não houve sorrisos provocadores, nem olhos lunares. Havia uma parede com pontas irregulares e plantas carnívoras entre elas.

Ela simplesmente deu um olá educado e me reconheceu. “Você é amigo de Anders de ontem!”

“Não são exatamente amigos”, esclareci.

"Oh ..." Ela se mexeu sem jeito e perguntou a Maya: "Como está sua família?"

“Bom,” Maya respondeu friamente. “Exceto pelo motim das abelhas.”

Lyssa assentiu. “Isso me lembra, vou ajudar Gemma a descobrir uma solução. Eu te vejo por aí?”

“Sim”, ela respondeu, com as mãos fechadas em punhos, e não se moveu novamente até que Lyssa passou por nós na rua e migrou para o outro lado da rua em direção a Sweeties.

Ao meu lado, Maya segurou o pulso com o relógio fixo do avô e deu um longo suspiro. “Olhe para mim, balbuciando. Foi bom conversar com você”, acrescentou ela, e colocou os fones de ouvido sobre as orelhas.

Eu a observei sair e, quando ela virou na rua seguinte, comecei a me perguntar se todos os personagens estavam presos daquele jeito – em algum lugar depois do felizes para sempre do quarto livro. Nesse período, Anders apareceu, Maya e Lyssa se separaram, as abelhas iniciaram um motim e... o que mais havia mudado?

Foi quando me lembrei.

“Espere”, eu disse rapidamente, e ela olhou por cima do ombro, tirando o fone de ouvido.

"Desculpe, sim?"

“Você sabe o que está por trás da pousada do Daffodil? Você sabe, há uma pérgula e um beco, mas...”

Ela me lançou um olhar estranho. “Sim, está abandonado. Não há nada lá atrás. Então ela desceu a rua em direção a casa e eu decidi para onde queria ir em seguida.



A PERGOLA FICAVA NA BEIRA DO JARDIM DO DAFFODIL INN, então fui para lá. O caminho além dele se espremia entre dois prédios

antigos cheios de hera. Trevos e ervas daninhas cresciam nas rachaduras na calçada e nas bordas do prédio. No final do beco havia um portão de ferro, embora não parecesse trancado.

Parei debaixo da pérgula, olhando para o caminho estreito. Passei o dia todo quebrando a cabeça sobre esse espaço, esse recanto atrás da pousada, mas não me lembrava de nada. Isso não estava nos livros.

Isso... isso era algo novo.

Atravessei a pérgula até o beco, a temperatura entre a luz do sol e a sombra fazendo minha pele arrepiar-se. O ar parecia estar cheio de eletricidade. Segui pelo beco até o portão de ferro forjado e o abri.

O portão levava a um pátio cercado por edifícios em todos os lados, de modo que só havia uma entrada e uma saída. Havia uma fonte enorme no meio que de alguma forma ainda funcionava, marcada com algas e musgo enquanto a água jorrava da donzela no topo. Madressilvas e flores silvestres rastejavam pelo tapete de grama e caminhos de pedras quebradas, e carvalhos cresciam, seus galhos balançando com a brisa, enviando ondas de luz solar através das folhas como o fundo do oceano.

Este lugar parecia... impossível. Como se houvesse algo novo escondido logo abaixo dos trevos. Ficava bem no centro da cidade, mas como é que nunca tinha sido mencionado antes? Estava nos mapas da cidade na frente dos livros?

À primeira vista, parecia apenas um pátio esquecido.

Mas então as sombras mudaram, as árvores foram sopradas para o outro lado, e através das ervas daninhas houve vislumbres de... coisas estranhas. Estátuas, principalmente. Velhos e esquecidos, todos quebrados e em diferentes estados de degradação enquanto a natureza os recuperava lentamente. Havia manequins amontoados num abraço que me lembrou o casal encontrado em Pompéia, e havia estátuas de gatos sem dentes e pássaros sem asas. Havia epitáfios incompletos em lápides cravadas na hera crescida, mas nenhum deles tinha nome.

Não, eles disseram coisas como:

DRAFT4_TOEDITOR_3.docx.

RTS_FINAL_COPYEDITS.docx.

Quando tirei a hera de outra a alguns metros de distância, estava escrito IDEIAS PARA #5.docx. Outro leu MAYA romance.docx. GARNETCOMPANIONv8.docx. JUNIEHEA_outro.docx.

GarbagePickings.docx.

E assim por diante.

Qual era esse lugar?

Atravessei o tapete de trevos sob meus pés, até a sombra de um carvalho com algumas estátuas abaixo dele. A hera não estava tão crescida aqui, então escolhi a estátua mais próxima e arranquei as vinhas do rosto—

Eu dei um sobressalto.

O olhar impossivelmente frio de Anders olhou para trás. Ou, à primeira vista, parecia Anders, mas o nariz estava errado e não havia cicatriz no lábio. O cabelo estava muito bagunçado e os olhos não estavam bem. Era como olhar para um espelho de uma casa de diversões tão sutil que você não notava a mudança a princípio.

Anders fez tudo isso? Tirei a hera de outra. As orelhas eram grandes demais, a carranca muito feia. Não, ele não poderia ter feito isso. Eles pareciam velhos. Desgastado por todo o clima e chuva.

Este não poderia ser o tipo de lugar em que eu estava pensando – isso era impossível, não era? Um cemitério de cenas deletadas?

E se Anders sabia disso e sabia que aquele lugar era uma história, então quem era ele? Eu ainda não conseguia identificá-lo, não importa o quanto eu tentasse.

Ele era irritantemente atraente, mal-humorado, tinha uma história desenvolvida, uma profissão atraente...

Espere, porra.

E se ele fosse o personagem principal do último livro de Rachel, mas sua história nunca tivesse realmente começado? Deixado em algum limbo, em algum lugar na noite escura da alma?

Comecei a andar pelo pátio, minha mente girando.

Fazia sentido, de uma forma estranha. Ele parecia o tipo de herói que Rachel Flowers escreveria. Membros desengonçados, olhos brilhantes, rosto bonito facilmente distinguido da multidão. Seus heróis sempre tiveram qualidades encantadoras, mesmo que no início dos livros estivessem um pouco destruídos, com uma história de fundo triste ou misteriosa. Talvez ela apenas tenha sido um pouco... mais difícil... nas qualidades desagradáveis desta vez. Exagero. Algo que seu editor teria destacado e pedido que ela diminuísse o tom.

Talvez fosse por isso que eu sentia aquela pontada de tensão toda vez que o via, por que olhava para seus lábios. Não fui eu. Ele era um aspirante a herói andando por aí exalando uma sensualidade literária, sem nenhuma heroína para usá-la...

Ah, ah. É por isso que ele é tão protetor com esta cidade? Porque é a história dele? Eu pensei.

Tinha que ser.

Porque eu definitivamente não estava interessada nele. Ele não era interessante. Não dessa forma, não para mim. Eu não queria ter uma queda. Eu não precisava de um.

Não, ele foi o herói do quinto livro. Seu fascínio estava simplesmente embutido na trama – qualquer que fosse essa trama. Não fui eu ou meu coração defeituoso. Alto, magro, ombros largos e uma tendência para olhar carrancudo. Olhos cor de menta, cabelos loiros e uma cicatriz no lábio causada por um acidente de infância. Ele provavelmente era órfão – a maioria dos personagens principais de Rachel Flowers eram – e seus longos dedos provavelmente foram inventados apenas para descrições gratuitas sobre a maneira como ele lambia o polegar e virava a página do livro que estava lendo. Ah, sim, eu podia ver agora. Eu não sabia como havia perdido isso antes.

Mas então por que ele não queria que nada mudasse, que mudasse? Certamente ele queria encontrar sua heroína e seu feliz para sempre, certo?

Fechei o portão atrás de mim enquanto saía correndo do pátio e atravessava o jardim da Pousada Daffodil. Parecia que o céu ia chover em breve, então acelerei o passo, determinado a não ser pego por ele novamente, enquanto voltava para a livraria para provar que estava certo.



Heróico

A campainha acima da porta tocou quando entrei na livraria. “Anders?” Liguei e entrei. “Olá?”

Ele não estava em seu lugar habitual atrás do balcão. Procurei no primeiro andar da loja. No escritório, na alcova das edições raras, no recanto de leitura com lareira, mas ele não estava em lugar nenhum. Nem o caramelo.

“Anders?” Liguei novamente. “Manteigas? Aqui gatinha, gatinha. Estalei a língua no céu da boca, mas não ouvi nem um pio. Apenas a livraria, rangendo no calor da noite. O estrondo de um trovão sacudiu as vigas, distante, mas cada vez mais próximo. Eu fiz uma careta. Onde diabos eles poderiam estar? Se Anders estivesse fora, ele não teria mudado a placa comercial para FECHADO?”

Apertei os lábios, frustrada. Eu partiria de Eloraton amanhã de manhã, assim que Frank consertasse meu carro, então essa seria realmente a última chance que eu teria de perguntar a ele.

Virei a placa para ele, prestes a sair da livraria, quando ouvi um baque.

Vindo de... acima de mim?

Então, novamente, mais dois.

Bem, isso foi estranho. Eu já estava farto de sons estranhos graças à noite passada, mas algo me disse para subir a escada em espiral, então subi e segui as batidas. Havia uma fileira de janelas no lado direito da livraria que dava para uma pequena saliência no telhado. Eu ainda não tinha explorado essa área da loja, principalmente porque havia livros de culinária e poesia, e também havia alguns assentos na janela forrados com almofadas de veludo exuberantes. Todas as janelas tinham trincos, então em dias bonitos você poderia abri-las por dentro e deixar a brisa entrar. E emoldurado na terceira janela estava ninguém menos que Anders, com as costas pressionadas contra o vidro, sentado o mais alto possível no chão. o máximo que pôde.

No lado de fora.

“Anders?”

Ao ouvir seu nome, ele se assustou e olhou por cima do ombro e pela janela. Butterscotch estava apertado em seus braços. Ao me ver, a esperança em seus olhos desapareceu. "Oh Deus", ele respondeu terrivelmente, "tinha que ser você?"

Percebi sua situação, ajoelhando-me no banco do lado de fora da janela. “O que você está fazendo no telhado?”

“Admirando a vista”, ele respondeu sarcasticamente, estendendo a mão livre em direção à vista das... árvores. Muitas e muitas árvores. No outro braço, ele segurava com força um gato gordo, laranja e branco, que parecia mais apavorado com a chuva do que com qualquer outra coisa. “Estou preso, é isso. Butterscotch escapou até aqui e não quis entrar, então... eu me arrastei para fora. Ele olhou para a beirada do telhado e depois para mim. “E agora estou preso. A janela está emperrada.

Inspecionei a fechadura. Estava preso rapidamente. “Você não pode simplesmente escorregar do telhado?”

Ele me lançou um olhar de dor. Ele apontou para o gato. “Seria um pouco difícil.”

“Ah.” Eu balancei a cabeça. “Você não poderia simplesmente atraí-lo com guloseimas ou algo assim?”

“Eu tentei, mas ele estava atrás dos estorninhos.”

“Então agora você está preso”, repeti seu sentimento anterior. “E estou parado perto da única janela que permite que você entre.” Sua boca se

torceu, pensando que eu estava zombando dele. Saí da janela. “Espere, acho que vi uma chave de fenda embaixo do balcão. Eu volto já.”

Ele gritou alguma coisa para mim, mas não consegui entender pela janela enquanto descia correndo a escada em espiral novamente e procurava a chave de fenda embaixo do balcão. Encontrei-o ao lado de um dispensador de fita adesiva e voltei rapidamente para a janela. O céu lá fora parecia cada vez mais escuro a cada momento. Algumas gotas de chuva errantes respingaram no telhado.

"O que você disse?" — perguntei quando voltei, ajoelhando-me no assento da janela e começando a soltar o fecho.

Ele hesitou, me observando. “Eu... não disse nada”, decidiu ele, e recostou-se na janela. Butterscotch parecia bastante inquieto em seus braços, os olhos arregalados enquanto outro trovão se espalhava pelo vale. Ele murmurou para seu gato: “Aprendeu a lição? Isso realmente vale um maldito pássaro?”

“Miau”, respondeu o gato, o que soou muito como um sonoro não.

O fecho da janela estava enferrujado e ficou preso enquanto eu tentava soltá-lo. “Droga”, murmurei, e tentei de um ângulo diferente.

“Sinto muito”, ele murmurou, tão baixo que achei que não tinha ouvido direito.

"Você é o que?" Tirei a chave de fenda do fecho e decidi simplesmente retirar a ventosa inteira.

“Desculpe”, ele repetiu, virando a cabeça para o lado para que eu pudesse ler seus lábios. "Sinto muito por ser tão ruim com você."

Eu congelei, deixando as palavras penetrarem. Ele estava se desculpando? Agora? “Ah”, respondi calmamente, tentando entender os parafusos do hardware, mas a maioria deles havia sido removida anos atrás. Então, plano B era. “Então você sente muito agora que sou útil para você?”

"O que? Não”, ele respondeu rapidamente. Outro trovão ecoou no ar e as orelhas de Butterscotch se encolheram de medo. “Ai, ai, pare, Butters”, ele murmurou, e então me disse: “Eu queria te contar mais cedo, mas você disse que eu te odiava”.

"Você não gosta de mim."

“Eu não odeio você”, disse ele, e parecia sério. “Eu estava... eu sinto... desculpe. Desculpe.”

Honestamente, eu estava muito perto de acreditar nele. Inferno, eu tive dias ruins antes, e ontem também tive um dia ruim, quando dei um tapa nele. Ele apenas disse a coisa errada exatamente na hora certa. Não era só ele quem precisava se desculpar, percebi.

Mas eu não estava disposta a deixá-lo escapar com calma.

"Você poderia dizer isso de novo?" — perguntei, trocando a chave de fenda por uma de ponta chata e enfiando-a entre a madeira da janela e o fecho. "O pedido de desculpas? Não ouvi da primeira vez. Um pouco mais lento, talvez. Deixe-me saborear isso.

"Você ouviu da primeira vez."

"Sim", admiti, e comecei a girar a chave de fenda, "mas gostaria de ouvir de novo".

Ele respirou profundamente. Então ele olhou para mim com aqueles olhos cor de menta e senti todo o meu corpo formigar. Ele estava tão perto da janela que sua respiração, quando falava, embaçava o vidro. "Sinto muito, Eileen."

O menor arrepio percorreu minha espinha.

Eileen. Não foi a primeira vez que ele disse meu nome em voz alta, mas foi a primeira vez que o notei dizendo isso como uma música, em vez de uma maldição. Olho magro, afiado na frente, macio no final. Talvez essa fosse a peculiaridade de seu personagem – que ele pudesse fazer qualquer nome soar desejado.

"Para?"

"Sendo um pouco duro demais."

"E?"

"Dizendo essas coisas terríveis para você."

"E?"

Ele hesitou, pensando. "Por... insinuar que o livro de Lily era feio?"

Eu cambaleei. "Você achou feio?"

"Eu... sinto que estou numa armadilha", observou ele. "Se vale de alguma coisa, sinto muito."

"Obrigado. E eu também sinto muito. Por destruir sua janela.

"Meu qu-"

Com um último empurrão com a ferramenta, o fecho se soltou e, como Anders estava apoiado na janela, ele se abriu para dentro. Ele caiu sobre mim e caímos com força no chão.

Butterscotch se contorceu de seus braços, com os pelos em pé, e saiu correndo para o canto oposto da livraria com um uivo.

Pela janela, a chuva começou a cair com mais força.

Ficamos ali por um momento.

Então ele disse: “Obrigado”.

Olhei para ele no chão ao meu lado. Eu levantei minha mão, com o dedo mindinho para fora. "Trégua?" Perguntei.

Ele olhou para minha mão. "Eu não vou te dar meu mindinho."

"Trégua?"

Ele relutantemente enganchou o dedo no meu. “Trégua”, ele murmurou. "Por agora."

Revirei os olhos. “Você é tão pessimista.”

“Realista”, ele corrigiu.

“Um tipo de cara com copo meio vazio.”

“Não, eu sou o tipo de cara que pode ser envenenado por líquido.”

Isso me fez rir, e se eu não soubesse, teria pensado que ele também abriu um sorriso, mas devo ter visto coisas. Ele finalmente devolveu meu olhar e o segurou. Um nó se formou na minha garganta, porque ele estava mais perto do que eu esperava, e seus cílios eram mais escuros do que eu esperava, e longos, e havia uma borda cinza ao redor da parte interna de suas íris que pareciam coroas de nuvens de tempestade cercando um peridoto. Seu olhar fez o friozinho na minha barriga sair da hibernação e querer lembrar como vibrar novamente.

Ah, sim, ele tinha que ser o personagem principal.

Reserve material para namorado, assim que alguém o consertar.

Mas então: onde estava sua heroína?

Desviei meu olhar do dele e me forcei a sentar. "Está ficando tarde. Eu deveria ir para a casa da Junie..."

“Você pode ficar no loft novamente, se quiser”, disse ele.

Eu fiz uma pausa. Esperei que ele continuasse.

“Quer dizer, eu...” Ele se esforçou para se sentar também e esfregou a nuca, nervoso. “Duvido que você tenha dormido muito ontem à noite e a pousada ainda não tenha terminado. O encanamento está funcionando?”

“Um banheiro é. Compartilhado entre nós três”, respondi.

“Você teria seu próprio banheiro aqui. E não seria assombrado.

“De acordo com Junie, o banheiro mal-assombrado pode ser apenas uma vantagem.”

“Você e eu sabemos que Junie só está dizendo isso porque ela é o seu tipo de otimista.”

Inclinei minha cabeça. "Isso é um elogio?"

Ao que ele respondeu cuidadosamente: “O céu é azul?”

“Tecnicamente? Não. A luz azul apenas viaja em ondas mais curtas e menores para que possamos vê-la.”

E ele mordeu o interior da bochecha, como se resistisse à vontade de sorrir. “Ah, é verdade.”

Inclinei minha cabeça, estudando-o. Quando encontrei o pátio pela primeira vez, pensei em vir aqui e perguntar a ele diretamente sobre isso, mas acabei de chegar em pé de igualdade com ele e partiria amanhã de qualquer maneira. O que isso realmente importava? Pensei no que ele havia dito antes, sobre causar agitação e dizer a ele que descobri que aquele pátio estranho poderia, inadvertidamente, render mais. Não agora, não quando ele quase sorriu para mim.

“Ok,” eu concordei. "Eu vou."

As vigas chacoalharam novamente com outro estrondo de trovão, e o vento começou a soprar gotas de chuva para dentro, então ele se levantou e fechou a janela.

“Bem”, ele disse, “quando a chuva parar, você deveria ir buscar suas coisas...” Ele se afastou da janela e quase esbarrou em mim quando percebeu que eu ainda não tinha me mexido. Suas sobranceiras franziram e ele inclinou a cabeça. Olhei para seus mocassins polidos. Eles eram de um marrom suave e quente, polidos até brilharem.

Por que foi fácil olhar para os sapatos e reunir coragem para dizer...

"Desculpe. Por dar um tapa em você. Foi desnecessário e horrível, e eu deveria ter me contido. Sinto muito”, repeti, e para minha surpresa, sua mão subiu e gentilmente pegou meu queixo, e levantou meu olhar para encontrar o dele. Seus olhos eram suaves e havia uma curva divertida em seus lábios.

"Pode dizer aquilo de novo?" ele ronronou, e o estrondo em sua voz fez meus dedos dos pés se curvarem.

"Desculpe."

"Hum." Ele me estudou, nossos rostos tão próximos que eu podia contar seus cílios individuais, ver as manchas cinza e douradas em seus

olhos. Então ele tirou a mão do meu queixo e se afastou, e ao fazer isso o espaço ao meu redor de repente se encheu de ar muito, muito frio. “Desculpas negadas. Eu ainda mereci.”

"Multar." Eu disse, esperando que ele não visse o rubor subindo pelas minhas bochechas. “Então agora estamos realmente empatados. Muito bom. Fico contente em ajudar. Então, eu vou... hum... pegar minhas coisas. Da pousada. E conte para Junie e... — Apontei para o outro lado da livraria, prestes a recuar, quando ele perguntou...

"Você tem planos para o jantar?"

"Jantar?" — perguntei, e a palavra soou estrangulada. Com ele?

Ele disse: “Sim, jantar. Você sabe, aquela refeição onde as pessoas comem à noite?”

“Eu sei o que é jantar”, eu disse. "Eu só... eu... com você?" Porque eu precisava ter certeza e estava sem palavras. Jantar – com Anders?

Ele assentiu. "Meu. A menos que você já tenha planos...?"

Eu poderia mentir e dizer que sim. Essa teria sido a coisa mais inteligente a fazer e depois me proteger convidando Junie para jantar. Mas ...

“Vou ter que verificar meu cartão de dança”, respondi. “Mas estou ficando farto de hambúrgueres.”

Ele inclinou a cabeça para o lado, decidindo. “Como você se sente em relação ao espaguete?”

Parecia melhor do que hambúrgueres, eu tinha que admitir, mas continuei esperando que a vizinha no fundo da minha cabeça me dissesse que essa era uma péssima ideia. A voz nunca falou. Então talvez não tenha sido uma ideia tão terrível? E talvez eu pudesse descobrir mais sobre sua história e descobrir o que Rachel Flowers havia planejado.

Talvez eu encontrasse um final para Quixotic Falls, afinal.

A ideia era eletrizante.

Rolei o pensamento na minha cabeça por um momento e então percebi: “Espere. Você está... você pedindo para me fazer macarrão com desculpas? Perguntei. Ele me lançou um olhar curioso. “Como Jake e Ruby? Jake faz Ruby Sorry Pasta quando sabe que foi um idiota.

“Eu... acho que sim”, ele admitiu, mas parecia inseguro. "Então isso é um sim?"

“Vou colocar você no meu cartão de dança”, eu disse, e seus ombros relaxaram um pouco, aliviados.

“Ah, que bom. Por que você não pega meu guarda-chuva e pega suas coisas no Daffodil, e eu fecho e falo com Butters sobre telhados e pássaros.

Encontrei o guarda-chuva dele perto da porta e saí para pegar minhas coisas e contar a novidade para Junie. Ela parecia mais do que um pouco intrigada, balançando as sobrancelhas para mim quando saí da pousada, mas me recusei a pensar nisso. O simples fato era: se eu tivesse que escolher receber a caridade de Anders ou passar outra noite em uma pousada com encanamento mal-assombrado, Anders era a aposta certa. Eu pelo menos dormiria um pouco na livraria. Essa foi a única razão pela qual pensei no loft novamente. Não foi por causa do próprio Anders.

Não, de jeito nenhum.

Quando voltei, Anders deve ter dado uma conversa muito severa com seu gato, porque Butters estava enrolado em sua cama perto da janela, de costas para nós, olhando mal-humorado para um estorninho que o provocava no poste de luz. Quando Anders terminou de contar o registro (reconhecidamente inalterado), esfreguei suavemente o gato.

“Oh, não caia nesse mau humor”, disse Anders, olhando feio para Butters. “Ele sabe o que fez.”

Inclinei minha cabeça desafiadoramente. “Estou lamentando. Nós dois sabemos o que é ter problemas com você.

"Absurdo." Ele fechou a caixa registradora e me prendeu com aqueles olhos verdes brilhantes. “Você ainda não me trancou na janela. Mas tenho certeza que ainda há tempo. Vamos comer? ele perguntou, inclinando a cabeça para que eu o seguisse pela livraria até os fundos, e Butterscotch pulou para segui-lo. Hesitei por um momento, pensando que talvez eu também estivesse em apuros.

Apenas um tipo totalmente diferente.



Nublado com possibilidade de beijos

NÃO SE IMPORTE COM A BAGUNÇA — ele disse enquanto me recebia dentro da pequena casa amarela de dois andares atrás da livraria.

O lugar era aconchegante, decorado de maneira singular, com estampas xadrez e móveis feitos à mão. O hall de entrada levava direto para um lance de escadas, onde presumi que ficava o quarto. À minha direita havia um batente de porta que dava para uma sala de estar pequena, mas confortável, com cobertores cuidadosamente empilhados nas costas dos sofás, e à esquerda, a cozinha verde. A casa era adorável, mas de uma forma isolada do Airbnb. Não havia fotos nas paredes e nada pessoal nas mesinhas laterais.

Sentei-me à mesa enquanto ele alimentava Butterscotch e murmurei, acariciando suas costas: “Aprendemos nossa lição hoje, sim?”

Em resposta, o gato ronronou, sem concordar nem prometer fazê-lo.

Apoiei minha cabeça na minha mão. “Eu realmente nunca imaginei você como uma pessoa que gosta de gatos.”

“Por que, eu pareço o tipo cachorro?” ele perguntou, indo até o armário e tirando dois potes de molho – um Alfredo e um tomate – da despensa. “Vermelho ou branco?”

A princípio pensei que ele estava brincando, mas quando ele ficou esperando minha resposta, respondi com um “Oh, querido”.

"O que?"

“Molhos de espaguete não são como tipos de vinho.” Eu me levantei e peguei os potes de molho marinara e Alfredo de suas mãos. “Você ao menos cozinha?”

Ele zombou. "Obviamente."

Mentiroso.

"Certo. Sente-se, eu cuido disso”, eu disse, e fiz sinal para que ele se sentasse em meu lugar. “E para responder à sua pergunta, não. Não pensei que você gostasse de cachorro, gato ou pássaro. Eu não achei que você teria animais de estimação. Bem” — e então pensei — “talvez um pônei em miniatura. Chamado Ralf.”

Ele estreitou os olhos. “Por que Ralf? E por que um pônei em miniatura?”

“Você já teve o desprazer de conhecer um?”

“Não posso dizer que sim.”

“Conte-se com sorte. Certa vez, Pru e eu pegamos um atalho por uma área agrícola em nossa cidade natal. Esqueci que o fazendeiro tinha colocado seus pôneis no verão. O merdinha nos perseguiu por todo o campo. No meio da noite." Peguei uma panela e comecei a enchê-la com água, meu olhar a mil quilômetros de distância. “Ainda não consigo andar por um campo à noite sem ouvir o fantasma de um relincho.”

“E o nome do pônei era Ralph?” ele brincou.

“Tiger Beat”, respondi, o que só o deixou perplexo.

A cozinha dele me lembrou a casa da minha avó, quando eu era pequena e ela cuidava de mim enquanto mamãe ia trabalhar. Os armários tinham dobradiças que rangiam, o fogão era a gás, a torneira demorava uma eternidade para sair água quente e tudo estava um pouco enferrujado. Ele sentou-se na minha cadeira e me ensinou como ligar um fogão a gás, mas eu cresci com eles. Ele, aparentemente, não tinha. Nascido e criado no coração de Los Angeles. Seu pai era contador de um grande estúdio de cinema e sua mãe era instrutora de Pilates, o que me surpreendeu porque Rachel geralmente deixava seus heróis órfãos. Imaginei que ela queria fazer algo diferente com ele.

“E você... decidiu ter uma livraria? Como isso aconteceu?” — perguntei, tirando um pedaço de espaguete da água fervente e jogando-o na parede. Deslizou para baixo, então a massa ainda não estava pronta.

“Vou fingir que você não jogou macarrão no meu azulejo.”

“É assim que você sabe se está feito”, expliquei. “Se pegar, está feito. Você conhece o ditado: jogar tudo na parede e ver o que gruda? De onde você acha que isso veio? Bolas de velcro?”

Ele pensou sobre isso. “Eu realmente não tinha pensado nisso.”

“É evidente que você não se formou em inglês”, respondi.

"Jornalismo."

“Então como você veio parar aqui?”

Seu rosto se contraiu e ele recostou-se na cadeira, como se tentasse descobrir o que dizer. Encostei-me no balcão, estudando-o enquanto ele fazia. Tinha que haver alguma conexão com os outros personagens. Normalmente, Rachel apresentava o herói ou a heroína antes da chegada do livro, e até agora não havia nenhuma heroína óbvia por perto. Lily o chamou de tio, então talvez ele fosse parente de Thomas? Mas ele não parecia ser parente e, pelo que me lembrava, Thomas tinha toda a história do órfão. Mas se não foi Thomas, então quem? Anders parecia familiar, como se houvesse algo tão óbvio, e eu simplesmente não conseguisse definir o que era. Depois de um momento, ele olhou para mim e apontou com o queixo para a panela. “Acho que está prestes a transbordar.”

"Ah Merda!" Peguei os pegadores de panela, escorrei o espaguete e coloquei de volta na panela com o molho marinara. (Pru ficaria fora de si sabendo que eu não fiz isso do zero - ela confiou na receita de um chef famoso, mas tudo que eu gostei do livro de receitas dele foi a torta de limão.) Quando terminei, Anders pegou uma garrafa de vinho tinto de outro armário, junto com duas taças de vinho, e serviu uma bebida para nós dois.

“Posso ter superestimado minhas habilidades culinárias”, admiti, colocando a panela de espaguete entre nós em um tripé.

“Na melhor das hipóteses, sou útil”, respondeu ele, provavelmente para me fazer sentir melhor. “Na verdade, uma vez, Chel...” ele começou, mas depois se acalmou, como se o nome que estava prestes a dizer tivesse roubado todo o fôlego de seus pulmões, e balançou a cabeça. “Eu simplesmente queimo tudo.”

“Pru diz que só é preciso prática, mas eu não acredito nela.”

“Você não parece o tipo paciente”, ele concordou, pegando algumas pinças da gaveta e duas tigelas do armário.

Eu zombei da dor. “Eu sou o modelo de um major-general moderno, obrigado.”

Ele balançou a cabeça, divertido.

Nós nos servimos da panela. Não comíamos almôndegas, mas eu comia apenas macarrão e molho marinara há tantos anos na graduação que não sentia falta deles. Apontei meu garfo para seu prato.

"Então? Pensamentos?"

Ele pegou a faca e o garfo como as pessoas educadas faziam e preparou um pedaço de espaguete com o tipo de precisão educada que estava prestes a me fazer parecer um Neandertal. Depois de um momento, ele disse: “É decente”.

Eu levantei minhas sobrancelhas. “Espero que seja um grande elogio.”

Ele o perseguiu com um gole de vinho, o que não era um bom sinal, então eu também tive que dar uma mordida - e imediatamente percebi o que havia de errado.

“Açúcar”, gemi, percebendo que devo tê-lo usado em vez de sal. "Por que você não disse isso?"

“Honestamente, não é o pior que já comi – talvez um pouco de molho picante ajude?”

“Hah,” suspirei enquanto ele pegava o sal, e embora a massa ainda não estivesse boa, pelo menos era comestível. Depois de mais algumas mordidas e uma taça de vinho, admiti: “Gostaria de poder dizer que nunca fiz isso antes, mas fiz. Para o clube do livro. Todos nós rimos muito.” Sorri um pouco com a lembrança. “Acho que foi o ano em que todos lemos aquela série de vampiros e não conseguíamos parar de chamar uns aos outros de amamentados, como o vampiro principal faz.”

Ele gemeu. “Eu odiei aquela série.”

“O sexo foi decente.”

“Ah, sim”, disse ele, adotando um sotaque ofensivamente terrível da Transilvânia, “Goze para mim, amamentando, geme por mim, amamentando, prove meu néctar e implore por mais, amamentando' - é horrível. Estou chocada que você não tenha um gosto melhor.

Eu ri. “Foi você quem memorizou essas falas, então quem realmente tem mau gosto?” Experimentei outra mordida no espaguete e fiz uma

careta, afastando meu prato. "OK. Foi um esforço valente, mas não sou cozinheiro."

Ele balançou a cabeça e apontou com o garfo para alguns ímãs na geladeira. "Podemos pedir pizza ou há uma lanchonete de tacos na rua ao lado, mas não se preocupe em olhar os cardápios. Eles são todos sem sentido, então é impossível fazer o pedido se você ainda não faz parte da cidade, com isso na cabeça."

"Tudo parece incompleto", murmurei.

Silenciosamente, ele comeu outra mordida e também desistiu.

Inclinei-me sobre meu prato. "Se existem tantas outras opções, então por que você sempre vai à casa da Gail? É apenas conveniência ou você está esperando alguma coisa? Você se sente sozinho, sem seu noivo..." Fechei rapidamente a boca, me chutando. "Quero dizer, pai, sim. Pai. Fiaaather. Às vezes tenho sotaque..."

"Eu sei que Lily lhe contou", disse ele, largando o garfo e recostando-se na cadeira. "Ela é muito boa em se intrometer, assim como sua mãe."

Limpei a garganta. "Gemma reuniu Bea e Garnet..."

Ele assentiu, em silêncio. "Para ser honesto, não é estranho comer sozinho no Gail's. Nunca o fiz. Eu meio que tropecei na cidade por acidente. A livraria estava vazia, então perguntei a Gail sobre o lugar. Isso foi... — Sua voz ficou terna enquanto ele tentava se lembrar. "Foi há muito tempo."

Estudei seu rosto. Ele deve ter chegado à cidade depois do quarto livro, quando Bea e Garnet foram embora, mas, olhando ao redor e conversando com todo mundo, não consegui ter noção de quanto tempo isso aconteceu. Alguns anos? Alguns meses? O tempo parecia estranho aqui, quanto mais eu ficava, menos ele se movia, mas isso parecia característico de todas as pequenas cidades da América.

Eu me pergunto quais planos Rachel tinha para você, pensei. Eu esperava que fosse um plano melhor do que o que a vida tinha reservado para mim depois que Liam foi embora. Ninguém merecia esse tipo de desgosto, nem mesmo Anders.

"Posso fazer uma pergunta", perguntei, "e você me dirá a verdade?"

Ele tomou outro gole de vinho. "Depende da pergunta."

"Então você pelo menos me dirá se mentir?"

Seus lábios se curvaram em um meio sorriso. "Claro."

“Todos em Eloraton estão onde o autor os deixou, não estão?”

Ele desviou o olhar, passando o polegar pela borda da taça de vinho, pensando. “Sim”, ele finalmente disse, e um nó apertou meu peito por causa do quão triste isso era – uma história pela metade, como um parque temático que nunca fecha as portas.

Ou um livro que você nunca terminou, aberto na mesinha de centro, meio esquecido e exatamente onde você o deixou anos atrás.

“E tudo está bem onde está.”

Em uma cidade onde os hambúrgueres do Gail’s eram sempre queimados, e a pousada estava em constante estado de abandono, e Frank ia pescar todo fim de semana, e a chuva sempre chegava na hora do jantar e ia embora por volta da meia-noite.

Não é perfeito, mas é bom.

Bom o suficiente para não querer dançar em torno da ideia de melhor.

“Agora, se essa é a única questão, preciso encontrar comida de verdade antes que meu estômago se coma”, disse ele, levantando-se, pegando nossos pratos e colocando-os na pia.

“Foi você quem me deixou cozinhar”, respondi.

"Você ofereceu."

“Porque você me perguntou vermelho ou branco!”

Ele deu de ombros preguiçosamente. “Incompetência armada.”

Joguei meu guardanapo nele e ele se esquivou com uma risada. Os cantos de sua boca se curvaram em um sorriso que ele não conseguia esconder. Deslizou pelo seu rosto, lento e doce, como melaço. Eu fiz uma careta, percebendo que ele estava gostando de me provocar, e também que eu estava gostando de ser provocada por esse homem fictício, irritante e bonito.

Fictício, tive que me lembrar. Ele não é real.

Então me forcei a ficar de pé e ir até a pia para descartar qualquer evidência de que eu tinha, de fato, permissão para entrar na cozinha.

“Você pode deixar a louça”, disse ele, arregaçando as mangas da camisa e tirando a esponja e o prato da minha mão. “Você cozinhou, afinal.”

“Você quer dizer que quase envenenei você com espaguete açucarado”, comentei, pegando o prato de volta. “Esta é a minha penitência.”

Ele torceu o nariz. “Você não aceitará um não como resposta, não é?”

Inclinei minha cabeça. "Não."

"Muito bem. Você lava, eu vou secar? E então... como você se sente em relação à pizza? Acho que o Luigi's ainda estará aberto por mais meia hora."

Terminei de esfregar o prato e enxaguei na pia. "Pizza é agradável", respondi – e desliguei a água. Algo estava errado. Eu escutei, mas a princípio não consegui identificar.

Ele pegou o celular e digitou um número que encontrou em um panfleto na geladeira. "Calabresa ou—"

"Shh," murmurei, e pressionei meus dedos contra seus lábios.

Pela janela, o crepúsculo se transformava lentamente em noite, uma cor azulada que eu não via desde que cheguei aqui. Principalmente porque estava chovendo...

"Você ouviu isso?" Perguntei com admiração e olhei para ele em busca de confirmação – e percebi o quão próximos estávamos novamente. Meus dedos ainda estavam em seus lábios e ele não fez nenhum movimento para removê-los. Fiz isso rapidamente e pressionei a mão contra o peito. Meus dedos formigaram onde tocaram sua boca. "Desculpe, desculpe, eu só... eu queria saber se..."

Seu olhar também se desviou para a janela. Suas sobrancelhas franziram, como se ele não conseguisse acreditar no que ouviu – ou não ouviu, na verdade. Ele se aproximou da janela e a abriu. Uma brisa forte e úmida de verão entrou na cozinha, trazendo consigo o cheiro de grama molhada.

Mas já não chovia.

"Isso é normal?" — perguntei, pensando que talvez a chuva só caísse em certas noites, mas a expressão em seu rosto me dizia o contrário.

"Não", ele respondeu, e me devolveu um olhar perplexo, como se eu fosse um novo detalhe em uma história que não fazia mais sentido. "Isso é novo."

"Você quer ..."

No momento em que ele assentiu, abandonamos a cozinha pela porta da frente. Anders abriu-a e havia grilos, um céu noturno e o cheiro doce do verão.

Sem chuva.

Sem trovão.

Eu o segui pela livraria, saí pela frente e desci as escadas. A cidade ainda estava molhada, mas o céu já estava clareando, com estrelas aparecendo. Anders saiu para a calçada, olhando para cima com olhos confusos e maravilhados.

Não estava chovendo.

Não estava chovendo.

Seguimos até a rua, por onde Gail e seus clientes também haviam saído. Maya saiu da loja de doces, Junie da loja de jardinagem, com os braços cheios de samambaias para a pousada, Lyssa atrás dela. Todos nós olhamos para o céu. E então alguém riu, e outra pessoa aplaudiu, e as pessoas correram pela rua, com os braços abertos, porque não estava chovendo.

Pela primeira vez em muito tempo, havia estrelas.

E então senti o olhar de Anders sobre mim e fiquei tenso. Isso foi minha culpa? Eu tinha feito isso, de alguma forma? Afugentou a chuva?

“Bem”, disse Gail, colocando as mãos nos quadris, “acho que isso significa que posso abrir o pátio. Frank, levante-se e venha me ajudar a abaixar as cadeiras. Não me importo se você acabou de voltar da pesca. Acima, acima!” Ela voltou para dentro do bar, e o pequeno pátio ao lado do prédio ganhou vida com luzes penduradas. Olhei para as milhares de estrelas e para a lua quase cheia, aliviado ao descobrir que o céu que eu conhecia ainda era o mesmo céu daqui. Talvez as estrelas estivessem um pouco mais brilhantes, o luar mais prateado, mas ainda assim.

O olhar de Anders não me abandonou e, finalmente, reuni coragem e retribuí. Ele não parecia bravo, pelo menos.

"Bem? De Gail, então? Podemos sentar no pátio”, disse ele.

“Eu poderia comprar alguns anéis de cebola”, respondi, e ele voltou para dentro e pegou sua carteira e uma jaqueta leve, que me entregou para o caso de eu pegar um resfriado. Coloquei a jaqueta cor de vinho sobre os ombros e nos sentamos no pátio e compartilhamos rodela de cebola, e Gail continuou nos servindo um fluxo constante de vinho da casa e cerveja. Logo Will e Junie apareceram com um homem desengonçado e de cabelos escuros a reboque. Thomas, imaginei, já que Gemma estava em casa com Lily assistindo Jeopardy!, e Maya chegou um pouco mais tarde, levando Houndstooth, seu Dogue Alemão preto. Sentamo-nos em volta das mesas no pátio, com a fogueira a gás crepitando no canto, e conversamos - Anders

e Thomas conversaram sobre um livro que leram, um livro de memórias, e não pude deixar de imaginar como seria a aparência de Anders, sentado na mesa de jantar de madeira recuperada de Pru, conversando com Jasper, lançando olhares furtivos para mim do outro lado da mesa.

Ele dava um sorriso furtivo, talvez uma piscadela, enquanto Jasper falava sobre a lei de direitos autorais e as corporações malignas que mantêm histórias como reféns, e eu ouvia enquanto Pru discursava sobre sua última leitura de romance, e a pior parte era?

Eu pude ver isso. Claro como o dia.

O que era um problema, visto que ele era quase certamente o personagem principal do último livro que Rachel Flowers nunca terminou, o que significava que ele não era real. Longa distância? Eu poderia viajar. Barreiras de linguagem? Eu poderia aprender. Mas fictício?

Não poderia dar certo.

Mas ...

De qualquer forma, eu partiria amanhã, pegando a única estrada de entrada e a única de saída. Depois que eu cruzasse a Charm Bridge, esta cidade ainda estaria aqui? Eu não tinha certeza e, com uma certeza cada vez maior, cada fibra do meu ser queria simplesmente se perder neste livro. Por um momento. Por algumas horas.

Por uma noite.

Peguei outro anel de cebola e enrolei a jaqueta de Anders com mais força em volta de mim. Cheirava a cedro amadeirado e chá de camomila e às páginas antigas e adoradas de um romance infantil. Era o tipo de cheiro no qual eu poderia me afogar. E se eu fizesse isso? Eu voltaria à superfície pela manhã, eu tinha certeza.

Do outro lado da mesa, Junie ficava olhando entre Anders e eu.

Ela murmurou: "Vocês dois estão bem?" e balançou as sobrancelhas novamente. Revirei os olhos. Tenho certeza de que ela teria pressionado mais, e talvez eu tivesse cedido, mas a porta do pátio se abriu e Ruby chegou como um furacão.

"Que pena, amigos vocês são!" ela declarou. "Meu convite foi perdido?"

Will disse: "Passei por aqui e contei a Jake".

"Bem, Jake não me contou", ela respondeu, e nos deu uma olhada. "Onde está Jake?"

“Aqui não”, respondeu Maya. “Eu o vi ainda no café quando estava fechando a noite.” Ela, com Houndstooth sentado entre as pernas, inclinou-se um pouco para o lado para olhar ao redor de seu cachorro gigantesco, para Ruby. “Eu posso ir buscá-lo, se você quiser? Lyssa também não está aqui.

Mas Ruby não estava ouvindo. Ela checou o relógio e deu um suspiro. “Eu deveria ir ajudá-lo.”

“Ele provavelmente está quase terminando”, respondeu Will. “Ele virá depois.”

Então Ruby ficou e, como nos livros, depois de alguns drinques, Ruby gostava de cantar, então atendeu aos pedidos enquanto esperava por Jake. Ela esperou por Jake enquanto Maya terminava sua cerveja e encerrava a noite, e Houndstooth fez sua lenta ronda por todos os animais de estimação que merecia. Ela esperou por Jake enquanto Thomas se despedia de nós, porque era quase hora de Lily dormir e Thomas queria estar lá para ler uma história para ela antes de dormir. Ela esperou por Jake até bem depois da meia-noite, quando Gail finalmente nos expulsou do pátio.

“Ruby, Ruby”, disse Junie, muito bêbada, encostando-se em Will, “você canta tão bem. Você é bom em rádio. Você tem um coração de rádio. Você deveria dar uma olhada nisso.” Ela não percebeu a maneira como Ruby franziu a testa e parou de torcer o cabelo, mudando de posição, como se as palavras a tivessem apunhalado na lateral do corpo.

“Vamos, Junebug”, disse Will, e ele a persuadiu a deitar de costas. “Vamos para casa.”

“Eu também gosto de cantar”, ela continuou enquanto eles se afastavam. “Quer que eu cante algo para você?”

“O que você cantaria?”

“Você e eu, querido, não somos nada além de animais”, ela começou, destruindo a letra, e a risada de Will desapareceu na calçada.

Anders e eu ficamos com Ruby por mais algum tempo, mas ela finalmente decidiu desistir.

“Ele provavelmente foi para casa”, disse ela. “Boa noite, pessoal.” Ao sair, ela pegou o telefone para verificar.

E então havia apenas Anders e eu. Minha cabeça zumbia por causa do vinho – eu não conseguia me lembrar de quantas taças havia bebido e tinha certeza de que sentiria isso pela manhã, mas isso era um problema para a

futura Eileen. A atual Eileen estava se sentindo muito bem, enrolada na jaqueta de Anders, enquanto ele me acompanhava de volta à livraria. A atual Eileen estava pensando em se afogar em sua jaqueta e em como seria bom. A jaqueta estava quente e ele cheirava bem.

Não conseguia me lembrar da última vez que gostei do cheiro de alguém.

"Você se divertiu esta noite?" ele perguntou, destrancando a porta da frente.

Eu cantarolei concordando. "Eu gosto de você quando você não é tão espinhoso."

Ele abriu a porta para mim, divertido, e me seguiu até a loja. Estava fresco e silencioso, raios prateados do luar entrando pelas janelas abertas, iluminando as lombadas com palavras meio escondidas. E esta foi minha última noite aqui. Amanhã Frank consertaria meu carro e eu iria embora.

Empurrei esses pensamentos para baixo do zumbido quente do vinho tinto da casa. Eu não ia pensar sobre isso.

"Eu estava espinhoso antes?" ele perguntou.

"Como um cacto", confirmei, e então olhei por cima do ombro para estudá-lo. "Não, é mais como um canteiro de arbustos... ah! Ou uma rosa. Certa vez, uma música me avisou que eles têm espinhos."

Ele riu baixinho para si mesmo, guardando as chaves no bolso. "Você está bêbado."

"Não estou", argumentei. "Se eu estivesse bêbado, estaria reclamando sobre Mary Shelley manter o coração petrificado de seu amante morto na gaveta da escrivaninha." Parei no primeiro degrau do segundo andar e me virei para encará-lo. Com o passo como alavanca, estávamos quase no mesmo nível dos olhos. Estudei seu rosto ao luar e, ah, me surpreendeu o quão bonito ele era. Eu me senti como se estivesse naquela véspera de Ano Novo, correndo para beijar um homem que partiria meu coração três anos depois. Cambaleei um pouco na escada e Anders colocou a mão suavemente em meu quadril para me firmar. "Embora eu possa estar um pouco embriagado", admiti.

Uma risada retumbou em seu peito, e isso me fez querer ouvir como era sua risada real. Provavelmente cheio, profundo e adorável, do tipo que fazia você querer rir junto com ele.

Porra, eu estava bêbado.

Sobre o que ele seria poético se estivesse bêbado? Lord Byron nadando no Canal da Mancha? Keats escrevendo cartas de amor? Ele sentaria comigo e me contaria a longa e complicada história dos arquiinimigos mais inflexíveis da literatura? Ou ele falaria sobre seu livro favorito? Provavelmente era algum tomo de literatura seca. Se eu quisesse ser salgado, diria Guerra e Paz.

"O que?" ele perguntou, esperando que eu subisse o resto da escada. Havia um lindo cacho loiro macio que caía delicadamente em sua testa. Seu cabelo parecia macio. Eu tinha certeza que sim, se passasse os dedos por ele. "O que você está olhando, Eileen?"

Estreitei os olhos, decidindo não pensar no cabelo dele. "Estou tentando imaginar seu livro favorito."

"Por que?"

"Porque é um prenúncio." Então me inclinei mais perto e sussurrei: "Você pode me dizer. Um segredo entre arquiinimigos."

"Rivais."

"Oponentes."

Ele estalou a língua e disse em voz baixa: — Acho que posso adivinhar o seu.

Ele estava tão perto agora que pude estudar as linhas de seu rosto, a inclinação de sua mandíbula. Havia uma onda suave de sardas em suas bochechas, e elas pareciam ficar mais escuras quando ele corava, e uma velha cicatriz no lado esquerdo dos lábios, de uma briga ou de uma queda. Tão perto, tão perto que eu poderia contar os cílios loiros individuais ao redor de seus olhos. Ele me pareceu o tipo de personagem quieto e estóico que penetrou em seu coração quanto mais tempo você passou com ele, firme como um dicionário.

Sua mão grande nunca deixou meu quadril. Não desceu, mas também não saiu. Era constante, constante e quente. Ele poderia ter se aproximado, poderia ter subido no degrau comigo, mas não o fez. Ele manteve os olhos no mesmo nível, como se preferisse a vista.

Meu coração batia forte no peito como uma lebre em fuga.

Imagine eu e você, pensei – e rapidamente me apaixonei pela ideia. Era a casa vermelha me afetando. Ele foi feito para alguém da cidade, alguém que Rachel Flowers plantou no início desta história, alguém que se encaixava perfeitamente em todas as suas fendas...

“Eu não gosto dessa coisa de tweed e argyle,” eu disse em voz alta, sem perceber até que ele se inclinou mais perto, sua voz rouca em seu peito.

“Bom, porque não possuo nenhum tweed ou argyle.”

"Mentiras." Engoli. Como ele estava tão perto? Como eu estava? Tentei não olhar para sua boca, mas era difícil, e ele tinha uma peculiaridade perversamente encantadora em seus lábios. “Você é do tipo tweed e argyle. Dos sapatos engraxados às calças com pregas e ao cabelo, por que seu cabelo é tão perfeito...

“Eileen?”

Minha voz saiu em um guincho. "Sim?"

"Eu vou beijar você."

“Você... sim,” eu consegui dizer, um momento antes de suas mãos me pegarem pelos lados do meu rosto e me puxarem para um beijo. E toda a noção de que isso era errado, de que ele estava fora dos limites, de que amanhã eu partiria — saiu da minha mente num instante. Eu não me importei. Todos os leitores que conheci queriam nada mais do que cair nos braços de um namorado de livro, algum Darcy fictício, uma espécie de herói byroniano, só deles.

Então eu fiz.

Sua boca encontrou a minha, faminta como um homem que se afoga no mar carece de ar. No começo seu beijo foi tímido, como se ele estivesse se contendo. Queria aprender não apenas os contornos do seu rosto, mas também o sabor da sua língua, a impressão dos seus dentes enquanto mordiscava o meu lábio; Eu queria saber o que o faria gemer meu nome, o que o faria se desfazer daquele nó tenso em que se mantinha.

Ele tinha gosto de rodelas de cebola, bebida forte e espaguete açucarado (e tenho certeza de que também), e cheirava a carvalho, livros velhos e um leve toque de chá preto.

Seu beijo se tornou selvagem e desesperado, quando ele parou de se conter, e eu me vi derretendo nele, agarrando sua camisa engomada, suas mãos puxando minha cintura, me pressionando mais perto. Ele beijou como se quisesse me devorar, me comer inteiro e me guardar na memória, e eu me encontrei correspondendo ao seu desejo, como se alguma parte profunda de mim tivesse sido despertada e subido à superfície. Eu não conseguia me lembrar da última vez que alguém me beijou tão apaixonadamente, me saboreou, como se eu fosse a última frase de seu livro favorito.

Suas mãos desceram para meus quadris e depois recuaram para a parte inferior das minhas costas enquanto ele se inclinava para o beijo, embalando a parte de trás da minha cabeça com a outra mão, como se quisesse me pressionar contra si mesmo, unir nossos corações que martelavam com força.

Sua boca era viciante. Eu nunca tinha sido beijada assim antes, com prática e fome, como se ele estivesse pensando em como me beijar melhor.

Quando ele me encostou nele, com o peito firme e os braços fortes, enfiei as mãos em seu cabelo – e sim, era tão macio quanto eu imaginava. Seus cachos envolveram meus dedos, soltando-se de seu estilo domesticado. Ele mordiscou meu lábio, como se estivesse brincando, e eu retribuí, como um debate sem palavras. Embora o que estávamos debatendo fosse muito unilateral.

E quando eu agarrei seu lábio novamente, ele gemeu e me segurou com mais força, separando-se apenas o tempo suficiente para rosnar: “Gentil, querida”, antes de me beijar novamente.

E porra, eu não sabia se era a magia de seu personagem principal, ou o fato de que eu nunca tinha sido chamada de querida com tanta fome, mas isso queimou profundamente no meu meio, abaixo de onde as borboletas haviam se enterrado e permanecido mortas por anos. . Sua heroína poderia tê-lo amanhã. Eu queria tê-lo agora, neste segundo, na minha m-

De repente, houve um trovão.

Nós nos afastamos um do outro. Nossos peitos estavam arfando, nossos lábios vermelhos e inchados pelos beijos, suas pupilas dilatadas enquanto ele me bebia, querendo nada mais do que me provar novamente, e tenho certeza que as minhas eram as mesmas.

Mas a livraria ficou escura novamente, a luz da lua desapareceu no que parecia ser o espaço de um suspiro. A batida brilhante e em staccato do meu coração foi rapidamente abafada pela chuva que batia forte e rápida nas janelas. O vento sacudiu as vidraças, como fantasmas tentando entrar.

Naquele momento, ele deve ter recuperado o juízo. Eu fiz também. Um pouco.

“Sinto muito”, eu disse, sem fôlego. A livraria estava girando e finalmente admiti: “Eu... eu acho que estou bêbado”.

Ele limpou a garganta, esfregando a boca com os dedos, lutando para se recompor. "Deixe-me mostrar-lhe a sua porta." Sua voz ainda era rouca,

quase contida.

Dei uma risada nervosa. "Não não. Está tudo bem, está aí em cima. Eu estou... eu estou... — tropecei quando me virei, e a próxima coisa que percebi foi que ele me pegou nos braços e me carregou pela escada em caracol até o segundo andar, e até a porta azul do meu quarto. sótão.

Então ele me colocou no chão. "Pronto", ele disse.

Olhei para seu lindo rosto, embora admito que só consegui ver o que as luzes do loft permitiam através das frestas da porta – o que não era muito. Mesmo assim, acho que não me importei. "Você... pode entrar, se quiser?" Perguntei.

Sua boca se franziu e seu rosto se contraiu, como se ele estivesse dividido pela pergunta, mas finalmente ele decidiu: "Não. Eu não acho que deveria."

Meus olhos se arregalaram. "Oh."

Eu tinha lido o quarto errado? Entendeu a vibração errada? Certamente ele gostava muito de mim, eu poderia dizer apenas pelas calças, então o que o impedia? A chuva batia com mais força nas janelas. A tempestade havia voltado com força total, ao que parecia.

"Vou embora amanhã", eu disse. "Então realmente não importa se nós..."

Sua boca se torceu ainda mais. "Isso acontece comigo", ele respondeu simplesmente, e então me beijou na testa. "Tenha uma boa noite, Elsy." Então ele se virou e me deixou parada na frente do loft, lamentando meu coração estúpido, com o gosto dele ainda em meus lábios.

Mesmo um namorado de livro não me queria.



Consequências não-intencionais

OS ESTORNINHOS ERAM BARULHENTOS pela manhã. Eu gemi e rolei na cama, sentindo meu estômago revirar. Os pássaros estavam cantando aquela canção estranha de novo, e talvez eu fosse capaz de localizá-la se uma britadeira não estivesse explodindo dentro da minha cabeça, e os pássaros só pioraram a situação. Naquele momento, eu não tinha certeza do que preferia: um banheiro mal-assombrado ou os estorninhos. Tentei enterrar a cabeça sob os travesseiros, mas no segundo em que me movi, meu estômago revirou novamente.

E desta vez estava chegando.

Mal consegui chegar ao banheiro a tempo antes de ficar doente, e mesmo assim fiquei doente por causa da camisa também. Eu o arranquei e joguei no chão atrás de mim, e puxei meu cabelo para cima. Pru costumava fazer isso quando estávamos na graduação juntos. Ela usava um clipe de sereia, fazia círculos nas minhas costas e agradecia a todos os deuses que ela conseguia lembrar por eles a abençoarem sem reflexo de vômito.

Depois de um tempo, houve uma batida na porta. “Elsy?” — chamou a voz familiar de Anders. Ah, que bom. Exatamente a pessoa que eu queria que me ouvisse vomitando o demônio para fora do meu corpo. Por que ele teve que vir aqui para me verificar? Por um segundo, senti saudades do

Anders que me odiava, mas então me lembrei do beijo e senti vontade de vomitar de novo, de uma maneira diferente.

Na verdade, eu o beijei, e foi um daqueles tipos de beijos inesquecíveis que nem o vinho da casa consegue apagar. E então eu estraguei tudo com meu... bem, comigo sendo eu. E então pedi a ele para dormir comigo e ele me rejeitou. Oh Deus. Ah, porra.

Eu nunca mais poderia mostrar meu rosto nesta cidade.

“Eu, hum, tomo um pouco de chá aqui. E um donut... mas acredito que você não vai querer o donut”, completou, um pouco mais quieto. “Eu queria saber como você estava. Você bebeu... muito ontem à noite.

Sentei-me suavemente contra a parede, olhando para o teto liso. Meu corpo parecia a morte. “Sim, sim, eu fiz,” eu resmunguei. “Você não está doente?”

“Aprendi com a casa vermelha há um tempo”, respondeu ele.

“E você não pensou em me avisar?”

“Tentei. Muitas vezes ontem à noite.

Pensei nisso, mas a noite passada foi quase um borrão. Eu fiquei muito encantado com Houndstooth ou com o pedaço de rancho com rodela de cebola de Junie. Pena que me lembrei do resto dos meus erros da noite passada. Porque a casa vermelha me fez tomar a decisão mais terrível, horrível e nada boa do ano. Pelo menos eu estava fora hoje e poderia deixar toda essa bagunça para trás.

“É evidente”, continuou ele, “que não me esforcei o suficiente”.

Eu ri apesar de tudo, e minha cintura doeu com o esforço. “Prudence não consegue nem me impedir. Deixar o chá lá fora? Eu atendo... Olhei para minha camisa no chão. “Mais tarde.”

“Tudo bem. Se precisar de mais alguma coisa...”

“Não vou”, eu disse, e engoli em seco, enjoada só de pensar na maneira como ele me decepcionou ontem à noite. Foi porque eu estava muito bêbado?

Atualmente, eu odiava Eileen com paixão.

As tábuas do piso rangeram quando ele começou a se virar. Parecia que estávamos dançando um ao lado do outro, na ponta dos pés, por causa daqueles beijos horríveis e maravilhosos.

“Olha”, comecei, porque prefiro abordar isso agora com a porta fechada me protegendo, quando não consigo ver o rosto dele, “sobre ontem

à noite...”

“Não precisamos conversar sobre isso”, ele respondeu gentilmente, retornando. “Ou se você quiser, podemos conversar sobre isso mais tarde. Quando você não está...”

"Vomitando minhas entranhas?"

Eu ouvi a careta em sua voz. "Isso. Vou colocar o donut ao lado do chá.”

“Só para me tentar”, acusei.

“Para incentivar você.”

Pensei no donut e imediatamente tive vontade de vomitar de novo. “Nunca mais vou comer. Isto é tudo culpa sua.”

“Sim, sim, obviamente.”

“Você deveria ter me impedido.”

"Eu tentei, continuo dizendo a você."

“Provável desculpa,” eu murmurei, me sentando no chão frio. Pressionei meu rosto contra o azulejo frio e isso ajudou um pouco. Minha boca tinha gosto de... coisas nas quais eu não queria pensar, e minha cabeça latejava, e eu estava indo embora hoje.

“Você é fofo”, ele continuou, “quando finge estar com raiva de mim”.

Eu não me sentia muito fofo, com os peitos de fora, deitada no chão do banheiro com o cabelo suado grudado na bochecha. Mas eu me senti corar de qualquer maneira. “Você nem consegue me ver.”

“Eu tenho uma boa imaginação.”

Senti meu coração traidor palpitar no peito enquanto ele se afastava.

Quando ele saiu, abri a porta do banheiro, peguei o chá (empurrando o donut o mais longe que pude), voltei para o banheiro e tomei a decisão de fingir que a noite passada nunca aconteceu - até que ele trouxe. de novo. E talvez, com a minha sorte, ele não o fizesse antes de eu caçar Frank e fazê-lo chocar meu Sweetpea de volta à vida como um monstro mecânico de Frankenstein. Depois de um banho quente e um pouco de Tylenol que tirei da minha mochila, estava me sentindo um pouco melhor, então finalmente peguei o donut e desci até a livraria. O donut era macio, polvilhado com açúcar de confeitiro e canela, e o chá era forte e com mel, o que era uma boa mudança em relação ao óleo de motor que eu estava acostumada a beber.

“Ah, você está vivo”, observou Anders enquanto eu me arrastava até o balcão da frente. Ele me examinou para ter certeza de que eu estava, de fato, vivo. "Como você está se sentindo?"

"Como você pensa?" Eu resmunguei.

Ele bufou e marcou algo em seu bloco de notas. “Eu liguei para Frank por você. Ele estará por aqui em alguns instantes para rebocar seu carro até a oficina e fazer uma verificação.

"Obrigado." Percebi que ele parecia positivamente certo como a chuva. Não havia nem olheiras sob seus olhos. Se houvesse uma antítese para um vampiro gótico sexy, era ele. Um anti-vampiro taciturno e estudioso. Porém, ele não estava mais me encarando. Na verdade, seus olhos mentolados pareciam mais suaves do que o normal enquanto ele me absorvia, todo um metro e noventa de merda de mim. Eu disse: “Você deve ser uma daquelas pessoas matinais”.

“Só porque odeio procrastinar e há muito o que fazer”, respondeu ele, puxando um banquinho para sentar-se atrás do balcão. Depois tirou do bolso um par de óculos redondos e colocou-os para ler um documento de números no computador. Certa vez, tive um professor na faculdade que usava óculos redondos. Quase todas as garotas da turma — inclusive Prudence — o bajulavam. Diziam que ele parecia distinto e tornava os casacos de tweed fodíveis. Eu não vi isso.

Até agora.

Pare com isso, eu repreendi. Eu estava de ressaca e meio morto, e ainda assim meu coração teve a audácia de ficar com tesão. Meu cérebro era realmente um traidor, e esta cidade estava me afetando, todos os pensamentos de romance e beijos e felizes para sempre.

E eu... eu gostei. Me imaginando em um romance. Eu nem tentava há anos, em vez disso me aprofundei na história de amor de algum personagem principal.

Ele olhou para mim por cima dos óculos. "Você está se sentindo mal de novo?"

"Huh?" Eu perguntei como um idiota.

“Você está aí parado, parecendo pálido e um pouco enjoado.”

Eu rapidamente me afastei dele. “Desculpe, desculpe, estou bem. Perdido na minha cabeça.”

“Ah. Que talento.”

Sim, foi isso. Talento. Um talento para sonhar acordado. Mas foi bom. Comecei a dizer a ele que iria arrumar minhas coisas no loft, quando alguém que eu só poderia imaginar ser Frank apareceu na porta da frente. Ele acenou e apontou para o caminhão de reboque. Anders nem tirou os olhos da tela do computador enquanto eu fugia.

Tenho certeza de que não foi um pensamento passageiro em sua cabeça.

Eu sabia melhor do que isso. Além disso, amanhã eu seria apenas uma lembrança borrada de alguém que passou pela cidade e ficou alguns dias numa história que nunca acabou.



Aflicção não correspondida

BASTAVA dar uma olhada sob o capô para Frank da Frank's Auto Shop (e os infames Frank's Hotties) saber exatamente o que havia de errado com Sweetpea. “Como diabos essa coisa está funcionando?”

“Fita adesiva e orações”, respondi, mordendo nervosamente a unha do polegar. “Então ela pode ser corrigida?”

Ele fechou o capô e ergueu seu boné de beisebol verde FRANK'S HOTTIES para coçar a testa, pensativo. Ele era um homem mais velho, com uma camisa havaiana brilhante e calças cargo cáqui, embora você não pudesse perdê-lo, mesmo sem a estampa das férias. Ele era um cara muito grande, com ombros largos e uma barba grisalha em dois tons, com uma faixa mais clara no meio. No terceiro livro, descobrimos que ele teve uma passagem pela WWE antes de colocar um disco nas costas. Quero dizer, ele realmente não teve uma passagem pela WWE, mas no mundo fictício de Quixotic Falls ele teve, e ele tinha todo o carisma de Dave Bautista e a arrogância de Dwayne Johnson, e honestamente, eu compraria mil garrafas de molho picante dele se ele pedisse.

Ele enxugou o suor da testa e deu de ombros. “Quero dizer, sim, sim, ela vai precisar de algumas tentativas, com certeza. Mas posso trabalhar com ela.

Soltei um suspiro de alívio. "Então... passarei aqui mais tarde hoje para buscá-la?" E sair.

"Claro, você pode, mas provavelmente irei até a casa do Coop para tentar salvar o que preciso, então você pode querer tirar do seu carro as coisas que deseja."

Eu não entendi. "Salvamento ... ?"

Ele acenou com a mão na frente do meu carro e voltou para sua mesa de trabalho na frente da oficina, limpando pedaços de migalhas do pedaço de papel de recibo semi-limpo embaixo. "Seu carburador está queimado", disse ele, testando três canetas antes de encontrar uma que funcionasse, "e sua garota é tão velha que não tenho peças sobressalentes por aí".

Meus ombros cederam. "Espere, pensei que você disse que ela poderia ser corrigida? Ela não é?"

"Não, não", ele esclareceu, "ela será uma solução rápida assim que eu conseguir as peças que preciso para reconstruir o carburador, mas o mais cedo que posso prometer é..." Ele rabiscou algo em seu papel de recibo, chupando seu dentes. "Quarta-feira?"

Quarta-feira?

Isso seria daqui a dois dias. O que significava... eu estava aqui. Por mais dois dias. Dois. Eu mastiguei minha unha do polegar. "E você tem certeza de que pode terminar até lá?"

"Provavelmente. Em um mundo perfeito", respondeu ele, um pouco se desculpando. "Sou uma banda de um homem só, senhora, e isso vai demorar um pouco, mas vou consertá-la assim que puder."

Eu estava sendo ridículo e não era como se alguém estivesse me esperando na cabana. A única pessoa que sabia que eu ainda tinha ido era Pru, e ela estava viajando pela Islândia com o namorado. Quarta-feira estaria bem. Mas isso significava... mais alguns dias com Anders, e meu estômago revirou só de pensar. Ontem à noite, eu o beijei sabendo que iria embora hoje, mas agora...

Eu não tinha certeza do que pensava.

Mais dois dias com Anders. Mais dois dias dançando pensando na minha própria história de amor. Dois dias.

Dois.

"Quarta-feira é perfeita", eu disse com um sorriso falso. "Obrigado. Quanto vai custar?"

Frank rasgou o recibo assim que terminou de contabilizar as despesas e me entregou. Não havia um total no recibo, apenas o trabalho e, no final...

DUAS FRASCAS DE FRANK'S HOTTIES, US\$ 5,99 CADA.

“Tem que custar mais do que isso”, eu disse, e ele acenou com a mão.

“Há anos que não trabalho num Pinto. Você está me dando um presente.

De qualquer maneira, me senti mal, porque ele estava trabalhando mais do que provavelmente havia concordado, e eu estava quase inútil. “Obrigado, de verdade”, eu disse, e fui até a traseira do hatchback só para ter certeza de que já havia retirado tudo o que precisava. A caixa de livros estava ao lado da caixa de vinho e, honestamente, eu não teria olhado duas vezes para eles se a capa não tivesse chamado minha atenção. Curiosamente tirei um.

A capa estava embaçada – como se alguém tivesse derramado água nela, mas sem danos.

“Não é um problema, não é um problema”, dizia Frank, e eu apenas escutei parcialmente enquanto ele me aconselhava a me movimentar antes da tempestade. “Ouvi dizer que está vindo do norte, então vai ser uma loucura.”

“Sim, obrigado,” eu disse distraidamente, abrindo o livro.

Não havia nada. Sem palavras. Sem títulos de capítulos. Só que na segunda página, onde deveria estar a página de título, estava meu nome: Para Elsy. E na parte inferior estava a assinatura de Rachel. Os outros três livros eram iguais.

Eles estavam todos em branco.

Foi assim que Anders os viu na primeira noite? Livros em branco com apenas nome e assinatura?

“Alguma coisa acontecendo, garoto?” Frank perguntou, me assustando.

Rapidamente coloquei um dos livros na bolsa e fechei a caixa. “Não, não, está tudo bem”, eu disse a ele, e fechei o hatchback. “Cuide dela,

Frank.” Acenei um adeus quando saí da oficina com um livro que não tinha mais uma história dentro, enfiado na minha bolsa.



NEM DOIS MINUTOS DEPOIS, ENQUANTO EU ESTAVA ME PERGUNTANDO COMO ANDERS reagiria ao saber que eu estaria aqui por mais dois dias – feliz por estar, ou nervoso por ter mais tempo para “causar repercussões” em Eloraton, o que quer que isso significasse – Decidi pegar um atalho por uma das vielas atrás do café para voltar à livraria. Fiquei preocupado que as palavras que faltavam fossem permanentes. Eu esperava que não estivessem. Todas essas foram primeiras edições.

O céu estava novamente coberto de nuvens de chuva. Imaginei que já era hora daquela tempestade do início da tarde da qual Frank falou. Uma gota atingiu minha bochecha, depois outra no meu rosto, a tempestade se aproximando rapidamente.

Acelerei meu passo.

Eu não esperava encontrar Ruby e Jake atrás do café, no beco perto da lixeira. Reconheci Jake instantaneamente, porque ele ainda estava com seu avental de trabalho, sua regata branca enorme manchada de graxa e seu cabelo escuro e bagunçado puxado para trás sobre a testa, seus olhos brilhantes.

Comecei a gritar olá para eles, quando a voz de Jake me interrompeu...

"Está tudo bem?" ele perguntou, entrelaçando os dedos. "Você tem estado quieto ultimamente. Você está ficando doente? Ferir? Você está bem, querido?"

Nos livros, a maneira como ele a chamava de doce a desfazia um pouco mais a cada vez. Isso a fez se sentir parte de uma receita, um ingrediente de uma vida que tinha um sabor doce.

A chuva começou a cair com mais força. Talvez se eu voltasse para a casa de Frank, eu pudesse me esconder sob alguns dos toldos e voltar para a livraria quando a tempestade chegasse...

Ruby disse a Jake, enquanto segurava suas mãos: “Eu te amo, mas acho que preciso descobrir quem sou de novo. As linhas ficaram confusas.” Então ela respirou fundo e disse: “Quero fazer uma pausa”.

Meu coração bateu nas costelas.

Merda.

Eu ouvi mal. Ela deve ter significado outra coisa. Sim, ela não poderia ter querido dizer, quero dizer, não poderia ter sido...

Jake, pensando na mesma linha, deu uma risada nervosa e perguntou: “Do... café? Claro, querido. Podemos fazer isso funcionar..”

“Não”, disse Ruby, desembaraçando os dedos dos dele. “Bem, o café também, mas...” E ela respirou fundo, olhou-o nos olhos e disse: “Nós”.



Quatro Sombras do Relógio

ENTREI NA LIVRARIA, encharcado pela tempestade, tremendo na entrada. Eu não tinha chegado à livraria antes que o fundo das nuvens descesse, de tão rápido que aconteceria. Anders ergueu os olhos do livro que estava lendo no balcão, as sobrancelhas levantadas em dúvida, mas eu não sabia o que dizer, se é que dizia alguma coisa. Talvez eu tenha ouvido mal Ruby e Jake, ou inventado, ou talvez eles estivessem ensaiando para Romeu e Julieta no teatro comunitário...

O estrondo de um trovão sacudiu a livraria. Anders levantou a mão para Butterscotch, que pulou de quatro, com o rabo esticado. Observamos o teto, as dezenas de sinos de vidro coloridos tremendo com as vibrações.

Anders consultou o relógio. “Uma tempestade tão cedo?” ele murmurou e fez um som suave enquanto coçava atrás das orelhas do gato.

Uma tempestade em vez de uma chuva. Uma mudança em Eloraton.

Seu olhar mentolado pousou em mim e eu rapidamente engoli a sensação de náusea que subia do meu estômago. E não foi por causa da ressaca dessa vez.

“Deve ser uma mudança de estação”, eu disse a Anders, minha voz tremendo apesar de tudo, e nós dois sabíamos muito bem que estávamos em meados de junho. Minhas mãos tremiam, mas fechei os dedos em punhos

para mantê-los firmes. Anders confundiu meu tremor com frio e tirou uma toalha debaixo do balcão.

“Aqui”, disse ele, oferecendo-me.

“O-obrigada,” murmurei, pegando-o para secar meu cabelo. Meu cérebro estava zumbindo, rápido e frenético.

Ruby e Jake terminaram, repetiu, a frase girando continuamente sobre si mesma. Isso se transformou em Ruby terminou com Jake.

E então.

Eu separei Ruby e Jake—

Minhas palavras. Ela usou minhas palavras—

“Você realmente precisa parar de ser pego pela chuva sem guarda-chuva”, disse ele. Sua voz era de advertência, mas de uma forma divertida. Isso me fez sentir pior, porque a única coisa sobre a qual ele me avisou, a única coisa que ele me pediu para fazer...

Merda.

As tempestades iam e vinham em horários estranhos. Eu beijei o herói do último romance inacabado. E agora eu havia separado um dos pares principais em Quixotic Falls. Anders me avisou sobre ondulações, mas eu não pensei... não pensei que pudesse...

Eu não era importante o suficiente para mudar uma história, e ainda assim...

Eu precisava consertar isso. Repare Ruby e Jake e saia do caminho do verdadeiro interesse amoroso romântico de Anders - quem quer que seja - e recue lentamente. O que também significava que eu provavelmente não deveria ficar com ele novamente. Sempre. Então, quando eu encontrasse sua heroína, ele se apaixonaria por ela.

Não que ele fosse se apaixonar por mim, mas...

Eu não poderia arriscar. Eu não queria estragar minha história de romance favorita, embora já pudesse ter feito isso. "Com licença." Eu rapidamente desapareci por um corredor. Eu tive que me recompor antes de enfrentá-lo, e não era como se eu pudesse simplesmente não contar a ele, certo? Ele descobriria mais cedo ou mais tarde que o casal de Eloraton, bem, terminou em desgosto.

Desci por um corredor, depois me virei e descí por outro, entrando mais fundo na livraria do que jamais havia estado, mas já tinha lido sobre esse lugar tantas vezes que o labirinto labiríntico de prateleiras estava

tatuado na parte de trás da minha pálpebras. Havia uma pequena alcova perto da lareira que era silenciosa, com um pequeno sofá para desmaios que era macio e cheirava a livros empoeirados e charutos enfumaçados. Afundei-me nele, peguei uma das almofadas de veludo vermelho com borlas douradas e enterrei o rosto nela.

Inspire.

Expire.

“Eileen?” Anders entrou timidamente na alcova, batendo os nós dos dedos na lateral de uma estante como se fosse uma porta. Eu dei um pulo, virando-me para ele. A água da chuva ainda escorria pelo meu rosto e rapidamente tentei enxugá-la. “Tem certeza de que está bem?”

Diga a ele, pensei, mas não consegui. Eu não queria que ele me odiasse novamente.

Ele tinha começado a gostar de mim também.

Ele inclinou a cabeça, esperando pela minha resposta. Eu não queria contar a ele. Mas ele foi irritantemente paciente, cruzou os braços sobre o peito e encostou-se na borda de uma das estantes. Uma placa que dizia MISTÉRIO estava pendurada acima dele. “Eileen, desde que ninguém esteja morto, não pode ser tão ruim assim. Tenho certeza de que Frank pode consertar seu carro.”

Meu carro? Ele pensou que eu estava chateado com meu carro? Engoli a verdade com o resto do meu pânico crescente e tentei pensar.

Eu poderia trabalhar com isso.

Eu poderia consertar Ruby e Jake.

Eu tinha mestrado em inglês, estava na metade do doutorado — sempre que tinha condições de pagar aulas noturnas — e fiz cursos com alguns dos mais proeminentes estudiosos da literatura romântica. Eu tinha devorado romances em brochura suficientes para abastecer uma pequena biblioteca. Felizes para sempre não poderia ser tão difícil de fazer, certo?

Eles não poderiam ser.

Eu só precisava levá-los até lá.

“Frank disse que vai demorar alguns dias”, eu disse, fixando meus olhos na toalha úmida em meu colo, porque Pru sempre disse que sabia quando eu mentia pela expressão em meu rosto. Como se eu estivesse com dor.

“Alguns dias”, ele repetiu, sua voz propositalmente equilibrada. Não consegui perceber se ele estava animado ou desapontado. Eu odiei isso – ele era tão difícil de ler. Se isso fosse um livro, eu o conheceria intimamente, mas agora estava apenas tateando no escuro.

“Aparentemente a cidade não quer que eu vá”, brinquei e lancei-lhe um sorriso hesitante. Ele não precisa saber.

Eu esperava que ele suspirasse dramaticamente e reclamasse por eu ter ficado mais um pouco em sua cidade perfeita, mas ele não o fez. Ele parecia em conflito, porém, e isso pareceu surpreendê-lo. Ele limpou a garganta e se afastou da estante. “Bem, não posso dizer que não estou... ansioso para ter outra pessoa na livraria por mais algum tempo”, disse ele, olhando para seu gato. “Você pode ficar com o loft pelo tempo que precisar.”

O fato de ainda poder ficar aqui me encheu de felicidade e de um tipo específico de pavor.

“Prometo que não vou causar problemas”, eu disse a ele, e ele não pareceu muito convencido.

“Você já está rastreando água por toda a minha livraria, Elsy”, disse ele, apontando para as poças de água. “Acho que já passamos dos problemas.”

Surpreso, olhei para meu corpo úmido. “Você não gosta de concursos de camisetas molhadas?” Eu perguntei, fingindo estar magoada. “Estou apenas praticando.”

Ele me lançou um olhar, o primeiro que não foi nivelado, não foi controlado e havia calor por trás dele. Do tipo que me lembrei da noite passada. “Levante-se”, disse ele, e seu tom não admitia discussão, “você está encharcado no sofá”.

Fiquei de pé. “Vou me trocar”, eu disse, e comecei a me mover ao redor dele quando percebi que todas as minhas roupas estavam sujas. Parei e me virei para ele. “Na verdade, você não teria uma lavadora e uma secadora, teria? Eu não esperava ficar em algum lugar sem um, então só arrumei um punhado de roupas...”

Ele inclinou a cabeça. “Espero que a situação da sua roupa íntima seja diferente.”

“Sete pares, para cada dia da semana”, jurei.

Ele riu, divertido, e meu coração deu um pequeno salto no peito. Gostei do jeito que ele riu, suave, rouco e caloroso, tipo...

Como caramelo.

“Vamos, acho que tenho algo que vai servir em você”, ele respondeu, apontando com a cabeça para os fundos da livraria, em direção à sua casa, e eu o segui com gratidão. Ele me emprestou uma calça de moletom e uma camiseta enquanto eu colocava meu jeans úmido e a camisa encharcada em sua máquina de lavar. A calça de moletom dele era grande demais, então tive que abaixar o cós algumas vezes, e a camiseta estava ridiculamente surrada, ostentando as palavras CHESS CLUB CHAMPIONSHIP de quinze anos atrás.

"Seu?" — perguntei, passando os dedos pelas iniciais bordadas no bolso da camisa. COMO.

Ele encolheu os ombros. “Eu era decente.”

Depois partiu novamente para a livraria.

Prendi meu cabelo úmido em um coque alto e arrumei minha franja da melhor maneira que pude, mas ela já estava enrolando em direções rebeldes na minha testa. Apesar de tudo, levantei a gola de sua camiseta até o nariz e respirei. Sua camisa cheirava como ele, como sua jaqueta na noite anterior – de cedro e livros velhos. A. S. – Eu já tinha visto essas iniciais antes, sei que sim. Apenas em qual livro?

Minha mente estava em branco e não era como se eu pudesse consultar os livros.

Eles estavam todos em branco.

Se eu tivesse serviço de celular, o clube do livro saberia. Benji o destacaria, garantido. Afinal, ele era editor de alguma grande editora. E Olivia provavelmente saberia como reunir Ruby e Jake novamente. Janelle conseguia extrair fatos aleatórios do nada, como uma página ambulante da Wikipédia. Aditi era um gênio em pesquisa. Eu realmente poderia usar o conselho deles agora.

Meu telefone estava ao lado da máquina de lavar em sua lavanderia, com carga total, já que eu não podia fazer nada com ele. Tenho certeza de que Pru postou no chat sobre a Islândia e sua viagem, e todos os outros sobre seus compromissos de vida, todos se perguntando por que eu não comentei. Talvez Pru tivesse contado que tivemos uma discussão. Talvez ela tenha dito a eles que eu tinha ido sozinha para a cabana, e todos sabiam que o serviço de celular na cabana era, na melhor das hipóteses, irregular...

Eles não ficariam preocupados. Ainda não.

Eu estava sozinho.

Tirando a franja dos olhos, disse a mim mesma para não entrar em pânico. Escritores de romance tiveram finais felizes o tempo todo.

Quão difícil poderia ser?



Guloso

PRIMEIRAS COISAS PRIMEIRO: ENCONTRE RUBY.

Eu mal podia esperar que minhas roupas terminassem de secar, então saí com as roupas de Anders para dar uma olhada no café. Eu estava ficando sem dinheiro, então fiquei atrás de um velho Buick marrom do outro lado da rua — do tipo que deveria ter sido deixado em um filme dos anos 80, embora com os detalhes cromados e os pingentes pendurados no espelho retrovisor, parecesse bem... mantido. Para ser honesto, ele estava lá desde que cheguei à cidade e nunca se moveu, e agora que pensei nisso, parecia um pouco estranho.

Fiquei ali, encostado no carro, por pelo menos meia hora, até ver movimento pela janela do café. Jake atendeu às ordens de um casal de idosos, com uma aparência desgastada. Ruby, por outro lado, ainda não estava à vista. Ela já tinha ido embora? Achei que poderia perguntar a Jake, mas então precisaria de um motivo para procurar Ruby, e não poderia exatamente dizer a ele que foi por minha culpa que eles terminaram.

“Há quanto tempo você está escondida aí, Eileen?”

Dei um grito e me virei, encontrando a presença iminente de Anders, os braços cruzados sobre o peito, os ombros retos, realçando o contorno de

seus bíceps sob a manga três quartos de seu Henley. Ele arqueou uma única sobrancelha loira, e eu afundei contra o carro marrom, derrotada.

“Ah,” eu suspirei. “É você.”

Ele inclinou a cabeça. “Não fique muito animado.”

“Eu... eu não estou aqui há muito tempo”, menti, porque certamente já fazia mais tempo do que eu queria admitir. “Eu estava apenas... olhando para este carro? Sim. Este carro. Eu vi pela janela e tive uma epifania. Está aqui desde que cheguei, sabe? Dei um tapinha no porta-malas. “Eu poderia roubar o carburador. Duvido que o proprietário notasse. Você sabe, eu sinto falta do mundo real — acrescentei, tentando fazer com que aquilo parecesse verdade. “Tudo isso... desgosto e solidão. Meu trabalho.” Dei um suspiro melancólico. “Quem não sentiria falta?”

“Sua boca é melhor beijando do que mentindo, Elsy”, ele respondeu, e quando eu dei um grito de protesto, ele enfiou a mão no bolso em busca de... chaves. Chaves do carro. Então ele foi até o porta-malas, destrancou-o e abriu-o. “Eu apreciaria se meu carro não fosse pego no meio do que você está planejando.”

Eu estremei. “É um... carro... muito legal?”

Ele pegou uma sacola de ferramentas e fechou o porta-malas. Então, com um último arquear de sobrancelha – como se estivesse me desafiando a fazer travessuras – ele entrou novamente em sua livraria e eu afundei contra o para-choque traseiro.

Então o carro buzinou quando as fechaduras se fecharam, me assustando.

“Tudo bem, tudo bem”, murmurei, e olhei de volta para o café, mas Jake havia saído da janela.

OK. Plano B, eu imaginei.



A PRÓXIMA PARADA FOI NO APARTAMENTO DE RUBY E JAKE ACIMA DO CINEMA. Foi a arte da eliminação neste momento.

Eu simplesmente marcharia até a porta, bateria nela e diria a ela para nunca mais ouvir nada do que eu dissesse.

Mas Anders, alheio, tinha outros planos.

“Já que você está aqui por um tempo, você se importaria de vigiar a loja enquanto eu corro para a loja de ferragens? Você quebrou minha janela — acrescentou ele quando voltei à loja para pegar minha bolsa. Ele ergueu a trava da janela quebrada na mão. “Não vou demorar.”

Eu hesitei. “Bem ...”

“Se você tem planos, não importa.”

Esse não era o problema. Se ele sáísse da livraria, poderia ouvir falar de Jake e Ruby. Esta era uma cidade pequena, e se meu tapa se espalhasse tão rápido? Tenho certeza de que Gail estava consultando a árvore telefônica enquanto conversávamos. “Posso ir por você?” Eu sugeri. “Quer dizer, eu quebrei.”

“Isso é gentil, mas você sabe o que está procurando?”

Inclinei minha cabeça. “Você está dizendo isso porque sou mulher?”

Ele estreitou os olhos. “Você é muito gentil em oferecer, já que, de fato, quebrou minha janela. Junto com a trava, acredito que um painel da minha janela também esteja rachado. Tenho certeza de que não será muito caro substituí-lo.” Ele me ofereceu a trava.

Complicado, complicado. Eu devolvi seu olhar. “Tudo bem”, eu disse. “Eu vou defender o forte.”

Ele sorriu e guardou-o no bolso. “Obrigado. Só estarei fora cerca de trinta minutos, e então você poderá... — Ele parou quando um pensamento lhe ocorreu. “Eu poderia levá-lo para conhecer Eloraton, já que você ficará aqui por mais alguns dias. Oferecer-lhe um tour adequado, em troca do seu tempo. Pegue alguns tacos e visite a torre do relógio.”

“Você vai me encarar com raiva o tempo todo?”

“Eu não sou mal-humorado.”

Eu olhei para ele.

“Não”, ele cedeu. “Serei bom.”

Ele parecia sério, e eu estaria mentindo se dissesse que a ideia de ele me mostrar todos os seus lugares favoritos não parecia divertida. Isso aconteceu. Mas se eu dissesse sim, meu problema com Ruby e Jake ficaria cem vezes mais difícil. Então, novamente, se eu dissesse sim, talvez pudesse descobrir por que ele parecia tão familiar. Ele devia estar em algum

dos livros em algum lugar. Eu só precisava descobrir sua conexão com Eloraton.

“Claro”, eu disse, e me retirei para trás do balcão. "Estarei aqui."

“Obrigado”, ele respondeu aliviado. “Não queime o lugar.”

Eu fingi engasgar. "Eu nunca!"

Enquanto o observava partir, tamborilei os dedos no balcão da loja, impacientemente. A loja de ferragens ficava no lado oposto da cidade, então tive a sensação de que trinta minutos era mentira. O que significava que se eu saísse agora teria pelo menos quarenta e cinco minutos para encontrar Ruby, descobrir por que diabos ela terminou com Jake e consertar isso.

Contei até dez, pulei por cima do balcão e pressionei o rosto contra a porta só para ter certeza de que ele tinha ido embora.

A costa estava limpa.

Com minha bolsa pendurada no ombro, mudei a placa para FECHADO e saí da livraria. De qualquer forma, ninguém nunca veio comprar nada, então eu tinha certeza de que não sentiriam minha falta por um tempo. Tudo teria sido muito mais fácil se ela estivesse em casa, mas quando toquei a campainha do apartamento acima do cinema, ninguém apareceu na porta, então resolvi dar uma olhada na joalheria que a tia dela possuía, mas a loja foi fechado porque Mercúrio não estava retrógrado.

Mordi a unha do polegar enquanto voltava para a livraria. A tempestade do início da tarde deixou o dia abafado e cinzento, embora o sol continuasse tentando separar as nuvens, sem sucesso. Senti meu suor enrolando meu cabelo na nuca.

Ao passar por Sweeties, o cheiro de mel derretido me arrastou dos meus pensamentos. Espere – Maya pode saber onde Ruby estava! Eles eram melhores amigos, afinal.

Perfeito.

Atravessei a rua correndo e entrei na Sweeties. “Maya, eu tenho um...”

A mulher na caixa registradora ergueu os olhos da contagem do troco. Ela parecia um pouco com Maya. Ambas tinham cabelos escuros e pele morena quente, mas o cabelo dela era longo e ondulado, e ela sempre usava brincos em forma de espada que pendiam logo acima dos ombros. Maya também era um pouco mais alta que ela e tinha um rosto mais quadrado, mas só percebi quando entrei que era a irmã mais velha que estava no balcão.

Gemma Shah, finalmente.

“Não Maya, infelizmente.” Gemma ergueu os olhos do caixa e seus olhos brilharam. “Oh! Você deve ser a nova garota. Ela me contou muito sobre você. Ouvi falar do seu carro — acrescentou ela, torcendo o nariz. “Isso é realmente uma merda. Sou Gemma, irmã mais velha de Maya.”

“Elsy”, respondi, estendendo a mão por cima do balcão para apertar a mão dela. “Estou procurando Ruby, na verdade.”

“Oh, ela foi com Maya hoje. Dia das meninas, porque... Gemma rapidamente fechou a boca. Franziu a testa. “Você sabe, apenas um dia das meninas. Eles não estarão em casa até amanhã, provavelmente. Ruby tem uma cabana em Stellar Lake, então provavelmente vão passar a noite lá.

Porque ela terminou com Jake.

Droga. Mordi o interior da minha bochecha, tentando pensar no que fazer.

Gemma disse, como se lesse minha expressão: — Mas Jake estará de folga amanhã, todas as terças-feiras, então ele estará trabalhando na pousada com Will e Junie. Fazendo coloração ou algo assim. E tentando descobrir a situação do encanamento... quero dizer, o banheiro mal-assombrado. Ela colocou entre aspas no ar e revirou os olhos. “Deixe que Junie pense na coisa mais louca. Provavelmente é uma linha quebrada ou um cano ruim.”

Eu não queria perturbar qualquer espírito que residisse no encanamento da pousada e certamente não queria que ele viesse atrás de mim.

“De qualquer forma, desculpe, eu não queria tagarelar, todo mundo diz que é por isso que Thomas e eu nos damos bem. Eu falo demais, ele não fala nunca. Nós nos equilibramos. Thomas é meu marido — acrescentou ela rapidamente, e quanto mais falava, mais rápido ia. “Nós nos casamos há alguns anos. Assumi Sweeties de Uma, mas todos a chamam de vovó Uma porque, você sabe, ela é como uma avó para todos e, ah, meu Deus, estou falando demais. Ela ergueu as mãos. “Peço desculpas.”

Eu ri. Totalmente rindo. Porque parecia que Gemma tinha acabado de sair da página, com todos os seus 153 quilos excitados.

Pru e eu ficamos do lado de fora em um clima gelado na manhã em que Honey and the Heartbreak foi lançado. Estávamos tão entusiasmados que chegamos antes do dono à livraria e esquentamos as mãos no café

Starbucks que compramos do outro lado da rua. Pru estava mergulhada até o pescoço em um trabalho que odiava, então, enquanto esperávamos lá fora, no frio, ela desabafou comigo sobre os hóspedes mais horríveis do hotel onde trabalhava.

“Você não acreditaria quantas salas de jacuzzi tivemos que desativar depois do Dia dos Namorados, na sexta-feira”, ela reclamou, até termos nossos livros em mãos. “Você tem muita sorte de fazer o que ama.”

Eu balancei a cabeça. Eu me senti com sorte naquela época. “Acho que posso me candidatar ao regime de estabilidade. Faça um doutorado.

"Oh?"

“Sim, o que você acha? Você poderia me ver como um velho professor enfadonho daqui a trinta anos? Inclinei minha cabeça para parecer mais majestosa.

Pru bufou. “Sem ofensa, mas não.”

“Ofensa tomada! Acho que seria uma velha professora muito fofa. Excêntrico. Mas eu secretamente colocaria Twilight em todas as minhas leituras obrigatórias.”

Minha melhor amiga ficou absolutamente ofendida. “Você não faria isso.”

"Eu poderia. Seria uma vingança por todos os seus/eles/há que eles vão misturar em suas redações e que eu terei que sofrer.”

Ela pensou nisso. "Justo."

Depois que o sonolento funcionário da livraria finalmente chegou e abriu a loja, recebemos nossas encomendas – e mais alguns livros, porque nenhum de nós poderia entrar em uma livraria sem comprar mais – e saímos para passar o dia perdidos em Eloraton. Mas, no caminho para casa, perguntei a Pru, enquanto dirigia: “Você está realmente falando sério? Eu não seria um bom professor?

Ela disse: “Eu só estava brincando”.

Eu dei uma olhada nela, porque eu sabia melhor.

Ela cedeu. “Quer dizer... acho que você gosta de ensinar. Eu acho que você é bom nisso. Não acho que você vai acordar daqui a dez anos e perceber que cometeu o maior erro da sua vida ao conseguir a estabilidade, mas acho... não sei. Eu sinto que se o seu professor de clássicos na graduação não tivesse pressionado você a fazer pós-graduação, você estaria fazendo algo muito diferente.”

“Ela disse que eu me sairia bem na pós-graduação”, apontei, “e foi o que fiz”.

“Sim, mas...” Então ela encolheu os ombros. “O que eu sei? Tive cinco empregos diferentes em dois anos.”

O que era verdade, e eu adorava ensinar, então deixei isso de lado. Além disso, Liam estava novamente entre projetos e meu salário era estável. Naquela noite, pedimos em chinês e nos perdemos em Eloraton com Gemma e um astrofísico nerd que veio à cidade estudar o cometa que estava passando, e o livro era tranquilo, com apostas baixas e adorável. Muitos leitores odiaram este terceiro livro, porque foi uma mudança ousada em relação aos dois primeiros da série. Foi mais suave, como uma valsa através de Eloraton. No primeiro livro, Junie chegou à cidade num redemoinho, e no segundo livro, Ruby abalou a todos com suas canções.

Gemma era diferente. Ela não tinha nada de onde escapar e ninguém a quem provar seu valor. Ela simplesmente existia, com sua filha, Lily, e flutuava pelas páginas como um tempo bem passado em um rio lento.

Quando li *Honey and the Heartbreak* pela primeira vez, também não gostei muito. Foi muito lento, muito silencioso, muito suave. Eu não conseguia me identificar com Gemma, desliguei por causa de um coração partido, mas não com o próprio homem.

Mas então, três anos depois, durante o pior ano da minha vida, reli a série. Eu tinha acabado de sair do meu próprio desgosto, me afogando em finais felizes para não ter que pensar no meu próprio fracasso. Eu raramente saía do meu apartamento, exceto para dar aulas ou comprar comida para viagem, quando o Uber Eats não parecia atraente. A essa altura, Rachel Flowers também havia morrido, e como todo mundo amava secretamente uma tragédia, seus livros entraram nas listas de mais vendidos e lá permaneceram.

Rachel era divisiva com seus romances. Ela manteve seus leitores atentos, sempre um pouco menos convencionais do que a maioria. Os leitores ainda não gostavam de *Honey and the Heartbreak*, mas finalmente entendi e, assim como o mel que as abelhas de Gemma Shah faziam, a história revestia minha alma e me mantinha aquecido. Nem todo amor acontece à primeira vista - às vezes, é necessário reler exatamente no momento certo (ou errado) da sua vida. E às vezes é necessária uma ajudinha de seus amigos.

“O que você vai fazer na segunda semana de junho?” Pru perguntou uma noite de abril, quando eu estava ali com Gemma, apaixonada pelo doce e tímido Thomas.

“Provavelmente me oferecerei para dar aulas de verão.”

"Bem, não."

Levantei os olhos do meu livro. "Por que?"

Estávamos enrolados no sofá, The Bachelorette murmurando ao fundo, uma mulher dando rosas para homens encantadores que esperavam poder ser o dela. “Porque estamos fazendo uma viagem até o Vale do Hudson.”

"Por que?"

“Porque vamos conhecer nosso clube do livro.”

“Podemos simplesmente entrar pelo Skype”, respondi com desdém. “É uma longa viagem.”

“Elsy...”

Eu olhei para ela. “Prudência...”

“Vamos,” ela implorou.

Eu reclamei: “Não quero ir a lugar nenhum”.

“Nem mesmo para ver nossos amigos?”

Não, eu queria dizer, porque não queria sair do apartamento de jeito nenhum. Eu não tinha, realmente, desde... bem, desde que Liam terminou as coisas. Eu nem queria fazer compras, porque e se eu o encontrasse? Ou seus amigos de trabalho? Achei que não tinha energia para agir como se tudo estivesse bem. Ainda não, de qualquer maneira.

Prudence começou a cantarolar aquela canção horrível.

“Por favor,” eu implorei. "Parar."

Mas ela apenas cantarolou mais alto e começou a balançar os ombros ao som da música. “Vamos, Eileen...” ela disse, provocando. E ela sabia que sempre funcionaria, porque eu sempre cederia se fosse algo que ela quisesse fazer. Eu poderia colocar meus desejos e necessidades em banho-maria e sorriria, aguentaria e partiria em aventuras com ela. De qualquer forma, era melhor do que pensar na minha própria vida. Se eu pudesse viver em seu brilho, deleitar-me com ele para sempre, pensei que isso seria o suficiente.

E por muito tempo, foi.

Mas, assim como Gemma percebeu que sua vida continuava independentemente de ela estar nela, comecei a perceber que minha vida também não estava parando. Isso continuaria independentemente de eu

enterrar minha cabeça na areia e ficar imóvel. Acho que foi por isso que decidi fazer a viagem este ano – não porque queria rotina ou uma semana para ler romances e beber vinho de merda, mas porque...

Minha vida ainda estava em movimento, e decidir continuar foi a primeira decisão real que tomei em...

Em anos.

Então foi realmente lindo ver Gemma Shah tão feliz e em casa, no lugar que ela mais amava.

“Honestamente”, respondi, incapaz de parar de sorrir, “é um prazer finalmente conhecê-lo”.

“Oh não, isso não pode ser bom. Lily tem falado sobre mim? Ela arqueou uma sobrancelha, fechando a caixa com um movimento do pulso.

A loja de doces estava vazia, o que era raro. Ela usava uma camisa listrada de vermelho e branco e jeans de cintura alta e uma pequena moeda dourada em volta do pescoço, estampada com o contorno de uma abelha. Se Junie fosse como uma pintura de Monet, Gemma parecia a felicidade sem esforço de *The Swing*, de Fragonard. Era como se ela não conseguisse ficar parada, constantemente em movimento enquanto falava comigo enquanto calçava luvas de plástico e pegava um raspador, descendo pelo balcão até onde ela e Maya faziam caramelo em uma longa placa de mármore.

“Não acredite em tudo que você ouve”, ela continuou, despejando uma panela de caramelo fervendo no balcão. “Ela exagera em tudo. E eu quero dizer tudo. Quando ela tinha três anos, foi pescar com Frank pela primeira vez e pegou um peixe... você sabe quão grande era? Ela abriu as mãos o máximo que pôde. “Este grande, se você acreditar nela.”

Eu ri. “O quê, não era tão grande assim?”

“Infelizmente não, e não sou tão chata quanto Lily provavelmente disse”, acrescentou ela. O caramelo ocre estava esfriando até formar uma poça viscosa, e ela o raspou.

“Ela não disse que você era chato”, respondi, “se isso serve de consolo. Mas ela me contou sobre o motim das abelhas.

Gemma balançou a cabeça com um suspiro. “Se não for uma coisa... Obrigado por consertar o livro dela, a propósito. Tenho tentado encontrar outra cópia desde sempre. Você é um salva-vidas.

“Não, eu me diverti. Lily é adorável,” eu disse enquanto ela se voltava para o balcão e voltava para sua poça de açúcar refrescante. Ver seu

trabalho foi fascinante. Ela fez os movimentos como se estivesse no piloto automático, tendo feito isso milhares de vezes antes, raspando, virando, espalhando um pouco de sabor aqui, um pouco ali - como se estivesse preparando uma poção, e não um lote de caramelo.

“Bem, fique aí e deixe-me terminar, porque pelo menos quero presentear você com um caramelo para seus problemas antes de ir”, ela continuou, prendendo o caramelo pegajoso no gancho pendurado na parede e começando a puxá-lo. . “Parece que desde que você veio para a cidade você está agitando as coisas.”

Desviei o olhar rapidamente. “Espero que não muito.”

Ela puxou o caramelo novamente, acrescentando uma tira de tinta rosa ao ocre. “Acho que esta cidade precisa de uma pequena sacudida”, ela finalmente decidiu, e me lançou um sorriso secreto.

Dei de ombros evasivamente. “Anders não pensa exatamente assim.”

Ela revirou os olhos. “Aquele mesquinho não gosta de nada.”

“Realmente? Mas ele tem uma atitude tão boa... — respondi ironicamente.

Ela riu. Estava brilhante, como um sino. “Não é? Acho que foi assim que ele assustou todo mundo no início.”

Isso me intrigou. “Então, havia pessoas apaixonadas por ele?”

“Oh Deus, sim. Holly, Suze, Beanie — ele expulsou todos eles na primeira semana. Mas você... — E ela balançou as sobrancelhas. “Você pode ter uma chance. Ele não te assusta.

“Oh, ah, não, quase não somos amigos agora. Acho que essa é a extensão do relacionamento.”

“Por que?”

Porque quase o atrolei com o meu carro. Porque eu dei um tapa nele no meio da cidade. Porque ele me beijou de uma maneira que chegou até os dedos dos pés, e não consigo afastar o friozinho na barriga que aquele beijo gerou.

“Oh, olhe as horas”, eu disse, olhando para meu relógio imaginário. “Acho que ouvi Mefistófeles chamando meu nome das profundezas do inferno, vejo você!” Chorei e fugi da confeitaria o mais rápido que pude. Ela fez uma serenata para mim, caindo na gargalhada assim que a porta se fechou atrás de mim.

Não diminuí o ritmo até estar a um quarteirão da confeitaria e, a essa altura, minhas bochechas estavam vermelhas pelo esforço, e não pelo constrangimento. Então, Anders tinha pessoas interessadas nele no início, mas todos corriam para as colinas quando ele não era charmoso, acessível ou mesmo um pouco divertido. (Até que ele era, e então ele era mais legal, atencioso e sedutor.) Ele provavelmente teria me afugentado também, se a pousada não fosse mal-assombrada e ele não tivesse o único quarto vago em toda a cidade . Holly, Suze e Beanie — esses foram os personagens mencionados por Gemma. Personagens terciários nos livros, pessoas com uma ou duas cenas, e que quase não são mencionadas novamente.

Tentei imaginar qualquer um deles beijando Anders, cavalgando em direção ao pôr do sol com ele, e a tentativa fez minha ressaca voltar com força total – meu estômago revirou, meu peito doeu. Anders provavelmente já estava voltando da loja de ferragens, então acelerei o passo. Butterscotch estava descansando em um lugar ensolarado na janela. Ele me lançou um olhar preguiçoso, como se soubesse exatamente onde eu estive e o que fiz.

E, para meu eterno pesar, seu dono também.

Congelei meus passos no segundo em que entrei.

Anders estava lendo no balcão. Ele virou a página languidamente, a cabeça apoiada na mão. O sol da tarde que entrava pelas janelas altas tornava seu cabelo louro-claro quase dourado quando batia na luz certa.

“Que bom que você finalmente voltou”, disse ele com indiferença. “Você fez uma boa caminhada?”

Eu estremei. "Desculpe. Eu... esqueci que deixei algo no meu carro. Então fui até a casa de Frank para pegá-lo. Só fiquei fora por alguns minutos.

Ele franziu os lábios, como se soubesse que eu estava mentindo, mas não me denunciou. Ele apenas perguntou: “Você encontrou o que estava procurando?”

"Não." Pelo menos isso não era mentira, mas ainda assim eu não conseguia olhá-lo nos olhos. A vergonha tomou conta das minhas bochechas, vermelhas e horríveis. Eu não tinha pensado no que aconteceria se eu não voltasse a tempo, e agora senti que o havia decepcionado porque... bem, eu havia decepcionado. "Desculpe. Há quanto tempo você voltou...?"

“Alguns minutos”, ele respondeu, levantando-se e espreguiçando-se – como um gato se desenrolando. Seu Henley subiu um pouco, saindo da calça jeans, mostrando uma lasca de pele acima da cintura. Imediatamente me lembrei do nosso beijo, da sensação de seu peito quando minhas mãos pressionavam sua pele, da solidez dele, do jeito que ele cheirava...

Desviei meu olhar. “Eles tinham a trava?”

“Não.”

“Ah.” Me mexi desconfortavelmente, lembrando o que Gemma disse sobre Anders afugentando todas as garotas. Não foi difícil para ele. “Você sabia que a placa ainda está fechada?”

“Eu sei. Eu disse que levaria você para conhecer Eloraton quando voltasse, se você ainda quisesse.

Ah, isso só me fez sentir pior. Eu estremeci. “Você realmente não precisa...”

Ele inclinou a cabeça para o lado. “Se você preferir não, eu entendo.”

“Você... não está bravo comigo? Por sair da loja quando você me pediu para ficar?”

“Não”, ele respondeu, balançando a cabeça. “Você disse que esqueceu algo na casa de Frank e deve ter sido importante, então não há como evitar. Porém, sinto muito que você não tenha encontrado.

Merda. Agora me sentia ainda pior por mentir. Meus ombros cederam. “Sim ...”

Ele fechou o livro. Era um romance de Ann Nichols — um dos mais recentes. A capa não estava borrada e as páginas não estavam em branco, então talvez fossem apenas meus romances Quixotic Falls? “Então, onde você gostaria de ir primeiro?”

Eu hesitei.

Meu olhar pousou na trava quebrada do balcão. Eu precisava consertar o que havia quebrado entre Ruby e Jake, mas queria ir comprar tacos e ver a torre do relógio. Além disso, eu não poderia fazer mais nada até que Ruby voltasse.

Amanhã então. Amanhã eu conversaria com Jake e Ruby e os ajudaria a resolver tudo. De alguma forma.

Eu só... tinha que me comportar da melhor maneira esta noite. Estritamente boa Eileen.

“Se é tão difícil para você decidir...” Anders murmurou, estudando a ruga entre minhas sobrancelhas, “eu sugeriria comida primeiro. Deixe-me fechar.” Então ele se levantou do balcão e deu a volta para trancar a porta da frente, mas, ao passar, se inclinou em minha direção, seu ombro roçando o meu, e murmurou: — Você ainda é uma péssima mentirosa, Eileen.

Bem, eu certamente estava em apuros esta noite.

E o pior é que eu temia gostar.



Gestos Românticos

O TACO JOINT ERA um lugarzinho escondido na Four Shadow Street.

Peguei nossos refrigerantes e encontrei Anders sentado em uma mesa, com um saco gorduroso de tacos. O restaurante estava cheio de bugigangas e serpentinas de papel com a bandeira mexicana estampadas, e bonecos de mariacheros no balcão de pedidos.

Se eu fosse do tipo intrometido, descobriria quem Rachel sonhou para ele. Aposto que era alguém que era um contraponto, um oposto que extraía todas as melhores e piores partes dele. Então, basicamente, um otimista que adorava livros e o tirou de sua concha mal-humorada e tinha algum tipo de falha de caráter que era ao mesmo tempo um pouco cativante e muito irritante para ele.

Mas eu não era intrometido — intrometido era reservado a intrometidos que fuçavam em busca de auto-realização — não, eu era curioso, genuinamente curioso, e isso era ainda pior.

Deslizei para a cadeira em frente a ele. “Não havia canudos.”

“Não há nenhum em Eloraton, a menos que você peça”, ele respondeu. “Eles são péssimos para o meio ambiente. Você sabe, salvando as baleias.”

“Eu ouvi sobre isso.”

“Minha irmã poderia fazer uma apresentação de três horas sobre isso, se você permitir.” Ele enfiou a mão na sacola e dividiu nossos tacos. Ele acertou quatro contra os meus dois e dividimos um pedido de nachos. De alguma forma, a revelação de que ele tinha irmãos foi mais chocante do que qualquer outra coisa sobre ele.

"Você tem uma irmã?"

“Não pareça tão surpreso”, ele comentou secamente.

"Desculpe, desculpe." E então eu controlei meu rosto e disse na minha melhor impressão dele, estóico e nivelado: “Você tem uma irmã?”

Ele estreitou os olhos para mim. "Hum."

“Admita”, eu disse enquanto ele dava sua primeira mordida no taco de tripas com molho picante, “sou melhor você do que você”.

“Você está agora?” ele respondeu, divertido.

Então adotei sua voz estóica e disse: “Você está agora?” Então peguei um cardápio do meio do porta-guardanapos e fingi que era um livro. “Olá, sou Anders, o dono da livraria, e gosto de olhar carrancudo e julgar seus livros favoritos.”

Ele quase engasgou com a comida. “Eu não julgo ninguém pelos seus livros favoritos, obrigado.”

"A menos que ..."

Ele inclinou a cabeça. "Eu não."

“A menos que...” cutuquei novamente, porque sabia que havia uma exceção. Sempre houve uma exceção.

E então ele finalmente cedeu: “A menos que seja um daqueles livros do tipo guru de autoajuda nos negócios, que você pode fazer sozinho”.

“Ah, daquele tipo em que o autor é sempre branco, provavelmente careca, de meia-idade?”

“Parado no canto da capa do livro, braços cruzados”, observou ele.

Eu podia ver isso tão claramente. “E ele provavelmente não pagou a um ghostwriter dinheiro suficiente para repetir a mesma coisa que todos os outros gurus de negócios de autoajuda disseram em seu livro, mas com um adjetivo diferente?”

“E todos eles eventualmente começam a processar uns aos outros por violação de direitos autorais e ninguém consegue rastrear quem disse o quê primeiro?”

“Que estranhamente específico”, observei, incapaz de esconder um sorriso.

E ele quase – quase – repetiu isso. Tenho certeza de que o sorriso dele era lindo e eu realmente queria vê-lo. “Meu segredo. Negarei se você contar a alguém.

Cruzei meu mindinho sobre o peito. “Nunca.”

“Como eu não acredito em você”, ele observou, com os olhos brilhando, e lambeu um pouco de molho picante do polegar. Sua língua era rápida. Lembrei-me de como ele queria explorar minha boca na noite passada.

“Então, onde está sua irmã agora?”

“Manitoba. Estudando belugas.”

“Isso parece tão legal. Nunca vi uma beluga antes. Você já a visitou? Eu perguntei, pegando meu taco. Talvez fosse um resquício da minha ressaca desta manhã, mas eu realmente não estava com apetite. Ou talvez fosse nervosismo. Isso foi um encontro? Não não. Não poderia ser.

Se fosse, foi o melhor encontro que tive em anos. Meu único também, mas não importa a semântica.

“Não”, ele respondeu. “Ela se mudou para lá depois que eu vim para Eloraton.”

“E você não foi embora desde então?”

“Não.”

“Por que?”

Ele encolheu os ombros, comendo seu segundo taco. “Você deveria experimentar o molho picante. É realmente ótimo.”

Eu olhei para ele. O logotipo de desenho animado do Frank’s Hotties me provocou. “Não, estou bem.”

“Apenas tente um pouco.” Ele pegou a garrafa e foi servir um pouco no meu taco.

“Não! Eu não quero vazar! Eu bati a garrafa fora. “Como você ousa.”

Ele riu e comemos o resto da refeição e conversamos sobre nossas famílias. Ele me contou sobre seus pais, o contador e o instrutor de Pilates, e como eles se retiraram para uma cabana no meio da floresta, onde criavam galinhas e um punhado de cabras muito rebeldes, e pareciam pessoas que minha mãe faria. adorei. Eu disse a ele que ela era divorciada,

nunca se casou novamente, “E com a aposentadoria ela decidiu conhecer o mundo. Enquanto isso, nunca estive na cidade de Nova York.”

Isso o surpreendeu. "Nunca?"

“Nunca”, confirmei. “Parece tão... grande. Muito pesado. Provavelmente teria um ataque de pânico bem no meio da Times Square.”

“É muito caótico”, ele concordou. “Não é nada como Eloraton. Na cidade, tudo acontece tão rápido que ninguém percebe você, nem mesmo quando você está fora. Aqui é impossível não ser notado. Se você partir, todos saberão. É... revigorante — decidiu ele, embora eu tivesse a sensação de que não era a palavra que ele queria usar.

Inclinei minha cabeça. “Foi por isso que você ficou?”

“Um deles”, ele confirmou, e consultou o relógio. Ele o usava na parte inferior do pulso, de modo que a parte de trás do mostrador do relógio pressionasse o interior macio. “Se você terminou, é melhor nos apressarmos.”

“Achei que estávamos vendo a torre do relógio?”

Ele jogou nosso lixo na lata de lixo. "Eu mentiria para você?" ele perguntou, andando de costas para a porta da frente, e eu corri atrás dele, um sorriso aparecendo nos cantos dos meus lábios.



A TORRE DO RELÓGIO ERA TÃO ALTA QUANDO VOCÊ ESTÁ NA BASE dela, como se se estendesse até o céu noturno. No primeiro livro, Junie e Will subiram sorrateiramente ao topo para ver a cidade do céu. Às vezes tudo que você precisa é ver a vida de um ângulo diferente, Will, para fazê-la parecer nova novamente.

Anders apontou com a cabeça em direção à porta de manutenção, perto dos fundos do prédio. "Por aqui. Devemos nos apressar ou perderemos isso."

"Senhorita o quê?"

Ele bateu o dedo nos lábios para ficar quieto enquanto tirava as chaves do bolso e destrancava a porta. Estava enferrujado, as dobradiças rangeram

alto quando ele forçou a abertura. Liguei a lanterna do meu celular e o segui. Na verdade, a torre do relógio tinha apenas cinco andares de altura, então a subida até o topo não foi difícil, mas no escuro demorou mais do que o normal. Havia luzes na escada, mas Anders disse que precisávamos deixá-las apagadas.

“A menos que você queira que a cidade saiba que alguém está aqui?” ele perguntou, o que apenas me disse que não deveríamos estar aqui.

Eu suspirei. “Anders, estamos invadindo? Você me fez cometer um crime?”

Eu pude sentir seus olhos revirarem quando ele disse: “Ah, sim, eu criei você. Cuidado onde pisa”, acrescentou ele quando chegamos ao topo, onde ficava o relógio da torre. Havia quatro faces, cada uma delas com um fuso e uma engrenagem no meio. Tornou-se cansado. Ele inclinou a cabeça em direção à escada de metal no outro lado da sala, e eu subi até onde o sino estava. Dos arcos eu podia ver a cidade inteira, espalhando-se pelo vale como um livro de histórias. Tirou meu fôlego.

Ele subiu atrás de mim e passou o braço suavemente em volta da minha cintura para me manter firme. O vento estava mais forte aqui em cima e muito, muito longe, mas ele era sólido e seguro, então não tive medo.

“Isso é...” Eu não conseguia encontrar as palavras.

“Meu lugar favorito na cidade”, respondeu ele, e caminhamos com cuidado até a beira da torre do sino. O sol estava afundando lentamente entre as colinas de Catskills, em tons roxos, azuis e rosados. “Nunca estive aqui com mais ninguém.”

Meu coração acelerou. “Ninguém?”

Ele balançou sua cabeça. “Mas pensei que você iria gostar.”

Olhei para ele enquanto o sol poente tornava as linhas duras de seu rosto mais suaves, o loiro de seu cabelo mais dourado. Este era um lugar especial – destinado a um grande gesto romântico. Era um lugar desperdiçado para mim.

Eu estava roubando todos os momentos da heroína dele, não estava?

Foi um pensamento preocupante.

“Esta é uma vista tão linda”, eu disse, com o coração apertado, “mas você deveria ter guardado isso para alguém que valesse a pena”.

Ao que ele respondeu, embalando meu rosto em suas mãos, examinando meus olhos enquanto fazia: “Não é? Do que você tem tanto medo, Elsy?”

Agora mesmo? Tive medo de estender a mão para ele, tive medo de pegar suas mãos nas minhas. Eu estava com medo de alguma coisa – apenas algo bom – com alguém. “Nada”, eu disse.

Ele passou o polegar pelo meu lábio inferior. “Mentiroso...”

Eu estava imaginando ou ele estava se inclinando para outro beijo? Ele estava, e eu também, atraídos como ímãs, e tudo que eu queria era pressionar minha boca na dele e provar meu nome em seus lábios, e sentir meu sangue correndo em minhas veias novamente – finalmente – como se eu finalmente estivesse acordando. de anos de sono.

“Podemos descer”, eu disse, passando por ele em direção à escada, mas então ele me pegou pelo pulso para me segurar.

"Espere, por favor." Seu aperto foi gentil e me virei para ele.

O sol havia se posto e os laranjas e vermelhos estavam se transformando rapidamente em roxo e azul meia-noite à medida que a lua ficava cada vez mais brilhante no céu. “Anders”, comecei, mas ele me levou até a beira da torre do sino e tirou do bolso dois pares de protetores de ouvido. Tive a sensação de que ele não tinha ido à loja de ferragens só para comprar os fechos, porque aquilo era muito bem planejado e parecia exatamente com ele, de ponta a ponta. Estóico, atencioso e atencioso, e mesmo quando estava mal-humorado, compensava isso.

“Coloque isso, está quase na hora”, disse ele, colocando os seus, e eu também coloquei. O mundo se acalmou, até que eu só consegui ouvir o sangue correndo pelo meu coração em staccato. Abri a boca para perguntar em voz alta o que estávamos fazendo, quando ele levou a mão aos lábios e então...

Todos os ponteiros dos minutos bateram doze ao mesmo tempo.

E atrás de nós, o sino recuou e balançou. Mesmo com os protetores de ouvido colocados, o som era tão alto que me fez tremer os ossos. No começo, isso me assustou. Dei um grito e agarrei Anders pelo braço, encolhendo-me contra seu peito, e acho que ele começou a rir, mas não consegui ouvir por causa do som da campainha. Ele balançou para frente e para trás, em gongos longos e altos, até as nove, quando o sino voltou a parar, mas suas reverberações persistiram por muito tempo, como o suspiro

de mil abelhas. Tirei meus protetores de ouvido e o próprio ar pareceu zumbir, chegando até meus pulmões, e cada centímetro de mim parecia vibrante e... vivo.

"O que você acha?" ele perguntou baixinho no meu cabelo, e eu percebi que ainda estava segurando sua camisa, encostada nele.

Meu corpo ainda formigando por causa do som, olhei para a cidade, e para todos os prédios minúsculos e os carros minúsculos e as pessoas andando pela rua, e os bosques que se estendiam até as estradas, e as árvores que se aglomeravam. subindo pelas encostas das colinas, fazendo com que pareçam ondas perenes. Eu imaginei Eloraton mil vezes, mas nem se comparava.

"É... mágico," eu sussurrei.

"É", ele respondeu, embora seu olhar nunca me deixasse.



A NOITE ESTAVA ESFRIANDO QUANDO FINALMENTE SAÍMOS DA Torre DO RELÓGIO e encontramos um assento em um banco do parque na praça. Pela segunda noite consecutiva, não houve tempestade num raio de quilômetros. Ficamos sentados em silêncio, comendo do saco de caramelo que comprei há alguns dias e guardei na bolsa. Bem, eu estava comendo dele. Ele manteve sua palavra de que não gostava de coisas doces.

"Você morava na cidade de Nova York?" — perguntei, enrolando o invólucro plástico no dedo. Estávamos sentados tão perto que pude me inclinar um pouco e bater meu ombro no dele. Ele sentou-se com uma perna cruzada sobre a outra, balançando o pé para cima e para baixo como se estivesse nervoso. Ele estava nervoso? Por que ele estaria? "Você parecia saber muito bem quando conversamos sobre isso antes."

"Eu fiz. Bem na rua 82, no Upper East Side.

"Eu não tenho idéia o que isso significa."

"Isso significa que eu estava perto do Met. Eu ia muito lá para ler."

Eu o estudei. "Você poderia."

"O que isso significa?"

Eu puxei minhas pernas para cima, me inclinando em direção a ele no banco do parque. “Só que você gosta de lugares tranquilos e nerds.”

“Difícilmente quieto. A ala egípcia é a melhor. A sala é iluminada e há muitos bancos. Há tantas pessoas lá, mas tudo soa como ruído branco depois de um tempo. Eu sempre ia lá só para... ficar bege por um tempo. Uma parte do cenário.” Imaginei aquela cena em *When Harry Met Sally*, quando eles estavam naquela sala, e tentei me colocar lá também, mas não achei que me encaixasse. Ele continuou pensativo: “Às vezes sinto falta da cidade. Sinto falta da comida – e das livrarias. Principalmente as livrarias. Você adoraria — acrescentou ele, olhando para mim, com os olhos brilhando de excitação.

“Eles não podem ser tão bons quanto o Inefável.”

“Deixa de pensar, mas eles são bons. Eles têm caráter. Porém, ainda não conheci uma livraria que não o faça.

Apoiei meu braço no encosto do banco e me virei para encará-lo. “Conte-me tudo sobre a cidade. Venda-o para mim como se fosse um livro.

“Essa é uma pergunta difícil.”

Eu sorri – não consegui me conter. “Você gosta de desafios.”

E pela primeira vez, acho que vi como era o Anders quando estava feliz. Havia uma nova cor em seu rosto, pintado de excitação, como se a ideia de estar em outro lugar tivesse tirado a poeira de seu caráter e o despertado. “Bem, primeiro, você precisa ir no mês correto. Todo mundo fala sobre o verão na cidade, mas está errado.”

“Oh? Carrie Bradshaw mentiu para mim?”

“Terrivelmente”, ele respondeu. “É o outono que é perfeito. Imagine sua aquarela favorita e depois imagine-a em tons de abóboras e pôr do sol. Todas as árvores do Central Park ficam laranja, marrons e amarelas, as folhas estalam sob seus pés e o ar tem um cheiro fresco e fresco. Parece um filme de Nora Ephron. Eu sempre tomava um chai sujo nessa cafeteria modesta e andava da Union Square até o Washington Square Park e, se eu tivesse sorte, haveria um food truck muito bom lá vendendo fajitas .” Suas sobrancelhas franziram em irritação. “Sinto muita falta disso, na verdade.”

“Eu nunca comi um chai sujo antes.”

“Sempre recebo um no primeiro dia nublado da temporada. Eles têm um sabor melhor quando está nublado.

“Talvez você possa me levar algum dia”, eu disse antes de perceber o quão impossível isso era, mas depois que disse isso, eu sabia.

E ele também o fez, e caímos num silêncio constrangedor.

Ele disse: “Talvez algum dia você possa tirar férias. Posso lhe dar uma lista de todos os lugares que você precisa conhecer.

“São armadilhas para turistas?”

“Eu nunca te desviaria.”

"Hum." Imaginei ir para Nova York e me perder como o turista que inevitavelmente seria. Eu pegava o metrô longe demais, pegava o trem expresso em vez do local, e ficava com o nariz enfiado no aplicativo de mapas o tempo todo, esquecendo que a parte mais perfeita da cidade era quando você olhou para cima—

E vi o céu.

“Talvez algum dia”, respondi. “Sabe, quase consegui um emprego de professor em Nova York.” Foi depois que Liam terminou comigo, quando Pru finalmente me tirou do meu apartamento e me apresentou ao mundo novamente. Eu só queria ir embora, ir para outro lugar. Achei que correr era apenas instinto, naquele momento.

Ele perguntou: “Por que você não fez isso?”

Dei de ombros, tirando outro caramelo da sacola. Pru perguntou a mesma coisa e eu realmente não tive uma boa resposta. “E se eu não gostasse? Além disso, onde estou agora está ótimo. Pru é próxima e a maioria dos meus colegas gosta de mim. Eu ensino inglês em uma universidade”, acrescentei, percebendo que nunca havia contado a ele. “Os alunos são ótimos. Não é todo dia que você tem uma discussão acalorada sobre se Dionísio e Apolo estavam apaixonados nas Metamorfoses de Ovídio.”

Ele assentiu. “Isso parece muito revigorante. Esse é o emprego dos seus sonhos?”

Eu bufei uma risada. “Não. Eu gostaria que fosse, mas foi exatamente onde acabei, eu acho. Eu não queria ser bibliotecária e não queria ir para a faculdade de direito, então... — dei de ombros. “Decidi ensinar.”

Ele se virou para mim com interesse. Seu joelho bateu no meu e ele não se afastou. “O que você faria se pudesse fazer alguma coisa?”

"Qualquer coisa?"

"Nada mesmo."

"Não sei." Dei de ombros novamente. Ele esperou que eu respondesse, tirando um caramelo da minha bolsa. Eu tinha certeza de que ele venceria um jogo de espera. A verdade é que eu não sabia o que faria. Eu realmente não tinha pensado muito sobre isso. Como minha mãe era bibliotecária, eu comecei a estudar inglês pensando em fazer mestrado em biblioteconomia, mas assim que entrei na pós-graduação, soube que não queria fazer isso. Meu professor de clássicos disse que eu seria bom ensinando. Então, eu simplesmente fiz isso."

"Tudo bem", ele disse lentamente, colocando o caramelo na boca. "Onde você está mais feliz?"

Pensei nas noites em que Pru e eu lemos calmamente em nossas cadeiras no dormitório em nosso primeiro ano, e nos anos em que começamos um novo livro à meia-noite e lemos até o amanhecer. Pensei nos eventos literários que íamos juntos, nos assentos desconfortáveis e na conversa fiada com outras pessoas nerds e livrescas que também não conheciam a arte de assuntos relacionados ao clima. Como fiquei feliz por estar sentado entre corredores de livros, respirando o cheiro de páginas recém-impresas e de páginas antigas empoeiradas, cola de encadernação, papelão e poeira.

E pensei nos Livros Inefáveis e na maneira como a luz do sol entrava pelas janelas, fazendo brilhar as partículas de poeira entre as pilhas. A sensação das lombadas dos livros quando eu passava os dedos por elas, como um xilofone de palavras.

"Uma livraria, eu acho."

Ele disse: "Você não poderia deixá-lo sem vigilância, você sabe".

Eu estremei. "Sim, eu provavelmente seria muito ruim nisso."

"Eu não disse isso", ele respondeu, me estudando com aqueles olhos cor de menta brilhantes. À noite, eles quase pareciam brilhar. "Acho que você pode fazer o que quiser, Eileen. Você é assustador desse jeito.

"É gentil da sua parte dizer isso, mas não é verdade. Não sou muito bom em nada."

Ele cantarolou. "Você consertou o livro da Lily."

"Porque minha mãe me ensinou como", apontei. "Ela é muito melhor nisso."

"Você ficou uma noite inteira no Daffodil."

"Eu me sentiria mal se simplesmente fosse embora."

“E”, ele continuou, “você já fez com que quase todos os personagens principais gostassem de você”.

"E você?" Eu perguntei, examinando seu rosto. "Eu fiz você gostar de mim?"

“Eileen”, ele disse suavemente, seus olhos mentolados derretendo em poças de esmeraldas, “não tenho certeza de quantas vezes terei que dizer isso, mas direi quantas vezes você precisar: eu nunca odiei você .”

"Nem mesmo quando quase atropelai você?"

“Eu estava no meio da estrada. Na chuva. Para ser justo, não esperava que alguém viesse à cidade naquele momento.”

"E quando eu dei um tapa em você?"

“Doeu, mas entendo que te chatee. Eu mereci.” Então ele repetiu novamente, mais devagar: “Eu nunca te odiei, Eileen”.

Desviei o olhar, tentando não corar, porque tenho certeza de que ele conseguiria. Eu me perguntei como ele me viu. Como alguém que não tinha medo constante de pessoas que ainda não conhecia? Como alguém que entrou em novos lugares com esperança em vez de dor de cabeça? Eu queria conhecer essa versão de mim, quem quer que ela fosse. Ela poderia administrar uma livraria – eu quase conseguia ver isso. “Seria pequeno, sabe?” Eu disse, voltando ao assunto, e a tensão entre nós diminuiu um pouco. Ele sentou-se no banco, ouvindo. “Talvez um apenas para romances.”

“Que tipo de romances?” ele perguntou.

"Todo tipo. O céu é o limite. Romantasia para rasgadores de corpetes, com certeza. Ah, e haveria um clube do livro semanal.”

Ele assentiu. “Obviamente, todas as boas livrarias têm uma, mas sou um pouco parcial.”

"Eu também sou."

“E como você nomearia isso?”

Eu torci meu nariz. “Merda, não sei... Minha primeira livraria?”

Ele revirou os olhos. "Você pode fazer melhor do que isso."

"Não sei. Eu sou ruim com nomes. Hum... — pensei sobre isso, olhando ao redor do parque e depois de volta para ele. Todo bom romance tinha encontros fofos, cenas de amor e beijos. Tinha que ter algo a ver com isso. Talvez... “Eu chamaria isso de Grande Romântico”.

Um lampejo de sorriso cruzou sua boca. “E você disse que era ruim com nomes.”

Eu o ignorei. “Realizamos eventos para leitores de romance e pessoas de todo o país vinham apenas para fazer compras lá. Seria o tipo de lugar que faria você acreditar no romance novamente.”

Ele não disse nada por um longo momento.

Tanto tempo que forcei uma risada. “É apenas um sonho, no entanto. Duvido que algum banco me empreste esse tipo de dinheiro.”

“É um sonho bom”, ele respondeu finalmente. “Eu seria o primeiro da fila.”

Eu sorri para ele, porque isso foi gentil. “Com aquela jaqueta de tweed que eu sei que você está usando?”

Ele suspirou. “Estou lhe dizendo, não tenho um.”

“Hum-hmm. Continue se enganando.”

Ele riu, um sorriso aparecendo nos cantos de sua boca. Está sozinho. Pela primeira vez. E isso mudou todo o seu rosto. As linhas ao redor de sua boca, perpetuamente franzidas, desapareceram. A expressão dura de suas sobrancelhas ficou suave. Ele também tinha um sorriso bonito. Encantador.

“Então”, eu disse, e puxei meus pés para cima e coloquei-os sobre suas pernas para que me sentasse de lado no banco e pudesse vê-lo melhor, “e você?”

Ele pegou outro caramelo da minha bolsa. E aqui ele disse que não gostava de doces. “Quanto a mim?”

“O que você faria se pudesse fazer alguma coisa?”

Afinal, no mundo dos livros, o céu era o limite, e me perguntei que pedaço de si mesma Rachel Flowers colocou em Anders. Seu amor pela leitura? (Obviamente.) Sua vontade de escrever?

Ele sentou-se no banco, enrolando o caramelo na boca. “Eu já faço isso”, disse ele. “Bem, eu consegui. Eu tinha o emprego dos meus sonhos. Resenhei romances para o New York Times. Principalmente thrillers e suspense, mas às vezes eu tinha a sorte de resenhar um romance. E não havia nada melhor.” Ele franziu a testa e, pela primeira vez em poucas horas, uma frieza silenciosa tomou conta de seu rosto novamente, embora eu o conhecesse melhor agora. Não foi frieza. Foi tristeza. “Mas eu realmente não gosto de nenhum livro desde... bem, simplesmente não parece o mesmo.” Ele balançou sua cabeça. “O tempo muda você. As

histórias mudam você. As pessoas que você conhece mudam você. Simplesmente não sou o mesmo homem que era antes.”

Antes - antes de ele e sua ex se separarem? Quem era ela e como era tão adorável para arruiná-lo? Por que ela foi embora? Eu não poderia imaginar não poder cair nas histórias que me fizeram companhia naqueles longos dias após a partida de Liam. Eu me enterrei neles. Eu me protegi. Para não ter isso...

“Então, todos os livros com os quais vi você... você não está gostando deles?”

“Estou tentando”, ele respondeu. “E, para ser sincero, pensei que talvez estar perto de você ajudasse, porque você simplesmente exala felicidade. Você não percebe, mas está sempre sorrindo quando está nesta cidade. Quando você está conversando com Junie, Ruby ou Maya, ou andando pela rua, ou comendo caramelo, você fica simplesmente... feliz. Eu quero sentir isso de novo também. Então, muito mal.”

Estendi a mão e entrelacei meus dedos nos dele e apertei suas mãos com força. “Se eu pudesse dar a você, eu daria.”

“Teria um sabor doce, tenho certeza”, disse ele, baixando os olhos para minha boca. “Como você.”

Meu estômago queimou. Queria que ele me beijasse de novo, sentado neste banco do parque, numa noite tão linda de verão. Os vaga-lumes dançavam ao nosso redor, o vento serpenteava por entre as árvores, e quando ele fixou os olhos em mim, senti-me como se fosse a única história que ele queria ler.

E isso era perigoso, porque ele era fictício e Rachel havia escrito alguém para ele. Alguém bom.

E não fui eu.

Então me inclinei e beijei-o suavemente na bochecha. Um compromisso. “Eu me diverti muito esta noite, Anders. Obrigado.”

“De nada, Elsy”, ele respondeu, e pareceu quase desapontado quando desenrolei minhas pernas sobre as dele e me esforcei para ficar de pé. Estendi a mão para ele pegá-lo e voltarmos juntos, mas ele disse: “Acho que vou dar um passeio. A livraria está desbloqueada. Vejo você de manhã?”

“Desta vez sem ressaca”, prometi, e comecei a voltar para a livraria. Eu não deveria ter olhado por cima do ombro para ver aonde ele foi, mas não pude evitar.

Olhei para trás.

Ele já havia saído do banco, seguindo pela calçada em direção ao Daffodil Inn e ao cemitério de coisas deletadas.

E, ao contrário de um romance, ele não olhou para mim.

Um passeio naquele estranho cemitério era estranho àquela hora da noite. Ele estava conhecendo alguém? Eu estava pensando em simplesmente voltar para a livraria e dormir, porque os estorninhos me acordariam na hora mais horrível da manhã, mas minha curiosidade levou a melhor sobre mim, e eu fui atrás dele para a estalagem, onde pulou a cerca do jardim e desapareceu pela pérgula.

As luzes da cozinha ainda estavam acesas na pousada e uma música baixa escorria pelas janelas abertas. Olhei para dentro enquanto passava pelo jardim. Junie e Will dançavam lentamente, a cabeça dela apoiada no ombro dele, os braços dele em volta da cintura dela, balançando para frente e para trás ao som da melodia lenta e suave. E imediatamente, senti como se tivesse acabado de testemunhar um momento privado que não era meu.

Corri atrás de Anders, tomando cuidado para ficar nas sombras, para não pisar em nenhum graveto, para não ser pego pelas roseiras espinhosas de cada lado da pérgula. Quando cheguei ao portão de ferro, me escondi atrás dele. Ele sentou-se na beira da fonte, pegou o celular e ligou para alguém.

“Desculpe, é tão tarde”, disse ele, e quem quer que fosse fez com que um sorriso se curvasse em sua boca, fazendo seus olhos enrugarem. “Yeah, yeah. Vou manter isso em mente...”

Com quem ele estava conversando que o fez sorrir daquele jeito? Para quem ele ligaria perto da meia-noite?

Ele conversou ao telefone, mas sua voz era tão baixa que mal consegui ouvir alguma coisa. Encostei-me no portão de ferro, forçando o ouvido...

Meu telefone de repente vibrou com uma mensagem de texto e emitiu um som alto.

Ele virou a cabeça em direção ao barulho, mas eu já estava descendo o beco novamente e atravessando a pérgula. Não parei de correr até chegar à rua principal, onde me abaixei para recuperar o fôlego.

"O inferno?" Murmurei, tirando meu telefone do bolso de trás.

Houve uma nova mensagem de texto, embora eu não tivesse serviço. Era de Pru, dizendo em letras maiúsculas—

ELE PROPÔS!!

Eu rapidamente lutei para responder – PARABÉNS!!!

Mas assim que enviei, ele voltou. Mensagem não enviada. Droga, como eu consegui sinal? A menos que tenha sido no pátio onde Anders atendeu a ligação? Mas eu não entendia por que isso importaria. Anders poderia obter seu serviço de celular fictício em qualquer lugar.

Considerarei isso um acaso e voltei para o loft, mas só adormeci quando Anders voltou, meia hora depois.



O Curso do Amor Verdadeiro

HOJE EU ia consertar tudo. Pelo menos foi isso que meu cérebro parcialmente privado de sono decidiu, porque os estorninhos tornavam quase impossível dormir até tarde, mesmo que eu quisesse. Eles tiveram que começar sua musiquinha estranha às 7h30 da manhã? Não importava Butterscotch, que de alguma forma tinha aberto a porta e miado no assento da janela, olhando para o ninho de pássaros, até que eu o agarrei e o joguei de volta na livraria.

Depois que me vesti e preendi o cabelo em um rabo de cavalo alto, ainda era tão cedo que Anders ainda não tinha vindo abrir a livraria, então fui ao Grumpy Possum comprar cafeína e bagels para nós. Jake estava de folga e havia no balcão um adolescente com cara de esquilo e bigode meio crescido, então ele não ajudaria muito. Estudei o cardápio, mas ainda não adiantou. Eu não conseguiria ler, mesmo que tentasse.

Tirei minha carteira da bolsa enquanto o adolescente esperava meu pedido. “Uh, um café com leite caramelo, um chá preto, um bagel de cream cheese com salmão defumado e...” Que tipo de bagel Anders comeu antes? Certo: “Um bagel com cebolinha e cream cheese de cebola”. Coloquei dois dólares no pote de gorjetas e agradei quando ele me entregou um porta-bebidas com as bebidas e um saco quente com os bagels.

Anders cuidou de mim ontem de manhã, e eu realmente gostei do nosso encontro ontem à noite (era um encontro? Eu não deveria chamar isso de encontro), então ele não deveria ter ficado tão surpreso quanto ficou ao me ver naquele dia. balcão com um bagel e um chá para ele quando ele entrou na livraria por volta das oito.

Ele tomou um gole de chá, desconfiado, e quando percebeu que era chá e não estava envenenado, nem resfriado, nem nada, abriu o saquinho para ver o bagel. Então ele me lançou um olhar deliberado. “Qual é o seu ângulo?” ele perguntou.

“Você está me deixando ficar no loft de graça. Que tal isso para ângulos?”

“Vou acreditar”, disse ele depois de pensar, “mas você ainda é suspeito”. Ele pegou seu bagel. “Obrigado, vou valorizá-lo sempre.” Então ele foi embora com seus prêmios e eu sorri.

“Acho que ele gosta de mim”, disse a Butterscotch, que estava deitado em sua cama de gato perto da janela. Ele me lançou um olhar entediado e enfiou o nariz debaixo do rabo.

Anders voltou para a frente depois de um tempo e apontou com a cabeça na direção da placa. “Tenho que fazer uma coisa, então por que você não abraça um pouco suas fantasias de livreiro? Experimente. Veja se você gosta.”

“Uma missão? Agora?” — perguntei, verificando meu relógio, porque planejava ir ao Daffodil Inn em breve.

“Agora”, ele respondeu, tirando as chaves do carro debaixo do balcão.

“E você confia em mim para não me afastar de novo?”

Girando as chaves no dedo, ele se virou para mim e pensou. Ele inclinou a cabeça para o lado, uma mecha de cabelo louro-claro caindo sobre sua testa. “Eu acho que você vai ficar. Por agora.”

E então ele saiu pela porta da frente e entrou em seu velho Buick. Tudo começou com um gemido, e ele saiu de seu lugar e dirigiu em direção à parte principal da cidade. Curioso. Eu me perguntei para onde ele estava indo e precisava de um carro para chegar.

Fiquei meio tentado a ir para a pousada agora, mas ainda me sentia mal por ter deixado a loja sem vigilância ontem e não queria fazer isso de novo. Então mudei a placa de FECHADO para ABERTO e passei a manhã contabilizando o estoque e ajudando os poucos clientes que vieram dar uma

olhada, e comecei a fazer novas vitrines e encontrar livros em lugares estranhos e acariciar o melhor gato. Foi agradável. Legal do jeito que eu não me sentia desde que era criança, sentada atrás da mesa de trabalho da minha mãe na biblioteca, escaneando os livros que entregava pela manhã. Com o sol entrando pelas janelas, refletindo nos cristais e sinos pendurados, parecia que o tempo não importava. Como se estivesse parado.

Porque isso?

Isso foi perfeito.

Foi tão perfeito que Anders me pegou sentado no balcão, com a cabeça inclinada para trás, aproveitando o raio de sol que entrava pela janela do segundo andar, no silêncio. Eu nem o ouvi voltar e só percebi que ele estava lá quando alguém se sentou no balcão ao meu lado.

Eu disse: “Butterscotch teve a ideia certa”.

Ele concordou. “Na minha próxima vida, gostaria de ser um gato de livraria. Luz solar, livros e cochilos.

“Não sei, acho que você poderia fazer isso nesta vida.”

Fechando os olhos, ele inclinou a cabeça para trás e a luz do sol refletiu em seus cabelos louros. “Eu poderia se gostasse de cochilos.”

Abri os olhos e lancei-lhe um olhar de descrença. “Você não gosta de cochilos? O que você tem? Quem te machucou quando criança?”

Ele bufou uma risada. “Isso levará algumas horas para desempacotar.” Então, ele abriu seus olhos mentolados, capturou meu olhar e o segurou. “Mas eu tenho tempo, se você tiver.”

Sim, me peguei querendo dizer, porque havia tantas perguntas que ainda queria fazer a ele, tantas coisas que ainda queria saber. Eu queria decifrá-lo, não para tentar descobrir quem era sua heroína, mas só porque. Quanto mais eu sabia sobre ele, menos ele se sentia como um personagem fictício, um arquétipo que virou carne. Havia tantas pequenas falhas nele, tantas inconsistências que não combinavam com uma bela reverência.

E, por um segundo, enquanto estávamos sentados juntos no balcão, pude me enganar e pensar que Rachel não tinha mais ninguém em mente quando o criou — que talvez, apenas talvez, ele tenha sido feito para mim.

Não, Elsy, pensei, saindo daquele sonho. Mas estava ficando cada vez mais difícil fazer isso, e eu pensava cada vez menos em sua suposta heroína.

Eu estava sendo bobo.

E eu já tive sofrimento suficiente para o resto da vida.

“Com todas as coisas que ainda preciso ver?” Eu perguntei, quebrando o momento, e ele franziu os lábios, como se estivesse um pouco desapontado. “Pereça o pensamento. Você sabe, toda essa conversa sobre cochilos me dá vontade de tirar um — eu disse, deslizando para fora do balcão. “Depois que eu voltar — de volta aqui”, esclareci rapidamente, “podemos pensar no jantar? É minha última noite, você sabe. Deveria ser especial.”

Ele pensou nisso. “Acho que podemos fazer isso.”

"Perfeito." Eu me senti péssimo mentindo para ele, mas não, eu não iria pensar demais no brilho de decepção em seus olhos enquanto subia a escada em espiral de dois em dois e desaparecia em meu loft. Assim que a porta foi fechada, tranquei-a e esperei o suficiente para que ele pensasse que provavelmente eu tinha ido para a cama.

Então fiz exatamente o que meu eu adolescente teria se orgulhado: rastejei até a janela, errando todas as tábuas do piso que rangiam, e saí dela e descí pela treliça.



GEMMA DISSE QUE JAKE ESTARIA NO DAFFODIL trabalhando nas reformas com Junie e Will. Então, com Ruby ainda desaparecido, foi aí que comecei. Eu teria preferido não começar do lado de Jake, mas mendigos não podem escolher. Além disso, talvez Junie tivesse feito algum progresso com o banheiro mal-assombrado.

"Olá? Júnio? Vai?" Eu chamei, entrando na pousada. “Jake?”

“É você, Elsy?” Junie ligou de algum lugar lá embaixo. Um momento depois, ela colocou a cabeça para fora da sala de jantar, com respingos de tinta na camisa e uma mancha no rosto. "Oh, graças a Deus, você chegou bem na hora."

Isso não foi um bom sinal. "Para que?"

“Jake está preso.”

Eu olhei para ela. Piscou. "Encurralado ... ?"

"Na sala de jantar. Com uma lata de tinta para madeira.

"Ah, que bom, pensei que você fosse dizer com um castiçal", brinquei. Ela revirou os olhos e me agarrou pela mão, e me arrastou pela sala até a porta da sala de jantar, que havia sido pintada em uma linda cor sálvia, um novo lustre de cristal instalado que refratava as cores do arco-íris por toda a sala, e a maior parte de o chão era uma mancha quente de madeira escura. Exceto por um pequeno trecho no meio da sala, onde Jake estava.

Incapaz de escapar.

Will ficou parado na beira da sala de jantar, balançando a cabeça, as mãos nos quadris. "Mano, você disse que era uma ilha para si mesmo, mas isso é um pouco longe."

Jake ergueu o dedo médio. "Apenas me ajude."

"Me dê um segundo, precisamos encontrar alguma vantagem... ah, Elsy! Momento perfeito — acrescentou ele enquanto Junie me arrastava até a porta.

Jake gemeu. "Ah, não, por favor, não conte a ninguém."

Cruzei meu coração com meu mindinho. "Nem uma palavra, mas... caramba, cara."

Ele baixou a cabeça.

Acabamos usando uma longa escada para se estender por toda a sala de jantar, da porta da sala até a cozinha, e apoiamos os dois lados em uma cadeira. Junie e eu sentamos de um lado, e Will manteve o outro imóvel enquanto Jake subia nele e rastejava lentamente pelo chão molhado e manchado em direção à fuga. Ele desceu para o lado de Will e caiu no chão.

Junie suspirou e segurou a escada enquanto seu namorado começava a puxá-la lenta mas seguramente, tomando cuidado para não arranhar as tábuas recém-manchadas do piso. "E aqui eu pensei que a combustão espontânea da mancha de madeira era a maior das minhas preocupações, e não um Jake de coração partido preso na minha sala de jantar."

"Com o coração partido?" Eu perguntei, de repente inspecionando minhas unhas.

"Não conte a ninguém, mas Ruby..."

"Silêncio!" Jake gritou da sala. "Ninguém precisa saber!"

"...pedi um tempo," ela terminou em um sussurro, e me deu um olhar astuto. "Você provavelmente é o último a saber, já que Jake passou a maior

parte da noite passada na casa de Gail perguntando a todos que ele poderia descobrir o que fez de errado.”

“Triste por ter perdido isso...”

“Sim, onde você estava? Não pude deixar de notar que Anders também estava desaparecido... — Ela balançou as sobrancelhas.

“Nada aconteceu”, eu disse a ela.

“Mm-hmm, eu também não beijo e conto, mas se o fizesse, acenaria com a cabeça uma vez se ele beija bem ou duas vezes se não.”

Eu dei a ela um olhar inexpressivo e tive vontade de ignorá-la completamente, mas pensando bem, isso pode realmente ser uma maneira de explicar o que eu estava aqui para perguntar a ela para começar...

Então eu balancei a cabeça. Uma vez.

Ela ergueu as mãos em vitória. “Eu sabia!” ela gritou, alcançando novamente o hall de entrada no primeiro andar, e se virou para me encarar. “Havia língua? Você chegou à segunda base? Ele realmente tem gosto de livros velhos e poeira?”

Limpei a garganta. Que eu não ia responder. “Eu não-”

“Livros velhos e poeira? Você deve estar falando de Anders — disse Will ao sair da varanda, onde havia depositado a escada. Seu boné estava virado para trás, com tinta espalhada sobre ele como uma pintura de Rorschach.

Da sala, Jake gritou: — Você se cortou com papel?

“Você ouviu alguma coisa? Eu poderia jurar que ouvi um cara que se encurralou.

Jake rolou de bruços e ficou de pé. “Eu tecnicamente me pinte no meio da sala. Faça certo. Ele saiu da sala e atravessou o hall de entrada e o corredor para chegar até nós na cozinha. “Obrigado por ajudar... acabei de perceber que não sei seu nome”, acrescentou ele.

Estendi a mão. “Elsy.”

“Elsy.” Ele pegou minha mão e apertou. Seu aperto era forte, seus dedos marcados por todos os anos de trabalho no café. “Desculpe, você teve que ajudar a me resgatar. A coisa com Ruby me deixou confuso.

“Não, eu disse para você não se preocupar, cara,” Will respondeu, dando um tapinha nas costas do amigo.

“Como não posso? Do nada ela...”

“Desistiu?” Junie ofereceu, para total consternação de Will.

“Eu não entendo!” Jake gritou, jogando as mãos para o alto, e ela deu um tapinha reconfortante em seu ombro. Junie sugeriu que todos fizessem uma pausa e bebessem uma limonada feita na hora, e Will concordou que era uma boa ideia, e eu não iria deixar passar a limonada de Junie. Ninguém fez isso. Com um copo de limonada dentro dele, ele parecia um pouco menos frustrado e um pouco mais taciturno.

“Ela acabou de terminar comigo”, disse ele, balançando a cabeça. “Não sei o que fiz.”

“Você tinha que ter feito alguma coisa, mano”, disse Will, servindo-se de outro copo.

Junie revirou os olhos. “Silêncio, você não sabe disso.”

“Você não terminaria comigo sem motivo, Junebug, e Ruby também não.”

Jake disse: “É isso! Não consigo pensar em nada. Mas então ele ficou quieto e coçou o queixo, pensativo. “Bem... acho que isso não é verdade. Nós realmente não conseguimos nos ver muito. Ela trabalha de manhã, eu trabalho à noite. Tenho tentado treinar novas pessoas nesses turnos, mas tem sido lento. Mas ela está perfeitamente bem com isso.”

Junie e Will trocaram um olhar, como se soubessem que havia algo errado com o problema de matemática e não tivessem uma resposta tão positiva. Achei que acabei de encontrar os limites da intenção autoral. Tomei um longo gole da minha limonada. Era tão doce que senti os grãos de açúcar quebrando entre meus dentes. Bem, Junie e Will certamente não ajudariam em nada.

"Você perguntou a ela sobre isso?" — perguntei, mergulhando os proferbiais dedos dos pés na água, esperando que não me queimasse.

“Não tivemos muito tempo para conversar”, admitiu ele.

Junie disse: “Esse pode ser o primeiro passo”.

Ou apenas perguntando a ela o que há de errado, pensei, um pouco frustrado, e tomei um gole de limonada novamente. “Talvez ela sinta que sua vida seria a mesma com ou sem ela, então qual é o sentido?”

Ele me lançou um olhar perplexo. “Por que ela pensou isso? Ela é meu tudo.

"Quando foi a última vez que você disse isso a ela?" Perguntei.

Jake franziu a testa. Ele pensou sobre isso e então, muito baixinho, murmurou: “Merda. Merda.” Ele bebeu o resto da limonada e ficou de pé,

beijando Junie na bochecha. “Obrigado pela bebida, preciso consertar isso. Me deseje sorte!”

Então ele saiu da cozinha e correu pelo corredor e saiu pela porta.

Junie e Will trocaram outro olhar. "Como você sabia?" ela finalmente perguntou, olhando para mim de forma estranha.

A resposta simples? Os estorninhos desta manhã me deram muito tempo para pensar e perceber que Ruby não era quem eu precisava conversar.

A resposta mais difícil era uma na qual eu não gostava de pensar - porque recentemente percebi, em meu esforço para estar bem, para ser bom, para ser absolutamente copacético, gostaria de ter contado ao meu melhor amigo como eu realmente me sentia a respeito da situação. semana da cabine sendo cancelada. Como me senti ao me sentir deixado para trás e o mundo girando sem mim. Foi bobagem, porque, pensando bem, eu sabia que ela entenderia. No final das contas, embora eu adorasse Liam, em um esforço para ser a pessoa certa para ele, não o deixei entrar. Assim como também não deixei Pru entrar. Eu não tinha contado tantas coisas a ela, como o quanto eu a amava e o quanto apreciei o fato de ela me manter com os pés no chão. E quanto mais eu ficava em Eloraton, mais sentia falta dela. Eu gostaria de poder enviar uma mensagem para ela, responder às suas grandes notícias. Este foi o maior tempo que passamos sem conversar... desde que me lembro.

Mas eu não conhecia Junie e Will o suficiente para dizer tudo isso — quero dizer, eu os conhecia intrinsecamente. Eu sabia o que os motivava. Mas eu não os conhecia como conhecia um espelho, como conhecia Pru.

Dei uma risada constrangida, esfregando minha nuca. “Eu li muitos livros de romance, eu acho.”

Junie balançou a cabeça, admirada. “Você e Anders ambos—”

Will colocará a mão no braço dela. "Querida, você ouviu isso?" ele perguntou, e os olhos dela se arregalaram ao som de um silvo suave vindo do... porão. Ele praguejou baixinho, pegando uma toalha de mão e um desentupidor do banheiro do corredor, e disparou para a porta do porão.

Junie deu um suspiro cansado. “De novo não,” ela murmurou, indo buscar o esfregão. “Se você é especialista em consertar pousadas e também em relacionamentos, avise-nos? Talvez tenhamos um trabalho para você.

“Não sei nada sobre encanamento”, eu disse tragicamente. “Ou exorcismos. Talvez alguém tenha feito um cocô muito grande, tão grande que ganhou consciência e agora assombra o encanamento? O terrível turducken em traje de cocô quente do grande cagado.”

Junie jogou a cabeça para trás rindo e seguiu Will para lutar contra o banheiro mal-assombrado do Daffodil Inn. E eu tinha que voltar para a livraria antes que Anders descobrisse que eu estava desaparecida — de novo.

O céu ainda estava claro à medida que a tarde avançava, e comecei a me preocupar com a possibilidade de não chover hoje. Bem, pelo menos desta vez eu não seria pego sem guarda-chuva, o que era a menor das bênçãos. De qualquer forma, eu não tinha certeza se conseguiria escalar a treliça na chuva. Esgueirar-se era humilhante, para ser honesto, especialmente porque eu não subia ou saía de uma janela desde que era adolescente, quando Pru e eu entramos sorrateiramente em uma exibição de Crepúsculo à meia-noite.

Olhando para cima da treliça, respirei fundo e comecei a subir pela lateral. As vinhas eram grossas, disfarçando a treliça, então adivinhei onde colocar os pés. Eu esperava que não houvesse cobras nas vinhas. Havia cobras em Nova York?

Eu não me lembrei.

Então, no meio da treliça, perdi o equilíbrio.

Com um grito, escorreguei. Apertei os olhos. Isso iria doer. Isso ia doer tanto...

Alguém me pegou.

Braços fortes me seguraram e me trouxeram para perto de um peito igualmente sólido. A primeira coisa que notei foi que ele cheirava bem — como carvalho e óleo de motor. Abri um olho.

Um homem com cabelos pretos e olhos igualmente escuros olhou para mim. Ele tinha um piercing na sobrancelha e uma barba preta espessa e aparada que se destacava contra sua pele pálida. Ele era alto, com a jaqueta de couro colada aos ombros largos, e me impressionou o quão fascinante ele parecia, porque sempre havia algo novo para ver. A mecha grisalha em seu cabelo, as leves sardas em suas bochechas, a hélice em sua orelha esquerda.

Era Garnet Rivers.

Seu sorriso era lento como melaço. “Que bom que eu peguei você.”

Balancei a cabeça, sem fôlego, mas se era por causa da queda ou porque ele era tão lindo, eu não tinha certeza.

Rios Garnet – estes eram os Rios Garnet. O homem que cavalgou ao pôr do sol com Bea. Sua mandíbula era afiada, seu nariz torto, onde havia sido quebrado em muitas brigas de bar. Dava para ver a semelhança entre ele e Ruby; afinal, eles eram gêmeos fraternos. Mas se ele estava aqui, isso significava que Bea também estava de volta à cidade?

"Você está bem?" ele perguntou, finalmente me colocando de pé.

Balancei a cabeça novamente.

Ele riu. Foi um estrondo profundo em seu peito. Um arrepio percorreu minha espinha.

"Olá?" veio a voz de Anders, depois de ouvir meu grito, enquanto contornava o lado de fora de sua livraria. “Alguém... ah.” Ele congelou em seus passos e estudou a cena à sua frente. Havia algo estranho em seu rosto. Pânico? Raiva? Foi estranho. Mas assim que apareceu, desapareceu novamente, e ele transformou seu rosto naquela máscara indiferente que sempre usava. “Garnet,” ele cumprimentou. "Ouvi dizer que você pode estar em casa."

“Minha reputação me precede.” Ele me segurou com força enquanto dava uma olhada em Anders. “E quem é você?”

“Eu sou dono da livraria”, respondeu Anders.

“Ah.” Garnet deslizou seu olhar preguiçoso para mim e depois de volta para ele. "Então eu acho que ela é sua?"

Ele visivelmente ficou rígido. “Ela vai ficar no loft. Como convidado.

"Huh. Que tipo de hóspede usa a janela? ele perguntou, e minhas bochechas ficaram com um tom profundo de vermelho. Queria dizer a Anders que poderia explicar, mas ele nem estava mais olhando para mim.

“Do tipo que gosta de subir em treliças. Mas ela pode usar a porta da frente — acrescentou ele, virando-se imediatamente e saindo.

Não, espere, posso explicar, queria dizer, mas de que adiantaria?

Garnet finalmente me colocou no chão. “Ele parece um verdadeiro trabalho”, respondeu ele, e estava certo, mas na verdade não era da sua conta falar. Porque, pelo que sei, Garnet Rivers tinha saído em uma viagem com Beatrice Everly e agora estava de volta, aparentemente sozinho. Todos sabiam no final de Return to Sender que Bea e Garnet ficariam felizes por

enquanto porque Bea era esperta demais para se apaixonar por Garnet para sempre, e Garnet amava demais sua liberdade para ficar com Bea. Mas ver Garnet de volta sem ela...

Foi uma sensação complicada. Eu esperava que eles ficassem juntos, que Garnet percebesse que Bea era a melhor que ele já havia conseguido, mas tudo em Return to Sender era sobre jornadas e caminhos não percorridos, e como você pode caminhar com alguém por um caminho. estrada por um tempo e depois escolha um caminho diferente. Isso não tornou o tempo menos digno, mas o tornou triste.

"Você está bem?" —Garnet perguntou.

Pisquei, tirando-me dos meus pensamentos. "Obrigado pela captura", eu disse.

"Quero dizer" – e ele olhou para mim sob aqueles cílios longos e escuros, seus olhos como poças de óleo – "eu poderia convidar você para jantar como um agradecimento..."

"Você não quer dizer que eu poderia tratar você?"

"Você já é uma delícia, querido."

Eu ri – literalmente ri alto na cara dele. Ele parecia muito desanimado com isso, mas tudo bem. Eu não pretendia iniciar um triângulo amoroso com o homem mais mal-humorado da cidade e com o pior erro de todos. Isso teria sido divertido, mas não fui eu. Dei um tapinha no ombro dele. "Essa é uma boa frase. Guarde para outra pessoa, no entanto.

Suas sobrancelhas franziram em confusão, e eu o deixei sozinho. Eu tinha algumas explicações a dar a Anders, e é melhor fazê-lo mais cedo ou mais tarde.



Subparcelas

ANDERS”, CHAMEI enquanto abria a porta da frente da livraria. O sino acima de mim tocou intensamente. “Anders, posso explicar...”

De repente, houve um estrondo lá fora. A princípio parecia um trovão, mas não desapareceu. Na verdade, parecia que estava se aproximando. Pela vitrine da livraria, uma caminhonete Ford azul-bebê surrada estacionou em frente ao Roost, e no segundo em que Ruby deslizou para fora do banco do passageiro, o cabelo molhado preso em um coque bagunçado, ainda de maiô Com blusa e shorts jeans úmidos de cintura alta, Jake saiu correndo do café como um homem em uma missão. Ele provavelmente estava em uma cabine na janela e esperou por ela desde que saiu da pousada. O fato de ele não estar usando boné de beisebol significava que ele estava falando sério. Isso e o buquê de flores silvestres que ele segurava.

Eu me animei, como se um cachorro oferecesse um osso.

Era isso. O momento.

Não estrague tudo, Jake, rezei.

“Vamos, você consegue, amigo,” murmurei baixinho enquanto ele lhe apresentava o buquê de flores silvestres. Não consegui ouvir o que ele disse, mas Ruby pareceu surpresa com o presente. Ele fez um gesto com a cabeça e provavelmente pediu que ela caminhasse com ele.

No início, ela parecia não querer, mas depois cedeu e entregou as flores a Maya. Ela seguiu Jake pela calçada e dobrou a esquina em uma rua lateral cheia de hera. Debati se deveria sair da livraria para segui-los. Não, eu só esperava que Jake fizesse isso direito.

E eu tinha que encontrar Anders.

Ele estava se ocupando no fundo da livraria com uma tampa, onde derrubou uma vitrine que oferecia LEITURAS BRILHANTES DE VERÃO e construiu uma nova prometendo AVENTURAS EMOCIONANTES. Eram principalmente livros de dinossauros. Eu o observei, mastigando minha unha do polegar. Ele estava chateado, eu poderia dizer porque ele nem sequer olhou para mim.

“Eu não queria cair nos braços de Garnet, se você está se perguntando.” Eu disse a ele, mas ele nem se virou enquanto arrumava Michael Crichton na prateleira de cima.

"Não é da minha conta. Eu não sou seu guardião.

“Você seria uma acompanhante muito gostosa, no entanto.”

Seu olhar derretido tornou seus olhos mentolados escuros, e ele rolou os novos livros de exibição até a tampa. Pelo menos ele olhou para mim. Isso foi um começo. “A livraria tem porta de entrada, mas se você prefere a janela, quem sou eu para discutir?”

“Eu...” eu olhei para ele. Ele clicou. "Oh meu Deus, você está com ciúmes."

Ele zombou, virando-se. "Eu não sou ciumento."

"Você é!"

“Eu não me importo se você sair e fizer o que quiser com Garnet. Não importa. De qualquer forma, ele terá ido embora pela manhã — acrescentou com um sorriso de escárnio.

“Bem, talvez eu vá!”

“Então vá em frente.”

"Multar."

"Multar!"

"Multar-"

“Não, não está bem”, ele cedeu, virando-se para mim. “Porque só de pensar em outra pessoa fazendo coisas com você. Para você.” E sua voz se transformou em um rosnado, seus olhos escurecendo com a promessa. "Para você. Me deixa louco."

Sua confissão me fez respirar fundo. “Mas você já poderia ter feito isso.”

"Sim, mas quero que você se lembre quando eu fizer isso." Ele respirou fundo, fortalecendo-se. “Eu só não quero um caso de uma noite com você.”

Meus olhos se arregalaram.

Oh.

“Então”, eu disse, minha voz baixa e trêmula, com medo de perguntar, “o que você quer?”

Ele se aproximou de mim e se inclinou um pouco para poder me olhar nos olhos — do mesmo jeito que me olhou naquela noite na escada — e me beijou de leve nos lábios. Suavemente. Suavemente. Como se eu fosse feito de vidro fiado. Tão leve como uma pena, mas ainda assim senti até os dedos dos pés.

“Isso,” ele sussurrou, um segredo entre nós. "Repetidamente. Até ficarmos tão cansados um do outro..."

A porta da frente se abriu e Maya entrou como uma tempestade. Anders e eu pulamos para longe um do outro como se tivéssemos sido queimados. Ele rapidamente enfiou as mãos nos bolsos e eu me ocupei com a tampa.

Maya não suspeitou de nada.

“Noite das meninas!” ela gritou, me convidando para um drink no Roost. Suas bochechas estavam queimadas de sol, seu cabelo preto curto enrolado em volta das orelhas. Ela e Ruby devem ter se divertido muito em Stellar Lake. "Você está dentro, certo?"

“Eu...” hesitei, olhando para Anders.

"Oh vamos lá! Esta pode ser sua última noite aqui! Comemore conosco? ela perguntou, me pegando pelo braço.

Atrás dela, Anders murmurou “Vá”, com um aceno de renúncia, e voltou para sua exibição final de Michael Crichton. Ele começou a colar pequenos recortes de T. rexes comendo homens em banheiros no topo da prateleira.

“Claro”, eu disse a ela.

"Excelente! Só meninas, desculpe”, acrescentou ela para Anders.

Ele colocou Jurassic Park de frente. “Estou magoado, Maya, pensei que era um membro honorário?”

“Os tempos estão mudando”, Maya respondeu enigmaticamente, e me puxou para fora da livraria e me levou para o bar, do outro lado da rua. Olhei uma última vez para a livraria e Anders estava emoldurado pela vitrine, me observando partir.



Eu gostaria de poder dizer que estava ansioso pela noite das garotas, mas minha mente ainda estava na livraria, olhando nos lindos olhos verdes de sua dona. Ele gostou de mim – ele realmente gostou de mim. Eu não sabia bem como me sentir. Exaltado? Nervoso? Com medo de que ele gostasse de mim? Feliz por ele ter feito isso? Já li essas declarações centenas de vezes, mas nenhuma delas me preparou para isso. Ele não era real, mas o frio na barriga definitivamente era.

Gemma e Junie já estavam sentadas à mesa, bebendo uma cerveja e um mojito, e me perguntei quando poderia voltar à livraria. Eles acenaram para Maya e eu, e Maya ficou impressionada com o fato de sua irmã ter fechado a loja mais cedo para se juntar a eles para beber.

“Uma vez na lua azul está tudo bem”, Gemma repreendeu. “Você me faz parecer um workaholic.”

“Apenas a mais ocupada das abelhas”, Maya respondeu, sorrindo, e sua irmã empurrou-a de brincadeira no braço.

Ok, eu não poderia voltar para a livraria – eu também não queria perder isso.

Houve algumas noites de garotas nos livros: todas as heroínas eram melhores amigas. Junie, e Gemma, e Ruby, e Bea, e Maya. Imaginei que estava ocupando o lugar de Bea, já que ela havia saído da cidade. Mas antes que ela o fizesse, eles sempre se reuniam em torno da mesa redonda da frente do bar, pediam um prato extragrande de rodelas de cebola cobertas com queijo e pimenta e procuravam ajuda, camaradagem, ou terapia, de seus amigos. Percebi que era muito parecido com o meu clube do livro, e enquanto todas as mulheres riam e zombavam umas das outras com piadas internas, comecei a sentir falta delas. Eu me perguntei como eles estavam se

saindo sem a maratona de leitura do Super Smutty Book Club este ano e minha caixa de Riesling para fazer Matt passar pela contagem de galos de Janelle. (Ela deixava uma marca toda vez que a palavra “galo” era usada. No ano passado, chegamos a sessenta e nove vezes. Foi bom.)

“Bea disse que quer voltar para casa para uma visita em breve”, disse Junie.

Gemma perguntou: “Com ou sem Garnet?”

Maya sabia essa resposta. “Sem. Ruby disse que o irmão dela voltou para a cidade hoje, pegou algumas roupas e partiu para a cidade. Vivendo aquele sonho do punk rock”, ela acrescentou tristemente, dando trompas de rock. Tomei um grande gole de vinho, porque aparentemente tive a honra de vê-lo durante os dois segundos em que ele voltou à cidade. Sorte minha.

Junie revirou os olhos. “Bea é o melhor que ele já conseguiu.”

“Mas ela pode fazer melhor”, respondeu Gemma.

Eu disse, sem pensar: “Acho que eles eram perfeitos um para o outro naquela época. Feliz, por um momento. Quando as mulheres me lançaram um olhar curioso, perguntando-se como eu sabia sobre Bea, menti. “Anders me contou sobre ela.”

“Realmente? Ela foi embora antes de ele chegar à cidade — disse Junie, franzindo a testa —, mas ele é muito bom em entender as coisas. Sinto que ele sempre sabe mais do que deixa transparecer.”

“Ruby está convencida de que o conhece de algum lugar – do ensino fundamental, talvez? Porque ele é tão familiar. Maya tomou um gole de sua bebida e fez sinal para Gail pedir alguns anéis de cebola com pimenta e queijo.

Gemma concordou. “Sabe, pensei que fosse o único que pensava isso. Onde está Ruby, por... ah. Na frente do bar, a porta se abriu e Ruby entrou como um furacão. “Deixa para lá.”

Ruby subiu na banqueta com um gemido dramático. “Oh meu Deus, Jake acabou de me dividir como uma árvore.”

Gemma quase vomitou o mojito e Maya entregou-lhe um guardanapo. “Rubi!”

“É verdade!” Ela bebeu um gole do rum e da Coca-Cola de Maya e mastigou o gelo entre os dentes. “Eu não faço sexo tão bem há anos.”

Tentei não engasgar com os amendoins de cortesia que, muito rapidamente, estavam se tornando perigosos para minha saúde. “Você não

diz."

"Eu simplesmente não entendo", ela continuou, sinalizando para Gail pedir uma cerveja. "Eu amo Jake, mas ele nunca foi muito atencioso e, de repente, percebeu por que eu estava chateado. Como se ele estivesse prestando atenção.

"Oh, Ruby, você sabe que ele estava prestando atenção o tempo todo", disse Gemma, finalmente se recuperando. "Você não estava dizendo na semana passada que ele sempre ajusta o cronômetro da cafeteira para seus turnos matinais? E ele preparou todos os scones?"

Ela respondeu: "Mas isso foi para o café. Eu não pensei... — Ela se mexeu na banquetta. "Acho que não percebi que era mútuo. Que ele sentia falta do nosso tempo a sós tanto quanto eu.

"E está tudo bem agora?" Eu perguntei timidamente.

Ela virou os olhos com contorno de kohl para mim e os estreitou. "Não", ela respondeu, e se inclinou em minha direção, "é melhor. Na verdade, vamos sair novamente e ele está planejando férias - só nós dois! E, ah, meu Deus, preciso te contar, o jeito que ele usou a boca...

"Ok," Gemma interrompeu em voz alta. "Foram bons. Não precisamos de uma jogada a jogada."

Ruby respirou fundo entre os dentes. "Ooh, sua vida sexual é tão baunilha, Gemma?"

"É perfeitamente aceitável", ela respondeu rapidamente. "Nós realmente não conseguimos fazer... isso... muito, você sabe, com Lily."

Maya disse: "Mana, você pode dizer 'sexo'. Não é um palavrão".

Junie, que estava anormalmente quieta enquanto mandava uma mensagem para alguém em seu telefone (provavelmente Will), concordou. "Também há muitas outras palavras que você pode usar." Então, para total horror de Gemma, ela começou a listá-los nos dedos: "O tango horizontal, bater o molusco, fazer cocô, desossar o cemitério, alimentar o gatinho, o velho entrando e saindo..."

Gemma enterrou o rosto nas mãos. "Eu odeio todos vocês."

"—recheando o donut com creme, recheando o taco, a polca proibida..."

"Nós nos damos perfeitamente bem, obrigado."

"—tiro ao alvo, estacionamento paralelo, ioga quente, gritaria—"

Ruby disse: "Desejo e impulso".

“Ah, essa é boa.”

“Espeleologia”, acrescentei, e todos murmuraram com um aceno de cabeça.

“Estacionando o Plymouth na garagem do amor”, disse Maya, balançando as sobrancelhas.

Gemma respondeu, parecendo estar arrependida de ter deixado Sweeties hoje: "Ninguém diz isso."

“Uniforme Foxtrot Charlie Kilo”, acrescentou Ruby. “Flerte extremo.”

Gemma disse: “Não entendo metade disso”.

Ruby fez uma careta, balançando a cabeça. “Você é tão chato, Gems. Aposto que você e Thomas ficam abraçados por horas e conversam sobre abelhas. Nem uma única palavra segura à vista.”

“Não estamos envergonhados nesta mesa”, disse Junie de maneira matronal.

Ruby colocou a mão no peito. "Eu nunca!" Então ela sorriu para Gemma e se inclinou sobre a mesa, com um brilho nos olhos. “Eu só quero dar dicas.”

Recostei-me com minha bebida e ouvi-os, melhores amigos, conversando como se fosse um dia qualquer na vizinhança - e para eles, era. A maneira como eles se olharam de soslaio, reviraram os olhos e riram, me lembrou de fofocar com o clube do livro e, o mais importante, com Pru. Eu senti a falta dela.

Eu sentia muita falta dela e gostaria de poder enviar-lhe uma mensagem de texto ou uma mensagem de voz e dizer como estava feliz por ela finalmente estar noiva. Verdadeiramente feliz. Ridiculamente feliz. Porque a história dela não iria terminar como a minha. O dela seria bom e duradouro.

Quanto mais me distanciava de Liam, com o passar dos anos, comecei a perceber que nunca tinha olhado muito para frente quando estava com ele. Sempre fui obcecado demais em seguir onde quer que ele me levasse, certificando-me de que ele estava feliz, que era amado, e nunca pensei em querer nada em troca. Café e bagels pela manhã, ou protetores de ouvido para a torre do relógio, ou a simples fé de que eu poderia fazer o que quisesse.

Foi refrescante, agradável e doce receber algo para que eu não precisasse querer aquilo em primeiro lugar.

"Bem." Gemma inclinou a cabeça pensativa, fixando o olhar em seu mojito meio bêbado. Ela se mexeu na cadeira, um pouco desconfortável com qualquer conversa sobre intimidade. Não que ela fosse contra, apenas que ela era reservada sobre tudo. "Thomas e eu realmente nunca mudamos as coisas... Acho que ele está seguro fazendo o que sabe. Você o conhece, ele não gosta de variáveis."

"Você nunca sabe até tentar", Ruby apontou. "Certo, Maya?" ela olhou para sua melhor amiga, que estava olhando para alguma coisa no bar. Ou, mais apropriadamente, alguém. "Maia?"

No fundo do bar, perto das TVs, Lyssa Greene estava sentada com o pai, Frank, compartilhando batatas fritas com chili e queijo e assistindo a uma luta livre.

Maya desviou o olhar rapidamente, como se tivesse sido pega roubando algo que não era dela. "Sim absolutamente. Cem por cento concordam."

Ruby olhou para Lyssa e depois para sua melhor amiga. "Sabe, você pode ir até lá e falar com ela."

"O que? Não, não, não, não", Maya recusou. "Não posso. Não depois... não posso. Estou mortificado por ter dito a ela que gostava dela. Ela é minha melhor amiga, quero dizer, além de você, Ruby, mas Ruby é Ruby e Lyssa é... como uma lua na qual você só quer estar em órbita, e se ela pensar que eu era apenas amiga na esperança de sair com ela algum dia? Sinto-me enjoado só de pensar nisso."

"Então diga isso a ela", Ruby disse, e Maya balançou a cabeça.

"Mas e se eu fizer isso e ela ainda não quiser ser amiga?"

"Então você prefere deixar tudo isso no limbo?"

"Não é tão ruim", disse Maya calmamente.

Não, pensei, bebendo meu vinho. É horrível. Um romance sem fim – sem sequer um bom começo! Rachel Flowers nunca deixaria migalhas de pão e esqueceria delas.

"E de qualquer maneira! Não estamos aqui para falar sobre o lamentável estado do meu amor..."

— Mas é — interrompeu Junie, e começou a mexer no rótulo de sua garrafa de cerveja. Ela havia retirado metade do rótulo, então suspeitei que conhecia o culpado de todos os rótulos do molho picante. "É ruim não saber o final. Quero dizer, e se ela não estiver por perto amanhã?"

Ruby fez uma careta. “Lyssa não vai morrer, Junie. Você está brincando com aquele banheiro mal-assombrado há muito tempo”, e em resposta Junie gemeu, lembrou-se do encanamento e colocou o rosto nas mãos.

Na cabeceira do bar, Anders entrou e me notou à mesa. Ele deu um leve aceno de cabeça antes de se sentar em seu lugar habitual no final e pediu seu hambúrguer.

“Ok, bem, obrigado a todos pelo apoio, mas optei por não falar com Lyssa.” E para mudar de assunto, Maya tirou a carteira do bolso de trás e tirou algumas moedas. “Vou escolher algumas músicas. Está muito quieto aqui.

Ruby terminou o resto da bebida de Maya e desceu da banquetta. “Eu vou junto. Você escolhe as piores músicas.”

"Eu não!"

"Claro, claro." Ela riu e juntos eles desapareceram em direção à jukebox quase extinta do outro lado do bar. Lembrei-me de que Maya e Ruby sempre levavam séculos para escolher as músicas, porque o gosto musical deles era como óleo e água.

Junie nos trouxe um monte de doses, e Gemma pediu outra cesta de rodelas de cebola, e quando Ruby e Maya voltaram com suas músicas escolhidas, todas me perguntaram sobre minha vida, e se eu tinha filhos, animais de estimação ou namorado, e todos nós Entrei em uma cadência de conversa noite adentro, mas minha mente continuava voltando ao que Junie disse sobre não saber o final, e como isso era irônico em uma história que não tinha fim.



Algo maléfico vem nesta direção

Entrei na livraria por volta das dez, com a cabeça cheia de gotas de limão e muitos goles roubados de mojitos, rum e Coca-Cola. As meninas garantiram que eu estivesse lá dentro antes de virarem a rua e voltarem para casa, cantando Fleetwood Mac como eu sempre imaginei que fariam.

A livraria estava escura e fresca, e o silêncio era muito bem-vindo depois do barulho inebriante do bar. Fiquei ali por um longo momento, deixando o zumbido em meus ouvidos desaparecer no silêncio rangente da loja. Foi quando notei que havia uma luz acesa na alcova dos fundos do sofá. Anders ainda estava acordado?

Eu deveria ter subido as escadas e direto para a cama, mas minha curiosidade levou a melhor sobre mim.

Ele estava estirado no sofá surrado, lendo um livro, com um copo de uísque na mão que girava lentamente, o gelo tilintando no copo. À luz suave da lâmpada atrás dele, ele parecia contente ao virar a página, suas bordas outrora nítidas mais suaves no escuro.

Eu me perguntei que tipo de pessoa ele tinha sido antes de vir para Eloraton, por que sua ex foi embora e quem Rachel Flowers havia imaginado para seu futuro - ela era estóica para combinar com seu silêncio, ou havia rugas de riso ao redor de seus olhos como se houvesse dele? Ela se

comportava com tanta rigidez ou era um pouco mais solta – ela dançava? Ou ficar à margem e assistir? Como ela gostava de ser beijada? Um arrepio percorreu sua espinha quando ele ronronou o nome dela em seu ouvido?

Poderia ser eu?

“Eileen”, disse Anders sem tirar os olhos do livro, “se você continuar me despindo com os olhos, vou pegar um resfriado”.

Então, lentamente, ele virou seu olhar mentolado para olhar para mim. Ele pensou que eu estava despindo ele? Esse único olhar me deixou nu. Uma onda de calor percorreu minhas bochechas.

Eu respondi: “Então você não deveria estar lendo”.

Suas sobrancelhas se ergueram um pouco, divertidas. “Isso é coisa sua?”

Eu não tinha certeza se o álcool que aquecia meu estômago e fazia minha cabeça zumbir era a causa de minha atrevimento ou se era apenas sua atitude arrogante, mas marchei até o sofá e caí do outro lado. “Ajuda se ele estiver vestindo um casaco de tweed.”

Ele revirou os olhos. “De novo com o tweed. Não importa quantas vezes você pergunte, a resposta é a mesma.”

"Pena. Acho que você não é o tipo de cara que estou procurando.”

“É realmente uma pena”, respondeu ele, e voltou ao livro. “Como foi a noite das garotas?”

“Ah, você sabe, planejamos dominar o mundo e discutimos os melhores venenos para matar nossos maridos.”

“Você não tem marido”, ele disse.

“Quase consegui”, respondi, meio brincando, mas principalmente não. Seus olhos se voltaram para meu rosto, me estudando. Peguei seu copo e bebi o resto do uísque. Queimou até o fim. Ele me lançou um olhar de desaprovação e depois serviu-se de outra garrafa na mesa de centro.

“Ele era um tolo, então”, disse ele, “seja lá quem fosse.”

"Para casar comigo?"

“Para não.”

Eu sorri, apesar de tudo. “Ele diria diferente.”

“Ele não importa. Ele deixou você ir. Anders disse isso de forma tão simples que parecia verdade.

Meu estômago queimou, querendo nada mais do que me inclinar e beijá-lo novamente, e prová-lo também, e respirar o perfume amadeirado de

sua loção pós-barba e o cheiro de livros velhos que grudavam em suas roupas. E talvez ele também tivesse se inclinado e me beijado, se eu não tivesse dito...

“Vou embora em breve, então mesmo que você quisesse mais, se eu quisesse mais, nós...” Apertei os lábios e desviei o olhar. “O que nós fazemos?”

Ele inclinou a cabeça e seu silêncio falou muito. Finalmente ele disse: “Alguém uma vez me disse que só podemos assumir o que pudermos carregar conosco”.

Enrolei minhas pernas debaixo de mim, observando-o na luz fraca. “Você me carregaria com você?” E então, porque não conseguia suportar o peso daquela conversa, acrescentei: “Como numa mochila ou...?”

Ele riu baixinho, provavelmente facilitado pelo uísque em sua mão. “Se você me deixar, eu carrego você aqui.”

E então ele pegou minha mão, beijou minha palma e colocou-a sobre seu coração. E senti o batimento cardíaco dele sob meus dedos, brilhante e forte, e sua pele estava quente, e não pude imaginar nem por um momento que esse homem pudesse ser fictício quando ele estava tão aqui. Ele tinha sangue, e ossos, e um coração batendo, e calos nas pontas dos dedos, e um cacho que nunca saía de sua testa, e olhos que não eram exatamente verdes e não eram exatamente cinzas, mas de um tom menta brilhante. Essa estava rapidamente se tornando minha cor favorita.

Depois de sentir seu pulso por um momento, sussurrei: “Eu gostaria disso”.

Porque ele estava certo: às vezes as pessoas entram na sua vida por breves momentos e mudavam você para sempre. Acho que ele era minha pessoa.

E ele nem existia. Ele veio da mente de uma autora que eu admirava tanto – que mudou minha vida com seus livros, então é claro que eu me apaixonaria por um homem que ela criou. Sua história de fundo, suas brincadeiras espirituosas, seus olhos mentolados, até mesmo seu cheiro.

Deitei minha cabeça em seu ombro e foi tão confortável. Quando a chuva começou a bater nas janelas, conversamos sobre ser crítico de livros e como era semelhante a ser professor de inglês. Discutimos sobre a definição de clássicos da literatura e o melhor condimento, e se os livros eram esteticamente mais agradáveis, organizados por cor ou por título.

Butterscotch nos encontrou no meio do caminho e se juntou a nós, e a essa altura o corpo de Anders já havia se acomodado no meu peso, como se o acolhesse. Ele estava quente e respiramos juntos, e tudo parecia tão natural, tanto que não percebi que tinha cochilado até que pisquei e acordei novamente, o que pareceu apenas alguns minutos depois.

Ainda estávamos no sofá, mas eu estava enrolada ao seu lado, minha cabeça em seu peito, enquanto ele estava apoiado no braço do sofá, um braço atrás de mim, o outro segurando um livro aberto enquanto lia. A luz do lampião estava fraca, o fogo apagado e, pelo peso ao redor dos meus olhos, eu sabia que tinha cochilado por mais do que alguns minutos.

Mortificado, comecei a me sentar, mas ele gentilmente me puxou de volta para baixo.

“Volte a dormir”, disse ele, e virou a página.

“Sinto muito, eu não queria cochilar”, eu disse rapidamente. “Eu vou para a cama-”

“Você está bem”, ele interrompeu gentilmente, acalmando minha preocupação. Então ele acrescentou: “Você ainda não começou a babar”.

“Ah, então estou livre para dormir aqui até começar a babar na sua camisa?”

“Shh,” ele disse, e guiou minha cabeça de volta em seu peito. “Pare de falar. Estou em uma boa parte.

Dei uma olhada no livro e, com apenas um parágrafo, já sabia o que era. “O dragão está prestes a encontrá-lo.”

Ele fez uma careta para mim. “Eu deixei você dormir em cima de mim e é assim que você me retribui? Com um spoiler para O Hobbit?”

“Não é um spoiler se você já leu antes”, adverti.

“Semântica.” Ele lambeu o polegar e virou a página novamente. “Mas, se eu fosse Bilbo, nunca teria feito essa viagem horrível.”

“Ele não sabia o quão ruim seria.” Afundei-me em seu peito. “Embora, sem dúvida, tenha valido a pena no final.”

“Foi isso?”

Pensei na minha viagem, saindo de Atlanta com uma lentidão agonizante, esperando que Pru me ligasse e me dissesse que havia cancelado a viagem à Islândia, mas a essa altura ela e Jasper já estavam a meio caminho do aeroporto, com destino a Reykjavík. Pensei em todos os

quilômetros até o Vale do Hudson quando desejei que o carro vazasse ou perdesse um pneu, desculpando-me por ter que fazer isso sozinho. Sozinho.

Queria aventura, como minha mãe, mas sempre encontrava desculpas para não embarcar porque tinha medo de me machucar. Como Bilbo em O Hobbit, seguro na toca da minha casa, onde ninguém além de vilões estudiosos e cortes de papel poderia me machucar.

Mas eu consegui e parti em uma aventura, e agora estava aqui no sofá com um estranho, e meu coração estava disparando de uma forma que não acontecia há muito tempo. E embora eu não precisasse... acho que queria me apaixonar. Loucamente, verdadeiramente, profundamente. E isso me assustou mais porque, como Bilbo descobriu, a dor no coração valeu a pena a aventura.

“Acho que sim”, sussurrei em sua camisa.



Abacaxi

A BOA NOTÍCIA ERA QUE meu corpo de trinta e dois anos ainda conseguia funcionar depois de duas noites (não seguidas) de bebedeira. A má notícia era que meu corpo de trinta e dois anos não funcionava bem. Onde eu tive uma ressaca da primeira vez, desta vez só doeu. Em todos os lugares. Assim que os estorninhos começaram a cantar seu canto inaugural na hora mais terrível da manhã de quarta-feira, eu quis encontrar o ninho deles e atravessá-lo da cidade. Esta manhã, na verdade, pareciam motosserras, arranhando minha enxaqueca como uma faca serrilhada. Neste ponto, eu odiava qualquer música que eles cantassem. Foi incessante. Eterno. Horrível. Quando não aguentei mais, por volta das 10h, rolei para fora da cama e me arrastei até a banheira para tomar um banho rápido. Achei que ajudaria.

Isso não aconteceu.

Eu nem me lembrava de como fui para a cama. A última coisa que lembrei foi... uma gota de limão? Não, a livraria. Conversando com Anders. Adormecer em seu ombro - oh meu Deus. Eu queria morrer.

Depois de prender meu cabelo rebelde em um coque e vestir uma camiseta e shorts puídos, entrei na livraria. Lá, Anders estava tirando o pó das prateleiras com precisão e olhos de águia. Ele trabalhou duro para

manter este lugar lindo, mas não havia muito tráfego de pedestres e a maior parte da série não girava em torno desta loja. Era apenas uma nota de rodapé na maioria dos romances, um local divertido para encontros, uma cena com alguns diálogos importantes e nada mais, mas ele o mantinha limpo e arrumado como se fosse seu, embora não fosse. Havia algo de cativante nisso, na maneira como ele era tão meticuloso e atencioso. Cada detalhe visto, cada recanto conhecido.

Era tão estranho para mim, porque eu mal conseguia me lembrar da cor da minha mesa no escritório ou da cor da caneta que usei para corrigir as redações. Minha cabeça estava cheia de coisas inúteis – os livros que li, as cores favoritas dos personagens, versos que pareciam líricos e significativos e escorregavam da minha língua como mel. Eu conseguia me lembrar da minha página favorita em *A Canção de Aquiles*, de Madeline Miller, conseguia me lembrar da minha rima favorita no catálogo de Percy Shelley, da minha mediação ponderada favorita em qualquer texto de bell hooks. Eram coisas egoístas e insulares. Eu cuidava das palavras com uma reverência que raramente compartilhava com alguém — como você poderia compartilhá-las, afinal, quando as palavras eram coisas imaginadas?

Talvez tenha sido por isso que nunca pensei em compartilhar nada disso com Liam. Talvez se eu tivesse feito isso, ainda estaríamos nos dando beijos de boa noite, dormindo de costas e acordando enrolados nos lençóis, mas eu estava sendo generosa demais e me apegando às partes dele que ainda amava. Que estavam ficando menores a cada dia. E quanto mais eu pensava nisso, mais me convencia de que, eventualmente, enquanto tentava continuar sendo a garota que o beijou à meia-noite, me perdi no processo. E perdi o que eu realmente queria: um parceiro, não alguém de quem eu tivesse que cuidar. Liam era gentil, mas raramente perguntava como eu estava. Ele deu grandes presentes, mas nunca pessoais. Caminhamos juntos e, quando fiquei para trás, ele continuou marchando. Eu costumava pensar que era porque ele sabia que eu iria alcançá-lo eventualmente, então ele não estava preocupado, mas talvez fosse porque ele não queria ser incomodado em diminuir o ritmo e apreciar a paisagem juntos.

Foi o primeiro sinal, ou talvez o quinto, mas eu não tinha visto nenhum deles.

A campainha acima da porta da frente tocou e a silhueta alta e magricela de Thomas entrou. Ele trocou os óculos escuros pelos normais e

acenou para Anders.

“Thomas, isso é uma surpresa”, cumprimentou Anders, retraindo seu espanador e escondendo-o atrás do balcão. “Em que posso ajudar?”

“Abelhas”, respondeu Thomas, indo direto para a seção de natureza na parede mais à esquerda. “Eu preciso de algo sobre abelhas. Está prestes a haver um motim, Anders, e não posso permitir isso sob minha supervisão. Ele pegou um livro da estante, folheou-o e colocou-o de volta. Depois fez o mesmo com outro. “Hum.”

Anders olhou para cima e me encontrou de pé na varanda do segundo andar, perto da grade. Seus olhos seguraram os meus, poças brilhantes de ervas mentoladas, como grama fresca em um dia quente de verão. Ele não ficou surpreso em me ver. Ele deve ter me ouvido sair do loft e atravessar o segundo andar – as tábuas rangiam um pouco e eu estava perdido demais na minha cabeça para perceber. Não surpreso, então, mas... aliviado? Como se ele estivesse esperando a manhã toda. Lembrei-me de como ele cheirava ontem à noite, como cedro e chá preto, e como me senti quente contra ele.

"Durma bem?" ele murmurou.

Eu murmurei de volta: "Tylenol?"

Ele apontou a cabeça em direção ao balcão e assentiu. “E café.” Fique quieto meu coração. Não consegui descer as escadas rápido o suficiente. Ao passar por ele na seção de natureza, ele disse: “Bom dia, Elsy”.

“Bom dia, Anders”, cumprimentei. “Tomás.”

“Bom dia”, disse Thomas distraidamente, e pegou outro livro da estante. “Não, nada aqui também...”

Enquanto Anders ajudava Thomas a tentar encontrar um livro sobre motins de colmeias, procurei Tylenol atrás do balcão. Estava em uma das gavetas bagunçadas, sob um monte de marcadores meio legíveis. Sacudi dois e bebi de volta com um gole de café morno do Grumpy Possum Café. Anders provavelmente o comprou para mim muito antes, mas ele ficou parado no caixa por pelo menos uma hora, então tinha um gosto um pouco rançoso. Ainda assim, acertou em cheio e foi o pensamento que contou.

Talvez depois do Tylenol e da cafeína minha cabeça parasse de latejar.

"Isso é tudo?" Anders perguntou, notando como Thomas ficava olhando para a seção de autoajuda. Mais importante ainda, a estante sobre relacionamentos. “Tenho certeza de que posso ajudá-lo a encontrar o que procura.”

“Não, não, isso é bom...” ele respondeu, e então olhou para mim. “Vou atender isso”, acrescentou ele. “Eu não quero incomodar você muito.”

“Multar. Elsy, já que você está no balcão.” Ele apontou para o livro de Thomas.

“Você confia em mim para ganhar dinheiro?”

“Suponho que seja difícil pedir para alguém assombrando a única banqueta do caixa.”

Tomando meu café, olhei ao redor e... não, ele estava certo. Eu estava sentado no único banquinho atrás do balcão e tinha um pouco de medo de que, se me movesse muito ou ficasse muito tempo parado, meu estômago teria muita dificuldade em ficar, uh, calmo. “Considere-me um mago com dinheiro. Um mágico de centavos. Um—um—”

“Bruxa das notas de um dólar?” Thomas sugeriu, e eu dei a ele uma arma de dedo.

“Você entendeu.”

Anders revirou os olhos e pegou novamente o espanador para vasculhar outra fina camada de poeira em uma prateleira na seção de religião.

Thomas certificou-se de que estava longe o suficiente do alcance da voz antes de se inclinar em minha direção e dizer: — Na verdade, estou aqui por causa de um... problema.

Oh não. Eu congelei assim que peguei seu livro para digitalizá-lo. “Um o quê?”

Ele se mexeu nervosamente. “Jake disse que você o ajudou ontem com, erm, com Ruby. Que você é muito bom em dar dicas. Então eu pensei...”

Meu estômago revirou – e não foi por causa da ressaca. “Algo está errado?”

“Errado? Ah, não, não, não, não”, ele respondeu rapidamente, balançando a cabeça. “Gemma e eu estamos bem! Eu só estava... — Ele olhou nervoso na direção que Anders havia seguido e disse com uma voz ainda mais baixa: — Achei que, já que você está apenas de passagem, pode me ajudar. Eu conheço Anders. Perguntar a ele sobre isso pode ser um pouco estranho.

E me perguntar não foi? Eu não tinha certeza se gostava do rumo que essa conversa estava tomando. “Uh ...”

Ele engoliu em seco, olhando novamente. Havia uma fina linha de suor nervoso em seu lábio superior. Ah, coitado. Ele nunca foi bom sob pressão.

“Seja o que for, Thomas”, eu disse sinceramente, “eu posso ajudar...”

“Sexo”, ele deixou escapar.

Achei que não ouvi direito. "Desculpe ... ?"

“Ok, então” – e ele passou os dedos pelos cabelos, e o suor em suas mãos acidentalmente o fez se levantar como um cientista maluco – “ontem à noite Gemma chegou em casa, e Lily já estava na cama, então Gemma nos queria para... tentar algo novo. Eu não sou bom em novidades. Eu sou bom em rotina. Eu sou bom em história. Sou bom em coisas que são constantes — estrelas, por exemplo. Abelhas, quando não estão tentando amotinar sua rainha. Horários e pedidos e... acho que o que estou dizendo é que não estava preparado. Eu congelei. Sei que isso parece muito estranho, e percebo que não é uma conversa que estranhos tenham, mas... prefiro ter isso com você do que com Anders.

Porque eu iria embora e ele teria que continuar sua amizade com Anders – o que tenho certeza que a maioria das pessoas poderia fazer. Mas Tomás? Ele já era estranho o suficiente. Ele realmente não mexia com coisas que não tinham uma equação para elas. E eu era um estranho.

Então, de uma forma um tanto doce, ele me escolher para essa situação fazia sentido.

Isso não me deixou menos mortificada, porque ele não sabia que eu sabia muito, muito mais sobre a vida romântica dele e de Gemma do que qualquer outra pessoa na cidade, o que era realmente irônico.

E trágico.

Para mim.

“Então”, ele perguntou, suplicante como um cachorrinho perdido, “você pode ajudar?”

Como eu poderia dizer não, respeitosamente? Se alguém sabia como ajudá-lo, era eu. Levantei um dedo e entrei por um momento na seção de autoajuda e relacionamentos. Foram necessárias algumas varreduras, mas tirei uma de uma das prateleiras de baixo.

“Esse não”, disse Anders, materializando-se ao meu lado.

Eu gritei e então dei um soco no braço dele. "Pare de fazer isso!"

“Ai, o que eu fiz?” ele perguntou, esfregando o braço.

“Se aproxime de mim! De novo!” Eu sibilei.

Ele revirou os olhos e estendeu a mão por cima do meu ombro para pegar outro livro. Ele estava tão perto que eu podia sentir o cheiro de sua loção pós-barba e o cheiro amadeirado de papel que permanecia em suas roupas. "Este é melhor."

Eu peguei. Na capa havia apenas um zíper descendo até o fim. Reconheço que tinha uma capa melhor do que aquela que eu havia escolhido, que era de um homem com um bronzeado horrível, sorrindo para a câmera. Eu olhei para os dois. "Esta é uma sugestão pessoal?"

Ele deu de ombros. "Abacaxi."

Que era uma palavra segura muito conhecida. Mordi o interior da minha bochecha, tentando esconder um sorriso. "Vou aceitar isso de boa fé, então." Depois voltei para Thomas e entreguei-lhe a sugestão de Anders. Ele comprou o livro das abelhas e o do sexo, agindo um pouco mais confiante do que antes.

"Jake estava certo", disse Thomas com um sorriso. "Você é bom. Obrigado, Elsy – até mais, Anders! Ele ergueu a mão em despedida bem a tempo de eu perceber que o dono da livraria estava perto o suficiente para o final da nossa conversa.

Estremeci quando a porta se fechou.

Anders aproximou-se e encostou-se no balcão, fechando novamente o espanador. "Então", ele disse.

"Então ..."

"'Jake estava certo'?" ele citou.

Eu fingi inocência. "Não tenho ideia do que ele estava falando."

"Eileen."

Ah, ah. Ele usou meu nome completo. Torci nervosamente a mecha de cabelo em volta do dedo, mordendo o lábio inferior. "Ok, olhe... posso ter causado algumas... ondulações."

Ele não parecia tão surpreso. "Prossiga."

"Então comecei a tentar consertá-los." Olhei pela porta atrás de Thomas e depois de volta para Anders. "Me desculpe por não ter contado a você."

Ele não disse nada por um longo momento, batendo a varinha de pó na palma da mão aberta. Mas então ele largou o papel e disse: "Eu sabia sobre Ruby e Jake".

Meus olhos se arregalaram.

“E que você tentou consertar isso.”

"Eu fiz!" Eu esclareci. "Eu consertei.”

Seus lábios se contraíram em um fantasma de sorriso. "Tudo bem, você fez."

"E você não está bravo?"

Em resposta, ele encostou-se no balcão ao meu lado. "Inicialmente? Fiquei um pouco irritado. Afinal, você deixou minha livraria sozinha e é um péssimo mentiroso.

Eu estremei.

“Mas você continua me surpreendendo.”

“Como uma reviravolta na história”, eu disse, irônico.

Ele pegou minha mão, o conflito franzindo as sobrancelhas. “Sim, bem, falando em reviravoltas na trama...”



Bons Ossos

O SINO ACIMA DA PORTA tocou novamente. "Tenho boas notícias!" Frank gritou enquanto abria a porta e entrava. Suas botas de combate faziam barulho no chão de madeira, deixando um rastro de lama atrás dele.

As palavras de Anders ficaram presas na garganta. Ele fechou a boca em frustração e virou-se para o nosso novo convidado. "Frank, olá."

"Anders, Anders, sou um gênio", disse ele, dando um tapa nas costas dele com tanta força que quase derrubou os óculos de Anders.

Anders empurrou-os de volta pelo nariz. "Isso já foi questionado?"

Frank sorriu, mostrando a lacuna entre os dois dentes da frente. "Talvez diga isso à minha filha." Então ele se virou para mim e ergueu os braços. "Ela estará pronta amanhã de manhã!"

"Sua filha?" Eu perguntei, perplexo.

"Não, seu carro! Achei que estaria pronto hoje, mas heh, quem não tira folga de vez em quando? Depois de procurar em todos os lugares, finalmente encontrei um carburador com o qual posso trabalhar", disse ele, e deu uma piscadela para Anders. "Ela estará pronta para mandá-lo embora pela manhã."

Meus olhos se arregalaram. "Ah, ah."

Sweetpea estava quase consertado? Eu não sabia o que pensar. Para ser honesto, eu meio que esqueci que estava preso aqui e não fiquei por conta própria. E amanhã, eu finalmente conseguiria ir para a cabana. Comece minhas férias—

Deixar.

A palavra pesava em meu peito.

Se meus verdadeiros sentimentos sobre a notícia refletissem em meu rosto, Frank não percebeu. Ele me disse que traria o carro amanhã de manhã, com algumas gostosas extras no banco de trás (pisca, pisca), e eu seguiria meu caminho. Então, tão rapidamente quanto veio, ele saiu – como um tornado. Virando tudo de uma só vez.

Quando ele se foi, Anders e eu ficamos sem jeito por um longo momento.

“Bem”, ele começou, quebrando o silêncio, enquanto colocava as mãos nas calças com pregas afiadas. Honestamente, senti um pouco de falta do jeans e de como ele ficava bem nele. Quanto melhor ele se vestia, mais parecia uma armadura. "Parece que-"

“Com licença”, murmurei, saindo rapidamente de trás do balcão e fugi pela porta da frente antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa.

Meu peito estava apertado e se contorcendo, como se vermes tivessem entrado em minhas costelas. O sol estava quente e quase diretamente acima de mim enquanto eu caminhava pela calçada. Eu fechei meus dedos em punhos.

Eu estava agindo de forma tola. Eu não poderia ficar aqui para sempre – eu não queria – mas também não queria ir ainda. Eu tinha consertado a bagunça que fiz com Ruby e Jake, mas havia muitas perguntas que eu queria que fossem respondidas – muitos tópicos da trama deixados em aberto. O que aconteceria com Maya e Lyssa? A pousada abriria novamente? Qual foi o final que Rachel Flowers tinha na cabeça para esta cidade, essas pessoas? Para quem ela escreveu para Anders? Ainda não consegui encontrá-la (embora não estivesse procurando tanto, para ser sincero). Grande parte do mundo real foi construída sobre histórias incompletas e finais amargos, eu não queria deixar essa sem saber.

Meus pés me carregaram pela calçada, minha cabeça girando, e não parei até que vozes familiares gritando me tiraram dos meus pensamentos.

Eu tinha caminhado até o Daffodil Inn, a meio caminho da torre do relógio no centro da cidade, quando Junie irrompeu pela porta da frente.

Ela gritou atrás dela: “Às vezes, ossos bons não são suficientes!” Ao descer as escadas, ela chutou uma pedra branca decorativa no caminho, e ela caiu no quintal.

Então ela me notou e — sem saber mais o que fazer — ergueu a mão em saudação. “Erm, olá.”

Eu ecoei a onda. “Oi.” Atravessei a rua e me encostei na cerca branca. A torre da praça dobrou meio-dia.

Depois que o zumbido diminuiu e a cidade se acalmou com o eco dos sinos, Junie disse: “Há água por toda parte. Poças vindo do banheiro. Não entendemos – verificamos tudo.” Ela fez um barulho de frustração, respirou fundo e se recompôs. “Desculpe, eu sei que você não quer ouvir isso.”

“Está tudo bem. Pelo que vale, eu não tive a intenção de escutar.

“Difícilmente posso chamar isso de escuta quando estou gritando.”

Dei de ombros e olhei para meus tênis. “Frank veio até a livraria. Aparentemente, ele terá meu carro consertado amanhã.

Junie se animou. “Ah, isso é fantástico!”

“Sim ...”

Ela me estudou por um breve momento, antes de adivinhar: “Você não está animado?”

“Eu estou... claro que estou. Mas eu... parece bobagem — admiti, e ela bateu o ombro no meu.

“Absurdo. E aí?”

“Eu... acho que não quero ir?” Eu disse, meio pergunta, meio afirmação. A frase parecia um segredo precioso, um segredo que eu ainda não tinha ousado pensar. “Mas eu sei que preciso”, acrescentei rapidamente. “Tenho amigos que provavelmente já estão sentindo minha falta e tenho um trabalho para o qual voltar e uma vida, mas... é tão tentador simplesmente me perder aqui e ficar para sempre.”

Ela inclinou a cabeça. “Então por que você não faz?”

“Quero dizer, meus amigos e minha carreira e... e tudo mais.”

Ela encolheu os ombros. “Bem, eu fiz. Parei por aqui e nunca mais saí.”

“Sim, mas você é...” Não é real. Mordi meu lábio. Desviou o olhar. “Mais corajoso do que eu.”

"Oh não. Eu não sou corajoso. Caótico, claro. Mas corajoso? Não acho que seja assim que se deve chamar as pessoas que saltam antes de olhar. Acho que estava fugindo", decidiu ela, "e talvez só tenha inventado desculpas para ficar. Talvez eu tenha pensado que poderia ter uma vida feliz para sempre em uma pousada velha e decrépita com meu melhor amigo. Ela voltou seu olhar para a bela casa vitoriana, com sua pintura pastel e treliças brancas. "E talvez tudo esteja me alcançando agora. Talvez seja hora de encontrar um novo sonho." Ela respirou fundo e então se levantou da cerca. "Um que não esteja vazando."

Não, espere, eu queria dizer. Eu queria pegá-la pelo pulso e puxá-la de volta para mim e olhá-la nos olhos. Você é Junie Bray. Você tem um final feliz costurado nesta história. Se o seu não se concretizar, se você não puder ser feliz, que chance haverá para o resto de nós?

"De qualquer forma", ela continuou, colocando as mãos nos bolsos traseiros do short manchado de tinta, "não vou culpar você se você ficar, é o que estou dizendo. Siga seu coração. Mesmo que isso te leve a mal, você realmente se arrependerá?

Eu não tinha certeza.

"Você?" Perguntei.

Ela sorriu com conhecimento de causa. "Nem um segundo. De qualquer forma", acrescentou ela, "vejo você no café amanhã de manhã? Como café da manhã de despedida?

"Gostaria disso."

"Bom. Vejo você às nove em ponto! Enquanto ela acenava um adeus e recuava pelo caminho do jardim, de volta à casa que deveria ser seu feliz para sempre, eu não tinha certeza da resposta à pergunta que ela fez – será que eu me arrependeria?

Meu coração já havia me desviado uma vez com Liam, mas ninguém jamais havia questionado se eu me arrependia dele.

Eu me empurrei para fora da cerca e voltei para a livraria. Eu me arrependi de algumas coisas, claro. Palavras ditas, palavras não. Palavras que eu poderia - deveria ter - dito de forma diferente. Mas eu me arrependi desses anos como um todo? Os anos em que ficamos de mãos dadas e ele liderou enquanto eu me perdia livro após livro, sonhando com as histórias que faríamos juntos, e nunca fizemos?

Eu... não sabia.

Olhei para o céu azul claro, lembrando-me do primeiro dia inteiro que estive aqui, quando Eloraton ainda estava preso, ainda estagnado. As nuvens haviam se reunido como um murmúrio de estorninhos, rápido e alto, trazendo consigo a chuva programada. Porém, já fazia alguns dias que não chovia no início da tarde, pois a cidade começou a mudar e lentamente começou a se mover novamente. As nuvens passaram e o sol estava quente, e o som dos insetos, do farfalhar das folhas e do ar livre enchia meus ouvidos.

Foi minha culpa que tudo estava se movendo. Que não choveu ao meio-dia. Que Ruby e Jake terminaram - e voltaram. Que Gemma queria explorar o relacionamento dela e de Thomas.

Que Junie começou a pensar que sua casa — seu final feliz — não era o Daffodil Inn.

Apesar de tudo que costurei, alguma outra coisa parecia desmoronar. Eu perdi alguma coisa? Fez algo errado?

E então havia Anders...

Se isso fosse um livro, eu saberia as informações necessárias para costurar essa história. Eu saberia as dicas que Rachel Flowers deu. Eu veria o prenúncio. Eu preveria o final e o veria até o fim.

Eu era bom em ler nas entrelinhas, em interpretar o papel de parede amarelo.

Mas isso... parecia estar no meio de uma história, entre uma frase e outra, sem saber para onde ir.

Aqui, eu era pouco mais do que uma mulher que veio de fora da cidade – alguém que não era exatamente uma amiga, mas também não era uma estranha. Um visitante, aqui por um momento, só de passagem.

Um personagem secundário.

E ao passar por loja após loja, rua após rua, observando a cidade respirar e mudar, comecei a pensar... eu poderia simplesmente ficar aqui. Eu poderia ter sido uma peça errante de um quebra-cabeça pertencente a um quebra-cabeça completamente diferente, mas mesmo as peças perdidas do quebra-cabeça foram colocadas de volta na caixa quando você terminou com elas. Eu poderia ser apenas mais um personagem secundário, uma figura borrada no fundo da história de outra pessoa.

Isso não parecia tão ruim.

Quando eu estava no quarteirão da livraria, percebi que o Buick de Anders havia sumido. Olhei para o estacionamento onde costumava ficar, a única coisa que restou foi uma enorme mancha de óleo de onde vazou por meses. Atrás de mim, a porta da livraria se abriu, a campainha tocou e Anders saiu.

Eu perguntei: “O que aconteceu com seu carro?”

“De qualquer maneira, estava destinado ao lixo. Quase não funcionou.”

“Mas correu”, eu disse, e franzi a testa, lembrando-me da estranha piscadela de Frank para ele quando ele entrou na livraria mais cedo. “Você não... você não deu seu carro para Frank consertar o meu, não é?”

“Você tem pessoas esperando por você lá fora”, ele respondeu, e essa era toda a resposta que eu precisava.

“Eu não pedi para você—”

“Mas eu fiz. E recebi algumas caixas de molho picante em troca.” Ele colocou as mãos nos bolsos da calça jeans. Ele trocou seu traje casual de negócios por um Henley e tênis, seu cabelo louro despenteado daquela maneira irritantemente artística.

“Mas... mas... e o seu carro?” Eu perguntei, minha voz embargada.

“Está bem. De qualquer forma, nunca usei e era feio.

Foi, mas... meu lábio inferior tremeu. Pisquei as lágrimas dos meus olhos.

Anders deu um pulo. “Você está... por que está chorando?”

“Eu... é... por que você está tão atencioso? Você não deveria ser tão atencioso,” eu resmunguei, porque eu não esperava por isso. Passei grande parte da minha vida preenchendo desejos e necessidades de outras pessoas, eu não tinha... eu não...

Foi atencioso e fiquei grato.

E confuso.

Afundi no meio-fio, tirando as lágrimas dos olhos, e ele veio se sentar ao meu lado.

“Ei”, ele disse gentilmente, “você também pode receber cuidados. Você não precisa fazer tudo sozinho.”

Apertei meu queixo e cutuquei minhas unhas. “Já estive noivo uma vez”, comecei, como se isso explicasse minha explosão.

“Eu sei”, ele respondeu.

“Éramos perfeitos juntos, pensei. Ele era adorável, talentoso e bonito. Sempre que saíamos em nossos aniversários – todos eles, de três meses, de seis meses, de um ano, de quatro anos – as pessoas me diziam como eu era sortudo. Exceto que sempre seria eu quem faria as reservas. Sempre seria eu quem receberia nossos dois cartões. Eu compraria os presentes de Natal. Eu reservaria as férias...”

Ele poderia ter me perguntado por que eu achava que ele se importaria com essa história, mas senti que era importante — uma parte de mim que estava quebrada que não poderia ser consertada com uma xícara de café ou algumas palavras bonitas. Mas ele ficou em silêncio e atento, e ouviu.

“Ele terminou comigo uma semana antes do casamento. Mudou-se naquela noite. Como eu tinha feito todo o resto para o casamento, tive que ligar para todos, nossas famílias, e ajudá-los a recuperar algum dinheiro em passagens aéreas e hotéis. E a questão é que pensei que fosse eu. Achei que a culpa era minha, que eu estava com defeito ou algo assim, e não consegui lidar com isso, então simplesmente parei. Meu vestido de noiva ainda está pendurado no armário, meus sapatos de noiva na caixa. Eu simplesmente congelei tudo. Coloquei no gelo. Eu incluído”, acrescentei. “Talvez seja por isso que leio romances com tanta frequência, porque são histórias bonitas claramente arquivadas na ficção, e era onde eu queria estar. E então vim para cá, para uma cidade fictícia, e acho... no fundo da minha mente eu simplesmente... eu sabia que queria ficar. Eu queria ficar em um mundo onde os enredos fossem previsíveis e os finais felizes. Em algum lugar tão congelado quanto eu.

Silenciosamente, ele se abaixou e pegou minha mão, e virou-a, com a palma voltada para cima. “Minha mãe me disse uma vez que você pode contar muito sobre alguém pelas mãos.” Gentilmente, ele traçou a longa dobra que ia do meio da palma da minha mão até logo abaixo do meu dedo indicador. “Ela nunca quis dizer misticamente – linhas de vida, linhas de sorte ou linhas de amor. Mas pelas cicatrizes, pelos calos e pela eficácia.

“Então o meu deve parecer bem preguiçoso”, comentei, mas meu coração começou a disparar. Ele segurou minha mão com tanta ternura, roçando o polegar em minha palma tão levemente que reprimi um arrepio.

Ele balançou sua cabeça. “Suas mãos são gentis e frias. Você os usa muito, mas ninguém os segura para mantê-los aquecidos.”

Então ele levou meus dedos aos lábios e os beijou.

“Homens de ficção não conseguem segurá-los”, acrescentou, e meu coração ficou preso na garganta. “Há alguém para você. Alguém real.

"Minha linha de amor te contou isso?"

A borda de sua boca se contraiu. “Chame isso de ilusão.” Ele sentou-se no meio-fio e vimos um casal descer a rua do outro lado e desaparecer na vibrante loja de jardinagem de Lyssa. “Mas o que não consigo adivinhar é, de todas as séries de livros do mundo, por que esta? Por que você ama tanto essas histórias?”

Estudei a praça da cidade, desejando poder absorver tudo – cada cor, cada som e cada batimento cardíaco. “É bobagem.”

“Duvido”, respondeu ele.

Então, respirei fundo e contei a ele. “Eu acho... é por causa da maneira como tudo parece possível. A tenacidade suave do narrador, a familiaridade aconchegante. Como quando a autora contou a história, ela estava contando para mim. Só eu. É como se ela quisesse que eu fosse para Eloraton, e ela me pegou pela mão, e contamos história após história, e eu não precisava me preocupar se haveria um final feliz. Eu sabia que haveria.

Ano após ano, livros que me transportaram através do coração partido e da esperança e daquelas noites terríveis após a partida de Liam. Eram palavras que me colocavam na cama à noite, quando eu estava sozinho, eram palavras que tocavam a trilha sonora do meu desgosto, dos e se, das dúvidas, das noites em que me senti sozinho e me perguntei: Por que não eu? Esses livros foram como braços nos quais caí, uma armadura que me protegeu do mundo quando a vida ficou muito difícil.

“Foi um amor que eu sabia que não iria me decepcionar. Era seguro. Foi um conforto quando eu estava com o coração partido e desejando sentir algo bom, porque eu não conseguia imaginar isso sozinho.” Inclinei-me um pouco para frente, piscando para conter as lágrimas. “Acho que é por isso que amo tanto esses livros. Porque mesmo quando me senti quebrada, Rachel Flowers estava sempre lá para me mostrar que ainda havia finais felizes a serem encontrados... mesmo que não fossem meus.”

Ele disse calmamente: “Ela era mágica desse jeito”.

"Sim ela era."

Ficamos ali sentados por um longo momento, observando o casal se beijando verde, e dividimos um sanduíche. Sequei os olhos e me senti um pouco melhor.

Depois de um tempo, ele perguntou: “Você quer dar um passeio comigo?”

“É algo para lembrar?” Eu respondi, incapaz de esconder um sorriso inteligente.

Ele gemeu com o trocadilho e depois se levantou. “Você tem que estragar tudo, não é?”

“Achei que era uma boa piada.” Fiquei com ele, tirando a sujeira do meu short jeans.

“Claro que você faz. Vamos”, disse ele, e acenou com a cabeça em direção ao outro lado da praça da cidade. Eu não tinha certeza para onde ele estava me levando, até que vi o início da trilha na periferia da cidade...

QUEDAS QUIXÓTICAS - 1,2 MILHAS

Parei assim que li. Ele não percebeu até já estar a alguns metros da trilha, então fez uma pausa e se virou para mim. Lembrei-me de como ele estava inflexível em não ir à cachoeira, de como isso não resolveria minha vida — mas é claro que não resolveria. E mesmo que fosse por isso que eu queria ir no começo...

Eu só queria ver agora.

"Bem?" Ele estendeu a mão para mim, e isso me lembrou muito do jeito que Liam costumava fazer também, nossos dedos entrelaçados, me levando pelas montanhas, descendo colinas - e meu coração se contorceu. Mas não devo ter aprendido, porque peguei a mão dele, esperando que ele me puxasse pela trilha, mas ele apenas a segurou e disse: “Vou segui-lo. Acho que você conhece o caminho.

Aquelas palavras pousaram em meu coração ansioso como um bálsamo, tão poderoso que, embora eu só conhecesse o caminho para a cachoeira pelas páginas de um livro, comecei a trilha com ele ao meu lado.

O dia foi ficando mais quente à medida que o sol avançava lentamente pelo céu, e as folhas de alguma forma pareciam ficar mais verdes. A trilha era mais curta do que eu imaginava – ou talvez o tempo tenha voado enquanto caminhávamos em silêncio, ouvindo o zumbido da mata – mas finalmente chegamos ao topo, onde uma placa de madeira dizia QUEDAS

QUIXÓTICAS, com uma seta apontando para a esquerda, sobre uma ponte de madeira frágil.

Ele me deixou ir primeiro, e eu não pensei nada sobre isso até que ele hesitou do outro lado.

"Tudo está certo?" Perguntei. Ele se mexeu nervosamente, olhando para a ponte de madeira. "Você não fez isso antes?"

"Não", ele respondeu com sinceridade. "Nunca tive realmente um... motivo... para vir aqui."

Inclinei minha cabeça. "Porque agora?"

Ele deu um passo hesitante, e depois outro, batendo com força nos corrimãos de corda enquanto se aproximava. Seus olhos estavam colados ao chão. "Porque eu não queria vir sozinho."

"Você poderia ter perguntado a Maya, ou Junie, ou..."

Ele fez uma careta. "Todos eles já estiveram aqui antes."

"Então?"

"Então" – outro passo nervoso, depois outro – "foi uma perda de tempo."

"Ou", supus, encostando-me na lateral da ponte do outro lado, fazendo-a balançar um pouco, para grande angústia dele, "você não queria ir com alguém que já tinha visto aquilo antes. Mas isso não pode estar certo.

"Porque você pensaria isso?"

"Porque você parece um cara que não se importa muito com novidades."

Ele alcançou o outro lado e se inclinou para mim. Ele disse, baixo e sério: "Eu me importo muito com as novidades, querida. Além disso" – e ele tirou minha mão da corda da ponte – "você é o pior." Então ele veio na minha frente e mordeu o interior da bochecha para não sorrir.

Eu gostei de seu mau humor, finalmente admiti para mim mesmo, quase tanto quanto gostei de vê-lo por trás.

Foi uma curta caminhada da ponte até a cachoeira, e eu ouvi muito antes de realmente vê-lo, um som alto e estrondoso que reverberou como um trovão. Passamos por baixo de um afloramento rochoso e lá estava ele do outro lado.

Cataratas Quixotescas.

Tirou meu fôlego.

A cachoeira era tão alta que tive que esticar o pescoço para ver o topo dela. O brilho de um arco-íris refletia-se na névoa e na luz do sol, e o ar estava fresco e úmido. Me senti bem na umidade da tarde. Fechei os olhos e aproveitei a névoa que grudava na minha pele, coagulando-se em gotículas. Caminhamos pela parte de baixo e a luz do sol atingiu a água que caía como se fosse um brilho de vidro. O túnel entre a face rochosa e a cachoeira era liso e arredondado devido à erosão de milhares de anos. Videiras rastejavam pelas rochas – ipomeias, quatro horas e madressilvas. A cachoeira desaguava em um pequeno bebedouro que lentamente se abria em um rio maior descendo a montanha. Eu sabia que este lugar seria extravagante. Ao redor da piscina, a urze rosa brilhante e o mil-folhas branco misturado com coneflowers e Susans de olhos pretos.

“Eu gostaria que Pru pudesse ver este lugar.” Estendi a mão e passei a mão por baixo da cachoeira. Estava muito frio, como enfiar a mão em um balde de gelo. Lembrando de todos os livros, de todos os dias em que me escondi dentro das páginas, tentando encontrar algum tipo de felicidade para sempre, quando a realidade recusou.

“A água está mais fria do que eu pensava”, eu disse.

Ele se aproximou de mim e também enfiou a mão na cachoeira, primeiro para testar a pressão e o frio, e depois entrelaçou os dedos nos meus. “É uma sensação agradável”, ele comentou, embora eu suspeitasse que ele não se referia apenas à água.

Minha garganta doeu. Meu olhar mudou para seu perfil, enquanto ele olhava para a imponente cachoeira. "Sim", concordei com uma voz baixa e insegura, o calor de sua mão em forte contraste com a água, "é verdade."

Ele virou o rosto para mim. Ele se inclinou mais perto – ou era eu me inclinando mais perto? Ele se concentrou em meus lábios, tão perto agora que respirei o cheiro de sua loção pós-barba. Retiramos as mãos da cachoeira, os dedos ainda entrelaçados.

"Achei que você não queria que eu beijasse na cachoeira?" Perguntei. O rugido da água era tão alto que abafou todo o resto em uma onda de ruído branco. Tudo menos eu e ele.

“Não, não, não fiz isso”, ele respondeu, suas palavras quentes contra meus lábios.

Eu relaxei naquela época, porque nada de bom poderia resultar disso. Nada mesmo. Ele tinha uma heroína em algum lugar, um final feliz que

viria valsando até a cidade e roubaria seu coração, e eu não tinha forças para sofrer isso de novo. Não é uma segunda vez. “Bem”, eu disse, soltando sua mão enquanto me virava, “talvez não devêssemos...”

Ele agarrou meu pulso e me girou para trás, e me puxou com força contra ele. Seus olhos peridotados eram escuros, quase da cor das pedras no fundo de um rio. "Talvez eu simplesmente não quisesse que mais ninguém beijasse você."

Eu não dei a ele a chance, porque o agarrei pela frente da camisa e fiquei na ponta dos pés, e esmaguei minha boca contra a dele.



Não vá atrás de cachoeiras

Ele tinha gosto de menta e chá preto.

Parecia que ele estava esperando que minha boca encontrasse a dele. Por um segundo ele ficou surpreso, mas então me segurou com mais força contra ele e se derreteu no momento. E ele beijou – ah, porra, ele beijou como se tivesse como missão ler livros sobre beijos todos os dias de sua vida. Foi gentil no início, questionador, até que meus dedos se enrolaram em seu cabelo e ele interpretou isso como um sim. Porque isso foi. Minha boca se abriu e ele inclinou minha cabeça para trás e aprofundou o beijo. Meus ouvidos zumbiam com o som da cachoeira. Estava trovejando, mas meu coração também, e eu não tinha certeza do que era mais alto.

Quando finalmente conseguimos respirar, engasguei.

“Eu nunca me canso de beijar você”, murmurei, puxando a gola de seu Henley.

“Eu poderia dizer o mesmo”, ele sussurrou, com as pupilas dilatadas, apagando completamente o verde mentolado. Seu peito subia e descia rapidamente, sua respiração quente contra minha boca. “Embora eu pudesse fazer muito mais.”

“Então faça isso,” eu sussurrei, e empurrei-o para trás.

Ele caiu da cachoeira na piscina do outro lado e eu o segui. Eu engasguei quando bati na água gelada, arrepios subindo pela minha pele. Ele voltou à superfície com um suspiro e tirou o cabelo do rosto.

“Como você ousa...”

Passei meus braços em volta de seus ombros e me levantei para beijá-lo novamente. O contraste de suas mãos quentes no meu corpo na água fria me fez estremecer.

Fizemos ondulações na água.

Suas mãos deslizaram até minha cintura, sua boca na lateral do meu pescoço enquanto ele me beijava ali, depois mais abaixo na minha clavícula, na base da minha garganta. Seus dentes roçaram minha pele enquanto ele me carregava até a margem da piscina e me empurrava para um pedaço de áster e grama, suas mãos apalpando minhas coxas. Enrolei meus dedos em seu cabelo, e trouxe sua cabeça de volta para a minha, e beijei sua boca novamente.

Eu não gostei do sabor do chá preto, mas adorei o sabor dele, e quando mordi seu lábio, adorei o som de seu gemido também.

"Porra, Elsy", ele rosnou, olhando para mim, emoldurado pelos ásteres, "vá um pouco mais devagar."

Eu sorri contra sua boca. “Sou rápido demais para você?”

"Sim", ele respondeu, levantando-se de cima de mim, com as mãos plantadas em cada lado da minha cabeça, e mordiscando o lóbulo da minha orelha antes de sussurrar em meu ouvido. “Eu quero saborear isso.”

O desejo mal contido em sua voz fez meu coração bater forte contra meu peito. Ele queria saborear isso, mas claramente parecia que me queria o mais rápido possível. Havia algo tão irritantemente sexy naquela paciência, tanto que me fez desejá-lo mais. Suas mãos percorreram meu tronco enquanto ele mordiscava meu pescoço novamente, respirando em meu cabelo.

"Eu quero saborear você", ele murmurou, enterrando o rosto em meu cabelo, "querida." A maneira como ele rosnou fez meu coração pular como uma pedra.

“Achei que você não gostasse de coisas doces”, eu disse, tentando manter o controle de mim mesma, embora tudo que eu quisesse era me afogar em seu toque.

Seus lábios pressionaram minha orelha. "Gosto de você." Suas mãos trabalharam para desabotoar meu short e tirá-lo. Gotas de água deslizavam até as pontas de seus cabelos, brilhando à luz do sol da tarde que brilhava por entre as árvores.

Meu peito parecia estar cheio de borboletas. Eu o empurrei de cima de mim e rolei, montando em seus quadris. Meu cabelo caiu sobre meus ombros, emoldurando meu rosto em cortinas de cobre encaracolado. "Você não pode estar falando sério."

"Eu faço." Ele olhou para mim com olhos que pareciam esmeraldas derretidas. "Como você quer que eu prove isso?"

Tracei a linha de sua mandíbula. "Você tem alguma ideia?"

"Eu poderia fazer uma serenata para você com palavras," ele forneceu, pegando minha mão e beijando a palma dela, nunca deixando seu olhar deixar o meu. "Se eu fosse poeta, poderia comparar o amor aos seus olhos. Se eu fosse jardineiro, poderia dar um beijo em todos os lugares que você despreza." Lentamente, ele me puxou para cima dele, pressionado contra ele. "Se eu fosse um escritor, poderia escrever épicos em seus lindos lábios." Ele me beijou novamente, e suas palavras eram quentes contra minha boca. "Se eu fosse um pintor, poderia explorar cada curva e curva para que, quando meus olhos falhassem, eu pintasse você de memória." Suas mãos deslizaram ao longo dos meus lados, espanando suavemente contra minhas coxas.

Então ele passou o braço em volta de mim e me rolou de costas, sua boca na minha, e gentilmente tirou minha camisa, e eu desabotei meu sutiã, e ele deu um beijo em meu seio esquerdo e depois no direito.

"Adorável", ele murmurou, e passou a língua contra meu mamilo. Meus dedos enterrados na urze abaixo de mim.

Eu respirei fundo. Ele sentiu meu peito subir, e isso só o fez colocar as mãos na minha cintura e fazer isso de novo, então eu não conseguia me contorcer.

E como um pintor, ele explorou cada parte do meu corpo. Como um escritor, ele murmurou manifestos para meus cotovelos, joelhos, tornozelos. Como um jardineiro, ele plantou beijos na minha barriga e embaixo do queixo, em todos os lugares que o mundo me disse que eu não deveria amar. E se havia amor nos meus olhos, ele também era poeta.

Eu me distanciei do amor por tanto tempo, disse a mim mesmo que não precisava disso, não queria isso, que não tinha mais tanta certeza se sabia como era o amor fora de um livro. Eu aprendi a me preocupar com esse homem, de alguma forma, nos últimos dias. Eu me acostumei com seu charme irônico e seu sarcasmo, e me vi procurando por sua sombra no bar e na livraria. E eu sabia que sempre que pensava naquela estrada que levava à Ponte Charmosa, uma pedra pesada afundava em meu estômago.

Não, eu não pensaria nisso agora, porque ele estava aqui e estava comigo. Ninguém mais além de mim.

Enquanto suas mãos desciam, eu as peguei. “Espere,” eu sussurrei, e engoli a ansiedade crescendo em meu peito. “Espere, provavelmente deveríamos...”

“Certo”, acrescentou ele. Ele estendeu a mão para a calça jeans úmida e tirou a carteira, tirando uma camisinha de onde deveriam estar as notas. Foi um ato que deveria ser para sua heroína, para a mulher que Rachel Flowers escreveu para ele.

Eu não. Essa cena, esses beijos, não foram feitos para mim. Eles eram para -

“Sinto muito se não for sua preferência”, disse ele, começando a rasgar a embalagem, mas eu contive suas mãos. Ele bufou: “É difícil encontrar tipos diferentes em El—”

“Não, não, não é isso...” hesitei. Mordi meu lábio com força. Olhei para a cachoeira e disse: “Tem certeza que quer fazer isso comigo?”

Seu olhar suavizou. “Que tipo de pergunta é essa, querido?”

Merda. Apertei meus olhos fechados. “Só quero dizer... eu não deveria estar aqui. E você tem outra pessoa... alguém que você deveria...”

“Eileen”, ele interrompeu, sua voz mal contida, e meu olhar se concentrou nele novamente e em seu rosto bonito. Ele tirou uma mecha de cabelo da minha testa e a beijou. “Eu quero fazer isso com você. Você quer comigo?”

Ah, que tipo de pergunta foi essa? Eu o estudei, seu cabelo macio, seu rosto anguloso e seus lindos olhos cor de menta.

Eu balancei a cabeça, sentindo o frio na barriga em meu peito ficar mais selvagem. “Mais do que nada.”

Sua expressão ficou séria. “Bom,” ele rugiu. Com a mão livre, ele deslizou o dedo do meu pescoço até entre meus seios. Ele inclinou a cabeça

para o lado, como se estivesse debatendo algo em sua cabeça. “Mas até que ponto...?” Seus dedos deslizaram por baixo da minha calcinha e ele me acariciou suavemente com um dedo, depois com dois.

Eu sufoquei um suspiro. Oh.

“Eu não ouvi você. Acho que não o suficiente...”

Ele começou a se afastar, quando eu agarrei sua mão e a forcei a ficar parada. "Não se atreva a parar."

Suas sobrancelhas se ergueram. “Isso é um pedido?”

“Uma demanda.”

“Coisinha mandona”, ele murmurou, e obedeceu. Ele me acariciou com seus dedos longos, trabalhando-me de forma agonizante e lenta.

“Mais rápido”, eu disse.

Então, obviamente, ele não fez isso.

"Não é uma corrida, querida", ele advertiu com um tsk, e então aquela boca horrível se contorceu em um sorriso malicioso, e ele a abaixou sobre minha pele e beijou o lugar entre meus seios. “Porque quero saber quanto tempo você vai durar.”

A compreensão me ocorreu rapidamente enquanto ele se movia contra meu clitóris ainda muito lentamente. "Você é o pior-"

“Estou?” Ele foi ainda mais devagar.

“Anders—”

“Posso fazer pior”, disse ele, e enquanto me acariciava, parecia que todo o meu corpo estava cada vez mais perto de explodir em chamas. “Eu posso fazer você se desfazer pedaço por pedaço. Posso te foder até que você só consiga ver as estrelas e eu. Agora fique quieto”, disse ele, e afundou-se ainda mais em mim, seus lábios descendo pela minha barriga, “e deixe-me usar esta minha boca”.

Envolvi minhas mãos em torno das flores e senti a terra tremer enquanto ele falava na linguagem do prazer com a língua. Morri um pouco naquelas flores silvestres, cercado pela torrente de água, pelo musgo úmido e pela luz do sol, e senti pela primeira vez na vida...

Que eu não queria pular para o fim, não queria alcançar o passado. Agora foi o suficiente.

E quando terminamos, e exaustos, e ele se deitou na urze ao meu lado e traçou as sardas dos meus ombros até a clavícula, eu disse: “Achei que seria maior”.

Ele ergueu uma sobrancelha interrogativa.

“A cachoeira”, esclareci, apontando de volta para as Cataratas Quixotescas titulares. “Achei que seria maior.”

Ele riu e me puxou para perto, o cheiro de flores silvestres inebriante e doce, e me beijou novamente.



Sorte de prumo

Eventualmente, nos secamos e vestimos nossas roupas, e descemos da cachoeira.

E finalmente voltamos para a livraria. Jantamos no apartamento dele e dividimos uma garrafa de vinho, e quando ele me acompanhou de volta ao loft naquela noite, de alguma forma também fomos para a cama juntos. O sexo foi ainda melhor pela segunda vez - embora talvez fosse porque estávamos na cama e não em algumas ervas daninhas da natureza, ou talvez fosse porque estávamos encontrando um ritmo um com o outro, explorando os corpos um do outro, observando o que fazia o sexo. outro suspiro, o que nos fez gemer.

E, depois, como num romance, adormeci em seus braços e não conseguia me lembrar da última vez em que me senti tão viva.

Infelizmente, os estorninhos fizeram barulho na manhã seguinte, cantando aquela canção quase familiar. Acho que o teria reconhecido então, se tivesse pensado mais no assunto, mas a luz do sol estava muito forte, e estava quente, e a hora era muito, muito cedo. Anders tinha adormecido com os braços em volta de mim e agora gemia com o rosto enterrado em meu cabelo, minhas costas contra seu peito.

“Esqueci dos pássaros”, ele lamentou, e empurrou o rosto em meu ombro.

Eu bocejei. “Podemos comê-los mais tarde.”

Ele bufou e, com um suspiro, desenrolou os braços da minha cintura. Eu me virei para olhar para ele. Seu cabelo estava uma bagunça, seus olhos sonolentos. Eu poderia ficar olhando para ele por horas. Eu poderia ter feito isso, honestamente, se ele não estivesse olhando para mim também.

“Você é linda”, ele murmurou.

Corei e virei meu rosto no travesseiro para que ele não pudesse ver. “Pare com isso, é muito cedo.”

"Tudo bem, você é horrível, então."

Eu soltei uma risada. "Muito melhor." A cama era tão quente e confortável que eu poderia ficar lá para sempre. Exceto-

Meu carro estaria pronto hoje. A constatação foi como uma pedra no meu estômago.

Ele começou a se virar para se levantar, quando eu o agarrei pelo braço.

“Podemos ficar assim mais um pouco?” Perguntei baixinho e então - para que ele não visse o verdadeiro motivo - menti: “Você é tão caloroso. E estou confortável.”

Ele se mexeu um pouco na cama ao meu lado e, por um momento, pensei que ele fosse embora, mas ele apenas reajustou o braço e encostou o rosto no meu cabelo. “Por um tempo”, ele concordou.

Fechei os olhos, tentando mentir para mim mesma que estava tudo bem. Que o alívio que senti era normal para quem não queria acordar de manhã. Que meu desejo de ficar aqui, ao lado dele, para sempre, era apenas... um sintoma de Eloraton, e não do meu próprio coração traidor. Eu sentiria muita falta dele, mas acima de tudo o cheiro dele, como chá preto, madeira de cedro e livros velhos e esquecidos, coisas que só personagens de livros poderiam realmente cheirar. E por causa disso, ele também cheirava a lembranças. Do tipo bom, desbotado pelo sol, cujo único som é o virar suave da página.

“Ela escreveu para você tão perfeitamente,” eu sussurrei contra sua clavícula, seus dedos penteando meu cabelo.

Ele congelou. "O que?"

“Está tudo bem, eu sei. Este deveria ser o seu livro,” eu disse, olhando para seu rosto, e seus olhos mentolados se arregalaram de surpresa. Como se ele realmente pensasse que eu não iria descobrir. Eu era professor de inglês. Eu conhecia o prenúncio. Navalha de Occam. A arma de Chekhov. Eu joguei o jogo Clue. Leia “O papel de parede amarelo”. “Seu feliz para sempre inacabado.”

“Não é minha história, Eileen.”

Claro que é, pensei. Você simplesmente não vê isso. Eu duvidava que os personagens principais percebessem que estavam em sua própria história até ela começar, e a dele ainda não havia acontecido. Ele conheceria a heroína que Rachel Flowers escolheu para ele e se apaixonaria por ela – poderia ser eu?

Afinal, todo romance precisava de um final feliz. Era uma regra.

“Eu poderia ficar”, decidi. “Eu não preciso ir.” Então, mais baixo: “Eu não quero”.

“Eileen...” Algo ilegível passou por seus olhos. Não, não era ilegível. Eu conhecia essa expressão. Foi o mesmo tipo de expressão que eu tinha visto antes, quando disse a Liam que o amava, e novamente a expressão em seu rosto no celeiro, sob aquele lustre de chifre ridículo, de que ele queria algo diferente.

“Eu poderia trabalhar na livraria”, continuei. “Encontre um apartamento. Eu pudesse-”

De repente, ele balançou as pernas para o lado da cama e ficou de pé. “Sinto muito”, disse ele enquanto vestia a calça jeans e a camisa.

Meu coração caiu na ponta dos pés. Fiquei de joelhos, enrolando o edredom em volta de mim. “Seria tão ruim assim?”

“Não, isso não é... eu... sinto muito”, ele repetiu, mas não foi uma resposta. Eu precisava de uma resposta.

“Anders. Anders, fale comigo.

“Eu... eu tenho que ir.” Ele calçou os sapatos enquanto saltava para a porta, tão agitado para sair que quase se esqueceu de fechá-la atrás de si. Seus passos desapareceram, as tábuas do piso rangeram enquanto ele descia as escadas até o primeiro andar. Esperei que a porta dos fundos se abrisse - o que aconteceu - e fechasse novamente, e o som revelador da fechadura clicando, antes de dobrar os joelhos até o peito e enterrar o rosto neles.

“Eu só quero ficar”, murmurei para o loft vazio, mas a única resposta foi o silêncio.



ALGUMAS HORAS DEPOIS, FINALMENTE SAI DA CAMA, tomei um banho quente e coloquei tudo no meu fim de semana. Fiquei esperando que Frank chegasse com Sweetpea, correndo como novo, e entregasse as chaves.

Arranjei uma mesa de canto no Grumpy Possum e pedi o café mais forte que eles serviam e uma surpresa de mel, mas Jake disse que estava tudo sem mel (algo sobre o motim, ele suspirou), então pedi um muffin. De qualquer forma, não consegui ler mais nada no menu.

Jake cuidou muito bem de mim - presumi porque ele achava que eu fazia mágica em seu relacionamento. Eu só queria ter ajudado Gemma e Junie também. Principalmente Junie. Deixar a pousada em mau estado pareceu... conseqüente.

E Maya, ah, Maya. Eu gostaria de poder simplesmente empurrar ela e Lyssa para um quarto e dizer-lhes para se beijarem. Lyssa também a amava, eu tinha certeza disso. Ela não fez isso?

Perdido em pensamentos, não notei Maya até que ela se sentou na cabine à minha frente. "Um centavo pelos seus pensamentos?"

Eu olhei para cima. "Anders disse que eu precisava começar a cobrar mais."

Ela riu. "A inflação sempre pega você. Então, hoje é o dia."

"Hoje é o dia", repeti. Graças ao Buick de Anders, que ele descansa em pedaços.

"Você acha que tem espaço no porta-malas para mim?" ela brincou.

"Quer ir em meu lugar?"

Maya franziu a testa. "Então fique, se você quiser ficar."

"Não posso."

"Por que?"

Porque Anders não queria que eu fizesse isso. Porque, se eu pensasse nisso por dois segundos, não conseguiria. Não de forma responsável, de qualquer maneira. Mas o que eu realmente deixaria, se o fizesse? Um trabalho que eu meio que odiava? Amigos que, em sua maioria, moravam a 800 quilômetros de distância? Pru, que estava seguindo em frente com a vida, passando para a próxima fase, me deixando para trás? Eu verifiquei meu telefone inúmeras vezes para ver se a mensagem chegou, e isso nunca aconteceu. Não pude nem consultá-la, então peguei meu muffin.

“Uau, o que há com essa cara comprida? Você está tão triste que Gemma descobriu como impedir o motim das abelhas? Ruby perguntou, deslizando para a cabine ao lado de Maya, levantando os óculos escuros. Ela vestia shorts manchados de tinta e uma camisa onde se lia, em grandes letras vermelhas, HONKERS. Ela me deu uma olhada. “Você vai ficar com rugas se continuar franzindo a testa assim.”

Perguntei surpreso: “As abelhas não estão mais se amotinando?”

“Não”, Ruby confirmou.

Maya acrescentou: “Aparentemente, eles realmente não gostaram de toda aquela chuva”. E não chovia tanto desde que cheguei. Acho que também mudei isso inadvertidamente, mas... isso não foi uma coisa tão ruim. Então ela disse a Ruby: “Ela está indo embora hoje”.

Ruby assobiou. “Então é um café da manhã de boa viagem? Isso é péssimo. Se eu soubesse, teria feito um presente de despedida para você.

“Rubes, você é péssimo em artes e ofícios.”

“Teria sido comprado em uma loja”, ela emendou, e Maya revirou os olhos. “Tenho tanto tempo agora que Jake e eu estamos resolvendo as coisas. Ele até pediu o turno da manhã e vamos tirar folga o fim de semana inteiro. Ela acenou para o namorado do outro lado do café, um dedo de cada vez, sorrindo. Então ela disse baixinho: “Vou montá-lo cru”.

Quase vomitei meu café e Maya empurrou alguns guardanapos para mim.

Ruby acenou para alguém que entrou, e Gemma e Junie entraram na cabine conosco.

Gemma colocou a bolsa no gancho no canto da mesa. “Desculpe, estamos um pouco atrasados”, ela forneceu. Ela estava com seu uniforme Sweeties, o cabelo ondulado preso para trás com grampos. Não foi difícil

dizer que ela estava brilhando positivamente. "Comecei tarde esta manhã e Lily descobriu sua nova obsessão."

"Começou tarde", Maya disse para Ruby, balançando as sobrancelhas. Eu sorri. "Esses livros ajudaram Thomas a estudar?"

Gemma pegou o cardápio de trás do porta-guardanapos e nos ignorou obedientemente. "Lily acha que quer ser veterinária da vida selvagem agora."

Junie perguntou, depois de chamar Jake para pedir uma rodada de café: — Achei que ela gostasse de tardígrados?

"Isso foi no ano passado. Este ano é algo que você realmente vai adorar, Jake — acrescentou ela enquanto ele se aproximava com quatro canecas e as enchia de café. Ele ficou parado, extasiado, esperando pela resposta. Gemma finalmente revelou: "Gambás".

Jake gemeu e foi embora.

Gemma continuou: "Você sabia que eles têm polegares oponíveis?"

"Sim," Ruby brincou. A expressão em seus olhos era quase como se ela estivesse revivendo tempos de guerra.

"E que eles podem nadar até cinco metros debaixo d'água sem respirar? Lily estava me contando uma história em que um bebê gambá apareceu através de um banheiro.

"Isso é assustador," eu disse severamente.

"Oh, eu tenho um melhor. Uma vez... E Ruby começou a contar o primeiro encontro dela e de Jake com o gambá mal-humorado do café titular. Eu já tinha lido essa história mil vezes, então minha mente começou a divagar.

Pela janela, Anders saiu da loja para dar seu passeio matinal e encontrou Lily e Thomas saindo do Sweeties, e eu desejei não saber quão sólido era seu peito, ou quão quentes e gentis eram suas mãos, ou como ele provou - mas eu provei. E eu só podia culpar a mim mesmo.

Quem cobiçava um namorado dos livros era um tolo.

"Bem, espero que na próxima vez que você vier, a pousada esteja aberta", disse Maya, "para que você não precise ficar em um lugar que cheira a livros velhos e empoeirados."

"Se ela for embora," Ruby apontou enigmaticamente.

"Eu disse a ela que ela poderia ficar", acrescentou Junie.

"Não a amaldiçoe assim." Maya fez uma careta. "As pessoas raramente vão embora. É uma daquelas coisas – como o Hotel Califórnia. E não no bom sentido."

Ruby assentiu. "Bea está até voltando."

Seria bom conhecer Bea também. Nas entrevistas, Rachel sempre dizia que se sentia mais como Beatrice Everly. Ela se escreveu mais nela.

Para começar, eu não conseguia imaginar por que Bea deixaria Eloraton, porque eu estava procurando uma maneira de ficar. Todas as manhãs eram claras e ensolaradas, o caramelo de mel sempre doce, os hambúrgueres do Gail's sempre queimados, o cheiro de grama recém-cortada e madressilva no vento como um perfume familiar. Eu não poderia imaginar nenhum lugar mais perfeito. Até mesmo sentado em um café com o nome de um certo roedor famoso—

Bati minha caneca de café quase vazia.

Oh meu Deus.

Foi isso.

"O gambá", eu soltei.

As meninas olharam para mim como se eu tivesse crescido outra cabeça.

"O que?" Maya perguntou.

"Este lugar tem o nome de um, sim", disse Ruby.

"Não, não, gambás podem nadar até cinco metros sem precisar de ar."

Gemma assentiu, tentando entender. "Sim, acabei de dizer isso. Lily está obcecada..."

"Eu sei! É isso. É isso", repeti, mais para mim mesmo do que para eles. "Rachel Flowers deixou fios. Nós apenas tínhamos que encontrá-los!"

Fazia sentido. Fazia total sentido, mas nenhum deles entendia o que diabos eu estava falando. Não importava. Eu estava em alta.

Eu poderia consertar uma última coisa antes de partir, amarrar uma última ponta solta.

"Junie, vamos lá", eu disse, ficando de pé na cabine e saltando dela. Agarrei-a pelo braço e puxei-a para se levantar, "precisamos ver um fantasma sobre um banheiro".



A POUSADA DAFFODIL ESTAVA VIBRANDO COM AS PESSOAS. TODOS estavam presentes no momento em que contei a Junie minha revelação. E quando o fiz, foi como se algo tivesse clicado em sua mente e ela imediatamente ligou para Will, que veio com todos os faz-tudo que conhecia e uma mulher miúda que fazia o controle de pragas da cidade.

Nós vasculhamos o encanamento.

Os banheiros lá em cima. A cozinha afunda. Onde quer que houvesse um soluço, uma mudança estranha na pressão da água, seguíamos a linha para baixo e, se meu palpite estivesse correto, o ninho seria...

“Ali”, disse Will, apontando para trás do banheiro mal-assombrado.

A controladora de pragas ergueu uma serra e, com um aceno solene, deu um passo em direção à parede e a abriu.

A princípio, não houve sinal de infestação – e depois houve um assobio.

A mulher do controle de pragas deu um triunfante “A-ha!” e alcançou o abismo escuro e assombrado com a mão enluvada, como se estivesse enfiando a mão em um forno cheio de lava derretida. Demorou um pouco, mas quando ela puxou a mão, ela segurou alguma coisa. Um gambá corpulento com um olho faltando e bigodes chamuscados.

Ninguém disse nada por um longo momento, e então Junie virou-se para Ruby, colocou a mão em seu ombro e disse com uma voz grave e ligeiramente entrecortada: “Encontramos seu gambá, Ruby”.

“E é uma menina!” a mulher do controle de pragas chorou, porque havia pelo menos três gambás bebês agarrados ao grande para salvar a vida. Ela se virou para Ruby e acrescentou: “Mazel tov!”

De fato.

Com a ninhada de gambás encontrada e colocada (com segurança) em uma gaiola para ser transportada para sua nova casa, Maya e alguns amigos empreiteiros de Will consertaram a parte de trás do banheiro mal-assombrado com o mínimo de discussão de Junie. Embora isso possa ter acontecido porque ela ainda estava chocada com o fim da provação. O encanamento foi consertado. Ela foi até cada vaso sanitário e torneira duas

vezes, e testou cada um deles, até ficar satisfeita, e quando terminou a segunda rodada e voltou para o hall de entrada, o buraco no vaso sanitário mal-assombrado já havia sido remendado, e Will estava consertado. esperando por ela na porta da frente, sorrindo de orelha a orelha.

“Está feito,” ela murmurou com aquele olhar distante e marcado pela batalha. "Está feito?"

Will segurou o rosto dela gentilmente e apertou suas testas. "Sim, querido, está feito."

“Está feito”, ela repetiu, com um pequeno lampejo de vida em sua voz. De esperança.

“Está feito”, ele repetiu com um sorriso.

Uma risada borbulhou de sua garganta. "Está feito!" ela gritou e beijou-o ferozmente na boca. Maya e eu desviamos o olhar para lhes dar um pouco de privacidade, mas Ruby observou e assentiu, como se estivesse avaliando um diamante.

“Legal”, ela murmurou, com o polegar para cima.

Junie e Will se separaram do beijo e ele se ajoelhou. Ela sorriu tão largamente que não pôde evitar. “Você já fez isso, querido. Eu já tenho o anel.

Ele levou a mão dela aos lábios e beijou o anel de noivado ali. "Deixe-me perguntar de novo?"

“Você já sabe minha resposta”, disse ela com uma risada cheia de amor.

“Isso foi há muito tempo e quero ter certeza.”

Ela pegou o rosto dele nas mãos. “Que minha resposta não mudou?”

Ele sorriu, um pouco hesitante. “Foi isso?”

“Claro que não, idiota”, ela respondeu, e beijou-o novamente. “Direi sim de novo e de novo e de novo. E não quero mais esperar. Vamos nos casar amanhã.

"Amanhã?" Will riu. “Isso é tão cedo.”

"Então? Todos que amamos já estão aqui. Por que estamos esperando?"

Em resposta, ele a pegou no colo, girou-a e beijou-a ferozmente na boca. “Mal posso esperar, Junebug.”

Senti meu estômago revirar, meu coração queimar. Era assim que parecia, amor verdadeiro e duradouro? Porque era algo que eu não

conseguia descrever, algo que nunca havia sentido – nem uma vez – na minha vida. E eu queria. Então, tão mal.

Decidimos dar alguma privacidade a Will e Junie depois de algumas horas angustiantes, e os gambás precisaram ser realocados de volta para o café. Ainda não tínhamos certeza de onde colocá-los, mas Ruby disse que tinha algumas ideias.

Afinal, o café recebeu o nome do gambá.

Então ela se despediu de mim e correu de volta ao café para contar a boa notícia a Jake. Fiquei na calçada, vibrando de excitação, porque tinha conseguido. Junie e Will ficariam bem – eles poderiam manter seu sonho, viver felizes para sempre.

O que seria uma história de amor sem um final perfeito, afinal?

E agora haveria um casamento. Eu não pude deixar de sorrir. O casamento real. Aquele a que se aludiu em quatro livros. Aquele que nunca pensei que leria.

Aquele casamento. O casamento que Eloraton estava esperando.

O casamento no final de tudo.

E justamente quando pensei que as coisas não poderiam melhorar, Lyssa Greene me encontrou na calçada e mostrou as chaves do meu Pinto. Havia uma expressão estranha em seus olhos, uma que eu não conseguia entender. Pelo menos, não até que ela dissesse...

"Posso te fazer uma pergunta? Sobre ir embora? Porque acho que estou apaixonado.



Lyssa Greene não está bem

Eu olhei para ela. "Apaixonado por ..."

Ela puxou nervosamente sua longa trança vermelha vibrante e murmurou um nome baixinho.

Eu me inclinei mais perto. "Quem?"

"Maia."

Claro que ela amava Maya, isso não era uma pergunta, mas... "O que isso tem a ver com a minha partida?" Perguntei.

Ela se mexeu nervosamente. "Porque você ama Anders e está indo embora, e eu só quero saber como? Como você pode fazer isso?"

Repassei todas as desculpas na minha cabeça, tudo que consegui pensar para dizer, mas nada parecia bom o suficiente. E conhecendo Lyssa, ela não acreditaria em nenhum deles, de qualquer maneira. Ela tinha um talento especial para descobrir mentiras, e essa era uma das (muitas) coisas que Maya amava nela.

Mordi o interior da minha bochecha. "Eu não diria exatamente amor, mas... como você sabe?"

Ela me deu um olhar nivelado. "A cidade inteira sabe neste momento. Você é como ervilha e cenoura."

Um pequeno sorriso brilhou em minha boca. "Eu acho que sim. Vamos andar?" Eu sugeri. "Em torno da torre do relógio? Uma última volta antes de partir — acrescentei, e ela cedeu e me seguiu até a sombra da torre. A tarde havia ficado rosa e dourada enquanto o sol balançava acima das árvores. "Então... a resposta simples é: eu não quero. Mas se eu ficar aqui, nunca mais verei meus amigos. Nunca mais verei Pru — eu disse, percebendo isso. "Nunca ouvirei a voz dela ou assistirei a filmes terríveis da Hallmark no sofá com uma caixa de vinho. Não estarei no casamento dela nem... nada.

Não líamos mais livros juntos, nem conversávamos sobre Quedas Quixotescas, nem reviramos os olhos ao ver a popularidade da série depois da morte do autor, porque as pessoas adoravam amar algo que não existia mais.

E foi isso. Eu sabia o que tinha que fazer, por que Anders foi embora — só havia um final aqui. E não era meu. Terminamos nossa caminhada no banco em que me sentei no primeiro dia em que estive aqui, quando Anders me encontrou e segurou um guarda-chuva sobre minha cabeça enquanto a chuva secava. Agora, o céu estava limpo e o ar cheirava a verão seco, e era estranho como as coisas mudavam rapidamente.

"Não posso ficar", eu disse finalmente. "Não importa o quanto eu queira."

Lyssa ficou sentada em silêncio no banco ao meu lado por um longo tempo. Esta foi a primeira conversa real que tivemos desde que cheguei a Eloraton, e odiei que fosse. Ela respirou fundo, mexendo distraidamente nas cutículas.

Depois de um tempo, ela perguntou: "Mas você não está com medo de que ele seja o escolhido? E se você deixá-lo, também deixará todas as coisas boas para trás?"

"Sim."

"E ainda assim, você..."

"Sim," eu admiti.

"Como?"

Essa era uma boa pergunta, e para a qual eu não sabia a resposta, porque não conseguia prever o futuro ou como sentiria falta dele quando pegasse a única estrada de entrada e de saída de Eloraton, então contei a ela.

exatamente isso. "Não sei. O que está impedindo você de dizer à pessoa que você ama que você a ama? Arriscar?"

"Só tudo. E se Maya e eu não dermos certo? E se a irmã dela e meu pai entrarem em uma disputa sobre condimentos? E se tivermos que escolher lados? E se... Ela parou e respirou fundo. "De qualquer forma, obrigado." Lyssa tirou minhas chaves do bolso, onde as havia escondido, e estendeu-as para mim. Eu os peguei e eles pareciam mais pesados do que eu lembrava.

"Lamento não poder ajudar mais", eu disse.

"Pru deve significar muito para você", ela inferiu.

"Ela quer, e nós saímos em condições meio ruins", admiti. "Ela não tem notícias minhas há alguns dias, então tenho certeza que ela está preocupada – tenho certeza que todo o clube do livro está." Eu esperava que Pru tivesse escrito sua mensagem sem resposta para mim tendo uma recepção irregular. Torci para que ela não estivesse esperando minha resposta — afinal, ela estava na Islândia, escalando geleiras e flutuando em fontes termais. Eu mandaria uma mensagem para ela assim que recebesse recepção, prometi a mim mesmo. Foi tudo o que pude fazer, enquanto me levantava e me perguntava se deveria dizer adeus a Anders — e como poderia dizer adeus a Anders.

Uma parte de mim se perguntava se eu deveria simplesmente entrar no carro e ir embora. De qualquer forma, eu seria apenas um capítulo na vida dele, talvez nem isso. Mas foi um bom capítulo. Um lindo parágrafo. Uma menção feliz.

Ela se levantou e tirou o pé da saia para sair.

"Sabe", eu disse pensativamente, enquanto me lembrava da maneira como Anders beijou meu ombro à luz da manhã, a maneira como seus dedos se encaixaram nos meus, o sol brilhando em seus cachos loiros, "não há problema em não saber como algo está acontecendo. vai dar certo. Se aprendi alguma coisa sobre estar aqui é que vale a pena arriscar, mesmo que seja o errado. Você vale essa chance. E eu também."

Ela sorriu. "Obrigado. Papai estacionou seu carro em frente à livraria. Funciona tão bem quanto a chuva. Boa viagem", acrescentou ela, e partiu novamente para sua loja de jardinagem.

Girei as chaves na mão, observando Eloraton, guardando cada pedacinho na memória. Os prédios. A maneira como as luzes da rua acendiam uma após a outra como dominós. O sussurro suave do vento de

verão por entre as árvores. E quando fiquei satisfeito, guardei minhas chaves.

Havia um último lugar que eu precisava visitar antes de partir.



Estátuas e Limitações

Atravessei a pérgola e desci o beco sombrio até o pátio. O fio suave da fonte ricocheteou nos prédios de tijolos e um estorninho cantou em uma das árvores. No meu bolso, meu telefone vibrou. Eu tirei.

Houve outra mensagem de Prudence: Como vai a viagem?

E então um terceiro – Olá???

Então houve recepção aqui. Mas por que? Quanto mais fundo eu entrava no beco, com certeza meio bar se transformava em um bar completo, depois dois.

Meu telefone vibrou mais duas vezes quando uma mensagem de texto e um e-mail chegaram. O e-mail era da minha reitora, perguntando quando eu voltaria ao campus porque ela precisava de alguém para substituir um professor adjunto nas sessões do Verão II, e a mensagem—

Bem, na verdade havia muitos deles.

Primeiro um de Olivia, depois Ben, depois três de Aditi e alguns GIFs de Ron Swanson de Matt. Decidi deixar todos entrarem antes de tentar decifrar o que era e de quem. Pelo menos eu sabia que meus amigos estavam preocupados comigo — embora, é claro, eles estivessem, eles eram meus amigos. E, à primeira vista, percebi que Pru havia contado a eles que eu tinha feito a viagem sozinho.

Por que Anders não me disse que eu receberia sinal aqui?

Mandei uma mensagem para Pru primeiro...

Olá, estou vivo! Desculpe por preocupar você. <3 E PARABÉNS!!!
Estou tão, tão feliz por vocês dois. Mal posso esperar para ouvir os detalhes.

A mensagem foi enviada e esperei que ela respondesse enquanto caminhava em direção à fonte. O pátio esquecido parecia tranquilo no final da tarde. As sombras das árvores eram longas, pintando tudo com um lindo tom de dourado, salpicado com reflexos de vaga-lumes despertando enquanto flutuavam pela grama alta.

E se Anders só tivesse vindo para a cidade depois que Bea foi embora, depois do último livro da série, e deste pátio com ele... eles tinham que estar conectados de alguma forma, certo? As estátuas semienterradas às quatro horas pareciam mais do que importantes agora. Todas as estátuas eram de Anders? Quando tirei as vinhas deles, alguns dos rostos ainda eram estranhos para mim. Repetidas vezes, repetidas com variações ligeiramente diferentes e depois descartadas, como se o escultor não conseguisse acertar nenhuma delas. Alguns deles tinham nomes riscados nas palmas das mãos ou atrás das orelhas, mas só consegui distinguir um...

COMO.

Essas iniciais. O mesmo vale para a camiseta do clube de xadrez de Anders. A era seu primeiro nome. Anderson. S era... Smith? Não, Rachel Flowers nunca faria isso.

Tracei a testa estóica de uma das estátuas semienterradas de Anders, quando meu telefone tocou alto. Isso me tirou dos meus pensamentos e rapidamente verifiquei a tela. Foi o bate-papo do clube do livro.

Você me deve uma bebida, Janelle mandou uma mensagem. Perdi dez anos da minha vida me preocupando!!

Matt mandou uma mensagem: ACHAMOS QUE VOCÊ ESTAVA MORTO.

Aditi acrescentou: Eu li uma história de crime verdadeira onde encontraram CORPOS em BARRIS DE PETRÓLEO. Foi em New Hampshire, mas é perto, certo?

Eu me peguei sorrindo enquanto Olivia repreendia Aditi por causa da geografia, e Janelle perguntou se eu tinha ouvido a notícia.

Eu fiz!! Eu mandei uma mensagem. Estou tão feliz por ela.

SOBRE. DROGA. TEMPO, Janelle concordou. E você está bem? Prunos contou... você está na cabana?

Não, respondi com sinceridade, mas imaginei que o resto poderia ter sido um pouco mais inacreditável, então contei a eles uma coisa simples: meu carro quebrou em uma cidade pequena e eu estava esperando que ele fosse consertado desde sempre. desde.

Cidade fofa?? — perguntou Olívia.

Então Benji, o doce e atencioso Benji, mandou uma mensagem: Qual é o nome da cidade? Você precisa de uma carona?

Certo, porque ele morava na cidade de Nova York. Eu estremei. Não, eu mandei uma mensagem de volta. E não consigo lembrar o nome disso — estou bem! O dono da livraria aqui me alugou o loft acima de sua loja. Vou mandar uma mensagem para vocês quando chegar na cabana. Não será o mesmo sem todos. <3

No ano seguinte, Janelle praguejou, e gostei do som disso.

Sentei-me contra a fonte e inclinei a cabeça totalmente para trás para olhar as estrelas. O céu estava começando a ficar novamente coberto de nuvens de chuva, embora isso estivesse se tornando uma visão normal para mim. Devem ter sido as tempestades que mudavam lentamente e sopravam durante a noite. Eu sabia que deveria partir antes que a chuva começasse. Então peguei minha bolsa e abri para colocar meu celular no bolso da frente, quando percebi que o livro dentro tinha um título na lombada novamente.

SONHOS DE DAFFODIL

Meu coração pulou na minha garganta. Eu me esforcei para tirá-lo. A capa também estava lá novamente, não mais um borrão, e quando a abri...

As palavras, todas elas, estavam lá. As páginas com orelhas, as manchas de café, tudo isso. Passei pelas páginas, o som enchendo minha alma de felicidade, até parar na página dedicatória.

Assim como.

O trovão retumbou no alto e uma gota de chuva caiu na minha bochecha, outra no meu nariz. Antes de vir para Eloraton, Anders disse que todos os dias eram iguais. Uma tempestade começou ao meio-dia e depois outra no final da tarde. Gail sempre queimava seus hambúrgueres, e o caramelo era sempre doce, e a pousada estava sempre em constante estado de restauração...

Como se o autor tivesse saído no meio da frase.

Porque ela tinha, e quem mais iria querer protegê-lo?

Os olhares que lançava aos habitantes da cidade quando pensava que não notavam, a forma como sabia tudo sobre eles, a sua paciência com Lily. Como ele só entrou depois do último livro, sem ter ligações com ninguém, sem raízes, e ainda assim se sentir tão em casa. Como ele veio para a cidade e não saiu – nem uma vez – embora tivesse uma irmã que queria que ele a visitasse. Seus comentários suaves sobre a autora, a maneira como ele olhava para a assinatura dela quando abria meus romances, como um fantasma encontrando outro.

Estava bem ali. Estava tudo bem ali e eu não conseguia ver.

Corri para fora do pátio, meu coração batendo forte. Não poderia ser ele – não poderia. Ele teria me contado, certo?

Meu tênis ficou preso na calçada e eu cambaleei para fora do beco. A chuva caía com mais força agora, encharcando a cidade. Não chovia à tarde há alguns dias. Não desde que as coisas começaram a mudar novamente. Não desde que acidentalmente tirei Eloraton de sua pequena cápsula do tempo perfeita.

Eu sabia agora por que ele queria manter tudo como estava.

Por que ele não queria ondulações.

Tudo estava exatamente como ela havia deixado. Ainda estava perfeito em seu pequeno jardim.

Aí eu vim e estraguei tudo pensando que estava ajudando, e o pior foi que eu entendi. Porque meu vestido de noiva ainda estava pendurado na bolsa do armário, meus sapatos de noiva na caixa. Eu ainda tinha meu cadastro salvo no celular, guardava um cartão postal com a data marcada na gaveta de roupas íntimas, para que tudo ficasse exatamente como estava, exatamente como Liam deixou – quando eu ainda estava feliz.

Anders ficou parado no balcão, como fazia todas as tardes desde que cheguei à cidade, a cabeça apoiada na mão, lendo outro romance. Ele

parecia tão à vontade aqui na livraria que isso me enganou durante dias. Achei que ele parecia estar em casa aqui porque foi assim que Rachel escreveu para ele – porque ele pertencia.

Mas eu estava errado.

A noiva dele não era sua ex, a noiva dele era... ela era...

A campainha acima da porta tocou e ele olhou surpreso. “Eu... eu pensei que você tivesse ido embora.”

“Acabei de perceber”, engasguei, tentando recuperar o fôlego. O frio da livraria, aliado às minhas roupas molhadas, me deu arrepios. “Eu nunca perguntei seu sobrenome.”

A compreensão brilhou em seus olhos verdes. Ele fechou o livro e se endireitou. “Ah,” ele murmurou, franzindo a testa. “Sinclair”, disse ele, como se soubesse que as consequências quebrariam o feitiço. Ele cerrou os punhos como se estivesse se preparando para a revelação. “Anderson Sinclair.”

Eu já sabia, mas ouvir o nome dele nos lábios tornou isso real. Nunca consegui descobrir quem ele era nesta cidade porque ele não era ninguém – não, ele estava na história real de Rachel. Ele tinha feito parte de sua vida, seu final feliz – interrompido.

“Você é... a pessoa a quem ela dedicou todos os seus livros. Ela era sua noiva.

“Ela era”, disse ele, “era uma vez”.



O Último Manuscrito

POR QUE VOCÊ NÃO ME DISSE? Perguntei.

Ele esfregou a nuca. “Porque...” E ele ficou quieto, como se tentasse encontrar as palavras certas enquanto olhava para os livros em suas mãos. “Gostei que você não me visse apenas como alguém cuja noiva morreu. Você me viu.”

Mas isso não era verdade. Nem um pouco. Eu o estudei, me perguntando o que mais ele havia omitido, o que não havia dito. A chuva escorria pelas laterais do meu rosto e pingava nas minhas roupas. Eu devia estar com a mesma aparência daquela primeira noite: um gato afogado vindo da tempestade. Teria sido poético, um círculo perfeito, se eu não me sentisse tão enganado. “Eu só vejo as partes que você me deixou”, eu disse, balançando a cabeça. “Eu devo ir-”

Ele deixou escapar. “Minha cor favorita é azul.”

“O que?”

“Meu animal favorito é um ornitorrinco. A única vez que andei a cavalo, isso me empurrou e fiquei com uma cicatriz aqui para provar isso.” Ele apontou para a cicatriz no lábio superior. “Fui para a NYU para fazer a graduação e depois para a Columbia para fazer a pós-graduação. Eu queria estar o mais longe possível dos meus pais.”

“Esses são apenas fatos”, eu disse. “Eu provavelmente poderia pesquisar isso no Google.”

Então ele perguntou, implorando: “Então o que você quer saber?”

Tudo, e isso era perigoso porque eu estava indo embora, e quanto mais eu aprendesse sobre ele, mais difícil seria deixá-lo ir. Mas... olhei para o livro em minhas mãos e depois para ele.

"Você pode me contar sobre ela?" Eu perguntei, a curiosidade vencendo meu julgamento. Quanto menos eu soubesse sobre ela, melhor, mas não conseguia tirar o fantasma dela dos meus pensamentos. "Quer dizer... eu a conheço, mas... mas não."

Ele assentiu e fechou seu romance. “Éramos vizinhos quando crianças. Estudamos na mesma escola secundária, na mesma escola secundária. Comecei a sair com ela duas semanas antes do baile. Nunca imaginei que ela diria sim para uma criança cheia de espinhas e magricela como eu”, começou ele, e quando falava dela colocava reverência em cada palavra, gostava de saborear a memória dela, ele também saboreava suas palavras. “Ela me fez sentir uma pessoa melhor apenas por estar perto dela. Sempre que ela ficava com raiva, ela ficava com uma pequena ruga entre as sobrancelhas, e seus pés sentiam cócegas, e ela ria de cada piada do pai.” Os resquícios de um sorriso cruzaram sua boca, e achei que ele não percebeu, muito perdido em suas memórias.

Estudei aquele sorriso meio esquecido. Foi agridoce. Doente. "Você sente falta dela."

E ele nunca pararia de sentir falta dela, porque a perda era isso no final das contas: quebrar um pedaço de você mesmo que nunca mais recuperaria. Houve pessoas que tentaram preencher essa lacuna com trabalho, e houve pessoas como eu que tentaram preencher essa lacuna com histórias; as pessoas o preenchiam com o que cabia.

"Claro que eu faço. Às vezes, aqui, quase consigo me enganar pensando que ela também está aqui. Ele balançou a cabeça, sem palavras. “Mas nada disso é desculpa e sinto muito.”

Engoli o nó na garganta. "Eu acho que entendi. Você só queria viver na história dela."

“A próxima melhor coisa depois de fazer um com ela, certo?” ele perguntou, e foi de partir o coração como sua voz falhou no final. Comecei a alcançá-lo, mas ele se levantou do balcão. "Eu quero te mostrar algo. Eu

deveria ter mostrado isso a você antes”, acrescentou, e fez sinal para que eu o seguisse até o fundo da livraria. Eu não tinha certeza para onde ele me levava, até que ele abriu a porta do escritório dos fundos e voltou com uma pasta de papel pardo e uma toalha. Sentei-me no sofá, enrolei a toalha nos ombros e ele me entregou a pasta. "Aqui."

Dentro, havia páginas impressas de computador. As páginas estavam todas enroladas e gastas, marcadas com abas.

Eu fiz uma careta. "O que é isso?"

Ele sentou-se ao meu lado e fez sinal para que eu abrisse. “É o último livro de Rachel. Ou, pelo menos, metade disso.”

Curiosamente, abri a pasta. Eu não sabia o que esperava encontrar, mas não era isso. Maya Shah Gets the Girl, de Rachel Flowers, dizia a página de título. Voltei-me para o primeiro capítulo.

Maya Shah nunca chorou.

“Esta... esta é a última história?” Eu perguntei, minha voz soando como se estivesse a milhares de quilômetros de distância.

“A maior parte”, ele esclareceu, e eu virei para a última página e rapidamente descobri o porquê. Era um livro quase pronto – a história ficava numa frase que nem estava completa.

Um romance que ficou sem um final feliz.

Olhando as páginas, lembrei-me do que Maya me dissera sobre me sentir presa, como se nada tivesse se movido, nada tivesse mudado. E então o que Lyssa disse, sobre se sentir perdida. Eles eram os únicos, além de Anders, que sabiam disso, e agora eu percebi o porquê. Porque esta era a história deles. Deixado de lado na pior parte.

Eu estava errado esse tempo todo. Anders não era o interesse amoroso desta história – Maya era.

“Rachel nunca terminou o livro”, disse Anders, observando-me folhear as páginas. “A cidade ficou, por muito tempo, congelada exatamente onde ela a deixou. Onde... — Ele desviou o olhar, e a carranca que apareceu em seus lábios adquiriu um sabor agri-doce. “Onde ela me deixou. Então você apareceu e as coisas começaram a andar novamente.”

A livraria estava em silêncio, como se as estantes estivessem se inclinando para ouvir.

“Eu estraguei tudo para você”, murmurei.

“Não”, ele respondeu, e pegou minhas mãos nas suas. Não consegui olhar para ele, ainda perdido nas páginas em meu colo. Ele apertou minhas mãos com força, finalmente atraindo minha atenção para ele. Seus olhos eram gentis, implorando para que eu ouvisse. “Se você ler essas páginas, verá que Ruby e Jake já estavam caminhando para um rompimento, e Gemma e Thomas estavam ficando entediados, e o Daffodil Inn estava quase, quase, aberto novamente, e Maya e Lyssa estavam em apuros. de... acho que Rachel sempre chamou isso de noite escura da alma? Lembro que ela estava frustrada porque não sabia como tirá-los daquela situação. Ela tentou de tudo e disse que nada parecia bom.” Ele franziu os lábios, porque era claramente desconfortável para ele falar sobre isso – sobre Rachel Flowers. Sua noiva. Seu melhor amigo. Seu... tudo. “Depois, eu não sabia como viver em um mundo sem ela. Achei que não queria. E então percebi que não me lembrava mais da risada dela. O sorriso dela. Eu a estava perdendo, um dia de cada vez. Então voltei para onde... para onde aconteceu o acidente — ele disse um pouco mais baixo e engoliu em seco. “Não sei por que fiz isso. Eu não sabia mais para onde ir. Mas, em vez disso, encontrei Eloraton, e tudo estava exatamente onde ela deixou. Tudo – cada pedacinho. Até os rascunhos excluídos, as ideias que nunca aconteceram...”

“O pátio”, percebi.

Ele assentiu. “Sim. Estava tudo lá e pensei... que poderia simplesmente ficar. Por um tempinho. E um pouco se transformou em meses, depois em um ano... depois em dois. Todos os dias eram iguais, onde os hambúrgueres estavam sempre ligeiramente queimados e o caramelo era doce e chovia à tarde. Eu sabia de tudo, como um relógio.”

Ele passou os polegares pelos nós dos meus dedos. “Na noite em que você chegou à cidade, eu sabia que não deveria ser pego pela chuva. Mas eu fiz, de qualquer maneira. Apenas por algo diferente, eu acho. Para me lembrar de algo novo. Aí você chegou e tudo começou a mudar.”

“Eu não queria que nada disso acontecesse.” Minha voz tremeu. Era por isso que ele não queria que eu estragasse nada, porque esta cidade era tudo o que ele sempre amou no amor de sua vida. Fechei a pasta parda,

sentindo enjôo no estômago. “Eu deveria ter saído quando você me mandou. Eu deveria ter-”

Ele se inclinou mais perto, implorando que eu olhasse para ele, e apenas para ele. “Você não está ouvindo, Eileen.”

“Claro que sou!” Tirei minhas mãos das dele. “Acho que finalmente estou ouvindo você! Você me disse para não mexer em nada e então eu vou e...”

“Você trouxe a cidade de volta à vida”, disse ele, desesperado. “Você fez isso se mover de novo.”

“Você me disse para não fazer isso!”

“E eu estava errado”, ele admitiu.

Isso me deixou com a língua presa. Ele... ele o quê?

“Eu estava errado”, ele repetiu, e moveu a pasta para a mesa de centro. Ele enfiou os dedos nos meus e apertou-os com força. “Eu estava com medo de que, se essa história terminasse, seria isso – não haveria mais histórias, e não haveria mais Rachel – mas eu estava errado sobre isso também. Porque as histórias dela vivem em você, nos seus amigos e em todos os outros que lêem o trabalho dela. Ela se foi e não. Ela está morta e nunca morrerá, e essa é a parte das histórias que eu esqueci. E você me ajudou a lembrar. Talvez esse final não seja o que Rachel tinha em mente, mas não me arrependo.”

Minha garganta estava apertada. “Por que?”

“Porque nesta história de amor”, respondeu ele, pegando meu queixo entre as mãos e aproximando meu rosto do dele, “eu conheci você.” Se eu me permitisse, poderia me perder naqueles olhos peridotados.

Meu coração pulou. Ele realmente quis dizer isso?

Seu polegar percorreu meu lábio inferior, e o toque leve me lembrou das horas que passamos na cachoeira e, mais tarde, no loft. O que suas mãos poderiam fazer. “Por muito tempo, eu simplesmente... existi. Eu simplesmente fiquei onde estava e tudo ficou também. Exatamente onde ela nos deixou. Minha vida se tornou um memorial. Não era mais meu.

Eu conhecia essa sensação: estar congelado porque você está dolorido demais para se mover. A vida parecia mais fácil quando nada mudava, mas isso acontecia apenas porque você ficou insensível ao mundo ao seu redor.

“Mas você me lembrou que as coisas nem sempre precisam ser boas, repetidamente, mas podem ser ótimas, alguns dias. Perfeito mesmo. Passei

tanto tempo tentando me misturar com o cenário que esqueci como é isso.”

Minha garganta apertou. "Esse?"

Ele fez um gesto entre nós. "Esse. Quando estou perto de você — acrescentou ele, relaxando os ombros tensos, e voltou aqueles olhos mentolados para meu rosto para estudá-lo — meus olhos, meu nariz, minha boca. Muito minha boca. “Eu me sinto como alguém de novo.”

Meu coração batia forte e alto na minha garganta. “Como um personagem principal em sua própria vida?”

“Ou... apenas alguém importante na sua,” ele murmurou, e para uma surpresa para nós dois, ele se inclinou, mas eu também, como duas estrelas caindo na gravidade uma da outra...

Do hall de entrada, Lily gritou: “Tio Andie! Tio Andie! Você tem algum livro sobre abelhas?”

Ele gemeu de exasperação. “Lírio...”

Uma parte de mim estava feliz por ele não ter me beijado, a outra parte amargurada que Lily interrompeu. Ele se levantou do sofá, o momento passou, e eu suspirei de... alívio? Foi alívio?

Eu disse a mim mesmo que sim.

“Você deveria se secar”, disse ele, “e parar de rastrear água em minha loja”.

Eu coloquei um sorriso. “Ah, aí está o Anders que eu conheço. Vou me trocar e seguir meu caminho.

Ele parecia confuso. "Oh? Terei que encontrar outra data para amanhã? Sentei-me um pouco mais ereto. "EU ..."

“A menos que você já tenha planos para o casamento.”

Eu tinha uma cabana para ir, livros para ler e um melhor amigo para quem ligar e pedir desculpas e... “Sem planos”, eu disse.

“Boa menina”, ele respondeu, e saiu para a frente da loja. “Estou indo, Lily,” ele chamou, e quando ele se foi, eu caí de volta no sofá e respirei fundo.

Então deixe sair novamente.

Meu coração bateu forte. Minha cabeça parecia estar nas nuvens. Por que minha mente não parava de girar? Por que isso me lembrou o quão verdes eram seus olhos, quão macios eram seus lábios quando ele me beijou ontem à noite? Sua risada? Seu tudo? E por que doeu pensar em dizer adeus?

E a compreensão me atingiu como um trem nos trilhos—

Eu estava me apaixonando por uma pessoa real, total e irrevogavelmente contra a minha vontade.



Todas as estradas

JUNIE E WILL CASARAM-SE na noite seguinte, numa noite perfeita de verão. Tínhamos passado o dia inteiro decorando o Narciso com roxos profundos, amarelos ensolarados, azuis água-marinha e verdes sálvia. Às vezes, Anders olhava de relance do outro lado da sala, ou esbarrávamos em um corredor, tocávamos as mãos, e cada pedacinho dele causava arrepios na minha espinha. Cada vez que eu pensava em beijá-lo, tocá-lo, estar com ele, meu peito apertava tanto que mal conseguia respirar.

Eu não queria me apaixonar de novo, porque e se tudo desse errado? E se Anders visse alguma falha que eu não tinha visto e, como Liam, soubesse que poderia fazer melhor? Mas e se ele fosse embora comigo? E se as coisas dessem certo? Eu também não tinha certeza se conseguiria lidar com isso. Era a minha ansiedade falando, eu sabia que era, mas não havia mais ninguém na minha cabeça que me dissesse o contrário.

Eu estava assustado. Eu não precisava de amor.

Mas ah, ah, como eu queria.

Peguei emprestado um vestido floral da Gemma e um par de saltos da Ruby que eram um pouco grandes demais, e pensei no vestido de noiva que ainda estava pendurado no meu armário e nos sapatos ainda na caixa, e em como aquela vida teria sido tão diferente. do que aquele que vivi agora. Eu

não seria a mesma pessoa. Eu não tinha certeza se me reconheceria. Mas eu sabia, no fundo, que esse era eu. Esta versão, mutilada de desgosto e esperança, tudo misturado, e eu gostei disso.

Eu gostei muito disso.

A cerimônia foi barulhenta e alegre, e eu nunca esqueceria a expressão no rosto de Will quando ele viu Junie pela primeira vez, enfeitando as escadas a caminho do primeiro andar, emoldurada tão perfeitamente com suas melhores amigas de cada lado. Vestido de renda com bainha até os joelhos, mangas compridas rendadas, uma coroa de flores de narcisos amarelos brilhantes e aqueles Converse rosa surrados.

Eles fizeram seus votos aos prantos e se beijaram, e por um tempo depois, enquanto aplaudimos e aplaudimos, eles pressionaram suas testas, e ele sussurrou algo suave, algo que a fez sorrir, e meu coração doeu porque eu gostaria de saber o que ele disse. . Eu gostaria de saber o que ela respondeu. Desejei que a cena pudesse ter sido pintada com as palavras de Rachel Flowers e desejei poder lê-las sentada no meu sofá floral, com Pru do outro lado.

Eu gostaria de poder ouvir o comentário dela, e gostaria de ter entregado lenços a ela uma última vez, e gostaria que pudéssemos ter conversado a noite toda sobre o encontro fofo, as frases delicadas, o final feliz.

Pru teria suspirado, contente e melancólica. Ela teria dito: “Oh, que brega” e adorado cada palavra.

Atrás de mim, ouvi Jake sussurrar algo para Ruby e olhei por cima do ombro enquanto eles desapareciam pelos fundos e entravam no jardim. Eu não sabia o que eles disseram, mas sabia que Ruby estava sorrindo enquanto ele beijava delicadamente as pontas dos dedos dela. Eu não era muito bom em ler lábios, mas conseguia ler os dele...

“É você”, ele disse a ela. “Onde quer que seja, com você.”

Ela segurou o rosto dele entre as mãos. "Então vamos dar o fora daqui, querido", ela respondeu, e esmagou sua boca na dele.

Peguei uma taça de champanhe na mesa do bufê e, ao meu redor, histórias encontravam seu fim, círculos se conectavam, pontos finais e últimas páginas e o baque suave de um livro muito amado e fechado em adoração.

No final das contas, a história não precisava de mim. Só precisava de alguém – qualquer um – para virar a página.

Num canto da sala, Frank conversava com Gail, de bochechas rosadas e rindo, e Gemma dançava, com Lily nos pés, e o ar estava claro e todos eram amados.

Eu não culparia Anders por querer ficar tanto tempo.

Em outra vida, tenho certeza de que poderia ter me inscrito no Eloraton e me tornado aquela peculiar professora de inglês que morava no sótão de uma livraria independente, em busca de seu grande romance americano. Eu não precisava ser outra pessoa. Definido por poucos adjetivos e um nome, preenchendo as histórias dos outros para que não se sentissem tão vazios. Teria sido uma boa vida. Mas eu queria um pouco mais.

Anders apareceu ao meu lado e me ofereceu a mão. “Quer dançar, senhorita Merriweather?”

Meu peito ficou apertado e disse a mim mesmo para aproveitar isso. “Ora, Sr. Sinclair”, respondi, colocando minha mão na dele, “pensei que você nunca iria perguntar.”

Ele me levou para a sala e dançamos lentamente, rosto colado. Fechei os olhos e decidi guardar isso na memória. A sensação de seu rosto barbeado contra o meu, o cheiro de sua loção pós-barba, os cachos macios de seu cabelo louro. Eventualmente, dançamos até a varanda. Ele começou a cantarolar a música lá dentro – e eu finalmente a reconheci.

Era a melodia dos estorninhos.

“Venha Eileen.”

Eu o segurei com mais força. “Eu acho”, sussurrei, “que estou me apaixonando por você.”

Ao que ele respondeu, sem perder um único passo de dança, como se já soubesse: “Não sou namorado de livros, sabe. Sou real.”

“Eu sei”, concordei, e com meu rosto contra o dele, apreciando o cheiro de sua loção pós-barba e o calor de sua pele, e a maneira como, quando dançamos, parecíamos respirar juntos também, “e eu acho que você vale a pena o desgosto.”

Por mais difícil que fosse o desgosto.

Quando a dança terminou, nos separamos. “Vamos, Eileen”, disse ele, imitando a canção do estorninho, “eles não vão sentir nossa falta. Há um

lugar que quero mostrar a você.

Então ele me pegou pela mão e me puxou para o jardim. A noite estava fria e escura, e os vaga-lumes voavam das roseiras às hortênsias e aos carvalhos que ladeavam a parte de trás do jardim. Passamos pelo arco coberto de mato e chegamos a um pátio sombrio.

Eu sabia onde estávamos. O lugar esquecido, emoldurado por aquelas estátuas perdidas e pensamentos meio apagados. Agora que pude comparar Anders às estátuas com seu rosto, pude ver o que estava faltando em todos eles. As partes que já estavam em Eloraton – as partes que ela deu a outros personagens. As lápides eram rascunhos que ela enterrou em pastas em sua área de trabalho ou excluiu ou perdeu, embora THISDRAFT SUCKS_V4_FINAL.docx devesse ter se transformado em alguma coisa.

“Bem, não é uma grande surpresa”, ele continuou, girando nos calcanhares para andar para trás e me encarar. Ele arqueou uma sobrancelha. “Acredito que você já conhece este lugar.”

“Você não é muito sutil em se esgueirar”, apontei.

“Nem você.”

Eu sorri. “Somos um par, então. O que, oh, o que você fará quando eu for embora? Eu quis dizer isso como uma piada, mas seu rosto ficou sombrio.

“Eu acho...” ele começou, sentando-se perto da fonte. Ao longe, através do beco, as janelas da estalagem brilhavam com vida e risadas. “Acho que vou embora também. Você tem espaço no seu carro já que sacrifiquei o meu pelo seu?”

Meu coração pulou na minha garganta. “É isso que você quer dizer?”

“Sim”, ele disse. “Acho que já passei bastante tempo perdido em um livro.”

“Mas... se você for embora, e se não puder voltar?”

“Eu sei. E quando cheguei aqui, teria ficado com muito medo disso. Mas tudo segue em frente. E eu quero seguir em frente também. Estou cansado de viver a mesma página todos os dias. Eu quero algo novo. Acho que Rachel iria querer isso para mim também. Fiquei tanto tempo porque... — Ele mastigou as palavras, escolhendo-as com cuidado. “Achei que se ficasse aqui por tempo suficiente, descobriria onde ela me escreveu em seus livros. Eu encontraria uma personagem como eu e sentiria o quanto ela me amava pela última vez. Há tantos amigos nossos aqui, ou pelo menos

grandes pedaços deles. Mas... — Ele franziu a testa, como se estivesse tentando conter uma emoção forte, e não tinha certeza do que era. “Mas estou apenas neste cemitério de ideias – nem estou na cidade. Ela colocou tudo o que sempre amou nesses livros, até a torrada francesa e os estorninhos, e eu não estou aqui.

Isso me deixou perplexo. Não que ela não o tivesse colocado na cidade, mas ele não conseguia perceber.

Estendi a mão e peguei-o pela mão. "Mas você é."

Suas sobrancelhas franziram em confusão.

Eu segurei sua bochecha com minha mão. “Você está em toda parte nesta cidade”, eu disse. “Você está na teimosia de Jake, em seu sorriso, e você está na genialidade de Thomas e em seu andar, longo e flexível, como se ele estivesse sempre atrasado para algum lugar. Você está na dedicação de Will, no amor em seus olhos e na cicatriz em seu lábio,” eu disse, e tracei aquela cicatriz fina, “e tenho certeza que você olhou para Rachel da mesma forma que ele olha para Junie. , e Anders — Anders — é o tipo de visual que move montanhas. É o tipo de olhar de quem abriu mão da vida inteira para viver uma história inacabada. Ela escreveu você em tudo isso. Você não pode ver porque está muito perto, mas acredite, ela te amava. Ela te amava tanto.

Seus olhos verdes, verdes, ficaram molhados de lágrimas. “Eu nunca percebi...” Ele colocou a mão sobre a minha em seu rosto, segurou-a com força e beijou a palma da minha mão. "Obrigado."

“De nada,” eu sussurrei.

E eu sabia que Rachel estava aqui também. Quando ela morreu, comecei a me perguntar o que aconteceu com a história que ela deixou para trás. Será que simplesmente desapareceria quando ela o fizesse? Ser esquecido? Mas eu já estava aqui há tempo suficiente para saber que, quando finalmente pegasse a única estrada para entrar e sair de Eloraton e cruzasse a Ponte Charm, nunca mais voltaria. Eu tinha certeza, mas isso não significava que a história parasse. Não funcionaria, porque o mantivemos vivo – lendo seus romances, imaginando o que viria a seguir – e porque seu trabalho sobreviveu, ela também sobreviveu. De pequenas maneiras.

Em pequenas coisas, ela ficou.

Mesmo enquanto a história avançava.

Anders se inclinou e me beijou. Sua boca tinha um gosto salgado de lágrimas, misturadas com o champanhe borbulhante do casamento. Foi uma combinação agri-doce. Tinha um gosto esperançoso. Eu me afastei. Ele também sentiu isso. O início de algo, de uma história, se deixarmos.

“Você acha que eles já estão sentindo nossa falta?” Perguntei.

"Talvez. Eu tenho uma música impecável... Você ouviu isso? Ele inclinou a cabeça.

“Ouça o que—”

“Shh,” ele murmurou, pressionando um dedo na minha boca. "Alguém está vindo."

“Maia?”

Em resposta, ele me pegou pela mão e me puxou para trás de uma cerca viva. Dentro dela havia um casal abraçado, com os rostos cobertos por trepadeiras. Separamos as folhas silenciosamente enquanto Maya e Lyssa atravessavam o arco e entravam no pátio. Eles estavam sussurrando e rindo, e havia uma nova abertura em Lyssa que eu nunca tinha visto antes.

“Lamento que você tenha esperado tanto tempo”, disse Lyssa, pegando Maya pelas mãos e entrelaçando seus dedos.

"O que mudou?" Maya perguntou.

“Alguém me disse que vale a pena arriscar o amor, mesmo que seja o errado.”

A dor brilhou no rosto iluminado pela lua de Maya. "Você acha que vai se arrepender de mim?"

“Não”, respondeu o jardineiro, aproximando-se da garota que ela amava há anos, embora nunca tivesse dado ao seu coração a chance de admitir isso. “Acho que vou me arrepender de nunca ter feito isso.”

Então ela beijou Maya Shah no pátio esquecido. E o verão continuava zumbindo, úmido e claro, sem nuvem no céu, e os vaga-lumes pousavam nas beiradas das folhas altas demais da grama, e assim, tão silenciosamente, o vento que suspirava por entre as árvores soava como a virada de uma página.

Foi um fio que Rachel colocou em movimento no primeiro livro, que se concretizou mesmo sem a minha ajuda.

Porque às vezes as coisas simplesmente se encaixam. Às vezes as coisas eram para ser.

Anders sorriu para mim, eu retribuí e batemos os punhos.

Um final verdadeiramente feliz.

“Vamos fugir?” ele murmurou.

Eu balancei a cabeça.

Quase fomos pegos quando Anders tropeçou em um busto da própria cabeça, mas Lyssa disse que provavelmente era o gambá e beijou a namorada novamente. Saímos correndo do jardim e voltamos pela varanda até a pousada, onde o suave brilho dourado da luz iluminava a varanda. Os dedos de Anders entrelaçaram os meus e parecia natural.

Parecia fadado.

“Alguém mais chamou a espingarda?” ele perguntou brincando.

Eu pensei nisso. “Você pode ter que brigar com a caixa de vinho...” Parei quando notei uma figura nos portões da frente da pousada. Cabelos escuros, altos, finos e cacheados. Eu a vi um momento antes de Anders, e quando ele viu, parecia que ele tinha visto um fantasma.

Porque Beatrice Everly parou nos portões do jardim e voltou para casa.



Raquel Flores

NUNCA CHEGUEI PARA NADA na hora certa.

Escola? Casualmente atrasado. Clubes universitários? Você teve que me dizer para chegar pelo menos trinta minutos mais cedo. Noite de Natal? Novos anos? Visitas médicas? Eu ri diante dos compromissos do calendário, assim como minha mãe fez antes de mim. Ou cheguei muito cedo ou muito tarde. Nunca houve um meio-termo.

A única vez que cheguei na hora para alguma coisa foi na noite em que Pru e eu conhecemos Rachel Flowers. Foi um evento em uma livraria pequena e despretensiosa em Decatur, onde havia tantas plantas de interior quanto livros, e cadeiras suficientes para uma pequena horda de fãs.

Nenhum deles apareceu — com exceção de Pru e eu.

Começamos a ter uma ideia de que o evento estava indo mal quando nos sentamos na primeira fila (Pru sempre insistiu em conseguir os melhores lugares, não importa o que acontecesse, então estar felizmente confortável no fundo da sala nunca seria meu sonho). muita coisa na vida) e quanto mais nos aproximávamos do horário de início do evento, mais aparentes se tornavam as cadeiras vazias ao nosso redor. Alguns clientes vieram comprar livros e alguns perguntaram para que servia o evento, mas

quando souberam que era um “autor de romance”, muitos deles pareceram divertidos com a ideia, mas nunca se demoraram.

Mas enquanto eu ficava preocupado com o comparecimento, Pru estava extremamente animada. Ela não se importava se havia uma pessoa na plateia, ou dez. Ela segurou o novo livro – Return to Sender – contra o peito e esperou com uma expectativa nervosa. Nunca havíamos conhecido um autor antes, pelo menos nenhum que amávamos. (Infelizmente, conheci alguns dos quais não gostei nada, e isso foi bastante lamentável em meu ramo de trabalho.)

“Tenho tantas perguntas para fazer a ela”, Pru me disse, contorcendo-se na cadeira como uma criança. “Cem perguntas! Você acha que eu deveria fazer uma lista dos meus dez primeiros?”

Olhei ao redor para os assentos vazios. “Acho que ela pode ter tempo para um ou dois.”

Pru riu.

“Eu me sinto mal por ela”, eu disse. “Ninguém está aqui.”

“Sim, mas estamos aqui.”

“Somos apenas duas pessoas.”

“Duas pessoas a mais que zero”, ela respondeu simplesmente, e então engasgou. “Ah, lá está ela! Como está meu cabelo? ela acrescentou, de frente para mim, e quando eu disse que ela parecia bem, ela se virou para a frente e esperou animadamente enquanto uma jovem alta e magra, com cabelos escuros e óculos, se aproximava e se sentava em uma cadeira de pelúcia colocada na nossa frente. Ela se mexeu um pouco nervosa, olhando para nós dois e para mais ninguém. Tínhamos todos a mesma idade. Poderíamos ter ido para a mesma escola, frequentado as mesmas turmas da faculdade. Todos nós poderíamos ter dormido na casa e pintado as unhas juntos, se estivéssemos na mesma cidade.

Foi um pouco surpreendente vê-la pessoalmente, porque ela parecia tão... normal. Como o resto de nós. Eu sabia que isso parecia bobo, porque autores, artistas e estrelas de cinema eram como todos nós, mas mesmo assim foi uma revelação. Aqui estávamos nós, sentados um em frente ao outro, todos humanos, imperfeitos e reais.

O que também era muito real era que não havia mais ninguém aqui – e quero dizer, ninguém. Foi como se no segundo em que o relógio batesse

sete horas, todos desocupassem o negócio para que houvesse o menor número possível de testemunhas oculares.

O olhar perscrutador de Rachel Flowers pousou em alguém bem no fundo, e quem quer que fosse pareceu se entregar, porque ela sorriu e depois nos cumprimentou.

“Bem, acho que seremos apenas nós esta noite. Posso... E então ela foi até uma mesa de concessões onde o solitário e triste livreiro havia aberto uma garrafa de chardonnay, esperando muito mais gente. Rachel pegou uma xícara, colocou a garrafa debaixo do braço e se sentou ao nosso lado nas cadeiras de metal duro.

“Assim está melhor”, disse ela, e estendeu a mão livre. “Eu sou Raquel. Você bebe?” E ela encheu meus copos e os de Pru novamente e, durante a hora e meia seguinte, conversamos sobre livros, histórias e autores favoritos. Pru havia esquecido cada uma de suas perguntas e só se lembrou delas na manhã seguinte, quando reclamou que o chardonnay barato lhe causara enxaqueca.

Quando pensei no acontecimento, lembrei-me de que o tempo passou tão rápido que fiquei surpreso quando um homem apareceu por trás de Rachel e colocou uma mão gentil em seu ombro. “A livraria vai fechar em breve, Chel.”

O homem provavelmente era Anders, mas minha memória dele era, na melhor das hipóteses, embaçada. A única coisa que eu conseguia lembrar com certeza era a excitação de Pru, mesmo depois de nos mostrarem a porta e estarmos a caminho do estacionamento em uma garagem próxima. Ela transbordou de alegria – ela praticamente vibrou com isso, e foi contagiante. Não sei se foram os três copos de chardonnay ou o fato de a noite ter acabado sendo fresca, fresca e basicamente perfeita, mas essa foi uma das melhores noites da minha vida.

Não porque nos conhecemos e tivemos uma conversa cara-a-cara com nosso autor favorito (ok, talvez isso tenha sido um pouco), mas porque a noite tinha sido... legal. Realmente, e verdadeiramente legal.

No final, pedi desculpas a Rachel Flowers pela horrível participação, mas Rachel apenas sorriu e balançou a cabeça.

"Foi perfeito. Não escrevo para ser o romancista favorito de todos. Escrevo porque adoro isso." E ela fez sinal para minha melhor amiga e para mim. “Parece um cartão Hallmark bobo, eu percebo, mas significa que vou

conhecer vocês dois.” Ela acrescentou, um pouco mais calma: “Na verdade, prefiro eventos menores. Menos chance de eu fazer papel de bobo.”

“Você é tão legal”, Pru disse emocionado. “Como você pôde? Você é perfeito.”

“Meu noivo diria o contrário. Aparentemente eu ronco.

Eu disse: “Onde ele está? Eu o vejo, é luta à primeira vista.”

Ela riu. “Vou avisá-lo.”

Depois ela nos agradeceu e disse que esperava nos ver em outro evento.

Só porque passamos algumas horas com a autora não significava que a conhecíamos, obviamente. Tenho certeza de que Rachel Flowers separou a pessoa que ela era em sua carreira e a pessoa que ela era em particular – mais ou menos como o resto de nós. Raramente mostrava minha mão inteira para alguém que não fosse meu melhor amigo; Raramente expus minhas inseguranças. Havia uma máscara que todos tinham que usar para viver no mundo e guardar os seus corações; a única diferença era que algumas pessoas eram mais públicas do que outras. Pru e eu tivemos sorte – sempre tínhamos o coração aberto quando estávamos juntos. O resto do mundo pode não entender, mas não foi para eles.

“Eu perguntei alguma coisa estúpida? Eu fui irritante? Pru me perguntou e a resposta foi não. Claro que não. “Espero que ela tenha um ótimo resto de eventos da turnê”, ela continuou, e depois praguejou.

Eu perguntei: “O quê?”

“Esqueci de perguntar a ela sobre minhas teorias sobre o final da série! Preciso saber se algum dia eles encontrarão aquele maldito gambá.

“Acho que você terá que esperar e descobrir”, respondi com inteligência. “Não se preocupe, vou ler a última página primeiro e avisar você.”

Ela ofegou. “Você não ousaria, Eileen Marie Merriweather!”

“Oh, eu absolutamente faria.”

Porque Pru e eu éramos opostos e éramos melhores amigos e, às vezes, na vida, isso era tudo de que você precisava para superar os momentos realmente difíceis.

Poucos meses após o evento, Rachel Flowers faleceu em um acidente de carro. Um motorista bêbado deu uma surra nela e no noivo quando eles

voltavam do jantar. O fandom lamentou. Eles enviaram flores para a editora. Eles faziam vigílias em suas livrarias favoritas.

E através das aberturas de tristeza, a série se tornou viral. Todo mundo queria ler sobre o tipo de série que poderia evocar esse tipo de dedicação. Meu melhor amigo supôs que era meio FOMO – as pessoas que não sabiam como chorar queriam participar do luto – e meio coincidência.

O primeiro livro chegou à lista dos mais vendidos do New York Times. Depois o segundo. Terceiro. Depois a série inteira. Os livros e a autora nunca tiveram sucesso enquanto ela estava viva, mas morta?

Ela foi lembrada.

E havia algo surpreendentemente amargo na doçura daquilo. Nunca receberíamos mais livros de Rachel Flowers, apenas obteríamos os ecos deles.

Porque mesmo depois que as pessoas se foram, ainda havia histórias. Sempre houve histórias. Outras pessoas pegaram o cerne de seus livros, mantiveram-nos por perto, alimentaram-nos e transformaram-se em algo novo, porque nada poderia permanecer em êxtase. Nada nunca parou. Nada era permanente. A arte vivia e respirava, como o amor, como a amizade.

A vida – como as obras de arte – foi transformadora.

Isso persistiu.

E através deles, nós também.



A única saída

A MULHER NO portão da frente nos notou e acenou. "Olá. Acho que estou um pouco atrasado para a festa. Ela tinha um sorriso gentil e uma lacuna nos dois dentes da frente. Ela carregava consigo uma mala e uma bolsa pendurada no ombro, e quase jogou as duas no chão assim que passou pelo portão.

Anders rapidamente se aproximou dela para pegar uma sacola. "Deixa-me ajudar ..."

Ela ergueu a mão. "Ah, não, estou bem. Obrigado mesmo assim." Ela recolocou a bolsa no lugar, olhou-o de cima a baixo e estendeu a mão. "Eu sou Bia."

"Anders", ele respondeu, pegando a mão dela.

Observei-os da sombra do jardim, sentindo meu coração inchar e afundar ao mesmo tempo. Rachel Flowers disse uma vez em uma entrevista que raramente escrevia romances. Ela comparou personagens diferentes a usar perucas diferentes e calçar tipos diferentes de sapatos.

"Nenhum deles sou eu", ela disse uma vez a um entrevistador, quando questionada sobre qual personagem era mais parecida com ela. Mas então ela parou por um segundo e pensou sobre isso. "Mas se eu tivesse que escolher, diria que Bea é a mais próxima, mas não me peça para costurar

nada!” ela acrescentou com uma risada, e a expressão em seu rosto se transformou em um sorriso satisfeito. “Ela é a vida que eu adoraria levar se não tivesse acontecido esta. Eu gosto muito deste, no entanto.

Até nas histórias eles se encontraram.

Anders e Bea se entreolharam por um longo tempo sob a luz suave e quente da pousada, como se tivessem se visto em um sonho.

Bea perguntou, sorrindo: “Sinto muito, mas eu conheço você?”

“Eu... acho que não”, ele respondeu, com a voz tensa.

“Você parece tão familiar, só isso”, ela acrescentou, e então voltou seu olhar para mim. “Oi.”

“Oi”, respondi, acenando. Meu peito estava apertado. Eu mal conseguia respirar. “Todo mundo está lá dentro. Eles ainda não cortaram o bolo.”

“Ah, excelente! Adoro essa parte — acrescentou ela, contornando Anders com um último olhar demorado, antes de subir correndo os degraus e abrir a porta da frente. Um momento depois, houve vivas e gritos de “Bea!” e “Você conseguiu!” enquanto todos entravam para abraçá-la e recebê-la em casa, como um membro perdido da família voltando para casa.

A recepção duraria até tarde da noite. Eu poderia ficar e ver o que acontecia. Se Maya e Lyssa dançassem juntas, se Gail e Frank finalmente resolvessem sua guerra de condimentos, para onde Ruby e Jake desapareceram, se Beatrice...

Um nó se formou na minha garganta.

Não, achei que não queria saber, embora parecesse fechar o livro pouco antes da última página.

“Acho que tenho que ir”, eu disse, decidindo naquele momento.

Anders me lançou um olhar confuso. “Você não quer ver como isso termina?”

“Não. Você vem? Perguntei.

Ele hesitou, olhando através da porta aberta para o casamento, para Beatrice, e essa era toda a resposta que eu precisava. Foi a única resposta que ele poderia dar.

Dei a ele um sorriso que significava que estava tudo bem, porque estava tudo bem, porque isso era diferente da última vez que tive meu coração partido. Este homem era gentil e estava triste, e se ele pudesse

encontrar um final feliz em seu passado, quem era eu para impedi-lo? “Vá buscá-la, tigre.”

Para isso, ele beijou minha testa daquele jeito agridoce que as despedidas sempre eram. “Encontre-me na seção de romance”, ele sussurrou.

E eu me preparei para meu coração quebrar—

Mas isso não aconteceu.

Talvez eu fosse mais forte do que pensava. Ou, talvez, o que quer que eu estivesse deixando valesse a pena, porque à minha frente estava Pru, e o clube do livro, e minha história.

Se esta noite teve ou não um final feliz, eu não estaria por perto para descobrir. Talvez isso tenha sido o melhor. Talvez, em algumas histórias, o final não importasse tanto quanto a jornada. Afinal, era um romance.

Todos eles tiveram finais felizes eventualmente.

Não olhe para trás, lembrei a mim mesma enquanto colocava os sapatos de Ruby no portão da frente e começava a correr pela calçada em direção à livraria. Tirei o vestido de Gemma e me despedi de Butterscotch.

Era a hora de ir.

Sweetpea estava exatamente onde Frank a havia estacionado ontem. Ele até limpou os arranhões que sofri no trânsito de Atlanta. Fiel à sua palavra, havia duas garrafas de Frank’s Hotties no porta-luvas, junto com um bilhete:

Adorável trabalhar com esta senhora! Viagens seguras!

Coloquei o bilhete de volta no porta-luvas, coloquei minha bolsa de fim de semana no banco do passageiro e me sentei ao volante. Ajustado o espelho retrovisor. E inseriu a chave.

Liguei a ignição.

O carro fez um barulho e ganhou vida.

Saí do estacionamento e peguei a única estrada de entrada e saída de Eloraton.

Tentei não olhar para trás.

À medida que a ponte coberta vermelha se aproximava, estendi a mão até o espelho retrovisor para ver se conseguia incliná-lo para trás e ver a cidade – mas então me contive.

A ponte veio e eu passei por ela.

E virei a página.



O amor verdadeiro

ESTACIONEI NO LOTE DE CASCALHO que, em qualquer outro ano, estaria lotado com um Prius branco e um SUV alugado, mas este ano estava vago. A cabana em forma de A ficava escura à sombra da lua. Era uma casa linda. Olivia o encontrou há alguns anos e ficamos aqui desde então. Havia uma jacuzzi no deque dos fundos, que dava para as colinas verdes de Catskills.

Desliguei o motor.

Respirei fundo.

Tudo parecia um pouco diferente fora de Eloraton. Apenas um pouco mais alto, um pouco mais vibrante. A cidade já começava a parecer um sonho, onde me lembrava de pedaços de coisas, mas a cada quilômetro que percorria, mais uma coisinha se perdia. O cheiro da chuva na grama úmida. O som dos estorninhos pela manhã. E sempre que eu tentava me apegar a essas lembranças, a esses momentos, à sensação da luz quente do sol em minha pele, aquilo começava a soar como o farfalhar de papel, o cheiro de livros antigos e a sensação de páginas entre meus dedos.

A única coisa que restou — a única coisa — foi Anders. Seu gosto, seu toque, o estrondo de sua risada. Eu estava certo o tempo todo, não estava?

Ele seria um herói sonhador, uma vez que encontrasse seu feliz para sempre.

E eu finalmente encontraria o meu também.

Desabotoando-me, saí do carro e peguei minhas coisas no porta-malas. Os livros estavam afiados novamente, as palavras de volta às páginas. Folheei Daffodil Daydreams e parei em uma página com a primeira menção ao nome de Junie, enquanto ela se perguntava se algum dia se encaixaria naquela pequena cidade de Eloraton. Sorri, lembrando-me dela e de Will emoldurados pelo brilho suave do casamento deles, cercados por uma cidade inteira de pessoas que a amavam, e pensei...

Foi um bom final. Ou talvez um começo.

De qualquer forma, foi bom.

Ouvi o som de uma porta se abrindo, o que era errado — eu sabia que era errado — porque não havia ninguém aqui e havíamos alugado a cabana por mais um dia. Urso? Pensei, mas os ursos não conseguem abrir portas... certo?

“E aqui eu pensei que você nunca apareceria”, disse uma voz familiar, e meu coração pulou na garganta. Fechei o porta-malas rapidamente e ali, emoldurado na porta da cabine, estava minha melhor amiga, ainda com o moletom desbotado da faculdade e as calças surradas. Seu cabelo loiro sujo estava preso em um rabo de cavalo, oleoso da viagem, seus olhos cansados como se ela tivesse acabado de sair de um olho vermelho.

E ela tinha.

Eu não pude acreditar. Pisquei algumas vezes, só para ter certeza. “Pru... mas... mas o que aconteceu com a Islândia?”

“Ainda está lá”, ela respondeu. Ela ergueu a mão e o anel de noivado em seu dedo. “Eu me chutaria para sempre se perdesse esta semana com você.”

Fui em direção a ela e ela desceu os degraus. Ela estava aqui, ela estava aqui, minha melhor amiga...

Nós colidimos e nos abraçamos com força, e ela começou a chorar, e eu comecei a chorar com ela, porque as coisas não eram perfeitas e os finais nem sempre eram felizes, mas nem sempre era o destino que importava.

Foi isso.

Pru e clubes do livro e hambúrgueres queimados disfarçados de molho picante e eventos de autores pouco frequentados e chardonnay barato e

música alta e verões dirigindo por estradas rurais com as janelas abertas e festas de noivado e noites com vinho e banheiras de hidromassagem e bons livros.

 Não era o fim que importava, mas cada palavra que levasse a ele.



A montagem no final

Voltamos para casa na manhã seguinte com a pior ressaca da vida de Pru. Felizmente, eu já tinha isso no início da semana e acho que meu corpo decidiu que eu precisava de uma pausa para não me sentir morto. Pru comparou isso à noite em que Liam rompeu nosso noivado, mas parecia mais como alguns dias atrás, depois da noite das garotas. Quando chegamos em casa, ela postou nas redes sociais que ela e Jasper estavam noivos, mostrou o anel a todos e contou como ele a pediu em casamento...

Num iceberg, tal como previ.

(Acontece que, enquanto Pru voava para Nova York, ele voava para casa, em Atlanta, e andava nervosamente de um lado para o outro em sua pequena cabana em Marietta, até voltarmos para a cidade.)

Uma semana depois de voltarmos da cabana, Pru perguntou se eu estava realmente bem. “Porque, você sabe” – ela não sabia o que dizer, ou como dizer – “nós sempre fomos... sempre fizemos tudo juntos.”

“Ainda fazemos”, respondi. “Estarei sempre aqui com você em cada aniversário, aniversário, casa nova, casamento - seja o que for. Ainda estamos nisso juntos.”

Ela inclinou a cabeça para o lado. Estávamos sentados na traseira do Sweetpea, com o porta-malas aberto, assistindo Mamma Mia! no drive-in

local “OLÁ VERÃO!” maratona de filmes. "O que mudou?"

Eu gostaria de poder contar a ela - eu queria - mas sabia como minha história soaria. Então, novamente, eu também não poderia mentir para ela. Eu não poderia contar a ela que romances com Fabio na capa e playlists de músicas com Stevie Nicks cantando sobre homens que não mereciam segundas chances me curaram de qualquer buraco em que eu tivesse afundado desde Liam. Eu ainda estava naquele buraco, para ser sincero, mas estava aprendendo a cultivar e cultivar algumas vinhas para sair.

“Alguma coisa aconteceu na semana em que você não estava na cabana do clube do livro”, Pru continuou. "Eu conheço você. Você não está me contando nada.

“Duvido que você acredite em mim.”

Ela parecia perplexa. Na tela, todos os caras estavam se chutando em um pír. “Sempre que não o fiz?”

Ela me pegou lá.

"O que aconteceu?" ela perguntou novamente.

Tudo. Nada.

Estava cansado de ficar estagnado, pensei. Eu queria ser o personagem principal da minha vida novamente.

E, no fundo, eu ainda sentia muita falta de Eloraton. Eu voltava para a série, folheava-a às vezes e sorria enquanto Junie tropeçava na cidade, e Ruby se apaixonava por Jake, e Gemma beijava Thomas sob as estrelas, e Bea cavalgava para o pôr do sol feliz por enquanto. , apenas para voltar para casa quando sua aventura terminasse. Às vezes eu fazia uma pausa na dedicação.

Assim como.

Eu esperava que Anders estivesse bem.

Eu esperava que ele encontrasse seu final feliz.

“Tudo bem”, eu disse a Pru, “mas eu avisei você. Lembra das caixas de molho picante que você encontrou no meu carro?”

"Sim. Era para ser vinho. O que isso tem a ver com alguma coisa? Ela se inclinou em minha direção e esperou pacientemente. Já tínhamos visto

esse filme mil vezes antes e, de qualquer maneira, ninguém mais estava ao alcance da voz. Então, peguei mais dois refrigeradores de vinho do Yeti escondido no banco de trás e respirei fundo—

E eu contei a ela sobre uma cidade que não existia.



PRUDENCE NÃO ACREDITOU EM MIM A PRIMEIRO LUGAR. ELA PENSOU que eu tinha alucinado muito ou o que realmente aconteceu foi tão doloroso que meu cérebro inventou uma nova história. Pelo menos, não até eu ter meu primeiro encontro desde Liam, um mês e meio depois, durante os primeiros dias do semestre de outono. O homem era bonito e ensinava inglês no mesmo departamento que eu - e no segundo em que apareceu no meu apartamento e viu minha estante, ele riu.

“Você os vira quando os convidados chegam, certo?” ele perguntou, apontando para os abraços sanguíneos e mulheres luxuriosas nas cobertas. Ele pegou um da prateleira: um rasgador de carpete de aparência vintage com Jason Baca na capa, a centímetros de passar a língua pelo pescoço da mulher. “Este Fabio não é exatamente um Chuck Palahniuk.”

“Esse não é o Fábio.”

“Erro meu, todos parecem iguais.”

Suspirei. “Bem, isso é uma pena.”

“Por que?”

“Porque você tem que sair. A porta está aí, caso você tenha esquecido.

Ele riu nervosamente. “Eu não... você está brincando.”

“Não. Eu não te julguei quando você disse que colecionava espadas. Você não os guarda quando chega companhia, não é? Além disso, o romance supera em muito as vendas de todos os outros gêneros, e ainda está crescendo mesmo quando as vendas de todos os outros gêneros estão diminuindo. Só nos EUA, o romance vende cerca de dezenove bilhões de unidades por ano.” Peguei o livro de sua mão. “Você pode levar isso para o seu próximo clube da luta. Agora aí está a porta.

Na próxima vez que o vi no corredor, ele nem me olhou nos olhos. Isso pode ter sido o melhor, de qualquer maneira.

Isso poderia ter sido considerado um caso único, mas então eu disse à minha chefe de departamento que não iria assistir àquela aula de inglês 101 das 8h que ela sempre descartava para mim. Eu disse a ela para deixar um dos adjuntos mais novos ensinar e ela pareceu positivamente chocada.

E Pru também fez o mesmo quando contei a ela.

Então ela sabia que algo estava acontecendo. Ela me contou isso, finalmente, quando nos encontramos para jantar na semana seguinte – semana do clube do livro – e compartilhamos um grande Nacho Supreme antes de nossa reunião no Zoom. Ela ainda estava procurando emprego – de novo. Parecia uma tarefa eterna e amaldiçoada para ela.

“Eloraton mudou você”, ela comentou, pegando um monte de queijo em uma batata frita e enfiando-o na boca. “É melhor a Academia tomar cuidado.”

“Estou cansado de me sacrificar o tempo todo”, respondi. “Eu meio que me senti como a Árvore Doadora, me cortando cada vez mais, e acho que finalmente percebi que, se continuasse assim, não seria nada além de um toco no final.”

Ela torceu o nariz. “Acho que você pelo menos se transformaria em uma cadeira confortável.”

Eu dei uma olhada para ela.

“Mogno puro. Vintage. Você seria um clássico.”

“Ah, obrigada”, eu disse, piscando os cílios.

“Só o melhor para minha melhor amiga”, disse ela, e apoiou a cabeça em meu ombro. “É bom ver que você está de volta. Eu tenho saudade de voce.”

“Eu estive bem aqui.”

Ela balançou a cabeça. “Não, você não fez isso. Não desde Liam.”

Ainda doía, às vezes, pensar nele, mas não de uma forma que me fizesse congelar mais. Eu havia enterrado minha cabeça em histórias por tanto tempo que esqueci de viver a realidade. Eu me apaixonei pelo Liam na minha cabeça, pela história de quem poderíamos ser juntos, pela possibilidade disso. Eu tinha ignorado o resto.

Até que não pude mais.

Dei de ombros. “Acho que finalmente descobri como realmente é o amor.”

O amor parecia um homem que preparava café para mim todas as manhãs, embora preferisse chá, e lembrava exatamente como eu o tomava. Love comeu meu espaguete açucarado, segurou um guarda-chuva sobre minha cabeça quando chovia e pediu desculpas quando soube que estava errado. O amor era curioso, atento e - em algum lugar sob o exterior mal-humorado - doce. O amor era se enganar para fazer algo que você não queria, porque você amava a pessoa que fez.

O amor era um monte de pequenas coisas que se somavam a coisas maiores.

O amor estava se sentindo valorizado. E aceito.

Do jeito que você era.

Nunca foi sentir demais ou insuficiente, mesmo que muitas vezes vocês fossem os dois, porque o Amor amava você de qualquer maneira. Não apesar disso, mas por causa disso.

Prudence me estudou por um longo momento e finalmente disse: “Estou tão bravo que você o deixou ir. Quero dizer, ele poderia abrir uma livraria em Decatur. Já existem mil deles, mas ele poderia abrir mais um.”

Revirei os olhos.

“Talvez ele pudesse ter me contratado”, acrescentou ela com um suspiro. “Eu seria um livreiro fofo. Você terminou?” ela acrescentou, levantando-se do sofá e apontando para seu contêiner para viagem. Entreguei a ela e fui colocar o resto na geladeira para o café da manhã, enquanto pegava meu computador. Tínhamos uma reunião do Zoom em cinco minutos e eu estava determinado a não chegar atrasado pela primeira vez.

Uma ideia começou a se formar na minha cabeça. Foi uma loucura, mas quanto mais eu pensava nisso, mais comecei a me perguntar... o que iria doer?

Quando ela se sentou e puxou um cobertor sobre a saia amassada da entrevista, lancei-lhe um olhar pensativo.

“Por que não fazemos?” Eu perguntei a ela.

“Nós o quê?”

Bati o ombro dela contra o meu. “Por que não abrimos uma livraria?”

“Você está brincando.” Ela riu. “Nós?”

“Por que não nós?”

Sua risada morreu em sua garganta e ela pensou no assunto. “Eu... hein. Por que não nós? ela repetiu.

“Poderia ser uma aventura”, eu disse.

“Poderia ser um desastre”, respondeu ela.

Eu sorri. “Parece divertido.” Entramos no Zoom e fomos os primeiros a chegar. “A propósito, você terminou o livro para o clube do livro?”

“Sim, esperando pela entrevista hoje. Eu odiei o final.”

“Por que?”

Ela fez uma careta. “Fantasmas deveriam permanecer mortos. Foi uma desculpa total. E eles se apaixonaram rápido demais. Foi muito instantâneo para mim. E? Ninguém mais diz doggo.

“Eu digo doggo”, respondi.

Ela torceu o nariz. “Ironicamente?”

“Bolsas—”

Olivia entrou no Zoom e disse: “Há uma diferença entre amor instantâneo e desejo instantâneo. Muitas pessoas confundem os dois.”

Prudence franziu a testa e olhou novamente para a tela. “Você está dizendo... oh meu Deus, Liv!” ela ofegou, erguendo a mão na tela para bloquear sua visão. “Você está no banho?”

“Você não consegue ver nada”, respondeu Olivia, acumulando mais bolhas no peito. “Tem aroma de lavanda.”

Mais duas pessoas entraram no Zoom: Aditi e Matt. Eles não se incomodaram com a visão de Olivia.

“Bom dia ou tarde, onde quer que você esteja”, cumprimentou Aditi, e Matt acenou com um grunhido. “Benji já chegou?”

“Ainda não”, respondi.

“Isso é emocionante”, disse Matt, colocando os óculos para finalmente ver todos. “Olhe para o rosto de todos! E, ah, outras partes. Tem sido muito tempo. No próximo ano, estaremos todos de volta à cabana. Sem desculpas!”

“Já está na minha agenda”, disse Aditi.

“E solicitei isso”, acrescentou Janelle, conectando-se no que parecia ser seu carro. Ela estava sorvendo ramen instantâneo, ainda em seu uniforme de enfermagem. Deve ter sido sua noite de plantão.

Então outro vídeo entrou na briga. Benji, com os óculos baixos no rosto, e ao lado dele estava sua noiva. Aparentemente, ela era escritora fantasma da famosa Ann Nichols, e todos nós juramos que não leríamos Ann no clube do livro. Não, em vez disso lemos o romance mais recente do escritor fantasma—

“E lá está a própria autora!” Olivia cantou. “Em primeiro lugar, eu só queria dizer que estilo e voz lindos você tem, Florence.”

A mulher loira corou. “Ah, muito obrigado.”

Benji se inclinou em direção à tela, apertando os olhos. Então ele limpou a garganta. “Liv, você está...”

A mulher pegou algo fora da tela – era uma enorme jarra de margarita com um guarda-chuva no topo e um canudo espiralado. Ela tomou um longo gole e disse: “Bebendo? Absolutamente. Tenho três gatinhos adotivos e dois deles tiveram diarreia explosiva hoje.”

“Não, quero dizer...” Benji começou, mas sua noiva lhe deu uma cotovelada na lateral do corpo. “Boa escolha, Liv.”

Em resposta, a mulher o saudou e afundou um pouco mais na banheira. Matt bateu palmas e olhou para suas anotações. “Então, quem quer começar...”

Aditi revirou os olhos. “Quem colocou Matt no comando desta vez?”

“Bem, você quer liderar a discussão?”

“Porra, não.”

Prudence inclinou-se para frente. “Ok, ok, antes de começarmos, posso perguntar uma coisa a vocês?”

Todos olharam para ela com expectativa. Benji até baixou os óculos para parecer mais atento.

Pru correu até a beira do sofá e perguntou: — O que vocês acham se abriremos uma livraria?

Benji piscou. “Como isso veio à tona?”

“Estávamos apenas conversando”, comecei, mas Prudence me interrompeu.

“O cara por quem Elsy se apaixonou no Vale do Hudson era dono de uma livraria e isso nos fez pensar...”

Matt ergueu a mão. “Aguentar. O cara Elsy...”

“Apaixonou-se?” Olivia terminou, sentando-se um pouco mais ereta na banheira, certificando-se de trazer as bolhas com ela. “Tipo, caiu, caiu?”

“Ah, sim”, confirmou Prudence, a traidora.

O suspiro que percorreu os alto-falantes foi tão alto que estalou os microfones. Lancei um olhar furioso para minha melhor amiga, e ela me deu o se você não se importa, vamos olhar, e desenroscou o vinho que ela trouxe e tomou um gole direto da garrafa. E então as perguntas começaram, e ninguém discutiu o livro naquela noite, em vez disso, fizeram perguntas importantes como:

“Ele sabe cozinhar?”

(Não, mas ele comeu meu espaguete horrível.)

“Ele era fofo?”

(Que tipo de pergunta foi essa?)

“Ele tinha uma cicatriz em algum lugar...?”

(Ele fez. E eu tracei com a língua algumas vezes.)

“Como foi o sexo?”

(Perfeito, embaixo da cachoeira.)

“Espere, você fez sexo debaixo de uma cachoeira?”

(É uma longa história.)

"E você o deixou ir?"

Claro que sim. Que outra escolha eu tinha, segurá-lo até que minhas mãos ficassem brancas, até que eu sufocasse o amor dele? Não, o amor não era uma armadilha, algo de que você teria que sair mais tarde. Se você amasse algo – alguém – às vezes você tinha que deixá-lo ir. E se eles também amassem você, eles voltariam.

O amor – o amor verdadeiro – sempre voltava.



O Grande Romântico

OS DIAS FICARAM MAIS FRESCOS e as folhas ficaram alaranjadas, e durante duas semanas inteiras tivemos um outono lindo e vigoroso. Peguei meus cardigãs quentes, enrolei-me em cachecóis e gorros de tricô, e ensinei Inglês 101 às 10h em ponto e, à noite, Pru e eu começamos a reformar a pequena loja que alugamos. Demorou um minuto para juntar os fundos, mas foi Benji quem sugeriu uma campanha de crowdsourcing, e quem diria que tantas pessoas queriam ajudar? Entre isso e o empréstimo para pequenas empresas que conseguimos com a ajuda de Jasper, conseguimos. Então, massajamos as paredes e penduramos as luminárias, e quando Jasper pôde sair do trabalho, ele nos ajudou a instalar as ferragens e o piso laminado. Pintamos murais nos poucos lugares onde não cabíamos nas estantes e começamos a encomendar todos os romances que pudemos imaginar. A coisa toda era cansativa, e algumas noites, quando uma prateleira caía ou encontrávamos uma infestação de baratas na sala de descanso, queríamos desistir. Mas não o fizemos. Colocamos um audiolivro quente e criticamos as cenas de sexo até altas horas da noite enquanto pintávamos, lixávamos e conspirávamos. Discutimos Nora, Ann, Beverly e Rachel, e comparamos capas e táticas de marketing, e como o gênero se transformou ao longo dos anos até sua iteração atual.

Naquele outono, eu disse à minha reitora que não assinaria um novo contrato para o ano seguinte, e ela fez de tudo para tentar que eu ficasse, mas nada conseguiu.

“Você vai se arrepender”, disse ela. “Você está tão perto da estabilidade!”

Eu duvidei disso.

E então faltava uma semana para a inauguração, e eu tinha acabado de pintar o nome da livraria acima da vitrine da loja, e não parecia tão ruim.

Jasper franziu a testa ao ouvir o nome. “Tipo, um encontro fofo?”

“No final,” eu forneci. “É quando Darcy diz a Elizabeth que a ama mais ardentemente, quando Mark traz um novo diário para Bridget, quando Harry diz a Sally que a ama, quando Will compra a pousada para Junie.” Sorri ao ouvir o nome, colocando as mãos nos quadris. “O grande gesto romântico.”

Então, obviamente, batizamos a livraria de Grande Romântica.

Abrimos a livraria no final de um outubro chuvoso. Benji e sua noiva vieram de Nova York, embora isso possa ter acontecido porque ela foi a convidada em nossa noite de estreia. Os outros membros do clube do livro também compareceram, e Pru e eu ficamos com medo de que eles fossem os únicos.

“Mesmo que sejam”, disse Pru, ajustando minha jaqueta de lantejoulas prateadas e puxando delicadamente minha trança das lantejoulas, “então será a melhor noite de nossas vidas”. Ela estava vestida com um vestido lilás pastel com tule na parte inferior, flores no cabelo recém-cortado. “Agora, vou sair e me misturar, e você também deveria.”

“Eu vou”, respondi, embora me sentisse um pouco enjoado ao pensar em sair e não ver ninguém na loja.

E se nossa livraria falisse? E se-

Pare, me forcei a pensar. Eu estava me adiantando.

A vida não era sobre o fim. Era sobre todo o resto. E esta noite tratava-se de abrir uma livraria com minha melhor amiga.

Pru se virou e começou a sair da área dos fundos, fechada por uma cortina. Havia ali um sofá surrado para desmaios, um bebedouro e um calendário onde já havíamos anotado cerca de uma dúzia de eventos – e rezamos a Deus para que as pessoas comparecessem.

“Ei, Prudência?” Perguntei.

Ela olhou para mim, a meio caminho de puxar a cortina para cumprimentar nossos convidados. "Sim?"

"Obrigado. Por embarcar nesta aventura comigo."

Ela sorriu e estendeu a mão, balançando os dedos com pontas brilhantes, implorando para que eu a pegasse. "Venha Eileen."

Cruzei meus dedos com os dela e saímos para a livraria.

Estava lotado de gente.

Meu coração estava tão cheio que parecia que iria explodir. Pru apertou minha mão com força.

"Ver?" ela murmurou e vagou no meio da multidão, me deixando sozinha.

Quase todo mundo conhecia: meus colegas da universidade, alguns dos meus alunos e a maior parte do escritório de advocacia de Jasper. Todos me parabenizaram, apertaram minha mão, dizendo como a livraria era linda, como a seleção era única. Tudo foi selecionado a dedo, desde romances publicados tradicionalmente até publicações independentes e editoras personalizadas. Pru e eu fizemos nosso dever de casa e vasculhamos a internet em busca de uma coleção completa para que houvesse um pouco para todos. A maioria das pessoas manteve distância do quiosque MONSTER COLLECTION que Pru carinhosamente criou, mas quem veio explorar a seleção acabou conversando entre si, comparando seus gostos.

Bebi meu champanhe e me certifiquei de que as pessoas encontrassem o que procuravam. Alguns clientes vieram até mim perguntando sobre Quixotic Falls. Eles leram sobre isso em um artigo no New York Times. Obviamente fiquei emocionado, mas quando ia perguntar o que era o artigo, vi um homem conhecido perto da frente da loja. Achei que meu coração iria dar um salto, minha respiração iria falhar, mas... ver Liam Black pela primeira vez em um ano e meio não fez nada por mim. Absolutamente nada.

Não foi ele quem veio, no entanto. Era sua esposa, Betânia. "Você deve ser Eileen", disse ela. Ela era pequena e em forma, com longos cabelos negros e olhos arregalados. "Este lugar é lindo. Parabéns."

"Obrigado", respondi, me perguntando por que ela estava aqui. Para se gabar de ter conseguido Liam? Para me mostrar o anel dela?

Ela ergueu um livro de Ann Nichols. "Estou morrendo de vontade de ter uma livraria de romance. Eu vi na placa que pode haver um clube do

livro? Liam realmente não lê, mas eu sou voraz.”

Olhei de volta para Liam, e ele parecia interessado em simplesmente me ignorar. Estava muito claro que ele veio por causa dela, e se ele não iria me olhar nos olhos porque o que ele fez comigo foi uma merda, ou porque ele simplesmente não se importava...

Bem, isso não era mais da minha conta.

“O clube do livro começa na semana que vem, na verdade. Você está convidado a vir. Temos cerca de doze pessoas inscritas — acrescentei.

Ela brilhava de excitação. “Ah, estou tão animado. Você tem algum romance sobre a máfia?” ela perguntou, um pouco mais calma. “Companheiros predestinados?”

Apontei-lhe a direção onde ela os encontraria, e ela desapareceu nas estantes com o marido a reboque, e eles foram para a minha livraria. Quando eles se foram, percebi que meu coração estava acelerado e senti o gosto do pânico na boca.

Respire fundo, Eileen, pensei. Estava tudo bem.

Minha mãe me encontrou alguns minutos depois e encheu minha taça de champanhe. “Você o viu? O bastardo,” ela murmurou, como a intrometida que ela era. “Eu deveria cortá-lo e...”

“Ele está aqui com a esposa.” Esvaziei minha flauta e estendi-a para outra recarga. “Ela é legal.”

Ela obedeceu. “Oh?”

“E eu superei isso. Farei melhor”, eu disse, e ela sorriu e me deu um tapinha na bochecha.

“Eu sempre disse isso, querido. Estou muito orgulhosa de você”, disse ela, e passou os braços em volta de mim. Ela me apertou com força. Nos fundos da loja, estávamos planejando montar para ela um pequeno estande onde ela pudesse consertar romances muito apreciados. Já havíamos despertado muito interesse nisso, mas mamãe era muito exigente com suas ferramentas e seu horário de trabalho. Nós descobriríamos isso. “Agora, vou garantir que todos estejam se divertindo e que você se divirta.”

“Obrigado, mãe”, respondi, e ela beijou minha bochecha e saiu para ser a anfitriã em meu lugar. Ela era a pessoa do povo, de qualquer maneira. Faça-a viajar e ela poderá conversar por horas. Tive pena das pessoas que ficaram presas ao ouvi-la contar sua viagem ao Alasca.

Perto do final da noite, a esposa de Liam veio se despedir e dizer que iria gostar muito da livraria. Ela comprou cinco romances sobre deuses gregos, graças a Pru, e estava animada para chegar “aquele com tentáculos e felizes para sempre”.

Liam parecia entediado, então olhei para ele e perguntei: “Não é a sua velocidade?”

“Gosto de tudo o que ela faz”, respondeu ele, formigando um pouco, e depois sacudiu a mão. Ele disse sinceramente: “Estou feliz que você finalmente encontrou algo que queria. Você parece feliz.”

“Eu estou,” eu assegurei. “Foi bom ver você, Liam. Bethany”, acrescentei a ela, “o clube do livro será na próxima semana. Seis da tarde. afiado – você estará lá?”

“Eu não sentiria falta”, ela respondeu, e agarrou Liam pelo braço, e eles saíram da livraria juntos, as cabeças inclinadas um para o outro, com uma facilidade que Liam e eu nunca tivemos.

Depois do evento do Florence Day, a loja começou a esvaziar e eu estaria mentindo se dissesse que não estava procurando uma silhueta familiar entre os corredores, mas é claro que nunca o vi. Sorri para mim mesma, lembrando-me da noite em que Anders me perguntou como eu chamaria uma livraria, e imaginei que era mais do que um pequeno desejo de que o Grande Romântico faria jus ao seu nome. Apertei a mão de tantas pessoas e conheci os rostos de tantas pessoas, que todos ficaram confusos quando o último cliente saiu.

Depois que eles foram embora, fui ajudar Prudence e Jasper a encontrar todas as taças de champanhe de plástico que as pessoas estavam presas entre pilhas de livros, procurei todos os guardanapos perdidos e joguei tudo no lixo. Depois de colocarmos as mesas de exibição de volta no centro da loja e arrumarmos as tampas novamente, eu disse a Pru que ela e Jasper poderiam ir.

“São quase nove horas e os restaurantes fecharão em breve. Você deveria ir buscar algo para comer e comemorar”, eu disse.

“Mas a caixa registradora ainda precisa ser contada e...”

“Entendi”, eu disse, fazendo sinal para que eles saíssem. “Ir.”

Prudence disse, tirando a bolsa da caixa registradora: — Você não precisa me dizer duas vezes. Estou morrendo de fome.”

Jasper ergueu os olhos enquanto procurava um guardanapo usado no meio da ampla bibliografia de Nora Roberts. "Oh! Graças a deus. Eu estava prestes a começar a mastigar um livro.

"Eles não são muito nutritivos."

"Eu sobrevivi com bebidas energéticas Monster na faculdade de direito. Meu corpo serviria", disse ele galantemente, e ela riu, e ele foi pegar os casacos.

"Ei, Elsy?" Pru perguntou enquanto se aproximava de mim e passou os braços em volta de mim com força, apertando com tanta força que senti minhas costelas rangerem. "Eu te amo."

Retribuí o abraço. "Eu também te amo, Pru."

"Mesmo que este negócio fracasse, culparemos Jeff Bezos e continuaremos amigos para sempre, certo?"

"Com certeza," prometi em seu cabelo. Finalmente nos separamos. "Mas... não vamos azarar? Prefiro continuar no negócio."

Ela ergueu a mão e seus dedos estavam cruzados. "Todas as precauções", ela respondeu. Jasper voltou com seus casacos, mas quando eles se viraram para vesti-los e sair, eu chamei o nome dela. "Hum?" ela perguntou, virando-se.

"Os estorninhos não significavam nada", eu disse a ela. "Nos livros. Eles eram apenas pássaros."

"Talvez para você", ela respondeu, e deu uma piscadela enquanto passava o braço em volta de Jasper e eles saíam do Grand Romantic.

A porta se fechou e o silêncio encheu a livraria.

Fechei os olhos e, se prestasse muita atenção, poderia ouvir o som dos sinos de cristal nas vigas e dos estorninhos nos beirais, e lembrar como a luz do sol entrava pelas janelas e brilhava no cabelo loiro claro do dono da livraria.

E eu estava em casa.



Fim do livro

CORREI MEUS DEDOS PELA lombada dos livros enquanto fazia uma última rota curva por cada corredor, pegando quaisquer taças de champanhe restantes e guardanapos descartados, virando as capas para fora e endireitando as pilhas. Na seção contemporânea, meus dedos pararam em um pequeno livro enfiado na estante, o primeiro de uma série de cinco que nunca foi concluído. Mesmo quando o tirei da prateleira e folheei as páginas, eu já sabia a primeira linha—

Havia apenas uma estrada para entrar e uma para sair de Eloraton, Nova York, e a maioria das pessoas nunca a pegava.

Mas eu tinha.

A campainha acima da porta da frente tocou. Dei um suspiro e fechei o livro. Devolveu-o ao seu lugar na prateleira. “Esqueceu alguma coisa, Pru?”

“Receio que sim”, disse uma voz suave e estóica. Não Pru. De jeito nenhum.

Olhei e congelei.

Um homem estava parado no corredor, entre os Noras e os Beverlys, tão confortavelmente, como se pertencesse a uma livraria — a minha livraria. Seu cabelo estava cortado mais curto, ainda daquele loiro claro que tendia a enrolar em volta das orelhas, e seus óculos de leitura estavam enfiados no bolso do casaco de tweed. Jeans escuros que caíam bem, um Henley cinza e botas pretas amarradas com cadarços verde-sálvia. Ele não se parecia em nada com o homem de que eu me lembrava e, ao mesmo tempo, era exatamente igual a ele, uma miragem ali parada, com as mãos nos bolsos.

Meu coração batia forte em meus ouvidos.

“Estou procurando um livro”, ele começou, seus olhos mentolados brilhantes e cintilantes. "Você tem uma recomendação?"

"O que você está procurando?" Minha voz era pouco mais que um sussurro. Ele estava realmente aqui? Foi ele? Eu queria acreditar no que via, mas meu coração não queria admitir.

“Algo que nunca li antes”, respondeu ele.

“Bem... talvez eu conheça uma história que você goste. É um pouco estranho, no entanto.

Ele me estudou por um momento pensativo. “Eu gosto de estranho.”

“E talvez um pouco chato.”

“Oh, agora você está realmente me vendendo. É sobre o que?”

Respirei fundo e me aproximei dele. “Uma mulher que tropeça em uma cidade estranha e quase atropela um homem estranho parado na chuva.”

“O que o torna tão estranho?”

“Ele não possui tweed”, eu disse, “e parece que definitivamente deveria.”

“Ah, bem”, ele respondeu, e se aproximou de mim, tão perto que pude sentir o cheiro de cedro em sua pele. Ele esteve aqui. Ele era real. Seus dedos tiraram levemente uma mecha de cabelo do meu rosto. “Tenho certeza que ele corrige isso.”

"Ele faz." Enrolei delicadamente meus dedos nas lapelas de seu casaco de tweed e o puxei para mais perto. “Você está aqui,” eu sussurrei, alcançando seu rosto e segurando-o em minhas mãos, como se ele fosse desaparecer no segundo em que eu piscasse.

Ele pressionou a mão na minha, segurando-a contra o rosto, e beijou a base da minha palma.

“Estou aqui”, ele respondeu. Ele me segurou com força e pressionou sua testa contra a minha. Fora de Eloraton, ele parecia diferente. Seu cabelo não era tão brilhante e seus olhos não eram tão verdes, e algumas rugas finas apareceram em sua testa e ao redor dos olhos, e eu adorei cada uma delas. Ele não era um herói de romance, mas era meu. “No entanto, abrir uma livraria inteira de romances é um pouco exagero. Acabei de dizer a seção de romance.

Eu ri. Eu não pude evitar. “Nunca faço as coisas pela metade. Você sabe disso”, respondi, ainda incapaz de tirar os olhos dele. Engoli o nó na

garganta. "Mas por que? Eu pensei... e quanto a...?"

"Algumas histórias terminam", disse ele, "e eu não sou o feliz para sempre de Bea. Fui de Rachel por um tempo e nunca mais quero ser isso de novo."

Oh. Tirei minha mão de seu rosto. "Então ..."

"Quero ser um começo e um meio", continuou ele. "Eu quero um primeiro capítulo, um segundo e um terceiro – aqueles capítulos longos, você sabe, aqueles dos quais você precisa fazer uma pausa no meio do caminho. Eu quero tudo isso, não apenas o fim." Ele olhou para minhas mãos, pegou-as nas suas e apertou-as com força. "E eu quero isso com você."

Comigo?

"Eu te amo", disse ele, e parecia uma frase que ele já havia pronunciado milhares de vezes, embora eu nunca a tivesse ouvido antes. Ele disse isso como se fosse parte de uma lista de compras, como se fosse uma saudação, uma boa noite e uma promessa, tudo em um. Três palavras que eram tudo e qualquer coisa. "Eu te amo", ele repetiu. "Adoro o jeito que sua boca sempre abre um sorriso, mesmo quando ninguém está olhando. Eu amo a maneira como você se esforça por pessoas que mal conhece. Adoro como seu cabelo sempre se enrola aqui, na nuca" – e ele passou os dedos pela lateral do meu pescoço. "E adoro como você me faz querer ver o mundo em cores, e adoro como me sinto quando estou com você. E talvez não dêmos certo, mas talvez dêmos - e eu correrei pelas cidades, e aparecerei com caixas de som do lado de fora da sua janela, e encontrarei você no topo dos edifícios, e eu ' Vou te beijar na chuva só para te lembrar que você vale cada momento." Ele se inclinou e beijou minhas bochechas, e percebi que ele havia beijado as lágrimas delas. Eu estava chorando e não conseguia parar.

"Há quanto tempo você está ensaiando isso?" — perguntei, fungando, tentando parar de chorar.

Ele riu e pressionou sua testa contra a minha. "Você vale cada segundo que eu fiz."

"Eu sei", respondi, e puxei-o para baixo para beijá-lo novamente. O beijo foi lento e lânguido, como se de repente ele tivesse todo o tempo do mundo para me beijar.

E eu realmente esperava que ele fizesse isso.

Tracei a curva de sua mandíbula, absorvendo-o na suave fluorescência da livraria. Havia nele uma alegria que não existia antes, uma infantilidade, como se ele tivesse se controlado enquanto estava em Eloraton e se colocado em uma caixa que agora não cabia mais. Imaginei que este era o homem por quem Rachel uma vez se apaixonou, ou mais próximo dele do que o estóico e azedo dono da Inefable Books.

Peguei-o pelas mãos e apertei-as com força, sem conseguir deixar de sorrir. “Posso te mostrar o lugar?” E mal lhe dei a chance de assentir antes de levá-lo por todos os corredores e mostrar-lhe os murais e a exposição DATE A BOOK BOYFRIEND com livros embrulhados em papel, os interesses amorosos simulados como um perfil de namoro. Mostrei a ele os sinos de cristal coloridos que encontrei em uma venda de garagem, e as fiandeiras de livros de bolso para o mercado de massa, e a velha caixa registradora que Jasper encontrou no galpão decrépito de seu avô.

“É uma loja linda, Elsy”, disse ele, passando os dedos pelas lombadas dos romances. “Parece que você.”

“Ainda precisa de um pouco de trabalho”, respondi, contornando o pequeno caixa e abrindo a caixa registradora para contar o dinheiro, “mas todas as coisas boas precisam”.

Ele concordou.

"Você sente falta do seu?" Perguntei.

“Sim, mas deixei há um tempo”, disse ele, e quando lhe lancei um olhar estranho, ele explicou. “Saí da cidade com Butters assim que Frank conseguiu encontrar um novo carburador para meu Buick. Demorou cerca de uma semana vasculhando o ferro-velho, mas valeu a pena. Além disso, tive que encontrar alguém para assumir a livraria.”

“Quem você encontrou?”

“Thomas”, ele respondeu.

Eu sorri. "Aposto que Lily adorou isso."

“Você não tem ideia”, ele concordou, e se aproximou para se encostar no balcão enquanto eu contava as contas. “Eles ficaram todos muito tristes por você ter ido embora, aliás. Eu disse a eles que você voltaria.

“De certa forma”, respondi com tristeza. “Você acha que a cidade ainda está lá?”

Ele balançou sua cabeça. “Voltei algumas semanas depois, depois de limpar completamente meu apartamento na cidade e deixar tudo em ordem,

e a cidade havia desaparecido. A única coisa que restou foi a cachoeira, que, para começar, era a única parte real da cidade.”

Soltei um suspiro e esperei que não parecesse muito triste. “Então realmente acabou.”

“Foi um bom final.”

“Foi”, concordei, e terminei de sacar a gaveta. Coloquei o dinheiro no cofre embaixo do balcão e fui devolver alguns dos romances para a vitrine no meio da loja. O letreiro de néon rosa atrás de mim tremeluzia de cansaço. “Por que você demorou tanto para vir me encontrar, então?” Eu perguntei, de costas para ele.

Ele me seguiu até a mesa, esfregando a nuca, pensativo. A luz suave da livraria deixava seu cabelo loiro quase prateado. “Eu queria primeiro colocar minha vida em ordem novamente. Quando saí, deixei tudo.”

“Exceto caramelo.”

“Exceto Butterscotch”, ele concordou, “que sente falta dos seus animais de estimação, aliás.”

“Eu dou os melhores arranhões.”

“Eu queria encontrar você no segundo em que deixei Eloraton”, ele continuou, “mas eu... eu também queria encontrar você como o homem que você merece. Alguém que tem uma vida. Uma história. Quem tem os pés firmemente plantados no chão. Então eu fiz isso. Comecei minha vida novamente. Li livros, aprendi a escrever críticas novamente, conversei com meus pais, visitei minha irmã em Manitoba. Aprendi a ser Anderson Sinclair novamente.” Ele respirou fundo. “Então, o que você acha? Valeu a pena esperar?”

Eu o estudei enquanto me recostava na mesa de exposição, com aquele casaco de tweed que realmente ficava horrível nele. “Bem”, comecei, enquanto segurava sua jaqueta, “quase”.

Tirei sua jaqueta de tweed e tirei seu cabelo do rosto.

“Pronto,” eu sussurrei, e ele se abaixou e me beijou. Lentamente, saboreando. E ele tinha gosto de chá preto e de novos começos. Ele embalou meu rosto, os dedos enrolando em meu cabelo, soltando-o do coque. Meu cabelo acobreado caiu sobre meus ombros, selvagem, quando ele me agarrou pela cintura e me levantou sobre a mesa, derrubando alguns livros das bordas. Ele se pressionou contra mim, querendo estar mais perto,

e felizmente – de todo o coração – eu derreti em seus beijos como gelo na calçada quente.

“Eu te amo”, senti mais do que ouvi Anders dizer contra meus lábios. “Todos os dias que passei sabendo que você estava por aí, que existia e que eu não estava com você, me deixava louco. Nunca mais quero passar outro dia assim.”

Pressionei nossas testas, sem fôlego, sentindo o cheiro dele. Minhas bochechas estavam coradas e seus olhos mentolados ficaram verdes como uma floresta, bêbados comigo. "Promessa?"

“Prometo”, ele repetiu, e agarrou minha boca com a sua novamente, desta vez com fome, paixão, e eu me deixei perder completamente de vista a trama.

Ele se lembrou do meu corpo como Eloraton tinha sido ontem. Ele sabia onde colocar os dentes para que eu engasgasse, sabia onde colocar as mãos, como era lento para abrir o zíper do meu vestido. Ele se lembrava de tudo, das minhas curvas, dos meus contornos, e tudo o que pude fazer para não perder a cabeça foi tentar passar os dedos pelos botões da camisa dele, desfazendo-os um por um. Ele pressionou os lábios contra meu pescoço enquanto seus dedos deslizavam entre minhas coxas e me acariciavam, e meu coração disparou. Eu engasguei, pressionando o lado do meu rosto no dele, passando meus braços em volta do seu pescoço. Ele era tão delicioso e tão minucioso que teve que fazer de novo só para que eu pudesse prestar atenção pela segunda vez. Ele murmurou afirmações em meu cabelo enquanto me beijava e me ensinou coisas sobre mim que eu ainda não sabia, e eu lhe ensinei coisas também, e isso era amor.

O amor foi paciente e meticuloso e nunca deixou de me surpreender. Não era algo que eu precisava, algo que eu merecia, que era digno – amor era o que eu queria. Anders era quem eu queria. Por agora. Por um dia. Por uma semana – por anos. Uma história escrita na linguagem dos beijos e lida para mim em suspiros doces e suaves.

E embora eu não soubesse o final, não precisava. Porque isso?

Isso foi o suficiente.

Um começo

ERA UMA VEZ UMA CIDADE.

E isso não existia. Nem nos mapas, nem nas estradas, nem na internet. Vivia, tranquilamente, nas páginas de um romance, e ali ficou. A grama sempre cheirava a fresco e os hambúrgueres no bar estavam sempre queimados e o caramelo sempre grudava nos molares e às vezes - em meus devaneios - eu o visitava. Caminhei pelas calçadas e ouvi o toque da torre do relógio marcando as horas, e caí de novo, e de novo, e de novo, nas páginas dos meus livros favoritos.

Era uma vez uma cidade que não existia e costumava parecer um lar.

Mas agora havia uma livraria com centenas de felizes para sempre nas prateleiras, e uma mulher com cabelos loiros sujos e um sorriso malicioso sentada no balcão, desafiando você a se arriscar em um livro do qual você nunca ouviu falar, e um crítico de livros de meio período que mantinha as prateleiras em ordem alfabética e fazia o melhor chá, e às vezes, quando chovia, ele me puxava para lá e roubava beijos que tinham gosto de dias de verão em uma cidade que não existia. E um velho gato laranja sentava-se na porta da frente e exigia animais de estimação de todos que encontrava. E havia clubes do livro e festas de lançamento à meia-noite e galas da corte fae e nos dias que eram tão lentos que ninguém aparecia, eu ligava uma velha música pop e cantava a plenos pulmões. E tudo estava bem. Nem sempre perfeita, mas a vida real nunca foi feita para ser perfeita – onde os hambúrgueres estavam sempre ligeiramente queimados, o caramelo pegajoso e o tempo previsível – mas estava perto.

Porque essa história era boa e era doce.

E estava em casa.

Agradecimentos

Cada livro é um pouco diferente até você ler os agradecimentos. E nesse aspecto, todo livro é igual: um autor suando de nervoso nas páginas, esperando que eles se lembrassem de agradecer a todos que participaram de seu livro.

Você pensaria que eu já teria uma lista com tantos livros, ou aprenderia a coletar nomes e desenterrá-los quando os agradecimentos fossem devidos. Mas não sou nada senão uma criatura de hábitos, por isso, depois de cada livro, dou comigo a olhar para uma lista de nomes, com as axilas suadas, sabendo que me esqueci completamente de alguém, mas não tenho ideia de quem.

É a tragédia da seção de agradecimentos.

Então, vou listar a vila que criou meu livro com detalhes meticulosos e vou tentar ao máximo lembrar de todos, e inevitavelmente fracassarei. Os nomes não estão em uma ordem específica, mas, seja você o primeiro ou o último a citar, quero agradecer-lhe do fundo do coração por ajudar a dar vida a este livro. Posso ter escrito algumas palavrinhas bobas, mas você transformou isso em um livro.

Obrigado.

Amanda Bergeron. Raiz de Azevinho. Sareer Khader. Tina Joel. Jess Mangicaro. Danielle Keir. Craig Burke. Jeanne-Marie Hudson. Alaina Christensen. Angelina Krahn. Abby Graves. Megha Jain. Vi-An Nguyen. Cristina Legon. Daniel Brount. Nicole Brinkley. Catarina Locke. Kaitlyn Sage Patterson. Ashley Schumacher. Mike Lasanha. Eric Smith. Raquel Stroll. Shae McDaniel. Jarad Greene. Ada Starino. Savannah Apperson. Cera Peters.

E finalmente, meus pais, Cheryl e Randy Poston. Obrigado por inculcar em mim o amor pela leitura desde tenra idade.

Não, espere! Mais um!

Meu autor favorito. Estou feliz por ter encontrado seus livros. Eles me mantiveram à tona durante os piores anos da minha vida.

Obrigado por suas histórias.



**A
Novel
Love
Story**



ASHLEY POSTON

READERS GUIDE

Os livros e seus leitores

LEMBRO-ME DA PRIMEIRA VEZ QUE Conheci meu livro favorito.

Não posso dizer onde eu estava, que roupas eu usava ou quantos anos eu tinha — embora ache que tinha cerca de doze anos —, mas posso dizer exatamente como me senti. Posso contar a sensação que percorreu meu corpo, do topo da cabeça até a ponta dos pés. Era o tipo de sensação que parecia entrar em uma casa onde você nunca esteve antes, mas imediatamente se sentiu como se estivesse em casa. É a sensação de tomar seu sorvete preferido em uma tarde úmida de verão. É enrolado no seu cobertor favorito, quente e reconfortante. É um beijo de boa noite, os primeiros raios de sol que você vê pela manhã, entrando pela janela; o primeiro gosto de neve; a sensação da chuva quente de primavera depois de um inverno terrível—

É estimulante, reconfortante e mágico, tudo em um.

Há algo de encantador em conhecer seu livro favorito, como olhar nos olhos de um estranho do outro lado da sala e saber - imediatamente - que ele é a outra metade de sua alma. Os livros são mágicos nesse sentido, pois podem conter pequenos pedaços de você, escritos por pessoas que nunca souberam que você existia. Uma frase pode encapsular uma parte do seu coração que você nunca soube expressar em palavras, uma linha de diálogo pode ecoar uma parte da sua alma sussurrando em uma linguagem que você nunca conheceu.

Gosto da ideia de que, depois que seu livro for publicado, ele não será mais seu. É seu no sentido técnico – os direitos autorais estão em seu nome, você recebe royalties (espero) – mas o livro em si pertence a uma versão sua no passado. Uma versão sua que, dia após dia, se distancia cada vez mais de quem você é agora.

Também gosto da ideia de que, uma vez publicado, o seu livro pertence às pessoas que o lêem. Ele ocupa um lugar na prateleira, assim como já ocupou um pedaço da sua vida. Ele encontra um lar em outro lugar, em outros corações, nas mãos de leitores que interpretarão e imaginarão suas palavras de uma maneira única.

Desde que me tornei autora, percebi que sou a única pessoa que vivenciará minha história do jeito que a escrevi. Só eu farei a viagem com Elsy e Anders, e subirei a trilha até a cachoeira do jeito que imagino. Mas isso também significa que todos os leitores depois de mim experimentam exatamente a mesma coisa – algo totalmente raro e único para eles. Algo sagrado.

Acho que é isso que torna o seu livro favorito ainda mais poderoso, porque você não apenas o leu e o vivenciou da única maneira que pode, mas também iluminou as partes certas da sua alma para fazer você se apaixonar. Você, em todo o mundo, encontrou seu lar naquele momento. Você encontrou conforto em um conjunto de palavras escritas há um ano, dois anos, dez — cem anos atrás — e lá estão elas agora, ecoando nas câmaras do seu coração, seja um clássico literário ou uma novela esquecida enterrada nas pilhas de livros. uma livraria usada.

Todo leitor merece isso.

Um autor pode ter seu nome em um romance, mas são os leitores que dão vida a essas fatias de árvores mortas. São os leitores que constroem o legado de um autor e os mantêm vivos muito depois de terem partido.

Essa é a magia das histórias.

Eles entretêm você. Eles desafiam você. Eles confortam você. Eles transportam você para algum lugar que só você pode encontrar e onde você pode ficar o tempo que quiser.

A autora do meu livro favorito se foi, mas suas palavras ecoam em minhas costelas, resistem ao teste do tempo em minha estante e me fazem companhia, mesmo que eu nunca a tenha conhecido e ela nunca tenha sabido que eu existia.

Como uma tatuagem no coração, a história fica.

Questões de discussão

1. Elsy adora a série Quixotic Falls porque ela a acompanhou durante grande parte de sua vida adulta. Você tem uma série especial ou romance independente do qual relembra com carinho?
2. O final original de Ruby Rivers em seu livro Quixotic Falls é um feliz para sempre, mas quem é que esse HEA beneficia mais? Você acha que o novo final dela é mais satisfatório para os leitores, ou o original?
3. Por que você acha que livrarias e gatos andam juntos como ervilhas e cenouras?
4. Elsy se lembra com carinho de ter lido seu primeiro romance. Qual foi o primeiro romance que você leu?
5. Pense em seus tropos favoritos - o vizinho, os inimigos dos amantes, o mal-humorado/luz do sol, a realeza secreta, os padres gostosos, os guarda-costas, a mágoa/conforto, entre centenas de outros. O que atrai você para esses tropos? E quais livros você recomendaria para quem os procura? Sem julgamentos!
6. Se você pudesse passar um dia no seu lugar fictício favorito, onde seria e o que você faria?

7. Elsy realiza que seu sonho é abrir uma livraria focada em romance. Se você abrisse uma livraria, como seria e como você faria a curadoria dela?

8. Rachel Flowers continua viva em sua série, mas seus leitores ficam perpetuamente sem um final adequado. Você prefere ler uma série de livros que nunca terá um final ou uma série de livros com um final decepcionante?

9. O que você vai ler a seguir? E onde você ouviu falar disso?

Uma lista de leitura recomendada para livros sobre livros

- O Castelo Móvel do Uivo, de Diana Wynne Jones
- Enciclopédia de Fadas de Emily Wilde, de Heather Fawcett
- Ex Libris: Confissões de um Leitor Comum por Anne Fadiman
- As Dez Mil Portas de Janeiro, de Alix E. Harrow
- A Sociedade Secreta das Bruxas Irregulares, de Sangu Mandanna
- O Favor do Vizinho, de Kristina Forest
- Coração de tinta por Cornelia Funke
- A Livraria Proibida de Maggie Banks, de Shauna Robinson
- Yellowface por RF Kuang
- Entre as Linhas, de Jodi Picoult e Samantha van Leer
- Feitiçaria dos Espinhos de Margaret Rogerson

ENCONTRE SEU PRÓXIMO ROM-COM MÁGICO DE ASHLEY
POSTON!

'I LOVED this book.... Funny, breathtaking, hopeful.'
— Ali Hazelwood, author of *The Love Hypothesis*



THE DEAD
ROMANTICS

Ashley Poston



Florence Day é uma escritora fantasma com um grande problema. Ela deveria estar escrevendo romances dignos de desmaio para um famoso autor de romances, mas, depois de um rompimento ruim, Florence não acredita mais no amor. E quando seu novo editor rigoroso (mas inegavelmente atraente), Benji Andor, não lhe dá uma prorrogação do prazo do livro, Florence se prepara para dar adeus à sua carreira.

Embora quando a tragédia acontece e Florence tenha que voltar para casa, a última coisa que ela espera ver é um fantasma na porta da frente. Não apenas qualquer fantasma, no entanto, mas a forma severa dela ainda muito quente – mas agora inquestionavelmente morta – nova editora.

À medida que as faíscas começam a voar entre eles, Florence diz a si mesma que não pode estar se apaixonando por um fantasma – mesmo que seja irritantemente sexy. Mas será que Benji pode ajudar Florence a perceber que o amor não está morto, afinal?

Se você se apaixonou por *Beach Read* e *The Hating Game*, este romance divertido e repleto de química escaldante lhe dará todas as sensações!

‘AMEI este livro!’ ALI HAZELWOOD

‘Um deleite absoluto e inesperado’ CHRISTINA LAUREN

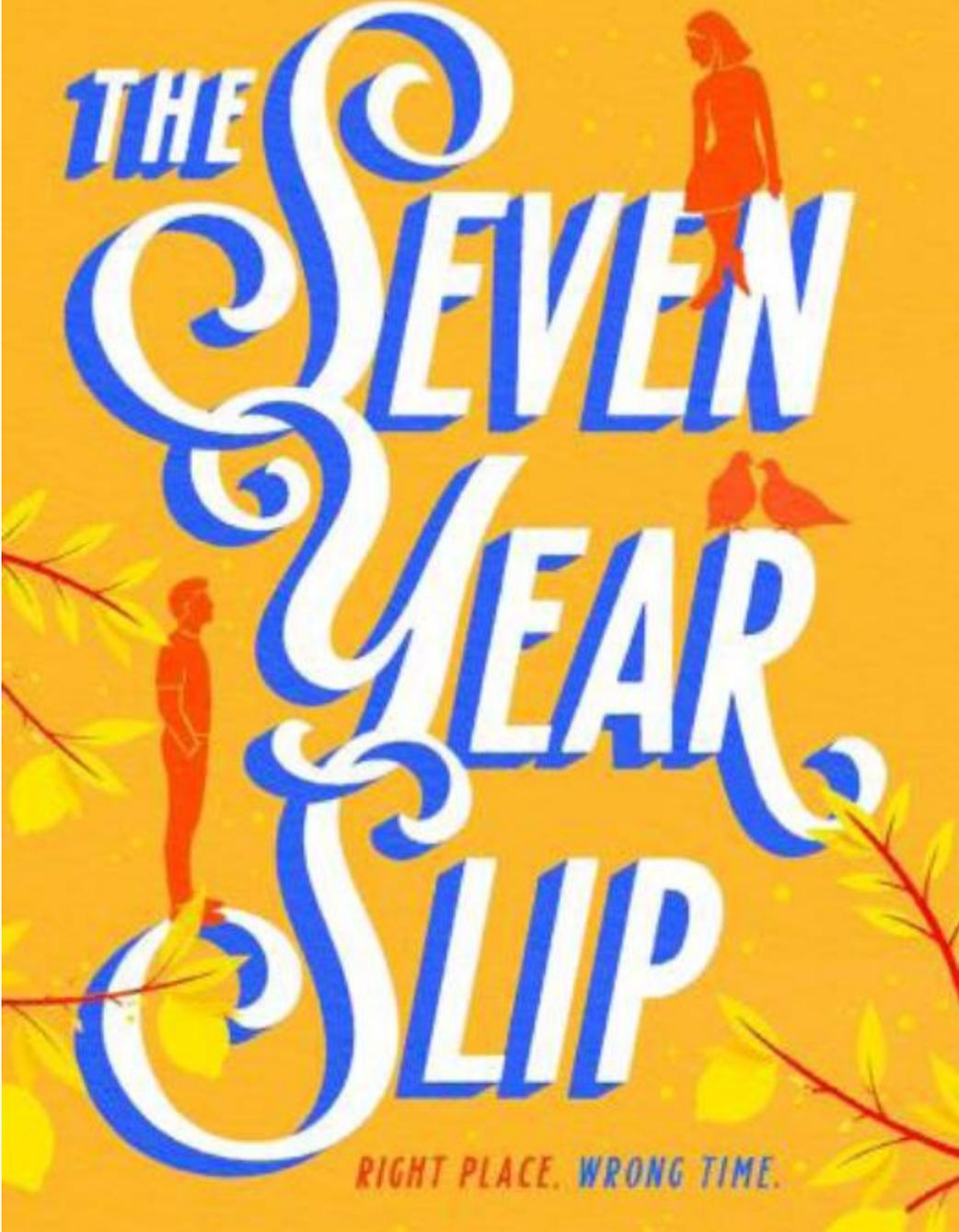
PEÇA AGORA

Ashley Poston

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF *THE DEAD ROMANTICS*

THE SEVEN YEAR SLIP

RIGHT PLACE. WRONG TIME.



Às vezes, acontece o pior dia da sua vida e você precisa descobrir como viver depois dele.

Há seis meses, Clementine West teve o pior dia da sua vida. Então, ela elaborou um plano para manter seu coração seguro: manter-se ocupada, trabalhar duro, não correr riscos. E tem funcionado.

Isso até que um dia ela encontra um homem estranho parado em sua cozinha. Um homem com olhos gentis, um sorriso torto e uma receita perfeita para uma torta de limão com merengue. O tipo de homem por quem, antes de tudo, ela poderia ter se apaixonado...

Ele é perfeito, mas por uma coisa: ele vive no passado. Há sete anos, para ser exato.

Isso deveria ser impossível, mas Clementine adorava coisas impossíveis. E talvez, apenas talvez, ela o faça novamente. Afinal, o amor nunca é uma questão de tempo – mas uma questão de timing.

‘Uma linda história de amor’ CARLEY FORTUNE

‘Desequilibrado, romântico e irresistível’ EMMA STRAUB

PEÇA AGORA



ONE PLACE. MANY STORIES

Bold, innovative and
empowering publishing.

FOLLOW US ON:



@HQStories

Sobre a editora

Austrália

HarperCollins Publishers (Austrália) Pty.
Nível 13, Rua Elizabeth 201
Sydney, NSW 2000, Austrália
<http://www.harpercollins.com.au>

Canadá

HarperCollins Canadá
Bay Adelaide Centre, Torre Leste
Rua Adelaide, 22 Oeste, 41º andar
Toronto, ON, M5H 4E3, Canadá
<http://www.harpercollins.ca>

Índia

HarperCollins Índia
A 75, Setor 57
Noida, Uttar Pradesh 201 301, Índia
<http://www.harpercollins.co.in>

Nova Zelândia

HarperCollins Publishers (Nova Zelândia) Limitada
PO Caixa 1
Auckland, Nova Zelândia
<http://www.harpercollins.co.nz>

Reino Unido

HarperCollins Publishers Ltd.

1 Rua da Ponte de Londres
Londres SE1 9GF
<http://www.harpercollins.co.uk>

Estados Unidos
HarperCollins Publishers Inc.
195 Broadway
Nova York, NY 10007
<http://www.harpercollins.com>

Dublin
Editores HarperCollins
Casa Macken, 39/40 Mayor Street Upper
Dublim 1
D01 C9W8 Irlanda
<http://www.harpercollins.co.uk>

Table of Contents

[Cobrir](#)

[Louvar](#)

[Sobre o autor](#)

[Também por Ashley Poston](#)

[Folha de rosto](#)

[direito autoral](#)

[Dedicação](#)

[Nota aos leitores](#)

[Um final](#)

[1. Estradas secundárias](#)

[2. Conheça-Fofo](#)

[3. Assinaturas](#)

[4. Realização Star\(t\)ling](#)

[5. Início de um clube do livro](#)

[6. Querido, querido](#)

[7. Como um rio corre](#)

[8. Doce como um todo](#)

[9. Bom o suficiente](#)

[10. Reviravolta na trama](#)

[11. Temporada de monções](#)

[12. Assombrado](#)

[13. Tudo na minha prateleira](#)

[14. Coluna \(menos\)](#)

[15. O Cemitério das Coisas Excluídas](#)

[16. Heroico](#)

[17. Nublado com possibilidade de beijos](#)

[18. Consequências não intencionais](#)

[19. Aflição não correspondida](#)

[20. Quatro Sombras do Relógio](#)

[21. Guloso](#)

[22. Gestos Românticos](#)

[23. O Curso do Amor Verdadeiro](#)

[24. Subparcelas](#)

[25. Algo perverso vem por aqui](#)

[26. Abacaxi](#)

[27. Bons ossos](#)

[28. Não vá atrás de cachoeiras](#)

[29. Sorte de prumo](#)

[30. Lyssa Greene não está bem](#)

[31. Estátuas e Limitações](#)

[32. O Último Manuscrito](#)

[33. Todas as estradas](#)

[34. Raquel Flores](#)

[35. A única saída](#)

[36. Amor verdadeiro](#)

[37. A montagem no final](#)

[38. O Grande Romântico](#)

[39. Fim do livro](#)

[Um começo](#)

[Agradecimentos](#)

[Os livros e seus leitores](#)

[Questões de discussão](#)

[Uma lista de leitura recomendada para livros sobre livros](#)

[Sobre a editora](#)

zlibrary

Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.



z-library.se

singlelogin.re

go-to-zlibrary.se

single-login.ru



[Official Telegram channel](#)



[Z-Access](#)



<https://wikipedia.org/wiki/Z-Library>